U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Pelas ruas da escola:
um futuro para Vilarinho da Castanheira

Nuno Miguel Teixeira Kercadio Sarmento

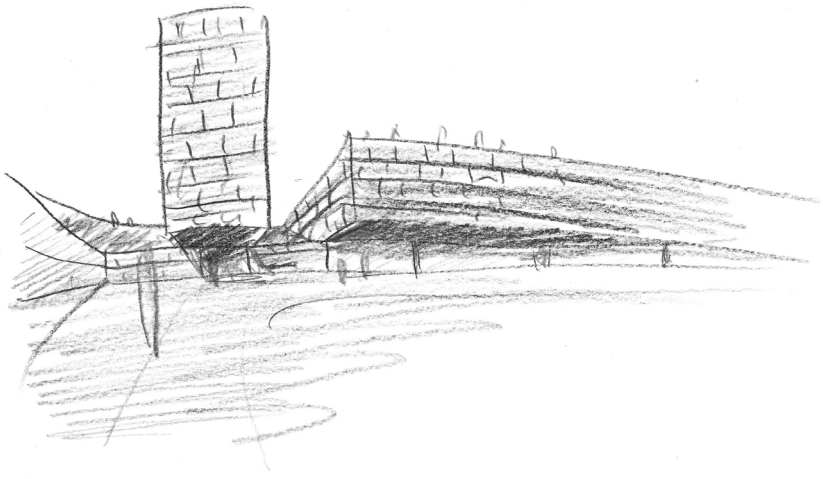
M

2022

U.PORTO

Pelas ruas da escola:
um futuro para Vilarinho da Castanheira

Nuno Miguel Teixeira Kercadio Sarmento



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Sob orientação do Prof. Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

2022

A todos os Vilarinhenses
(os que lá estão, os que de lá vêm e os que para lá hão de ir)

Agradecimentos

Ao professor Luís Viegas por, apesar das nossas batalhas, me fazer, constantemente, procurar dar mais do que aquilo que eu me achava capaz. Ao Dani, à Marta, à Francisca, ao Rodrigo, ao Jorge e ao Lourenço pelo apoio, pelas discussões, pelo convívio e por me ajudarem a ver o *outro* lado. À Juna, pelo incansável companheirismo, dedicação e confiança, sempre acreditando, pacientemente, que este desafio teria um fim. E finalmente, à minha família, aos ausentes e aos presentes, pela sabedoria com que me acompanharam, e, em especial, à minha mãe, ao meu irmão e à minha avó, por me continuarem a empurrar, mesmo quando as pernas falhavam.

Resumo

No limite do planalto granítico de Carrazeda de Ansiães, antecipando a vertiginosa descida até ao Rio Douro, encontra-se a aldeia de Vilarinho da Castanheira, ponto de partida (e de chegada) da presente dissertação.

Com base no estudo de Vilarinho e na reflexão aprofundada do seu porvir, que se antevê duro e exigente, procura-se propor uma realidade alternativa que potencie a herança cultural local, inclua os seus habitantes no processo de mudança e que contribua para a construção sustentável do seu futuro.

Assim, em diálogo com a Banda Filarmónica Vilarinhense (última associação cultural local), propõe-se a criação de uma Escola de Música, que, ao compreender que as antigas zonas rurais podem, hoje, ser vistas como campos multifuncionais de ação[1], aproveita as qualidades intrínsecas deste lugar para promover a transmissão e a aprendizagem de uma cultura própria.

Vilarinho da Castanheira transforma-se no campo de ação de um projeto só que, de forma a ativar diferentes zonas da aldeia, se divide em 3 subprogramas: localizada a norte, a Residência Artística Coletiva que se relaciona diretamente com a banda local; a sul, a Residência Artística Individual que convida à introspeção, integrando-se na paisagem; e no centro, a Escola de Música que serve como novo ponto de referência para o ensino da música na região.

Reflete-se, por fim, sobre essa *aldeia do futuro*, imaginando que a Escola-Aldeia de Música de Vilarinho da Castanheira é construída e as ruas se transformam nos seus corredores, onde a música, naturalmente, se faz ecoar.

1. CAVACO, Carminda – O mundo rural português: desafios e futuros. P.137.

Abstract

On the edge of Carrazeda de Ansiães' granite plateau, before the steep descent towards the Douro River, lies the village of Vilarinho da Castanheira, the starting (and finishing) point of this dissertation.

Based on the study of Vilarinho and a deep reflection of its coming times, foreseen as both demanding and harsh, an alternative reality is proposed. A reality that potentiates the local cultural heritage, that includes its inhabitants in the process of change and that contributes to the sustainable building of its future.

In conversation with the Banda Filarmónica Vilarinhense (the last local cultural association) the creation of a Music School is proposed. By understanding that the old rural areas can be seen today as multifunctional fields of action[1], the project intends to take advantage of the inherent qualities of the surroundings to promote the transmission and learning of a local culture.

Vilarinho da Castanheira becomes the action field of a single project that in order to activate different zones of the village, is divided into 3 subprogrammes: located in the North, the Collective Artistic Residency connects directly with the local band; in the South, the Individual Artistic Residency invites introspection by integrating itself into the landscape; and in the center, the Music School serves as a new reference point for music learning in the region.

To conclude, a reflection is made about this *future village*, envisioning that the Music School-Village of Vilarinho da Castanheira has already been built and the streets have become its new corridors where the music echoes naturally.

1. CAVACO, Carminda – O mundo rural português: desafios e futuros. P.137.

Nota Prévia:
A presente dissertação segue o novo acordo ortográfico.
As citações transcritas em português, referentes a edições de língua inglesa ou espanhola, e presentes na seguinte prova, foram livremente traduzidas e/ou transcritas pelo autor.

[**Imagem 01]** (contracapa) Esquiço do projeto da Escola de Música.

Índice

005 Agradecimentos
007 Resumo
009 Abstract

013 **Vilarinho da Castanheira**
015 0.0. Motivo
017 0.1. (Do) passado
025 0.2. (Do) presente

033 **1. Do futuro da aldeia, à aldeia do futuro**
035 1.1. Enquadramento
039 1.2. Cenário
043 1.3. Escola

047 **2. Da construção do projeto**
049 2.1. O Programa
061 2.2. A Estratégia

071 **3. A escola-aldeia de música de Vilarinho da Castanheira**
075 3.1. Projeto A: A Residência Artística Coletiva
095 3.2. Projeto B: A Residência Artística Individual
113 3.3. Projeto C: A Escola de Música

169 **As ruas da escola**

173 Fontes bibliográficas
177 Créditos de Imagens

181 **Anexos**
183 Vilarinho da Castanheira – Pontos de interesse
193 Do processo da Dissertação

Vilarinho da Castanheira

015 0.0. Motivo
017 0.1. (Do) passado
025 0.2. (Do) presente

Motivo

"Que futuro, afinal, para o nosso passado? Estará o pouco que resta das nossas aldeias em declínio ou mesmo desertas destinado a ser um simples escape para os citadinos, um refúgio para os reformados endinheirados e nostálgicos da perdida paz campestres, um lugar de atração turística por razões pitorescas artificialmente mantidas?" [1]

Pelas ruas lentas de Vilarinho da Castanheira, caminha-se de forma despreocupada. Pé ante pé, pisando o chão de granito, percorrem-se os vários recantos desta aldeia, cumprimentando o outro no ocasional encontro. A calma e a lassidão invadem o corpo, os cheiros são mais intensos, ouvem-se os pássaros e as árvores e o ar sente-se puro. A paisagem invade o olhar e os montes, ao fundo, espalham-se infinitos até cobrir o horizonte. Assim é para quem aqui vem de passagem.

Para quem cá vive, a mesma realidade tem outro sabor. As ruas vazias são a ausência das suas famílias que, entretanto, partiram ou começaram as suas vidas noutros lugares e a paisagem e os campos que se vêm em redor não são apenas para contemplar, são o resultado de um trabalho duro e intenso, que requer o sacrifício do próprio para o seu bem-fazer.

As visitas dos turistas e dos descendentes, que durante o verão devolvem o barulho às ruas e às casas de Vilarinho, não chegam para interromper o fenómeno de envelhecimento e despovoação de que esta aldeia sofre há vários anos. Um fenómeno que leva a que a sua cultura, os seus saberes e as suas tradições, que nasceram de uma relação estreita com este lugar (e são, por isso, únicos), corram o risco sério de desaparecer.

Da convicção de que este lugar carrega consigo uma herança cultural que deve ser mantida e passada às gerações seguintes, que tem o potencial para se tornar num lugar que permita uma vida com qualidade e que cabe aos seus descentes repensarem o seu futuro, propõe-se dedicar a presente dissertação ao seu estudo.

[Imagem 02] Vilarinho da Castanheira. Fotografia de (provavelmente) 1938, capturada na Rua 22 de Julho, olhando para norte. Do arquivo da família do autor.

Procura-se, através desta prova, conhecer profundamente a aldeia de Vilarinho da Castanheira, refletir sobre o seu porvir e propor uma estratégia projetual que, partindo dos valores culturais já existentes, da sua força e da sua gente, possa dar a ver a este lugar um possível futuro para o seu, tão rico, passado.

1. ROSETA, Helena – Prefácio da 4ª Edição. Arquitetura Popular em Portugal. P.VII

(Do) Passado

[Imagem 03] Enquadramento de Vilarinho da Castanheira: em Trás-os-Montes, a sul de Bragança, no concelho de Carrazeda de Ansiães.

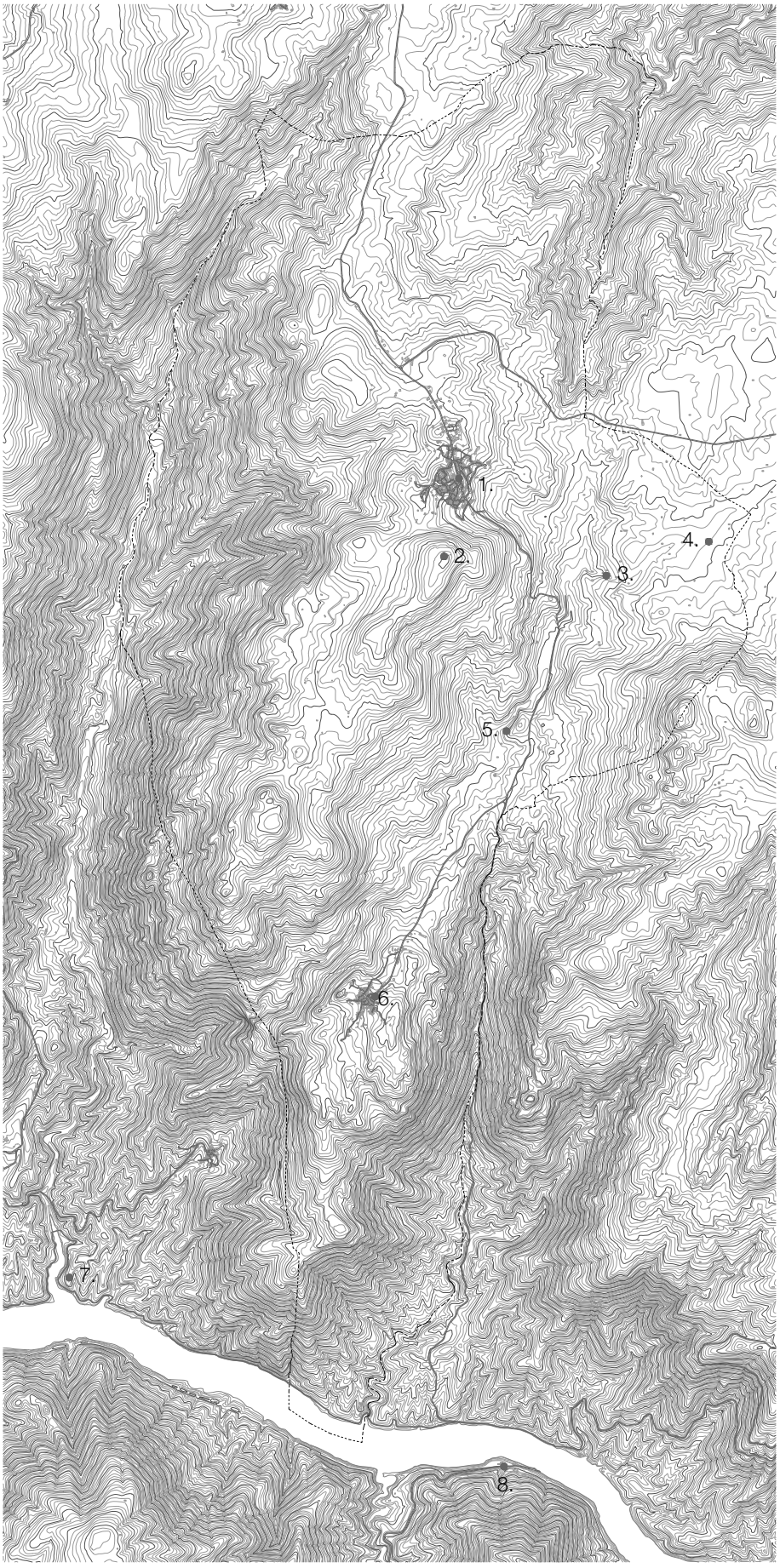
[Imagem 04] Na Estrada Municipal 624, depois de Vilarinho, descendo a encosta a caminho do Rio Douro. Do lado de lá é Vila Nova de Foz Côa

No limite do planalto granítico de Carrazeda de Ansiães, antecipando a vertiginosa descida até ao Rio Douro, encontra-se a aldeia de Vilarinho da Castanheira.

A freguesia homónima, que a enquadra, tal como ao povoado de Pinhal do Douro, conhece as suas fronteiras em elementos geográficos claros: os vales, as montanhas e o rio. A norte, a fronteira com a freguesia de Valtorno e Mourão, do concelho vizinho de Vila Flor, é feita no momento mais estreito do planalto granítico. A este, a ribeira da Uceira, que desagua no Rio Douro, cria um profundo vale e delimita a freguesia tendo, do outro lado, a freguesia de Seixo de Ansiães, do mesmo concelho. A oeste, um vale separa Vilarinho da Serra da Lousa, que se ergue e esconde do lado oposto à aldeia de Lousa, já no concelho de Torre de Moncorvo. Por fim, a Sul, o limite é marcado pelo Rio Douro, que tem na outra margem a freguesia de Freixo de Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Os limites naturais da freguesia levam, por isso, a que esta contenha em si duas atmosferas distintas: a planáltica granítica a norte, e a montanhosa e xística a sul. Esta dualidade torna Vilarinho da Castanheira numa freguesia rica e diversa em termos de produção e do clima.

A norte da freguesia, a zona do planalto e do solo granítico é abrangida pelo clima de Trás-os-Montes –das Terras Quentes -, caracterizado pela sua secura e pelas suas temperaturas extremas. Nesta zona desenvolvem-se a cultura dos pomares, sobretudo de macieiras e amendoeiras, dos campos de centeio, e culturas mais pequenas como hortas, para subsistência. A nível de arvoredo, é rica em pinheiros e em castanheiros. Por outro lado, virado a sul, recebendo a brisa atlântica trazida pelo rio, o clima é mais húmido e adquire propriedades mediterrânicas.[2] Assim, na íngreme encosta apontada ao rio Douro, o solo começa a ser composto por xisto, a paisagem muda, e passa, gradualmente, a ser marcada por socalcos, onde se vêm, sobretudo, olivais e vinhas, até se chegar ao rio. Em muitas destas encostas vêm-se grandes conjuntos de antigos socalcos abandonados devido à doença da filoxera[3], e uma forte presença de árvores, sobretudo de pinheiros, castanheiros e sobreiros[4].

2. RIBEIRO, Orlando – Portugal o mediterrâneo e o atlântico. P.150.
3. A doença da filoxera, uma das maiores pragas da produção vinícola mundial, atinge os socalcos do Douro por volta do ano de 1865. Esta doença trouxe grandes mudanças na paisagem duriense, levando à extinção de muitas companhias vinícolas e ao abandono de inúmeras plantações, deixando uma imagem de socalcos em ruína, ainda hoje muito visíveis nas encostas de Vilarinho da Castanheira.
4. MORAIS, Cristiano – Por Terras de Ansiães. P.28



[Imagem 05] Planta da freguesia de Vilarinho da Castanheira. Escala 1.50 000

Legenda:
1. Vilarinho da Castanheira
2. Monte Sra. Assunção
3. Lugar do Coito
4. Anta de Vilarinho
5. Ponte Romana
6. Pinhal do Douro
7. Foz da Ribeira da Uceira
8. Estação ferroviária de Freixo de Numão.

As qualidades geográficas deste lugar – clima propício à agricultura e ao gado, solo rentável, um campo de visão alargado e poucos pontos de acesso - cedo se tornaram apelativas ao assentamento do Homem, sendo que os seus vestígios remontam à pré-história. A Anta de Vilarinho, vulgarmente conhecida como Pala da Moura, é um sinal claro da presença antiga do homem neste lugar, julgando-se ter sido aqui erguida na 2ª metade do IV milénio a.C., ou seja, há mais de 6000 anos atrás, pelos povos neolíticos.[5] Pensa-se que o Homem tenha assentado nesta zona desde então, considerando-se o ponto mais alto da aldeia de Vilarinho da Castanheira como lugar inicial de assentamento da civilização, ainda na era do bronze[6].

Foram vários os povos que se seguiram neste território e que deixaram as suas marcas: os Romanos, que para além da cultura, abriram calçadas e ergueram pontes; os suevos e os visigodos; os muçulmanos, que legam, sobretudo, técnicas de agricultura, maioritariamente relacionadas com o uso da água, e a língua (chegando aos nossos dias muitas palavras da sua origem); e os cristãos, que reconquistam esta zona no início do século XII.

A posição estratégica de Vilarinho da Castanheira, com um monte no seu centro de onde se conseguia dominar, tanto o planalto granítico, como a descida até ao Douro, favoreceu a construção de um castelo na época da reconquista cristã. Assim, em finais do séc.XI, inícios do séc.XII, é construída uma fortificação defensiva, no lugar do antigo castro, marcando o início deste povoamento. Esta construção faria parte da 2ª linha defensiva cristã, que se estende ao longo do Rio Douro, da qual o Castelo de Ansiães, o de Moncorvo ou o de Vila Flor, fariam também parte[7].

Pensa-se que dentro desta fortificação estariam as primeiras habitações de Vilarinho e, com o passar dos anos, e a crescente estabilidade governativa, as construções começaram a extravasar os seus limites e a assentar em seu redor, ocupando o seu perímetro, sobretudo em direção a sul.

Prova da sua estabilidade e importância, é a conquista do seu primeiro foral em 1218, outorgado por D. Afonso II, na altura dirigida à terra de "Vilarinho". Este documento vem trazer dignidade, independência e prestígio a Vilarinho, que se tornava no seu próprio conselho. Anos mais tarde, em 1287, D.Dinis concede nova carta de foral, já dirigida a "Vilarinho da Castanheira"[8] confirmando os privilégios anteriores, e renovando outros. Passados três quartos de século, D. Pedro I, em 1363, reafirma os deveres e direitos de Vilarinho da Castanheira, não com carta de foral, mas através de carta régia. E, passados 150 anos, D. Manuel I, na sua vontade de estabilizar e unificar o território português, concede novo foral a Vilarinho da Castanheira, em 1514. A confiança, depositada no, então, concelho e Vila de Vilarinho da Castanheira, ao longo dos séculos, mostra a importância que este lugar tinha para a manutenção do território português.

5. MORAIS, Cristiano – Por Terras de Ansiães. P.36.
6. Ibidem.
7. VICENTE, José Amado – Um olhar sobre Vilarinho da Castanheira. P.16
8. O nome "Vilarinho da Castanheira" aparece, pela primeira vez, no foral outorgado por D. Dinis, em 1287. "Não sabendo, ao certo, a sua origem, pode conjecturar-se que estivesse relacionado com a existência de algum castanheiro local, que houvesse ganho lugar significativo na terra. Por hipótese, é admissível que fosse, à sua sombra, que se desenrolassem quer as reuniões do concelho, quer as reuniões da justiça." LOPES, Isabel; MARQUES, Maria; SOALHEIRO, João – Os forais de Vilarinho da Castanheira. P. 42

[Imagem 06] A partir do Lugar do Coito, hoje transformado em ruínas, a olhar para oeste. Deste ponto é possível ver um monte à esquerda - o monte de nossa Senhora da Assunção-, e Vilarinho da Castanheira ao centro, dominando a paisagem em redor.

Dada a sua localização, Vilarinho tornara-se num ponto de paragem essencial na travessia do território, no sentido norte-sul. A via que ligava o interior do concelho ao Rio Douro, onde um porto de barcas o podia atravessar, implicava uma passagem pela própria aldeia, trazendo comércio, prosperidade e visibilidade a Vilarinho da Castanheira (tal é a importância desta via, que ainda hoje os serviços da aldeia se encontram próximos dela).

O concelho manteve-se estável e próspero durante os séculos seguintes, continuando a ter população, produzindo bens agrícolas, e com uma economia sustentável, como prova a criação da feira mensal de Vilarinho da Castanheira em 1711, pelo rei D. João V.[9]

É a partir do séc. XIX, após a guerra civil entre Miguelistas e Liberalistas, que a Vila de Vilarinho da Castanheira começa a perder a sua importância. Tendo apoiado o partido absolutista, o concelho é dissolvido e Vilarinho passa a aldeia em 1836. Ainda retoma a sua independência em 1837, mas com a reforma liberal dos concelhos em 1853, o concelho é definitivamente extinto, e as suas aldeias são anexadas aos concelhos vizinhos de Carrazeda de Ansiães, Torre de Moncorvo e Vila Flor.[10]

Pensa-se que é a partir do início do séc. XX, que se começam a ver as primeiras construções à procura da expansão de Vilarinho para lá do núcleo inicial em redor do antigo castelo, com a constituição da escola primária a norte da aldeia, junto à estrada que chegaria do centro do concelho. Por esta altura, já o antigo castelo estaria em ruínas, tendo as suas pedras sido utilizadas para a construção de novas habitações e, inclusive, para o alto muro de suporte da igreja matriz de Vilarinho da Castanheira[11], restando no seu lugar apenas um grande vazio abandonado.

A aldeia de Vilarinho mantém-se ativa e a produzir, e a população vilarinhense continua, ainda assim, a crescer, atingindo o seu pico em 1950, com mais de 1500 habitantes[12]. Os anos seguintes veem muita da gente de Vilarinho a imigrar para as cidades, ou a ir combater nas guerras do ultramar, levando a que o número de pessoas comece a diminuir neste lugar. Após a revolução de Abril de 1974, com o regresso de muitos dos combatentes e das suas famílias, Vilarinho sofre um aumento da população (o único na segunda metade do séc. XX) e muitas construções novas são feitas entre os anos 80 e 90. Este conjunto recém-chegado à aldeia assentou, sobretudo, em duas zonas: a norte de vilarinho, consolidando o caminho que unia a escola primária ao centro da aldeia; e na zona do antigo castelo, onde, com o passar os anos, teriam lá ficado apenas ruínas, deixando um grande espaço vazio no centro da aldeia. Assim, o lugar de assentamento civilizacional mais antigo de Vilarinho da Castanheira, é, simultaneamente, o mais recente.

9. VICENTE, José Amado – Um olhar sobre Vilarinho da Castanheira. P.8
10. Ibidem. P.10.
11. Construída em 1765 no lugar de uma antiga ermida, a Igreja Matriz de Vilarinho da Castanheira, dedicada a Santa Maria Madalena, segundo José Amado Vicente, terá utilizado pedras da antiga fortificação medieval, sobretudo nos seus muros de suporte. Ibidem. P.16
12. Ibidem P.14

A partir do início deste século, uma nova vaga de emigração, desta vez para países europeus mais ricos, como a Suíça, Luxemburgo ou França, tal como a procura de um estilo de vida mais urbano em cidades próximas, leva a que a população volte a diminuir, e assim se mantenha. Desde então que se têm verificado poucas construções novas, havendo, ainda assim algumas reabilitações.

Do desenvolvimento e história de Vilarinho fazem parte dois outros lugares próximos, que importa destacar: o Lugar do Coito e o monte de nossa Senhora da Assunção.

O Lugar do Coito é um pequeno povoado, hoje extinto, que se formou próximo de Vilarinho da Castanheira, a sudeste, num planalto mais baixo a caminho do Rio Douro (a partir do qual se vê a aldeia em toda a sua proeminência). Antigamente "lugar do coutado", é já mencionado no primeiro foral[13] e servia como lugar de refúgio para os cavaleiros, criminosos ou exilados de outros lugares, que poderiam aqui ficar sem pagar renda, de forma a cativar os forasteiros, ou os caminhantes, a assentarem nesta zona e contribuir para o crescimento da vila, sem perturbarem a sua paz[14]. Este lugar evoluiu para um pequeno aldeamento, anexo a Vilarinho da Castanheira, onde, por ter proximidade a um curso de água, foram construídos vários moinhos de rodízio e fornos, transformando-o num lugar de produção de pão. Até ao século passado, ainda se habitava por pequenas temporadas[15], no entanto, hoje, este lugar está abandonado, tendo apenas alguns moinhos reabilitados e as restantes construções em ruínas. A toponímia evoluiu naturalmente, e hoje o conjunto é conhecido como o Lugar do Coito, e por lá atravessa o Ribeiro do Coito.

O monte de nossa Senhora da Assunção, mais alto que o monte central da aldeia, está localizado a sul da mesma e é caracterizado por uma floresta densa e pela capela dedicada a santa homónima, implantada no seu cume. Este cabeço é de grande importância, e pensa-se que poderá, também, ter sido lugar dos primeiros povos desta zona[16], tendo igualmente uma vista privilegiada sobre a região envolvente. Hoje, a procissão mais relevante para os vilarinhenses faz-se subindo até à capela de nossa Senhora da Assunção.

Para lá das suas construções, importa notar que a aldeia ocupa uma grande área, utilizando o território a seu favor. Em torno de Vilarinho da Castanheira existem variados campos de cultivo, ampliando toda a sua extensão, com zonas atualmente trabalhadas, outros terrenos em pousio, e alguns, provavelmente, abandonados. Pode-se, por isso, considerar duas fronteiras da aldeia: a construída e a cultivada. Para lá desta segunda, compreende-se um território marcado por arvoredo mais ou menos denso e aglomerados rochosos graníticos.

[Imagem 07] Planta da aldeia de Vilarinho da Castanheira. Escala 1.7500.

13. LOPES, Isabel; MARQUES, Maria; SOALHEIRO, João – Os forais de Vilarinho da Castanheira. P. 39
14. ALVES, Francisco Manuel - Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo IX, P.397
15. Assim o contam os vilarinhenses ao viajante, autor da página "À descoberta de Carrazeda de Ansiães", disponível em: https://descobriransiaes.blogspot.com/2010/04/descoberta-de-vilarinho-da-castanheira.html
16. MORAIS, Cristiano – Por Terras de Ansiães. P.37

① Zona do antigo Castelo
② Zona dos antigos moinhos
Estrada Municipal 624
Estrada Nacional 324
Estradas principais dentro de Vilarinho
Estradas secundárias/ trilhos de interesse
Zonas de produção agrícola ativas
Zonas de construção mais recente
Zonas de construção mais antigas

Carrazeda de Ansiães

. Lousa
. Torre de Moncorvo
. Vila Nova de Foz Côa

. Monte de Nossa
Senhora da Assunção

. Anta de Vilarinho da Castanheira

. Rio Douro

N

(Do) Presente

São calmas, hoje em dia, as ruas de Vilarinho. A sua história, extensa e rica, as famílias que por aqui passaram, as casas senhoriais, as várias capelas, e a bela igreja, não o fariam prever.

Vilarinho da Castanheira é uma aldeia do interior de Portugal, em Trás-os-Montes, no limite sudoeste do distrito de Bragança, no concelho de Carrazeda de Ansiães. Tem pouco mais de 300 pessoas, e é esperado que venha a ter cada vez menos.[17] Faz parte da freguesia com o mesmo nome, e tem uma geografia variada e rica, abrangendo terrenos planos e férteis, para produções agrícolas, e terrenos inclinados, virados para o Douro, propícios para vinhas e olivais. É, portanto, um lugar com uma paisagem, não só produtiva, como cativante. No entanto, tanto a riqueza da sua paisagem, como da sua história, não chegaram para manter esta aldeia em crescimento, que, tal como todas as freguesias do concelho, com exceção da própria sede, têm vindo a perder população e serviços desde o final do século passado.[18]

Serão várias as razões para este decréscimo da população – falta de valorização do setor agrícola, falta de serviços como educação, cultura, saúde, segurança, etc., procura de melhores condições de trabalho e de salário, entre outras -, que levam a que os vilarinhense sejam hoje, na sua maioria, pessoas de idade e com trabalhos precários, como agricultores, ou "jornaleiros"[19]. Os vilarinhense não se mostram, no entanto, assustados, ou dececionados, com a realidade que vivem[20]. São aldeões orgulhosos do seu lugar, com brio e cuidado nas suas ruas, e de muita paixão pela aldeia. Um orgulho que passaram às gerações seguintes, que, na sua maioria a viver fora da aldeia, regressam sistematicamente todos os verões, ou em ocasiões especiais, e dão novamente vida à aldeia.

[Imagem 08] Vilarinho da Castanheira observada a partir do monte de nossa Senhora da Assunção, de onde se consegue observar o seu ponto central mais elevado e a sua relação com a paisagem envolvente.

17. No recenseamento de 2011, a freguesia de Vilarinho contava com 415 habitantes. Na Ficha de Dados Estatísticos do PDM, documento integrante da revisão do PDM de Carrazeda, publicado em 2015, constam-se 320, com a previsão para 2025 de apenas 300 habitantes. C. M. de Carrazeda de Ansiães - Ficha de dados estatísticos de PDM P.18 e 19.
18. C. M. de Carrazeda de Ansiães - Revisão do Plano Diretor Municipal de C. de Ansiães. P.16
19. Nome dado pelos próprios: uma espécie de "faz-tudo" da construção civil.
20. Uma sensação, porventura, subjetiva, obtida através de várias conversas com diversos vilarinhenses ao longo das visitas feitas durante o processo de trabalho.

Vilarinho da Castanheira
Monumento Megalítico
Museu
Moinhos
Zona vinícola
Turismo rural

Esta mentalidade forte e vincada, talvez enraizada da miríade de antepassados[21] que este lugar já viu, trasborda numa sensação de orgulho vilarinhense, que se reflete na própria aldeia. No geral, Vilarinho da Castanheira tem um aspeto arranjado, bem tratado, com as suas ruas de paralelo e os muros em granito bem mantidos, os canteiros vivos e com belas roseiras na primavera, as placas da toponímia das ruas novas e recentemente colocadas, e a maioria das casas bem cuidada. Vilarinho revela uma imagem de vivacidade que contrasta com o movimento real do seu dia-a-dia. Na verdade, a maioria das habitações da aldeia não é para habitação permanente, mas sim temporária: são as casas de férias dos filhos, dos netos (e talvez já de alguns bisnetos), dos Vilarinhense que vivem ou viveram, e não alojamentos locais. Um fenómeno que mostra o orgulho transmontano que passa de geração em geração, que quer cuidar e que abre a esperança da manutenção da aldeia.

A aldeia está organizada em 4 bairros: o bairro de santo António, o bairro do Pelourinho, o bairro de São Sebastião e o bairro da Feira. Esta divisão, embora possa ter tido mais alguma importância em tempos passados, hoje em dia dita apenas qual é o bairro esponsável pela organização das festividades, rodando entre cada um a cada ano.

Em cada bairro existe uma pequena capela, ou santuário, dedicado a um santo específico. No caso do bairro de Santo António e de São Sebastião, existe uma capela dedicada aos santos homónimos, respetivamente. Já no bairro do Pelourinho encontra-se a ermida da Senhora da Fé, e no bairro da Feira existe um pequeno santuário dedicado a Santa Maria Madalena.

Compreender Vilarinho hoje, é compreender a sua história, que diretamente influencia a sua organização espacial. Como já foi referido, a aldeia nasce do antigo castelo medieval, e da sua relação com a via que o atravessava e ligava ao Rio Douro. Hoje em dia, a zona do castelo representa a zona mais antiga da aldeia, e os serviços mais importantes pontuam a via principal, hoje Estrada Municipal 624 (de realçar que com a abertura da Estrada Nacional 324[22], intercetando a estrada municipal a norte de Vilarinho, esta perdeu tráfego e importância, e a aldeia perdeu muito do seu movimento).

De volta à aldeia, à sua entrada, vindo do interior do concelho, estão a casa do povo, a escola primária, a Ermida da nossa Senhora da Fé, e o café com o mesmo nome. A casa do povo é o lugar onde a Banda Filarmónica Vilarinhense[23] ensaia, onde a junta de freguesia trabalha e onde, por vezes, se dão espetáculos ou eventos culturais. A escola primária está abandonada e serve como anexo e armazém para a banda, e o café é um dos lugares mais ativos da aldeia, onde as pessoas mais jovens se encontram e divertem.

[Imagem 09] Entrada na aldeia, chegando a partir de Carrazeda de Ansiães: o primeiro contacto entre a estrada municipal 624 e a aldeia de Vilarinho da Castanheira.

21. Como já foi visto, foram vários os povos que por aqui passaram: romanos, bárbaros, árabes e gentes medievais. Algo da sua cultura de resistência deve estar hoje entranhado na forma de ser transmontana.
22. Esta estrada é aberta em meados dos anos 60 de modo a ligar o concelho de Carrazeda de Ansiães à ponte sobre o Rio Douro mais próxima, localizada no concelho vizinho de Torre de Moncorvo.
23. Uma associação centenária, é a única que traz semanalmente jovens até Vilarinho e mantém um programa cultural ativo dentro da aldeia.

[Imagem 10] Vista do Largo do Pelourinho, olhando para norte, em direção à entrada de Vilarinho. Pode-se ver aqui: à esquerda, o Pelourinho; em frente a estrada municipal que entra na aldeia, e a Villa Homera, com a varanda nas suas àguas furtadas; e à direita o café do Pelourinho. Fotografia captada pelo autor no dia da Procissão em honra de nossa Senhora da Assunção.

[Imagem 11] Rua da Cadeia/ Estrada Municipal 624, no momento em que se encontra com a Igreja Matriz de Vilarinho da Castanheira. À direita, um *passo* marca o lugar de início da procissão.

[Imagem 12] A procissão inicia a subida do monte de nossa Senhora da Assunção, no dia da sua celebração.

Continuando pela estrada municipal vai-se dar ao Largo do Pelourinho. Este largo, caracterizado por uma forma triangular e onde se encontra o Pelourinho de Vilarinho[24], é um dos pontos centrais da aldeia, lugar de convívio e encontro, sendo ladeado pelo único outro café em funcionamento.

O largo do pelourinho é, também, um cruzamento de grande importância para a organização interna da aldeia, pois a partir daqui seguem as ruas que levam à zona de cota alta, média e baixa de Vilarinho, seguindo pela Rua do Castelo, Rua 22 de Julho, ou pela Rua da Cadeia (estrada municipal), respetivamente.

Subindo pela Rua do Castelo, chega-se ao Largo da Feira, espaço onde antigamente se faria a Feira de Vilarinho, iniciada no séc. XVIII, e terminada apenas nos anos 60 do século passado[25]. Em redor da feira estão algumas das habitações mais recentes de Vilarinho, erguidas nos anos 80 e 90. Como indicado pela toponímia, este seria o lugar onde antigamente estaria o castelo, do qual hoje não restam vestígios, pensando-se, mesmo assim, que os possam haver ainda soterrados neste local.[26]

A Rua 22 de Julho, que se pensa ter sido aberta no final do séc. XVIII[27], serve como artéria de distribuição da aldeia, atravessando longitudinalmente Vilarinho com uma cota relativamente constante e uma pendente pouco acentuada. É nesta rua que se encontra um mini-mercado e o Centro Social e Paroquial de Vilarinho da Castanheira, um lar de terceira idade, que se encontra lotado há já vários anos e que se destaca pelo seu cuidado e bom-funcionamento.

A partir do Largo do Pelourinho, seguindo pela estrada municipal, ou Rua da Cadeia quando passa por Vilarinho, passa-se por uma casa isolada da malha urbana, que seria a antiga cadeia (hoje, habitação privada), e mais abaixo pela Igreja Matriz de Vilarinho, dedicada a Santa Maria Madalena. Esta igreja, do séc. XVIII, é erguida sobre um promontório alicerçado por um alto muro de suporte, que se pensa ter sido construído a partir das pedras da antiga fortificação medieval.[28] Continuando a descida, abre-se uma rua à esquerda (a este), que leva a uma antiga casa senhorial, hoje reabilitada e transformada no Museu da Memória Rural. Este equipamento, inaugurado em 2013, visa promover a salvaguarda da cultura rural desta região, através do registo dos seus vários ofícios e saberes.

A estrada municipal continua a sua descida até sair, a sudeste, da aldeia de Vilarinho e seguir em direção ao Rio Douro. Na margem sul da aldeia encontra-se o antigo quartel da GNR, hoje uma habitação privada, e uma casa senhorial com um requintado brasão na sua fachada principal. É, ainda à saída da aldeia, que se inicia o caminho pedestre que há de ligar a aldeia ao Lugar do Coito, onde estão os moinhos de rodízio, e depois à Anta de Vilarinho, chamada de Pala da Moura.[29*]

24. O Pelourinho que lá se encontra hoje é uma reconstituição de 2009, feita com base nos documentos e vestígios do antigo pelourinho. NOÉ, Paula - Pelourinho de Vilarinho da Castanheira.
25. VICENTE, José Amado – Um olhar sobre Vilarinho da Castanheira. P.9
26. PEREIRA, António; LOPES, Isabel – Património Arqueológico de Carrazeda de Ansiães. P.68
27. Constrói-se esta ideia a partir das fotografias mais antigas da aldeia e da geografia do lugar, onde se percebe que a nova rua rompe com uma continuidade que parece existir entre os dois lados da mesma. Uma ideia proposta pelo autor.
28. VICENTE, José Amado – Um olhar sobre Vilarinho da Castanheira. P.16

Os dois últimos lugares mencionados são pontos turísticos de interesse, que levam a que a aldeia receba visitantes com alguma regularidade, em grande parte caminhantes. Aliás, o turismo em Vilarinho é algo que tem vindo a crescer, sobretudo desde a abertura do Museu da Memória Rural, que promove atividades e dinamiza a região. A aldeia oferece, neste momento, dois alojamentos: um deles está localizado no centro da aldeia, numa bela casa senhorial com um abastado brasão – a casa da Dona Urraca, assim chamada por estar junto da fonte do mesmo nome; e o outro a caminho do Rio Douro, na zona dos lagares.

Embora o turismo esteja a crescer na região[30], a verdade é que é o regresso dos emigrantes, durante o verão, que traz animação para esta aldeia. A festa mais importante de Vilarinho da Castanheira é, precisamente, a procissão em honra de nossa Senhora da Assunção, que se celebra no primeiro domingo do mês de Agosto. Esta procissão atravessa toda a aldeia, passando pelos 5 passos distribuídos pelos 4 bairros, e culmina na subida ao monte homónimo, onde se celebra uma missa na capela aí erguida, e depois por aí se fica pela noite dentro.

Recentemente, a pandemia devido ao vírus do Covid-19, veio mostrar a fragilidade do turismo, ou do comércio sazonal, como alavanca de desenvolvimento. Com as restrições das viagens, e o encerramento dos estabelecimentos culturais e comerciais, os familiares e os turistas não puderam visitar a aldeia, e o Verão, que trazia o pico da animação, passou de forma despercebida. O verdadeiro isolamento que marca o dia-a-dia dos Vilarinhenses, todo o ano e sem restrições, não foi por isso, em 2020, esquecido.

O momento de crise, provocado pela pandemia, revelou a instabilidade de uma economia (se não mesmo cultura) baseada, quase exclusivamente, na esperança da visita dos familiares, ou dos turistas, para se sustentar. Como é possível que um lugar histórico, de tanta riqueza patrimonial e paisagística, se reduza, hoje a um lugar de passagem, a apenas mais um destino temporário?

Urge repensar o funcionamento desta aldeia, a sua função e as suas relações internas, de modo a devolver-lhe a sua autonomia e a sua capacidade de se auto-sustentar, sem necessidade de ajuda externa. É neste sentido que se pergunta: Vilarinho da Castanheira, o que fazer?

[Imagem 13] Planta da aldeia de Vilarinho da Castanheira. Escala 1.2000. Pontos de interesse, época de construção e relações internas da aldeia.

29*. Os "mouros" no imaginário vilarinhense, através da lenda que justifica o nome da anta: "Segundo a lenda popular, a mesa, avaliado pelo Doutor Santos Junior em 7500 quilos, foi colocada no dólmen por uma moura que a trouxe de grande distância à cabeça, ao mesmo tempo que ia fiando na roca e amparava no colo um filhinho ". MORAIS, Cristiano – Por Terras de Ansiães. P.38

30. Ideia geral construída a partir da conversa com os vilarinhenses.

Rua do Castelo

Estrada Municipal 624

. Carrazeda de Ansiães

Rua 22 de Julho

EM 624/ Rua da Cadeia

. Rio Douro

Estrada municipal 624

. Anta de Vilarinho
. Lugar do Coito

Largo do Pelourinho ①
Largo da Feira ②
Até meados do séc. XX
Entre meados do séc.XX e o séc. XXI
A partir do séc. XXI
Equipamentos culturais ou de lazer
Cafés
Mini-mercados
Equipamentos religiosos
De interesse arquitetónico/ histórico
Zona do antigo Castelo

N

[Imagem 14] Desenho da aldeia, a partir da subida, a sul, até ao Monte de Nossa Senhora da Assunção.

1. Do futuro da aldeia, à aldeia do futuro

035 1.1. Enquadramento
039 1.2. Cenário
043 1.3. Escola

Enquadramento

Um passado rico, que remonta à pré-história, que envolve várias civilizações - romanos, bárbaros, árabes e cristãos -, guerras e conquistas, castelos, casas senhoriais, igrejas, capelas e ermidas, reis, cartas e forais, promessas e traições, derrotas e conquistas, e um presente que parece não se conseguir lembrar da sua história. O contraste entre a vivacidade do passado e a dormência do presente é notório em Vilarinho da Castanheira, e alarmante.

Ainda mais alarmante se torna, quando se olha para o "hoje" como continuação de uma tendência que se parece ter instalado nesta localidade, e ainda continua a crescer: entre 1991 e 2001, Vilarinho perdeu 265 pessoas, passando de 869 para 604 habitantes, e daí até 2011, perdeu mais 284, ficando apenas com 320 habitantes. Em 2015 tinha apenas 300 pessoas, e hoje, em 2021, crê-se que já tenha menos.[1] São números preocupantes, que mostram que, sensivelmente nos últimos 30 anos, Vilarinho perdeu quase 65% da sua população (para não recuar até meados do século passado, quando a aldeia tinha cerca de 1500 pessoas, porque nesse caso, pode-se considerar ter perdido 80% da sua população residente em 70 anos).

São dados estatísticos da população residente em Vilarinho, mas não revelam todas as camadas da complexa realidade da aldeia. Os números mostram a população residente, mas não têm em conta as extensões familiares que regressam continuamente, todos os verões e sempre que podem, à aldeia da sua infância, às terras da sua origem. Não revelam, também, o orgulho, tenacidade e espírito de comunidade que se vive nesta aldeia, e que se mantém firme, apesar da tendência desanimadora que a retrata. São, talvez, estes ingredientes que mantêm de pé, com brio e bom ar, a aldeia de Vilarinho da Castanheira.

[Imagem 15] Vista a partir do interior da aldeia, na zona sul, no início do caminho que há de subir ao monte de nossa Senhora da Assunção.

No entanto, o regresso pontual de familiares, e por vezes turistas, não chega para que se renovem as pessoas neste lugar, e se dê continuidade à população. É difícil encorajar os poucos jovens que há a ficar por Vilarinho: não há emprego qualificado e a agricultura parece ser demasiado exigente para o retorno que dá.[2]

1. C. M. de Carrazeda de Ansiães - Revisão do Plano Diretor Municipal de Carrazeda de Ansiães. P.17

2. Sobre a Política Agrícola Comum, leia-se: "aquelas novas condições [reforma PAC 1992] parecem insuficientes para alterar positivamente o sentimento de desânimo da maior parte dos agricultores, em particular dos detentores de pequenas e médias explorações, votadas a cultivos e produções pouco ou nada contempladas pelas políticas comunitárias". CAVACO, Carminda – O mundo rural português: desafios e futuros. P. 140.

[Imagem 16] Na zona este da aldeia. Observa-se uma casa devoluta com a seguinte inscrição, já gasta, na parede: “vende-se 0041 774 880 367 Suiça”

A tendência é procurar educação no ensino superior (necessariamente noutros concelhos) e, posteriormente, conseguir um trabalho estável nalgum centro urbano, ou então, procurar algum emprego que requeira menos habilitações académicas, mas com um bom salário, sobretudo fora do país.[3] São, portanto, os habitantes mais velhos, reformados e/ou agricultores, quem vai mantendo a aldeia a funcionar e arranjada, mas sem ter quem os venha a substituir, naturalmente, a aldeia tenderá a degradar-se mais visivelmente. Que futuro se pode esperar, então, para Vilarinho da Castanheira?

Pode-se pensar que, nos próximos tempos, enquanto ainda houver uma ligação entre os descendentes dos vilarinhenses e a aldeia, de visita regular, algumas casas se hão de manter, e uma aparência mais, ou menos, arranjada será possível. No entanto, a vivência deste lugar será temporária e pontual. Vilarinho da Castanheira caminhará para se tornar num dormitório, um "escape", um lugar de férias apenas. [4] Mas mesmo nesse cenário, a sua cultura, os seus saberes, a sua "razão", já terão desaparecido. As celebrações deixarão de ser feitas, os campos agrícolas em redor da aldeia, tal como as próprias técnicas do seu trabalho hão-de desaparecer, e restarão apenas as memórias, suspensas no imaginário de cada um, e o museu para contar, em textos e imagens, a complexa realidade que aqui se viveu. Numa fase posterior, com o crescente desligamento entre as pessoas e o lugar, por deixarem de ver aí a sua origem, ou a da sua família, poderão deixar de voltar de vez e o resultado será o de mais uma aldeia totalmente abandonada, e quem sabe, à venda.[5]

Sendo assim, a não ser que se quebre com a tendência atual, e se arrisquem outros caminhos, o futuro de Vilarinho pode ser assustador.

É nesse sentido que se propõe fazer uma reflexão que explore outras realidades possíveis, que possam trazer novas dinâmicas e visões para aldeia, e que contribua para um futuro que tem em conta o valor cultural deste lugar e o tenta potenciar.[6] É preciso contrariar a tendência atual de observar de fora as áreas rurais, assistindo ao seu declínio demográfico[7], e de tomar como garantida uma herança, sem nada fazer para que esta se mantenha viva, correndo o risco que ela se desvaneça. Consciente das falhas, por defeito, que este exercício tem, reflete-se sobre uma possibilidade de futuro para Vilarinho da Castanheira.

3. As gerações mais novas tendem a seguir os estudos, enquanto que as mais velhas procuram a emigração e trabalhos menos qualificados. Informações obtidas a partir das conversas com os vilarinhenses.
4. Uma realidade que já se sente, em parte, hoje em dia em Vilarinho, com a diferença que os "avós" ainda aqui vivem. É um cenário hipotisado, e temido, por alguns vilarinhenses, incluindo por José Luís Correia, antigo Presidente da Câmara de Carrazeda de Ansiães, em conversa informal.
5. Muitos são os casos de aldeias abandonadas e de outras inteiramente à venda, como no caso da aldeia de Funcho de Diante, da Herdade do Pereiro, da aldeia da Azinheira, ou da aldeia de Emprôa, por exemplo. FERREIRA, Daniela - Aldeias. Quatro paraísos à venda em Portugal.
6. Os recursos locais -a sua cultura, as pessoas, os saberes ou a paisagem – são o melhor ponto de partida para qualquer projeto, intervenção ou plano que pretenda revitalizar ou dinamizar uma área rural. ANIMAR; ICE -À descoberta do Mundo Rural. Guia de Boas Prática. P.16 e 17.
7. FERRÃO, João - Despovoamento em áreas rurais: entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. P.15 e 16.

Cenário

No pensamento do futuro da aldeia, é essencial enquadrar uma ferramenta para a sua manutenção: a tecnologia. Uma leitura da realidade ocidental hoje, mostra que a tecnologia está a ganhar um papel cada vez mais fundamental na vida de cada um, esperando-se que se integre ainda mais no seu dia-a-dia, ao ponto de se poder vir a incorporar no próprio homem.[8] São vários, senão todos, os campos onde estas transformações podem trazer mudanças, mas parece de particular importância para esta dissertação focar-se na forma como a tecnologia pode impactar o funcionamento do trabalho, nomeadamente o *teletrabalho*.

Esta forma de trabalho, que consiste em realizar as tarefas a partir de casa ou de um lugar diferente do lugar habitual de trabalho (empresa, escritório, estúdio, etc.), tornou-se, recentemente, devido à pandemia do Covid-19, numa ferramenta comum da sociedade laboral, e veio alterar as dinâmicas do dia-a-dia de cada um. O movimento nas cidades alterou-se, a necessidade e quantidade de transportes nas ruas, as rotinas de cada um, o barulho, as enchentes, as multidões, as filas, tudo isso se diluiu enquanto a maioria da população se encontrava a *teletrabalhar*. Não é uma solução que tenha resultado da mesma forma para todos[9], e trouxe vantagens e desvantagens, mas abriu espaço para que as pessoas compreendessem que é possível viver num lugar diferente do sítio onde se trabalha.

Poder escolher o lugar onde se vive, independentemente do trabalho que se tem, e colocar a qualidade de vida em primeiro lugar, é um enorme passo em liberdade e autonomia para o trabalhador. E, se se pode trabalhar a partir de qualquer ponto do globo, desde que se tenha as condições para isso, então qualquer ponto do globo se torna numa possibilidade de lugar para viver. Nesse cenário, as aldeias podem ganhar espaço como possível lugar de destino.

Mesmo na eventualidade de uma grande mudança da população dos centros urbanos para as aldeias, num êxodo urbano potenciado pelas tecnologias, seria irreal pensar que todos as aldeias seriam destino, e que todas receberiam pessoas. Aliás, é preciso partir do pressuposto que nem todas as aldeias se hão--de manter, e trabalhar onde houver essa possibilidade, tal como defende João Ferrão: "o despovoamento em áreas rurais deve ser prevenido (onde ainda não se verifica), combatido onde parece ser reversível ou controlável) ou gerido (onde dificilmente poderá ser estancado)".[10]

[Imagem 17] Na zona sul da aldeia. No mesmo caminho da Imagem 15, mais à frente.

8. Ideia construída a partir da leitura do livro: HARARI, Yuval Noah – Homo Deus.
9. Da opinião pública sobre o teletrabalho. Dividida entre positiva e negativa. CÂNCIO, Fernanda - "Descobrimos outra forma de viver para além da que conhecíamos como única possível"
10. FERRÃO, João - Despovoamento em áreas rurais: entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. P.19.

Além disso, a tecnologia, como rede de comunicação, permite minimizar a sensação de isolamento dos povoados mais recônditos, quebrando a verdadeira distância que os pode estar a separar dos restantes lugares. Não só a Internet e as redes móveis, como também a melhoria das redes viárias, que cada vez mais permitem uma transição rápida entre as várias localidades, contribuindo para o aumento da acessibilidade dos lugares.

Assim, talvez se possa afirmar que, num momento em que as redes de comunicação, informação e mobilidade, pela sua maior integração e plenitude, permitirem uma escolha livre do lugar para viver, as aldeias, os povoados e mesmo os lugares mais isolados, podem tornar-se numa boa opção. E aí, serão as qualidades naturais do lugar, os possíveis serviços distintos, os ambientes únicos, a cultura própria ou as ligações à região, que hão de tornar estes sítios mais, ou menos, apetecíveis para viver.

A partir deste cenário, pode-se pensar também, que as aldeias nacionais não serão apenas escolhas para os portugueses, mas estarão recetivas a gente vinda de todo o globo. A evolução das redes de comunicação aponta para uma maior diluição das fronteiras e o trabalho remoto permite a procura do lugar para viver em qualquer ponto do planeta. Não é descabido pensar que Vilarinho da Castanheira possa vir a ser a casa de uma comunidade Indiana, Americana, Francesa, Brasileira ou de qualquer outro lugar – a autonomia do lugar de trabalho permite este fenómeno e, mesmo hoje em dia, já se explora a sua potencialidade.[11] Vilarinho da Castanheira pode, precisamente, estar a iniciar a sua caminhada para se tornar numa aldeia global.

Nesse caso, pensando na chegada de várias culturas, nacionalidades e estilos de vida, que se integram na vida da aldeia, é preciso cuidar dos recursos endógenos da mesma, do seu estilo de vida, das suas pessoas e da sua herança cultural. Qualquer plano de integração de um elemento exterior, tem de ser feito de modo a potenciar os valores interiores e locais já existentes.[12] A abertura da aldeia, o convite à permanência, implica uma salvaguarda dos seus próprios valores, para que estes não sejam completamente esquecidos e substituídos pelos próximos. Na verdade, os conhecimentos específicos dos lugares, sobretudo das aldeias, como os antigos saberes oficinais, de lavoura e trabalho do campo, por exemplo, estão já em lenta extinção, sendo uma das preocupações atuais a sua preservação, reinvenção e adaptação aos dias de hoje. Sobre este assunto, Carminda Cavaco defende que, a luta pelo desenvolvimento rural "passa por "aprender a reocupar o espaço que ficou devoluto pela retração da atividade agrícola tradicional", por atrair e fixar populações, multiplicando as iniciativas consistentes, e por diversificar atividades e funções, mobilizando todos os recursos endógenos, naturais e humanos, capazes de rendibilizar aquelas novas actividades e certas funções." [13]

11. Conhecido como nomadismo digital, este fenómeno altera a preposição que sucede o trabalho: as pessoas deixam de trabalhar "em", e passam a trabalhar "de". Abriu, inclusive, na Madeira, no início de 2021, a primeira "vila" para acolher nómadas digitais de todo o mundo - a Digital Nomads Madeira Island. FRANCO, Erica. Primeira "Digital Nomad Village" da Madeira abre amanhã na Ponta do Sol.
12. Uma das dimensões mais valorizadas nas ações de intervenção em meio rural. ANIMAR; ICE -À descoberta do Mundo Rural. Guia de Boas Prática. P.16 e 17.
13. CAVACO, Carminda – O mundo rural português: desafios e futuros. In: CAVACO, Carminda, coord. - Desenvolvimento Rural – Desafio e Utopia. P.137.

A chegada de novas culturas, quando não preparada ou acomodada, pode acelerar o processo de desaparecimento da cultura local, tornando-se necessário, não só preservar o existente, como transmiti-lo, de forma viva, aos novos habitantes e às gerações futuras. Nesse sentido, de forma a mediar a transição entre o hoje e o amanhã, propõe-se o projeto de uma estrutura que carregue a cultura local consigo e que facilite e promova a sua transmissão.

A passagem do conhecimento e dos valores locais em meios pequenos, e isolados, era, antigamente, feita, sobretudo, através da via oral. Os saberes tradicionais seriam passados de geração em geração, dentro de famílias, ou comunidades, cujas fronteiras da comunicação não iam além do seu povoamento, ou da sua região.[14] Ou seja, com um raio de ação limitado, a transmissão da cultura seria passada de forma natural, não imposta, circunscrita às pessoas e lugares que a viviam. Hoje em dia, e para o futuro, o cenário parece ser outro: o da diluição do limite do raio de ação, levando a uma dispersão e fusão dos conhecimentos, e dos próprios agentes produtores e difusores da cultura. Assim, não se pode esperar que o estilo de vida, os conhecimentos e a cultura vilarinhense se transmitam de forma natural, a partir do momento em que pessoas de todo o mundo venham para lá habitar, e os atuais habitantes da aldeia já lá não estejam. Dá-se a necessidade de uma estrutura que proteja os recursos locais e que os consiga transmitir às gerações seguintes.

O museu de Vilarinho, embora tenha esse papel, tem limitações na questão da transmissão *viva* do conhecimento. Pretende-se que os novos habitantes aprendam Vilarinho, vivam, respirem e falem Vilarinho, e não que apenas o leiam em quadros informativos e dispositivos interativos, como se fosse já parte de um passado distante.

O objetivo é promover a transmissão viva da cultura vilarinhense às gerações seguintes e, também, atrair as gerações seguintes para o vir aprender. Assim, considera-se a ideia de "escola" como uma estrutura que parece responder às várias necessidades e exigências que se pretende.

A "escola em meio rural aparece não como algo de obsoleto, mas sim como algo que pode ser "portador de futuro""[15], que permite ensinar e transmitir a cultura local de forma viva, dando-lhe força, dinamizando-a e possibilitando a sua transformação e adaptação aos tempos atuais,[16] sem que esta corra o risco de ficar estagnada e se tornar obsoleta (servindo apenas ser exposta num museu). Um espaço de aprendizagem, aberto a todo o mundo, que atraia pessoas de vários lugares e que os ensine e motive a ser novos vilarinhenses.

14. No documentário de Vilarinho das Furnas, de António Campos, é possível compreender como é que o isolamento de uma comunidade se reflete na sua cultura, nas suas casas, gentes, roupas, rotinas, celebrações, e mesmo nas suas relações sociais. CAMPOS, António – Vilarinho das Furnas.

15. CANÁRIO, Rui – A escola no mundo rural. Contributos para a construção de um objeto de estudo. P.124.

16. A "emergência de formas múltiplas de resistência e recriação da realidade, que surgem, de facto, como respostas alternativas à crise [do mundo rural] ou, melhor dizendo, como promessas de futuro alternativo." ANIMAR; ICE; ADCM– Guia de Boas Práticas de Revitalização de Aldeias. P.9.

1027LE5

Escola

A partir da ideia de que se quer trabalhar para um futuro onde a aldeia se torna numa opção válida de vida, para pessoas vindas de todo o globo, e que, nesse caso, se procurará preservar de forma viva a sua cultura através do ensino, o caminho da dissertação aponta à conceção de uma escola de cultura local. Um espaço que ganha importância no cenário para o qual se quer trabalhar. Assim, é importante compreender que *cultura* se está a tentar preservar e passar de forma *viva*, e que *escola* é que o pode fazer. Para isso, regressa-se ao lugar que despoleta esta dissertação para o desconstruir nos seus saberes, conhecimentos e cultura e compreender qual a área a aprofundar.

Revisita-se Vilarinho da Castanheira, focando-se nas áreas, ou saberes culturais, que maior valor possam ter, com interesse em preservar, ensinar e passar às futuras gerações. Partindo da ideia de "cultura" como algo que é produzido a partir de um lugar específico -dos seus habitantes, dos seus recursos e da sua história -, 3 áreas em particular parecem destacar-se: a ambiental, a oficinal e a musical.

A cultura ambiental faz-se da estreita ligação que a população desta aldeia tem com o território onde se encontra. É notável um grande trabalho agrícola em redor de Vilarinho, e mesmo em pontuais espaços dentro da aldeia que, embora não sirva para enormes quantidades de produção, mostra um saber específico deste lugar, de convivência com a natureza e de aproveitamento do solo, sabendo tirar partido deste para o seu próprio benefício.[17] Uma simbiose esquecida nos centros urbano, de elevado valor e de grande importância preservar, sobretudo, para que qualquer pessoa que para aqui venha, possa dar continuidade ao trabalho feito neste território ao longo da sua história. É uma cultura *viva*, enraizada nas mãos de todos os vilarinhenses.

[Imagem 18] No porto da Senhora da Ribeira, no Rio Douro. Observam-se os pescadores que descem até aqui aos fins-de-semana, apenas por prazer.

17. Em redor de Vilarinho, é possível observar plantações de olivais e vinhas, a sul, e de macieiras, amendoeiras, e campos de centeio a norte. A nível de arvoredo, pinheiros, carvalhos e castanheiros abundam em torno da aldeia.

A cultura oficinal, tal como o próprio nome indica, está relacionado com o "saber fazer" específico deste lugar, nomeadamente na produção de objetos e bens relacionados com os antigos ofícios tradicionais. Ofícios como o canastreiro, o moleiro, o tanoeiro, o pescador do rio, o pastor, o queijeiro, entre outros, são parte integrante da cultura local, que ultrapassa a fronteira da aldeia, e abrange todo o concelho. São vários saberes que estão a cair em desuso, sendo que muitos deles já só existem no papel. Os homens e as mulheres que ainda praticam estes ofícios estão a ficar velhos, e não têm como, nem onde, os transmitir e ensinar com tempo, calma e dedicação às gerações seguintes. Nesse contexto, o Museu da Memória Rural, fez, e continua a fazer, um excelente trabalho de registo de todos os saberes e ofícios de Vilarinho e de Carrazeda de Ansiães[18], faltando-lhe apenas conseguir dar continuidade de forma *viva* a esses saberes.

Finalmente, a cultura musical em Vilarinho da Castanheira, que se poderia estender aos cantares tradicionais na lavoura dos campos, mas que se assume hoje, com principal foco, na Banda Filarmónica Vilarinhense. Esta banda está presente na aldeia há mais de um século e é o seu único grupo artístico-cultural, tal como, a atividade que mais jovens traz de toda a região. Da banda fizeram parte os avós, os pais e agora os netos, e mantém viva a tradição de animar a aldeia com festas e romarias. Aliás, a festa mais importante para a aldeia, a festa de Nossa Senhora da Assunção, é o momento de êxtase da banda, que anima as ruas da aldeia, marchando em procissão por Vilarinho e subindo até ao cimo do monte, onde todo o evento culmina num grande concerto junto à capela aí erguida. Tendo lugar no primeiro domingo de Agosto, reúne todos os vilarinhenses e seus descendentes, que regressam de propósito para a ocasião.

Tendo delineado estes três campos de valor cultural, regressa-se ao processo de pensamento que se vinha a construir. Procura-se desenvolver uma escola de cultura local, de modo a preservar os saberes de Vilarinho, numa altura em que se quer que a aldeia se abra para o *mundo* e esteja disponível para receber qualquer pessoa, e aprender com elas, tal como transmitir a sua própria cultura.

Cada uma das áreas culturais poderia servir como ponto de partida para o desenvolvimento de uma estrutura que motivasse o seu ensino e transmissão. A cultura ambiental é algo que, com a crescente consciência do papel do meio-ambiente e da preocupante crise climática, se torna cada vez mais importante trabalhar, por exemplo. A cultura oficinal, pela possibilidade do seu desaparecimento prático, e pelo curto espaço de tempo que ainda existe para que esta possa ser passada diretamente dos artesãos, ainda vivos, para os mais jovens torna-a, também, num valor de grande relevância transmitir. E a cultura musical, por ser aquela que é, ainda hoje, celebrada e está em construção e desenvolvimento, ativa e viva através da banda, merece também ser valorizada e potenciada.

18. Atualmente ativo, o Museu da Memória Rural continua a registar e dar a conhecer os vários ofícios, técnicas e saberes que fazem parte desta região, tendo todo esta base de dados disponível no seu website: https://museudamemoriarural.pt/memorias-no-territorio/

Assim, tendo consciência de que qualquer caminho seria um bom caminho para desenvolver na presente dissertação, e que nenhum poderá ser mais correto que os outros, de modo a poder aprofundar questões práticas de uma possível intervenção projetual na aldeia, decide-se optar por um deles apenas.

Dos três campos culturais levantados, opta-se por aprofundar a cultura musical. Esta decisão é tomada a partir de um ponto de vista pragmático, que vê na Banda Filarmónica Vilarinhense – a única associação local -, um "parceiro", uma "cara" com quem trabalhar e desenvolver uma relação de proximidade, compreendendo melhor a realidade da aldeia, a partir de dentro.[19] Tanto a cultura ambiental, como a oficinal, levantam questões mais complicadas a nível de logística para o desenvolvimento do trabalho, sendo mais difícil dar seguimento a um projeto prático.

Assim, a Banda Filarmónica Vilarinhense, a única banda filarmónica em todo o concelho, um grupo centenário que chama jovens até à aldeia, todas as semanas, durante todo o ano, torna-se no motivo principal do desenvolvimento de um projeto para Vilarinho da Castanheira.

Mantendo a ideia que vinha a ser trabalhada, propõe-se desenvolver uma escola (uma estrutura que permita a troca e transmissão de conhecimentos), que parta da Banda Filarmónica de Vilarinho, que a potencie como uma representação da cultura musical local, e que ajude a convidar mais pessoas a virem até Vilarinho, oferecendo um serviço cultural distinto, e tornando a aldeia numa opção de vida viável e atrativa.

[Imagem 19] Dois membros da Banda Filarmónica Vilarinhense seguram a sua bandeira com orgulho.

19. Um dos pontos essenciais na intervenção de uma área rural é a da integração das suas pessoas e das suas associações na construção de um projeto em conjunto: "as pessoas não são chamadas apenas a executar ou a assistir, elas envolvem-se por iniciativa própria, nos processos de decisão", deixando de ser "meros destinatários e espectadores"(ANIMAR; ICE - À descoberta do Mundo Rural. Guia de Boas Prática. P.16 e 17) ou "(…) de todos, o recurso fundamental local permanece a população, agente activo e destinatário do próprio desenvolvimento" (CAVACO, Carminda – O mundo rural português: desafios e futuros. P.138)

2. Da construção do projeto

049 2.1. Programa
061 2.2. Estratégia

Programa

Banda Filarmónica Vilarinhense

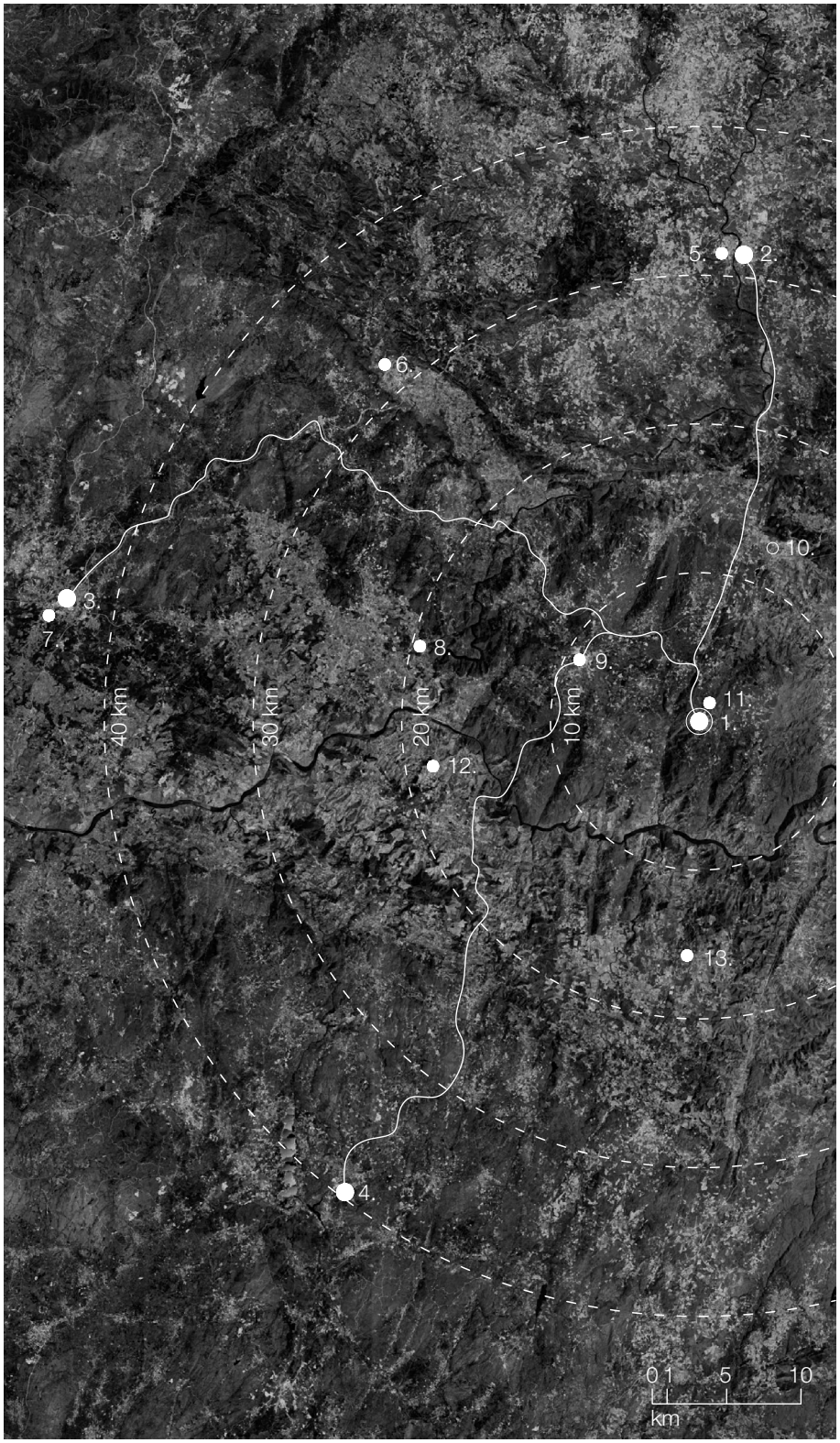
Da conceção de um cenário futuro, em que a aldeia se torna num destino plausível para viver, avança-se com a ideia de uma escola de música que distinga Vilarinho da Castanheira e potencie a Banda Filarmónica Vilarinhense. De modo a construir um programa que guie o desenvolvimento do projeto de escola, torna-se necessário compreender, antes disso, o grupo musical local e o ensino da música na região. Assim, a primeira parte deste capítulo é dedicada à apresentação desse estudo.

A Banda Filarmónica Vilarinhense pertence à Associação Filarmónica Vilarinhense, a única associação cultural de Vilarinho da Castanheira, e a mais antiga, tendo hoje 117 anos.[1] Tem cerca de 40 músicos, sendo um terço masculino e o resto feminino. Entre avanços e recuos, paragens e recomeços, começou a ganhar força a partir de 2011, com a entrada do atual maestro – Pedro Coelho-, o primeiro maestro desta banda com experiência profissional como músico. Desde o seu ingresso que a banda tem vindo a melhorar musicalmente e a crescer, tocando em mais lugares, e ganhando novos elementos todos os anos, tendo mantido essa trajetória ascendente até ao momento em que os efeitos da pandemia se fizeram sentir na região.[2]

[Imagem 20] A Banda Filarmónica Vilarinhense desce pela Rua da Cadeia, em frente à Igreja Matriz, provavelmente na procissão em honra de nossa Senhora da Assunção. Fotografia do arquivo da Banda, cedida pela mesma.

A banda ensaia, regularmente, na sua sede, instalada na Casa do Povo, em Vilarinho. É comum haver dois ensaios por fim-de-semana, sendo a sexta-feira reservada aos iniciantes, a quem a banda oferece aulas de solfejo, e o sábado ao encontro de todos, para a prática do seu repertório comum. A sede da associação foi restaurada em 2014, e a antiga Casa do Povo adaptada às necessidades da banda, sobretudo, através da transformação da sua sala principal num pequeno auditório, com a capacidade acústica para tal.

1. É difícil precisar a data que marca o início da associação, mas o seu registo mais antigo é de 1906.
2. A pandemia, devido ao vírus Covid-19, implica o encerramento temporário das atividades presenciais em meados de Março de 2020, e a sua recuperação dá-se, aos poucos e em períodos intermitentes, a partir de Maio do mesmo ano.



[Imagem 21] Mapa das escolas de música e associações filarmónicas na região em torno de Vilarinho da Castanheira. Escala gráfica.

Legenda:

1. Escola de Música de Vilarinho da Castanheira *

2. Escola Profissional de Arte de Mirandela (ESPROARTE)
3. Conservatório Regional de Música de Vila Real
4. Conservatório Regional de Música de Ferreirim

5. Escola de Música Talentos (Mirandela)
6. Banda Marcial de Murça
7. Banda de Música de Mateus (Vila Real)
8. Banda Filarmónica de S. Mamede de Ribatua
9. Academia de Música de Carrazeda (Carrazeda de Ansiães)
10. Associação Filarmónica de Vila Flor (desativada)
11. Associação Filarmónica Vilarinhense (Vilarinho da Castanheira)
12. Associação Filarmónica Banda de Música de Nagoselo do Douro
13. Banda Musical de Freixo de Numão

Dist. a Vilarinho da Castanheira:

2. 0:40h - 35km
3. 0:50h - 70km
4. 1:20h - 70km

A manutenção atual da banda deve-se, também, à abertura da Academia de Música de Carrazeda de Ansiães, em 2014.[3] Esta academia é aberta com o intuito de oferecer aos interessados em música e artes performativas um lugar de aprendizagem na sede do concelho e tem como instrutor de música o mesmo maestro da banda de Vilarinho. Assim, o maestro torna-se na ligação entre os dois lugares e ajuda a incentivar os jovens da região aprofundar a sua paixão pela música na Banda Filarmónica Vilarinhense.

No entanto, se houver o interesse em aprofundar os estudos em música, e obter os graus de aprendizagem necessários para prosseguir uma carreira de músico profissional, é necessário mudar de concelho, havendo duas opções para o efeito (como se pode ver na Imagem 21): no Conservatório Regional de Música de Vila Real, ou na Escola Profissional de Música de Mirandela. A primeira opção fica, sensivelmente, a 50 minutos de Vilarinho da Castanheira e permite o estudo em regime integrado; já a segunda, trabalha apenas em regime articulado[4] e situa-se a cerca de 40 minutos da aldeia em estudo. Existe uma terceira hipótese de ensino de música, o Conservatório de Ferreirim[5]. No entanto, este situa-se do outro lado do Rio, no concelho de Sernancelhe, e está já a uma hora e vinte minutos de viagem. Ou seja, prosseguir os estudos em música implica, para um vilarinhense, um investimento considerável, quer numa deslocação de pelo menos uma hora e meia, todos os dias, ou então, numa vivência temporária noutra cidade.

É possível observar também, na Imagem 21 as várias bandas e associações filarmónicas que fazem parte desta região. De realçar que Vilarinho da Castanheira tem a única banda filarmónica do concelho de Carrazeda de Ansiães, sendo a mais próxima a de S. Mamede de Ribatua, no concelho vizinho de Alijó. Na verdade, a banda filarmónica mais próxima seria, até há pouco tempo, a banda de Vila Flor, no entanto, está inativa desde 2019.

O encerramento de uma banda, sobretudo nesta região, onde se luta para se manter as poucas atividades e associações culturais que ainda existem, é algo assustador para as restantes, tal como explica o presidente da associação, Joaquim Monteiro: "É mau, é muito mau! Porque na aldeia estão a fazer de tudo para que a Banda não caia, e em Vila Flor -numa vila! – a banda caiu."[6] No caso de Vilarinho, que vê na sua história o seu momento mais alto, e este, que se parece afastar cada vez mais, torna-se ainda mais alarmante a ideia de ficar sem a sua banda: "Se a banda acabar, é um pouco triste, acabamos por não ficar com nada. Nós tínhamos tudo e agora não temos nada."[7*]

Para se manter ativa e em crescimento, a Associação Filarmónica Vilarinhense abriu as inscrições para pessoas de outras freguesias e concelhos, recrutando elementos de várias localidades em redor. Esta estratégia permitiu que a banda continuasse a funcionar e crescesse, mas, ao constituir-se com mais membros

3. Rádio Brigantia – Carrazeda de Ansiães implementa Academia de Música [notícia em linha].
4. Os regimes de aprendizagem de música dividem-se entre integrado, articulado e supletivo. Uma explicação mais completa é dada na página 53.
5. Um bom exemplo de desenvolvimento de associações culturais em meio rural. O Conservatório nasce da Associação Musical 81 de Ferreirim (uma associação filarmónica), que quis aprofundar o seu ensino de música e aumentar a capacidade de acolher alunos. Conservatório Regional de Música de Ferreirim [website em linha]
6. MONTEIRO, Joaquim (presidente da Associação Filarmónica Vilarinhense) – Entrevista.

de fora de Vilarinho do que da própria aldeia, a sua sede tornou-se pouco acessível para muitos deles. Assim, hoje em dia, os ensaios repartem-se entre Carrazeda (sede de concelho) e Vilarinho, conforme o número e proveniência dos membros, e o intuito do ensaio.

Esta deslocação, segundo os seus membros, não é prejudicial à banda, pelo contrário, é a solução necessária para que esta continue a funcionar, apesar de abrir lugar a uma hipótese que poderá ser real: a Banda Filarmónica Vilarinhense transferir-se para Carrazeda de Ansiães. Um sacrifício do seu espaço, em favor da sua permanência. Uma mudança, que a confirmar-se, poderia afetar o ânimo dos vilarinhenses, que vêm na banda, parte integrante da sua identidade, ao que Joaquim Monteiro afirma: "mesmo que a banda se instale definitivamente em Carrazeda, não irá perder a identidade de Banda Filarmónica Vilarinhense. O nome da Banda nunca poderá mudar."[8]

Sobre o seu espaço atual, que tem como sede a Casa do Povo, parece haver consenso que não faz falta um espaço maior, nem com mais qualidade. O auditório, renovado em 2014, parece ter, na sua opinião, as condições necessárias, tanto para ensaiar, como para apresentar um espetáculo, podendo parecer pequeno apenas em espetáculos durante o verão, com o regresso de muita população a Vilarinho, para férias.[9]

Do estudo da Banda Filarmónica Vilarinhense e do ensino da música na região, pode-se concluir que, este grupo musical, não só não sente a necessidade de diferentes, ou melhoradas, instalações, como vê como provável uma eventual mudança para Carrazeda de Ansiães, para assegurar a sua manutenção.

A proposta de cenário futuro é, assim, confrontada com a dureza da realidade. Como se propõe uma escola a uma associação que não precisa de novos espaços, nem sabe se há de continuar no mesmo lugar? É necessário decidir: ou se reajusta a ideia de projeto de *escola* de modo a servir a realidade, ou se propõem projetos alternativos, que vão para lá da mesma.

Na sequência da reflexão que se vem a construir ao longo da dissertação, compreendendo as limitações de uma relação direta e dependente da realidade, considera-se mais pertinente arriscar numa visão alternativa, consciente da sua possível distância à realidade hoje, mas que possa abrir horizontes a outras possibilidades no futuro.

Decide-se, por isso, avançar com a ideia de Escola de Música, que abrace e tome a Banda Filarmónica Vilarinhense como ponto de partida, mas que se desenvolva para além dela. Uma escola de música que permita um ensino profissional desta arte, em falta neste concelho, que o sirva e à região, e que tenha como sua casa a aldeia de Vilarinho da Castanheira.

7*. "Tínhamos tudo" refere-se a uma sensação de perda que os vilarinhenses têm, que se liga ao momento em que o antigo concelho é desfeito e as suas localidades anexas aos concelhos vizinhos. FEBRE, Ana (clarinetista da Banda Filarmónica Vilarinhense) – Entrevista.
8. MONTEIRO, Joaquim (presidente da Associação Filarmónica Vilarinhense) – Entrevista.
9. FEBRE, Ana (clarinetista da Banda Filarmónica Vilarinhense) – Entrevista.

Aprender música

Ao avançar para o desenvolvimento da Escola de Música de Vilarinho da Castanheira, torna-se necessário compreender qual a escola que se está a propor, para que contexto e que tipo de oferta e programa deve conter. Regressa-se, por isso, ao exercício de reflexão sobre o futuro da aldeia e da região.

Hipotisa-se que, no futuro, a mobilidade e a tecnologia permitam uma maior flexibilidade na escolha do lugar a habitar, e as aldeias se transformem em opções viáveis e aliciantes. Vilarinho da Castanheira distingue-se pela sua escola de música e a região envolvente evolui com o seu impacto, dando origem a uma rede de serviços mínima que assegure as condições de vida neste lugar (segurança, comércio, saúde…). Ao surgir dentro desta rede, a escola de música não procura assegurar mais serviços do que aqueles que lhe competem. Assim, reduz-se o objetivo da escola ao seu essencial -o ensino categórico e profissional de música-, e desenvolve-se o seu programa apenas dentro desse parâmetro.

Começa-se por estudar o ensino de música, em Portugal, a nível curricular, de modo a enquadrar a escola que se quer propor. Compreende-se que existe um currículo de ensino específico desta área, paralelo ao ensino regular, que organiza os diferentes níveis de aprendizagem da música em 8 graus, sendo necessário obter o oitavo para poder aceder ao ensino superior. É um acrescento ao ensino regular, enquadrado no ensino artístico especializado, em que o 1º grau do ensino da música está geralmente associado ao 5º ano de escolaridade, sendo que até aí existe um curso de iniciação. A partir do 1º grau, supõe-se um avanço paralelo entre o ensino regular e o ensino artístico, que há de culminar na conclusão do ensino secundário e na obtenção do 8º grau de músico.

O regime de aprendizagem da música divide-se em três, conforme a relação entre o ensino regular e o ensino artístico: integrado, articulado ou supletivo. Se se frequentar o ensino regular e o artístico especializado na mesma escola, trata-se do regime integrado, se for em locais diferentes, mas em simultâneo, é o regime articulado, e se se frequentar apenas o artístico, independentemente do regular, é o regime supletivo. Geralmente, *conservatórios* são as escolas públicas que permitem o regime integrado, e *academias* são escolas privadas que permitem o mesmo. Para os restantes regimes, também incluídos nos *conservatórios* e *academias*, existem diversos locais de ensino, privados ou públicos, como *escolas, cursos* ou outros.[10]

Tendo em conta o funcionamento do ensino artístico especializado em música, os regimes e os lugares de aprendizagem existentes, direciona-se a reflexão para a Escola de Música de Vilarinho da Castanheira.

10. Estas informações são obtidas a partir do estudo dos currículos de ensino de várias escolas, nomeadamente do Conservatório de Música do Porto, da Academia de Música de Costa Cabral (Porto), do Curso de Música Silva Monteiro (Porto) e do Conservatório do Bomfim (Braga).

Ao retomar a ideia de futuro, em que a aldeia está integrada numa rede de funcionamento maior que si própria, pensa-se que a resposta ao ensino regular já é aí assegurada, quer através da escola básica e secundária central na capital do concelho, quer com a possível reabertura de escolas mais pequenas nas aldeias. Assim, confirma-se que o ensino regular não tem de fazer parte do programa da Escola de Música de Vilarinho da Castanheira, mas apenas o ensino especializado da sua área artística, propondo que esta funcione em regime articulado ou supletivo.

No entanto, considera-se que a resposta ao currículo artístico especializado em música, em Portugal, não integra a especificidade cultural da aldeia, nem potencia a relação com a Banda Filarmónica Vilarinhense, de maior importância para este projeto. Procura-se, por isso, complementar o programa com outras valências, espaços ou formas de aprendizagem que o possam fazer.

Do estudo da banda filarmónica de Vilarinho, compreendeu-se que uma das atividades que maior importância tem no próprio funcionamento da banda, para além das romarias e festas que animam, é o *estágio*. Este evento consiste em convidar um músico profissional, externo à banda, para vir até Vilarinho durante uma temporada ensaiar, praticar um repertório específico e fazer uma apresentação pública final do mesmo. Durante esta temporada, todos os elementos da banda se reúnem e dormem debaixo do mesmo teto, partilham as suas refeições e fortalecem os laços entre si. Segundo os membros da banda, este é o evento mais esperado e acarinhado de todos, e aquele onde aprendem mais.

O momento de estágio revela que a aprendizagem da música não se cinge apenas ao ensino formal e ao seu programa curricular pré-estabelecido, e que, no encontro mais informal dos músicos, se pode, igualmente, aprender muito. Considera-se, por isso, o *estágio*, traduzido em residência artística coletiva, como um complemento válido ao programa que se vem a construir.

Além disso, se, por um lado, parece pertinente um momento de aprendizagem em convívio coletivo, isolado da confusão urbana e enquadrado numa aldeia calma, a possibilidade de o fazer de forma individual é, também, apelativa. A ideia de residência artística individual, onde se possa produzir de forma introspetiva, acompanhado da paisagem vilarinhense é, igualmente, válida como espaço de aprendizagem e pertinente para o programa.

Propõem-se, por isso, para o programa da Escola de Música de Vilarinho da Castanheira, dois campos de aprendizagem: o do ensino formal, que contempla o currículo oficial do ensino artístico especializado em música, em Portugal; e o do ensino informal, que se divide entre a Residência Artística Coletiva, associada à Banda Filarmónica Vilarinhense, e a Residência Artística Individual, que procura explorar o lado mais reflexivo e introspetivo da aldeia. Circunscrevendo o programa a estes limites, aprofunda-se o seu desenvolvimento.

[Imagem 22] No topo do monte de nossa Senhora da Assunção, no coreto em frente à capela, a Banda Filarmónica Vilarinhense anima a festa. Fotografia do arquivo da Banda, cedida pela mesma.

A concretização do programa

Ensino formal: Escola de Música

A partir da pesquisa de escolas de música com currículo igual, ou semelhante, ao que se pretende, tornou-se claro o programa de ensino artístico especializado em música, e os espaços que devem fazer parte de uma escola dedicada a esta arte.[11]

O currículo programático deste ensino é, para além das disciplinas em comum com o restante ensino regular, o seguinte: a partir da iniciação musical (ensino primário), aprende-se um *Instrumento, Formação Musical* e *Coro* ou *Orquestra*; no ensino básico, esta aprendizagem dá lugar às disciplinas de *Instrumento*, *Formação Musical* e *Classe em Conjunto*; e, no ensino secundário, acresce a carga horária destas 3 disciplinas e acrescenta-se a *Análise e Técnicas de Composição*, a *História e Cultura das Artes*, e no 7º e 8º graus, o *Acompanhamento e Improvisação*. Para as várias disciplinas lecionadas a conjuntos de alunos, turmas ou grupos, são previstas salas de aula coletivas. Em relação às aulas, ou ensaios, a solo, são utilizadas salas de aula individuais.[12]

É comum haver grupos musicais dentro das escolas, como bandas de diferentes naipes, coros ou outros, pelo que precisam de salas onde possam ensaiar, apropriadas para os diferentes tamanhos dos grupos. A orquestra, o grupo musical principal, necessita de um espaço de ensaio próprio, sendo que pode existir uma grande sala de ensaios para o efeito, ou se utiliza o auditório, espaço central e fundamental da escola de música.

Normalmente, para além dos espaços de ensino, ensaio e performance musicais, existem outros serviços que complementam o funcionamento da escola, como um bar, cafetaria ou restaurante, biblioteca, administração, receção, arquivos, salas de arrumos, e instalações sanitárias. Consideram-se pertinentes ao programa em desenvolvimento, todos os espaços mencionados.

Procura-se perceber para quantas pessoas se desenha esta escola, de modo a propor dimensões base para os seus espaços. Admite-se, como hipótese, que a escola de música, contemplando 12 anos de escolaridade, tenha uma turma por cada ano, com 8 pessoas cada, em média (sendo que é comum haver mais alunos nas turmas mais jovens). Supondo que um professor pode acompanhar mais do que uma turma e ser especialista dalgum naipe, ou instrumento, supõem-se 8 professores, e, para além destes, 2 funcionários. Imagina-se, por isso, uma escola para cerca de 110 pessoas.

São, então, propostas áreas para cada um dos espaços considerados para a componente do ensino formal (visível na Imagem 23), que servem, nesta fase do trabalho, como ponto de referência, e podem ser ajustadas conforme o desenvolvimento do projeto.

11. Fazem parte desta pesquisa Conservatório de Música do Porto, a Academia de Música de Costa Cabral (Porto), o Curso de Música Silva Monteiro (Porto) e o Conservatório do Bomfim (Braga).
12. Baseado, sobretudo, na oferta formativa do Conservatório do Bomfim (Braga).

Ensino informal: Residência Artística Coletiva
A ideia da Residência Artística Coletiva (RAC) surge da vontade de relacionar parte do programa da escola de música com os hábitos e atividades que a Banda Filarmónica Vilarinhense já pratica, potenciando-os. Nesse sentido, opta-se por aliar, também, a esta componente do programa, o conjunto de espaços necessários ao funcionamento da banda, tal como a sua sede e local de ensaios.

Propõe-se a RAC como um lugar onde bandas filarmónicas, ou grupos musicais coletivos, vindas de qualquer lugar, se possam instalar e trabalhar em conjunto durante uma temporada, fortalecendo os seus laços internos, e ensaiando um repertório específico. Um lugar aberto à aprendizagem, convivência e camaradagem, rodeado por uma aldeia calma e acolhedora, e uma paisagem ampla e de caráter natural.

De modo a servir a estadia dos grupos, esta residência é pensada com grandes salas com várias camas, funcionando como camaratas, um espaço amplo para cozinhar, tomar as refeições e conviver, e as instalações sanitárias e balneários necessários. Além disso, servindo também como sede da Banda Filarmónica Vilarinhense, propõe-se uma sala de ensaios que sirva um grupo grande, uma sala de administração, sala de arquivo e cópias, e um museu, ou galeria, que divulgue e exponha a história da banda centenária.

Decide-se dimensionar os espaços para 50 pessoas, um número que procura dar alguma flexibilidade de crescimento ao tamanho atual da banda (40 elementos). O programa base para a residência artística coletiva é visível na Imagem 24 e serve de referência para o desenvolvimento prático do projeto.

Ensino informal: Residência Artística Individual
Um espaço de produção musical que se procura isolar do barulho e da confusão da cidade, e promover, através de uma estadia por tempo indefinido, uma ligação com a paisagem, a natureza e o próprio. Esse é o objetivo da Residência Artística Individual.

Para concretizar esta ideia, propõem-se duas unidades autónomas compostas por um espaço de habitação temporária e um espaço de produção musical, cada. O lugar de habitação é pensado com: um espaço multifuncional onde se possa estar, cozinhar e comer; um espaço de dormir; e os serviços necessários de apoio. O lugar de produção musical é um espaço autónomo, com as condições próprias para o efeito.

Pensa-se que, cada unidade da Residência Artística Individual servirá para 1 a 4 pessoas, no máximo, e as suas dimensões são orientadas nesse sentido. O programa proposto (visível na Imagem 24) serve, neste momento, como base para o posterior desenvolvimento do projeto prático, estando aberto a alterações.

Ensino Formal:Escola de Música	quantidade	área útil. m^2	subtotal. m^2	total. m^2
1. Átrio				60
1.1. Balcão de Receção	1			
1.2. Paravento	1			
2. Zona Administrativa				85
2.1. Secretaria	1	15	15	
2.2. Gabinete	1	15	15	
2.3. Sala de reuniões	1	20	20	
2.4. I.S. (masc. e fem.)	2	10	20	
2.5. Arquivo	1	15	15	
3. Espaços de Ensino				450
3.1. Sala de aula teórica	4	40	160	
3.2. Sala de iniciação musical	1	40	40	
3.3. Sala de ensaio individual	8	15	120	
3.4. Sala de ensaio grupos	1	50	50	
3.5. Sala de ensaio geral	1	80	80	
4. Biblioteca				85
4.1. Sala de leitura	1	30	30	
4.2. Sala de estudo	1	30	30	
4.3. Balcão de atendimento	1	10	10	
4.4. Arquivo	1	15	15	
5. Auditório				330
5.1. Sala de espetáculos (120 L)	1	250	250	
5.2. Foyer				
5.3. Régie	1	10	10	
5.4. Sala de apoio	1	15	15	
5.5. Camarim do maestro	1	15	15	
5.6. Camarins masc. e fem.	1	20	20	
6. Bar / Cafetaria				75
6.1. Sala de refeições	1	40	40	
6.2. Copa	1	15	15	
6.3. I.S. Staff	1	10	10	
6.4. Dispensa	1	10	10	
7. Instalações sanitárias				70
7.1. Masculino	1	30	30	
7.2. Feminino	1	30	30	
7.3. Mob. condicionada	1	10	10	
Total área útil de construção:				1155
Total área bruta de construção (au + au x 0.3):				1501.50

[Imagem 23] Programa base proposto para o ensino formal: Escola de Música.

Ensino Informal: Residência Artística Coletiva	quantidade	área útil. m^2	subtotal. m^2	total. m^2
1. Zona de descanso				100
1.1. Camarata coletiva (50 p.)	1	100	100	
2. Zona de convívio				110
2.1. Cozinha	1	30	30	
2.2. Sala de refeições/ convívio	1	50	50	
2.3. I.S. (masc. e fem.)	2	15	30	
3. I.S. e Balneários				80
3.1. Masculino e feminino	2	40	80	
4. Zona da Banda Filarmónica				155
4.1. Administração	1	15	15	
4.2. Sala de cópias e arquivo	1	10	10	
4.3. Galeria / Museu	1	30	30	
4.4. Sala de ensaios	1	100	100	
Total área útil de construção:				455
Total área bruta de construção (au + au x 0.3):				578.50
Ensino Informal: Residência Artística Individual				
1. Estadia				50
1.1. Quarto	1	15	15	
1.2. Quarto-de-banho	1	10	10	
1.3. Sala com kitchnet	1	25	25	
2. Local de ensaios				25
2.1. Sala de ensaios	1	25	25	
Total área útil de construção:				75
Total área útil de construção (x2):				150
Total área bruta de construção (au + au x 0.3):				195

[Imagem 24] Programa base proposto para o ensino informal: Residência Artística Coletiva e Residência Artística Individual.

Estrada Municipal 624
Rua do Castelo
Rua 22 de Julho
EM 624/ Rua da Cadeia
Estrada Municipal 624
1
2
3
Serviços com interesse
Zonas em ruínas
1 Conjunto no Largo do Pelourinho
2 Conjunto de ruínas na zona do antigo castelo
3 Conjunto de casas junto da capela de Santo António
0 10 50
m
N

Estratégia

Lugares

A ideia da Escola de Música de Vilarinho da Castanheira torna-se mais clara ao estabelecer um programa base. A partir desse programa, procura-se uma estratégia de implantação adequada à aldeia, que a favoreça e potencie como um todo. Para isso, analisa-se novamente Vilarinho da Castanheira, procurando os lugares e explorando as estratégias que correspondem à melhor integração do projeto na aldeia.

Da primeira análise feita na dissertação, no capítulo 0, foi possível estabelecer que a aldeia se organiza a partir de 3 ruas principais - a Rua do Castelo, a Rua 22 de Julho e a Estrada municipal (ou Rua da Cadeia) - onde se localizam os serviços de maior importância, como a antiga Escola Primária, a Casa do Povo ou o Centro Social e Paroquial de Vilarinho. Supondo que a Escola de Música será um serviço importante para a aldeia e para a região, aponta-se que esta se localize próxima de alguma das vias principais.

Ao observá-las, percebe-se que têm um aspeto cuidado e arranjado, e, embora muitas das casas não sejam vividas regularmente, estão bem-mantidas para receber os familiares, ou os amigos, que aqui vêm esporadicamente. No entanto, destacam-se algumas construções isoladas, abandonadas, e também conjuntos de antigas casas em ruínas, que representam maiores áreas de degradação.

[Imagem 25] Planta de Vilarinho com destaque para as 3 vias principais e para as zonas degradas estudadas. Escala gráfica.

[Imagem 26] 1. Conjunto no Largo do Pelourinho. Fotografia captada a partir do Largo, pelo autor.

[Imagem 27] 2. Conjunto de ruínas na zona do antigo castelo. Fotografia captada dentro da zona abandonada, pelo autor.

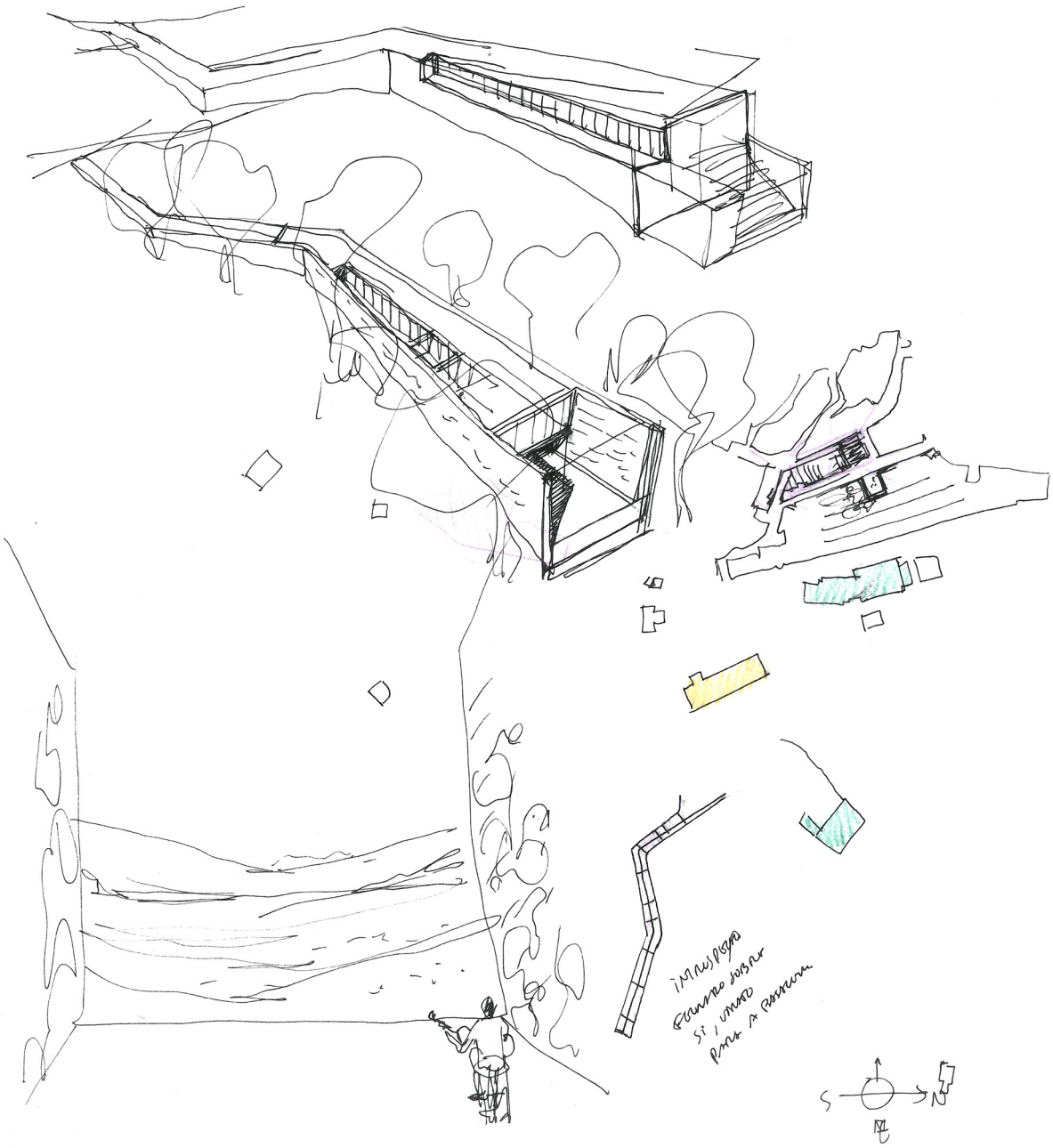
[Imagem 28] 3. Cojunto de casas junto da capela de Santo António. Fotografia captada a partir da Rua 22 de Julho, pelo autor.

Pela dimensão do projeto que se pretende implementar (obtida através da estimativa das áreas), e pelo impacto que poderá ter na aldeia, consideram-se as maiores áreas degradadas como os lugares com maior potencial para uma grande intervenção urbana (sendo que as pequenas casas podem ser reabilitadas para projetos privados). Assim, estudam-se os maiores lugares abandonados no interior da aldeia, dos quais se destacam 3:

1. Conjunto no Largo do Pelourinho. Um conjunto de duas casas antigas, abertas para o Largo do Pelourinho, com um jardim a uni-las no seu tardoz. A casa à direita apresenta um desenho tradicional, com um bom traço: entrada a meio piso acima da cota da rua e varanda saliente em madeira, coberta pelo telhado que se estende para a acompanhar; por baixo, outra entrada -um abrigo - meio piso a baixo da cota da rua. A casa à esquerda é marcada por uma grande parede em alvenaria de pedra e apenas um portão (talvez fosse um abrigo, ou arrumo). A casa mais trabalhada apresenta grandes sinais de degradação, estando a varanda já em risco de colapso. (Entre o início do trabalho da dissertação e o momento atual da escrita, a cobertura da varanda caiu, levando consigo a estrutura de madeira que a suportava).

2. Conjunto de ruínas na zona do antigo castelo. Acima da rua 22 de Julho, em frente ao Centro Social e Paroquial de Vilarinho, existe um grande terreno, de pendente elevada, onde se crê que tenha estado parte da antiga fortificação de Vilarinho. Esta zona é apenas acessível a pé, tendo 5 pontos de acesso a partir de cotas distintas, e é possível encontrar aqui um grande conjunto de construções que foram sendo abandonadas ao longo dos anos. Estas são de diversas qualidades, variando desde antigas construções com paredes de alvenaria de pedra de granito, a tentativas de recuperação mais recentes, em tijolo cerâmico ou de cimento. Na sua maioria sem uso, encontram-se algumas que servem, ainda, de arrumo. Esta zona, pela sua localização na aldeia, dimensão e inclinação, é marcada por uma vista desafogada e ampla de toda a paisagem envolvente. Embora esquecida e insalubre, tem uma posição central e um grande potencial.

3. Conjunto de casas junto da capela de Santo António. Trata-se de um conjunto de casas abandonadas, que fazem a frente da Rua 22 de Julho, antecipando a chegada à Capela de Santo António. Um percurso pedonal – Rua do Ferrador- atravessa este conjunto, ligando a rua principal a uma travessa secundária, numa cota superior. No geral, as construções têm um bom trabalho da pedra (granito), destacando-se o emparelhamento e o corte da mesma, sobretudo nas ombreiras e padieiras das portas e janelas. Sobrevive o telhado de apenas uma das antigas casas, sendo que das restantes que se veem, sobram as pedras das suas paredes espeças. No geral, as casas não são utilizadas, com a exceção de uma ou duas, que servem como abrigos para animais.



[Imagem 29] Esquiços exploratórios da Hipótese A, como estratégia de implantação do programa. O corpo estende-se pela paisagem, acabando num grande vazio que aponta à paisagem, enquadrada pelas duas paredes de granito. Desenhado pelo autor.

Estratégias

A ideia que motiva a estratégia é transformar a aldeia num lugar que receba, acolha e ensine músicos vindos de todo o mundo. Procuram-se abrir as "portas" da aldeia, sobretudo, a três grupos distintos de músicos: estudantes de música; grupos musicais grandes, nomeadamente bandas filarmónicas; e músicos individuais, ou em grupos pequenos. Para os primeiros, prevê-se uma estadia permanente, ou visita regular (durante o ano letivo), e para os segundos e terceiros, uma estadia temporária, variando a duração conforme o propósito da visita. O programa que organiza esta estratégia, como já foi referido, divide-se em 2 campos: o ensino formal, onde se encontra a Escola de Música, e o ensino informal, onde estão as Residências Artísticas Coletiva e Individual. A partir do reconhecimento da aldeia e dos possíveis lugares favoráveis à integração do projeto, estudam-se diferentes estratégias de implantação.

Hipótese A – Concentração. O programa, como um todo, representa uma única estratégia para Vilarinho da Castanheira. Procura mudar a forma como se olha para esta aldeia e para o que ela pode oferecer. Uma mudança do paradigma, um gesto forte, quase radical, que rompe com a expectável função de um lugar rural – a produção agrícola – e a substitui por uma nova – o ensino da música.[13] Pela força da sua afirmação, como um novo olhar sobre a realidade, procurando transmitir fisicamente a transformação que sugere, o projeto é hipotisado através de um gesto só, onde se concentra todo o programa.

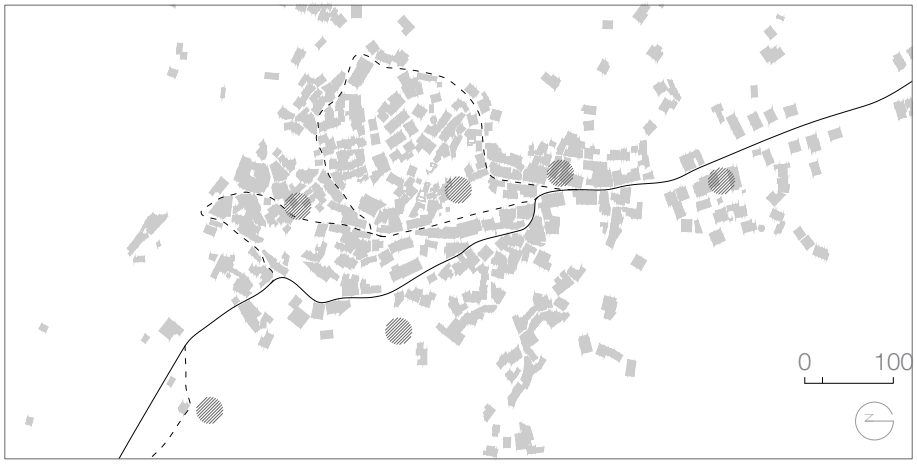
Em frente ao Museu da Memória Rural, próximo da Rua da Cadeia, encontra-se um espaço amplo, por entre os terrenos agrícolas que se estendem pela paisagem, ideal para implantar o projeto da grandeza que se pretende.

Desenha-se um corpo linear, que contem todo o programa proposto e que se desenvolve perpendicularmente à estrada, entrando pelos campos adentro. Duas enormes paredes de granito que guardam entre si a nova Escola de Música de Vilarinho da Castanheira. Um gesto forte e audaz, visível a partir de toda a aldeia, da escala da paisagem que o envolve.

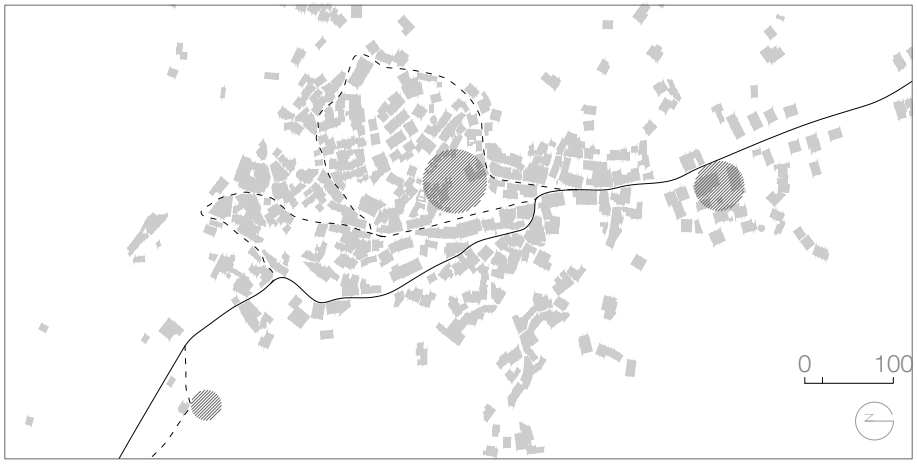
É um gesto claro, de grande escala, no limite da aldeia - uma ideia forte. No entanto, o objetivo da Escola de Música não é o da sua, quase completa, autonomização da aldeia. Subjacente ao programa proposto, estão outros objetivos, como o de criar novos cruzamentos de gerações e de ideias, gerar diálogos entre os que vêm e os que já cá estavam ou de trazer uma nova vida que se misture com a da própria aldeia, tornando-a mais ativa. Assim, considera-se a **Hipótese A** demasiado fechada em si mesma, correndo o risco de gerar uma comunidade autónoma onde os cruzamentos de saberes e os diálogos se geram apenas dentro das suas paredes.

13. Um estratégia que procura afirmar que a agricultura já não tem de ser a fonte de rendimento das antigas zonas rurais -"Está já claramente ultrapassada a fase de identificação simplista do mundo rural com a actividade agrícola e o seu desenvolvimento com o deste sector de actividade, que fora outrora dominante" – e que o seu futuro passa por reaproveitar o espaço abandonado para novos fins, ou seja, "diversificar a base económica local com actividades proporcionadores de empregos e rendimentos complementares e alternativos face aos agrícolas". Carminda Cavaco – O Mundo rural português: desafios e futuros. p.137 e 138.

[Imagem 30]
Esquema base da Hipótese A.



[Imagem 31]
Esquema base da Hipótese B.



[Imagem 32]
Esquema base da Hipótese C.

Hipótese B – Dispersão. De modo a contrariar a possível autonomia do projeto, explora-se a sua total integração, ou seja, a dispersão do programa, que passa a pontuar toda a aldeia.

Divide-se o programa nos seus múltiplos espaços para que cada um se integre numa zona diferente de Vilarinho. Para cada uma das várias funções da Escola de Música, procura-se um lugar com as condições específicas necessárias para o servir, apontando, sobretudo, às zonas em ruínas ou aos edifícios abandonados, de modo a poder reabilitá-los.

O mesmo projeto, vários lugares. Novas circulações, cruzamentos e diálogos trazem vida às ruas de Vilarinho. O aluno, que ao ir da sala de aula para auditório, carregando o seu violoncelo, se cruza com o agricultor que chega do campo, trazendo a enxada às costas. A vida da escola transforma-se na vida da própria aldeia. Uma troca de conhecimentos que pode levar o músico a cultivar, e o agricultor a tocar.

É uma estratégia, aparentemente, positiva. A escala do projeto, e dos seus espaços, aproxima-se da escala de Vilarinho e das suas casas, e os cruzamentos que gera são um dos objetivos da estratégia. No entanto, há algo de forte e de identitário na **Hipótese A**, que se perde com a **Hipótese B**. Com um gesto claro e único, representa-se uma ideia de forma direta: o paradigma da aldeia mudou e a agricultura já não tem de ser a sua principal função. Na segunda hipótese, o gesto afirmativo dissipa-se, o projeto espalha-se a identidade é menos clara.

Hipótese C – Fragmentação. Explora-se, por isso, uma terceira hipótese que reúna as características mais positivas de cada uma das anteriores. Um projeto que se fragmente em subprogramas de forma controlada e que mantenha um gesto central forte e identitário.

Opta-se pela divisão do projeto nos seus 3 subprogramas principais: Escola de Música, Residência Artística Coletiva e Residência Artística Individual. A escola em si, pela sua maior complexidade e dimensão, é pensada como o gesto central da estratégia, e as duas residências como programas complementares a implementar de forma a ativar zonas específicas da aldeia. Observa-se, de novo a aldeia de modo a definir os lugares a implementar cada um dos três programas.

Residência
Artística
Coletiva
Escola
de Música
Residência
Artística
Individual
Serviços com interesse
Zonas escolhidas para implantação do programa
0 10 50
m
N

A Escola-Aldeia de Música

A estratégia projetual escolhida é a subdivisão do programa nas suas 3 componentes principais - Escola de Música, Residência Artística Coletiva e Residência Artística Individual- e a sua integração em zonas diferentes da aldeia, de modo a que estas se relacionem de forma específica com esse lugar. Pela importância que a Estrada Municipal teve, e tem, no desenvolvimento da aldeia, propõe-se que o projeto pontue este percurso em diferentes momentos, conforme a necessidade do programa.

Ao entrar em Vilarinho da Castanheira, pela zona norte, imediatamente se destacam a antiga Escola Primária e a Casa do Povo. Pela proximidade da Banda Filarmónica com este lugar, visto que a associação está aqui sediada, tem aqui o seu auditório e utiliza a escola para algumas atividades, decide-se integrar, nestes dois edifícios, a Residência Artística Coletiva (RAC). Na verdade, sendo o estágio de música o grande motivador deste subprograma, e que a banda já o realiza neste lugar, o que se propõe é a clarificação e reorganização dos espaços existentes de modo a servirem com qualidade e dignidade a função que, hoje em dia, já servem. A RAC pontua, assim, a entrada em Vilarinho da Castanheira.

No centro da aldeia, onde se supõe que estivesse o antigo castelo de Vilarinho, mas onde hoje se encontra apenas um grande conjunto de ruínas e construções abandonadas, propõe-se o maior programa – a Escola de Música. Opta-se por intervir neste lugar por se ver aqui uma zona com alto potencial, com uma localização central e uma dimensão favorável ao programa que se propõe. Além disso, os problemas deste lugar vão para além da reabilitação individual das suas construções e este requer uma reestruturação urbana forte que lhe dê a dignidade que, pelo seu valor histórico e cultural, deveria ter.

Para a Residência Artística Individual, procura-se um lugar com uma ligação física, e não apenas visual, com a paisagem envolvente – os campos agrícolas e a natureza -, de modo a garantir uma maior tranquilidade, introspeção e afastamento, sem perder a ligação à aldeia. À saída de Vilarinho, em direção ao rio Douro, no caminho pedonal que há de levar ao Lugar do Coito e à Anta, descobre-se o sítio ideal: um lugar escondido, envolvido pela natureza circundante, que permite a reflexão e a produção artística, e com fácil acesso à aldeia.

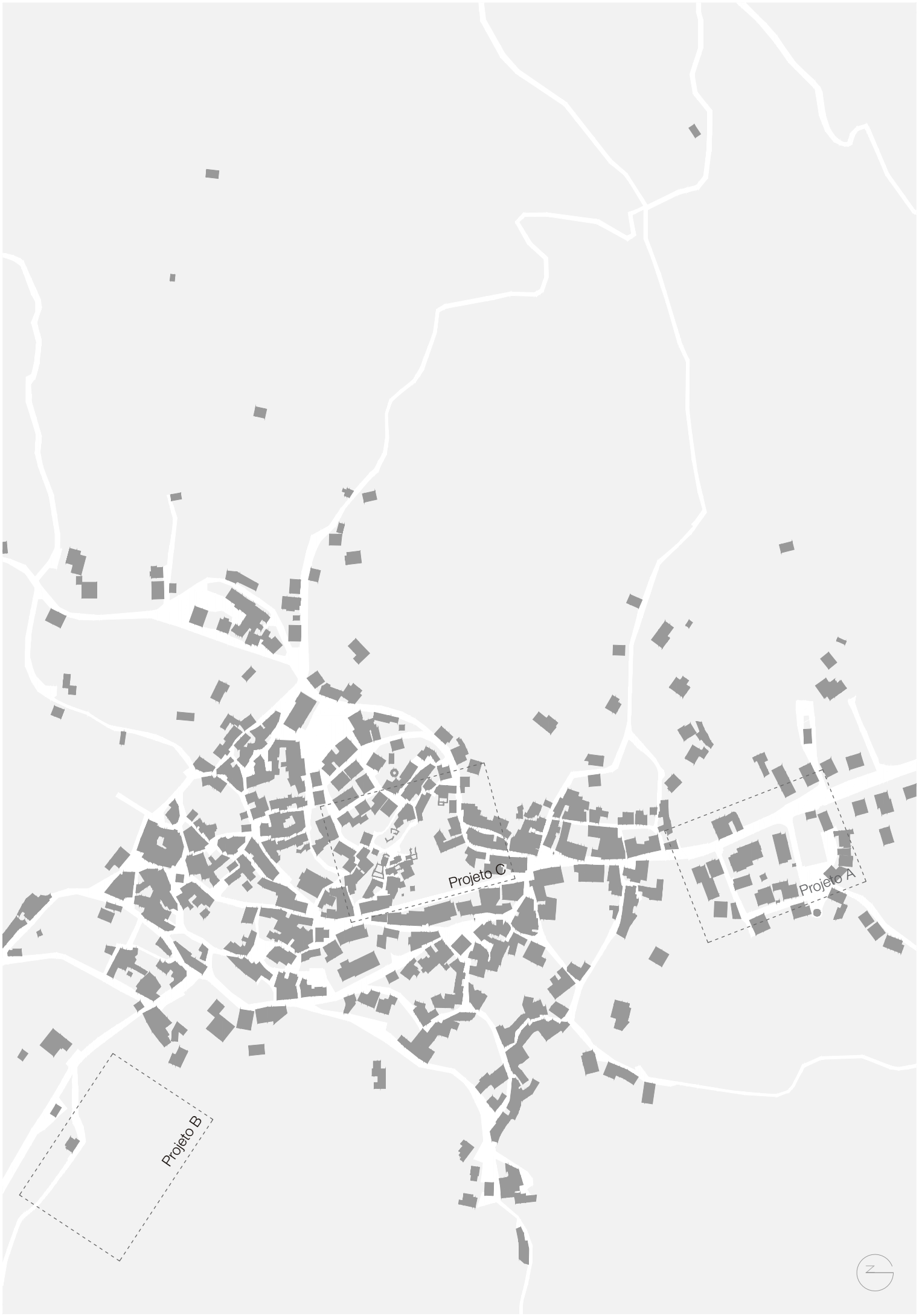
Assim, os 3 lugares escolhidos relacionam-se com a estrada municipal, e, através dos seus programas, geram diferentes cruzamentos e interações entre si, ativando, também, Vilarinho como um todo. A aldeia é pensada como um só projeto de arquitetura[14] e as suas ruas transformam-se nos corredores da Escola-Aldeia de Música de Vilarinho da Castanheira.

[Imagem 33] Planta de Vilarinho da Castanheira. Escala aprox. 1.3500. Zonas escolhidas para o desenvolvimento dos 3 subprogramas assinalados.

14. Kazuyo Sejima, sobre o Inujima Art Project (uma série de intervenções, sobretudo, pequenos pavilhões, que se espalham por uma aldeia, na pequena ilha japonesa de Inujima) revela: "Mesmo com os edifícios espaçados com alguma distância entre si, pensei que os pequenos caminhos pudessem ser tratados como corredores, com quartos mais abaixo da montanha, uma sala de jantar mais acima, e por aí fora. No início, não sabia como lidar com estas localizações espalhadas, mas, assim que comecei a pensar em toda a ilha como um só projeto de arquitetura, fui capaz de criar projetos que me encorajassem a retirar prazer da diversidade das localizações." ONISHI, Maki – Architecture and Environment as One. A conversation with Kazuyo Sejima and Ryue Nishizawa. P. 17.

3. A Escola-Aldeia de Música de Vilarinho da Castanheira

073 3.0. Nota prévia
075 3.1. Projeto A: Residência Artística Coletiva
095 3.2. Projeto B: Residência Artística Individual
113 3.3. Projeto C: Escola de Música


Projeto C
Projeto A
Projeto B

Nota prévia

O projeto da Escola-Aldeia de Música de Vilarinho, embora funcione como um só, divide-se em três projetos autónomos, que se complementam entre si. Uma estratégia de implantação que procura ativar a aldeia como um todo, respondendo às necessidades especificas de três lugares distintos. Visto que cada um tem condicionantes próprias (programa e lugar) e precisa, por isso, de uma abordagem individual, optou-se por aprofundar os três projetos separadamente.

Por uma questão de organização da dissertação, decide-se apresentar, em primeiro lugar, a Residência Artística Coletiva, considerada como Projeto A, seguida da Residência Artística Individual, Projeto B, e finalmente, a Escola de Música, Projeto C. Esta organização não pretende hierarquizar a importância das intervenções, apenas auxiliar na leitura e compreensão de cada projeto individualmente e da estratégia, como um todo.

[Imagem 34]
Planta esquematizada de Vilarinho com indicação das zona do Projeto A, B e C. Escala 1.4000.

As duas Residências Artísticas - Coletiva e Individual – são desenvolvidas até à escala 1.500 e a Escola de Música, pela maior complexidade do seu programa, da sua localização e do seu próprio processo, é pensada até à escala 1.200.

A. Residência Artística Coletiva

Lugar

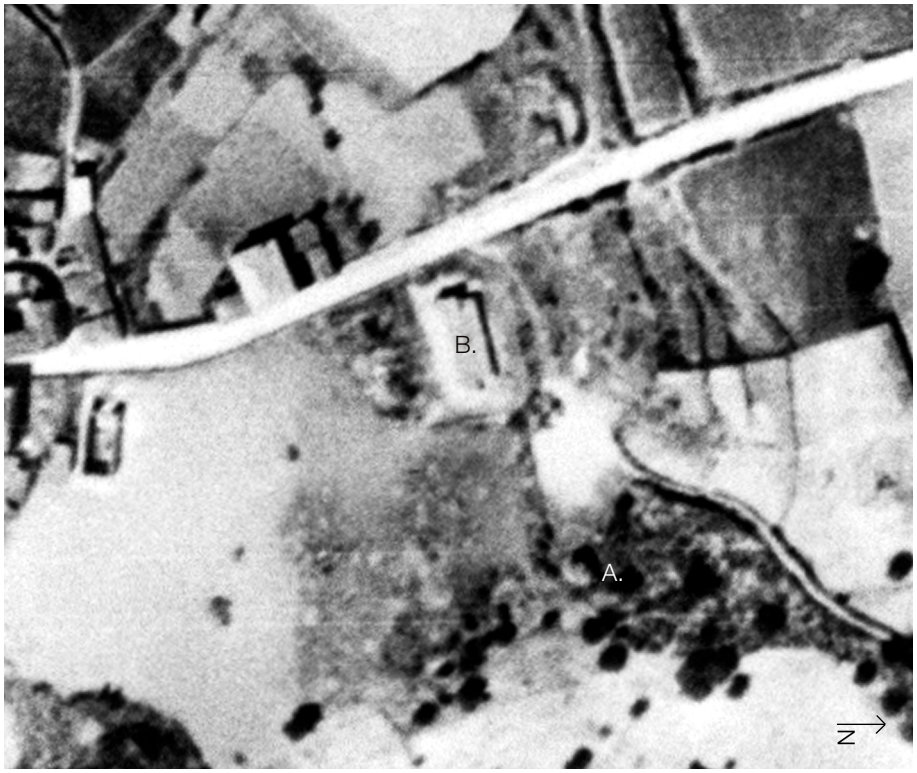
A antiga Escola Primária e a Casa do Povo são escolhidas como o lugar a implantar a Residência Artística Coletiva. Esta escolha deve-se, sobretudo, ao facto de a Banda Filarmónica já utilizar estes espaços para o seu proveito e à vontade de os clarificar e organizar de modo a servirem, ainda melhor, a função que têm. De modo a desenvolver o projeto da Residência, começa-se por analisar o lugar e os edifícios e avança-se, depois, para a proposta de uma solução.

Vilarinho da Castanheira começa a desenvolver-se a partir da construção do antigo Castelo, em meados do séc. XII e vai-se, lentamente, expandindo em seu redor. É um processo longo, em que o seu centro se vai consolidando e, só no início do século XX, se começa a estender para lá desse núcleo de casas, sobretudo para norte. Nesta altura, a zona a norte da aldeia era um planalto ainda agreste, com pinheiros mansos e grandes rochas graníticas e pontuado, apenas, pela Capela da Nossa Sra. da Fé, construída em meados do século anterior.

A construção da escola primária, em 1907, marca o início da expansão da aldeia para norte, mas é, apenas, a partir dos anos 60, com a construção da Casa do Povo, que se começam a estabelecer novas habitações nesta zona. A Escola Primária é ampliada em 1971 e, desde aí até ao início do novo milénio, são construídas, praticamente todas as restantes habitações que se veem aí, hoje. Uma concentração no tempo, de construções, que se deve, sobretudo, ao regresso de muitos emigrantes das antigas colónias portuguesas, após a queda do estado novo.[1] É nesta altura que surge o café, diante da Escola Primária, e o campo de futebol, que vem servir como recreio para os alunos. A Capela de Nossa Sra. da Fé mantém-se como um marco nesta zona, sendo ainda possível ver a rocha granítica onde esta foi erguida -herança da antiga realidade deste lugar.

[Imagem 35] O lugar da Casa do Povo e da Escola Primária, antes de estes existirem. Ao fundo, é visível a capela de Nossa Senhora da Fé, sobre um aglomerado rochoso granítico. Pinheiros mansos pontuam a frente da vista.Fotografia do arquivo da família do autor, de 1941.

1. Informação confirmada em conversa com os Vilarinhenses.



Legenda:
A. Capela de Nossa Senhora da Fé
B. Primeira escola primária

[Imagem 36] Fotografia aérea capturada no voo militar de 1958. Enquadramento do norte da aldeia, com centro no lugar escolhido para o Projeto A.

Legenda:
A. Capela de Nossa Senhora da Fé
B. Escola Primária
C. Casa do Povo

[Imagem 37] Fotografia aérea de 2019, a partir do Google Earth. Enquadramento do norte da aldeia, com centro no lugar escolhido para o Projeto A.

A antiga Escola Primária e a Casa do Povo

O conjunto edificado em análise localiza-se à "entrada" de Vilarinho da Castanheira, no cruzamento entre a Estrada Municipal 624 e a Rua de Nossa Sra. da Fé. Para a sua melhor compreensão, e devido às diferentes histórias, organizações e funções de cada um dos edifícios, opta-se por analisá-los individualmente, começando pelo antigo lugar de ensino.

A antiga Escola Primária, construída em 1971, é um edifício de desenho simples e assertivo, obedecendo a uma rigorosa simetria a partir do seu eixo central transversal, de forma a dividir igualmente a escola entre os espaços de ensino dos rapazes e o das raparigas.

Cada zona, acessível individualmente a partir do exterior, é composta por um átrio de receção, uma escadaria e duas salas de aula (uma em cada piso, sendo que a do piso inferior se distingue por ter uma lareira). A partir do átrio, existe uma passagem que conduz a um abrigo - um espaço exterior coberto - no tardoz da escola. Entre os dois abrigos estão as instalações sanitárias, acessíveis apenas pelo exterior.

A fachada principal da escola tem um desenho simétrico, variando apenas no encontro do edifício com o terreno que, tendo uma ligeira pendente ascendente da esquerda para direita, leva a que sejam necessários mais 2 degraus numa das entradas. De resto, todos os elementos são simétricos a partir do centro: uma porta principal; uma janela sobre essa porta, iluminando o piso superior do átrio; e 3 janelas altas e largas em cada uma das salas. As duas fachadas laterais são cegas, tal como a tardoz, sendo esta marcada por um grande telhado que parte do meio da fachada e cria os espaços de abrigo.

O recinto em torno da escola, com uma ligeira pendente ascendente de oeste para este, é marcado por duas entradas: um portão largo a partir da rua de Nossa Sra. da Fé, e uma escadaria, de desenho delicado e boa construção, a partir da estrada municipal. O seu limite é desenhado por muros graníticos que o separam das duas ruas já mencionadas, do jardim de uma habitação vizinha e da Casa do Povo. No geral, os muros estão em boas condições, exceto o que separa a escola da sede da banda, que apresenta maior desgaste pelo constante atravessamento que se faz por aí.

A escola deixou de funcionar, como tal, em 2010[2], servindo, desde aí, apenas como espaço de apoio à Banda Filarmónica. As antigas salas de aula servem hoje como salas multifuncionais para as necessidades da banda, sobretudo como dormitórios e salas de confeção e consumo de refeições durante os estágios musicais, que esta realiza. Apesar do esforço dos seus membros em manter ativo este lugar, a antiga escola não tem as condições para que se consigam fazer qualquer uma destas atividades condignamente, sendo realizadas à base do improviso e sem as instalações técnicas necessárias.

2. Ano em que se fecharam todas as escolas primárias das aldeias de Carrazeda de Ansiães, tal como de outros concelhos, e se transferiram todas as crianças para a escola central na sede do concelho. LUSA - Bragança: Em três concelhos só já resta uma escola para as crianças

Ao lado da antiga escola, está a Casa do Povo. Esta "casa" foi construída na década de 60 do século passado como lugar de reunião dos Vilarinhenses, para convívios, discussões, festas ou outros eventos de caracter político, cultural ou social, ou seja, tal como o nome indica: uma Casa para o Povo. Com o passar dos anos, com as mudanças na aldeia e a crescente diminuição da população, as suas funções foram-se alterando e, hoje em dia, serve como Junta de Freguesia, sede da Associação Filarmónica Vilarinhense e local de ensaios da Banda Filarmónica de Vilarinho.

Este edifício pode ser lido, aparentemente, como a conjugação de três volumes distintos: o volume da entrada; o volume do auditório; e o volume dos serviços. Diz-se "aparente", pois esta leitura é apenas exterior, visto que no seu interior, fruto das várias adaptações das suas funções ao longo dos anos, essa organização tripartida não é compreensível.

O volume da entrada, marcado por uma grande pala que cobre um espaço exterior e conduz ao átrio de receção, contém a sede da Junta de Freguesia, a sede da Associação, a antiga enfermaria médica e dois espaços de arrumo. O volume do auditório destaca-se do conjunto por ser o mais alto dos três e é composto, apenas, por uma sala ampla utilizada para o ensaio e performance da banda. O terceiro volume, em forma de "L", esconde-se entre os outros dois, é algo descaracterizado, tem várias reentrâncias, e contém os balneários, um escritório e um sanitário de apoio.

O auditório, ou sala de ensaios, é o espaço do qual os membros da Banda Filarmónica têm mais orgulho. Foi reabilitado de modo a servir as necessidades do grupo musical em 2014, tal como o restante edifício. Nesta obra foram instaladas novas caixilharias em todas as aberturas, as paredes exteriores isoladas e rebocadas, e a sala de ensaios revestida a cortiça em todo o seu perímetro interior, para obter melhores condições acústicas. A Casa do Povo tem, por isso, um aspeto "fresco" e novo, mas a sua organização interior, fruto do desenvolvimento orgânico das suas funções, traduz um grande desperdício e descaracterização do seu espaço.

O recinto em torno do edifício tem uma pendente descendente ligeira, de norte para sul, que leva a uma diferença de quase 1 metro da cota do chão, entre os dois extremos. Esta diferença de cota é resolvida através de uma plataforma, que ladeia todo a construção na zona mais a sul. Esta base é construída em alvenaria de pedra, criando um muro de granito de forte presença, que marca a entrada e a imagem da Casa do Povo.

O limite do recinto em torno da Casa do Povo é marcado através de muros de pedra, tendo a sul e a oeste a Estrada Municipal 624 e uma pequena rua, respetivamente, a este uma habitação privada, e a norte a antiga Escola Primária.

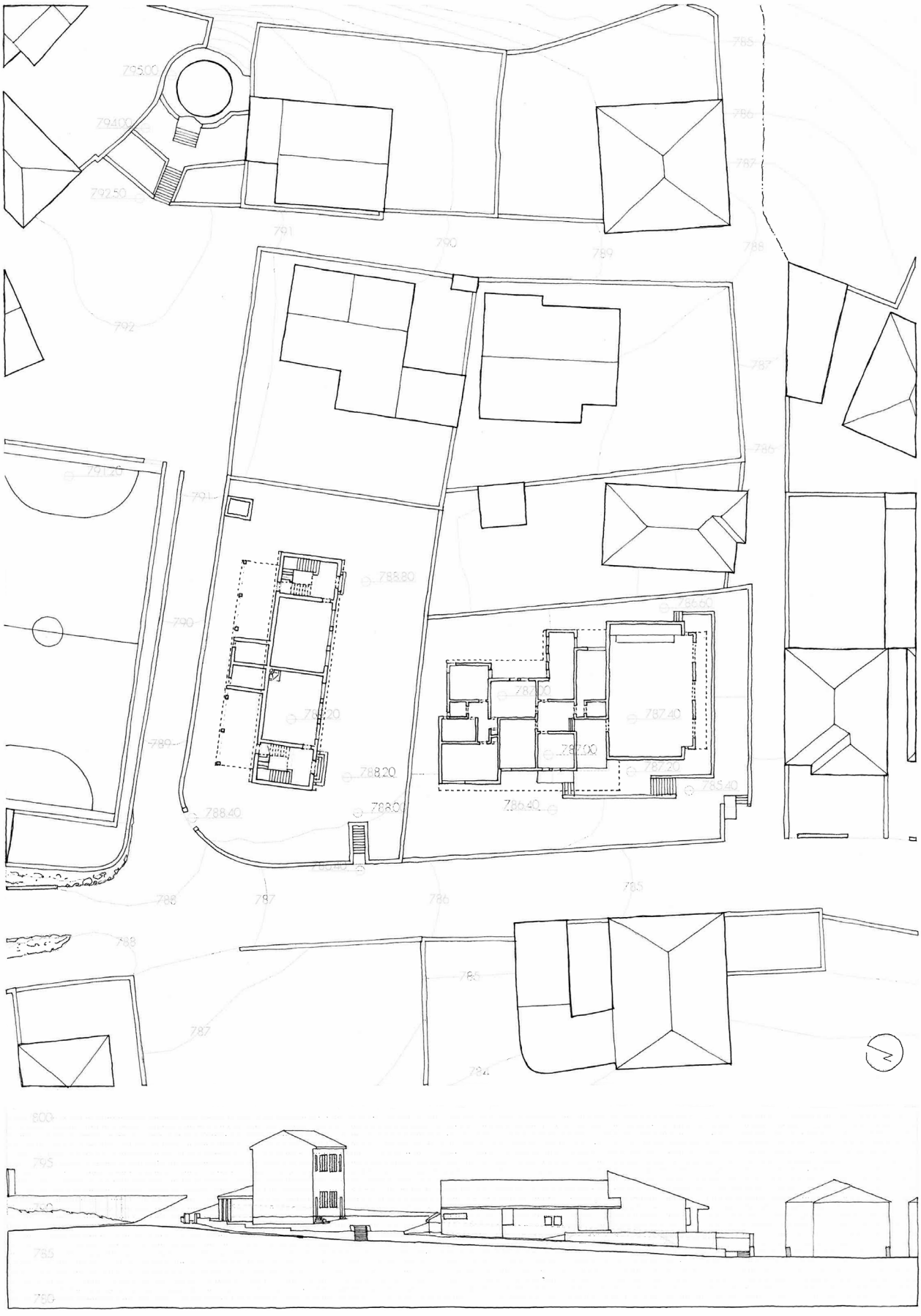
[Imagem 38] Situação atual: planta e alçado frontal. Escala aprox. 1.500

Página seguinte:
[Imagem 39 a 41] Diferentes enquadramentos da antiga Escola Primária.Fotografias capturadas pelo autor.

[Imagem 42 a 45] O interior da antiga Escola Primária: átrio e sala de aula. Fotografias capturadas pelo autor.

[Imagem 46 a 49] Diferentes enquadramentos da Casa do Povo. Fotografias capturadas pelo autor.

[Imagem 50] A Banda Filarmónica ensaia no seu auditório, no dia 2 de Agosto de 2021. Fotografia capturadas pelo autor.



[39]

[40]

[41]

[42]

[43]

[44]

[45]

[46]

[47]

[48]

[49]

[50]

Projeto – Estratégia

Da leitura do lugar e análise dos edifícios existentes, destacam-se a força autónoma de cada um deles e a sua imagem clara e rigorosa, sobretudo da antiga Escola Primária. Na sua essência, são dois volumes independentes, com características próprias, que se erguem sobre um recinto aberto.

Decide-se, por isso, optar por uma intervenção discreta que permita manter a compreensão atual dos edifícios e que, ainda assim, dê pistas da sua própria existência como gesto novo: um projeto que se afirme como contemporâneo, de um tempo diferente dos edifícios que já lá estão, sem ofuscar o existente.

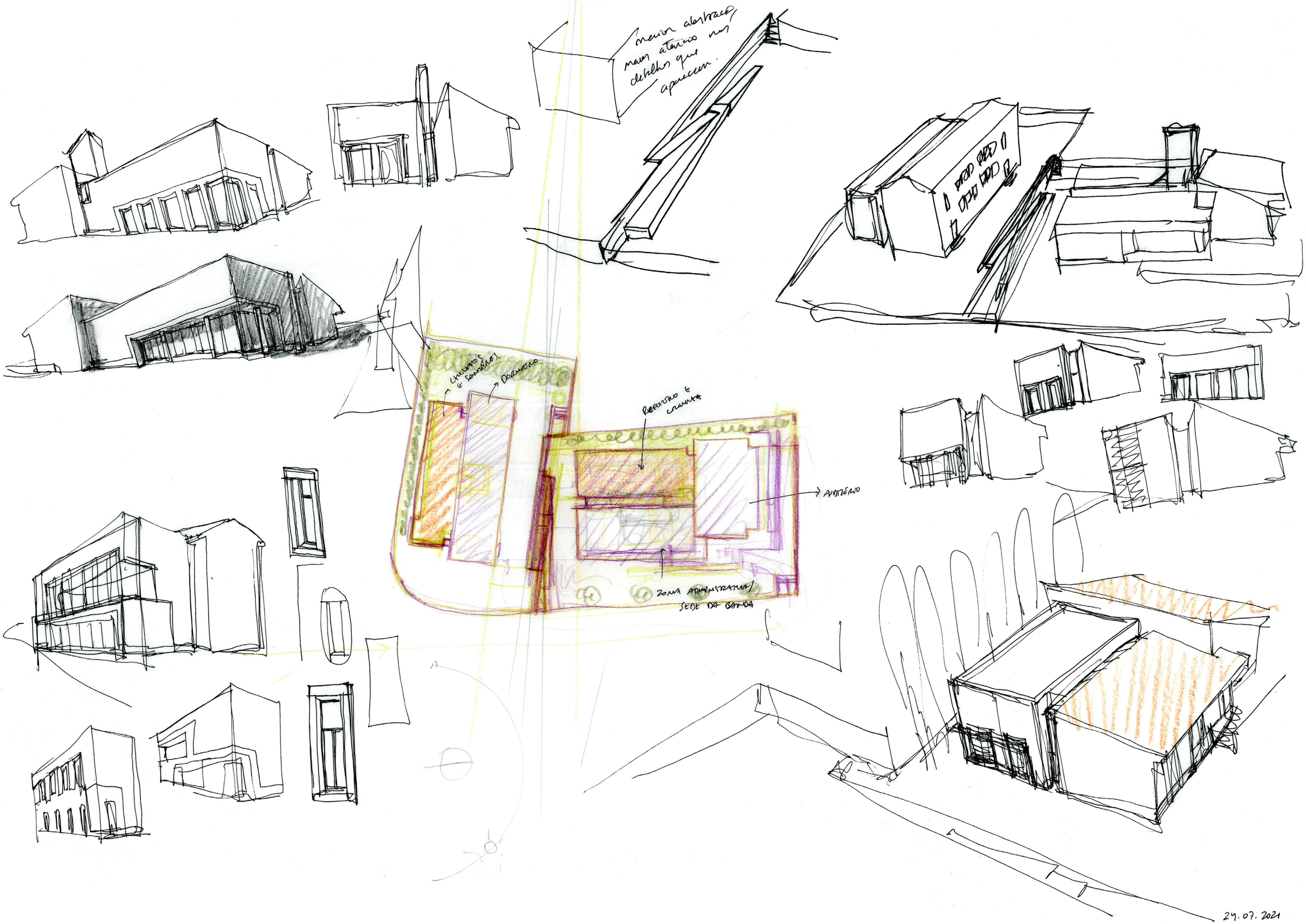
Sobre a antiga Escola Primária, pode-se afirmar que a clareza e autonomia do seu desenho são de tal forma fortes, que fazem já parte da imagem e da memória que os vilarinhenses têm deste edifício. Não só a imagem da sua fachada principal, como também a do encontro entre o telhado do abrigo e a fachada cega tardoz (ver Imagem 40), um dos principais enquadramentos que se vê ao entrar em Vilarinho da Castanheira. Propõe-se, por isso, uma intervenção subtil e discreta, que não se sobreponha à sua imagem característica.

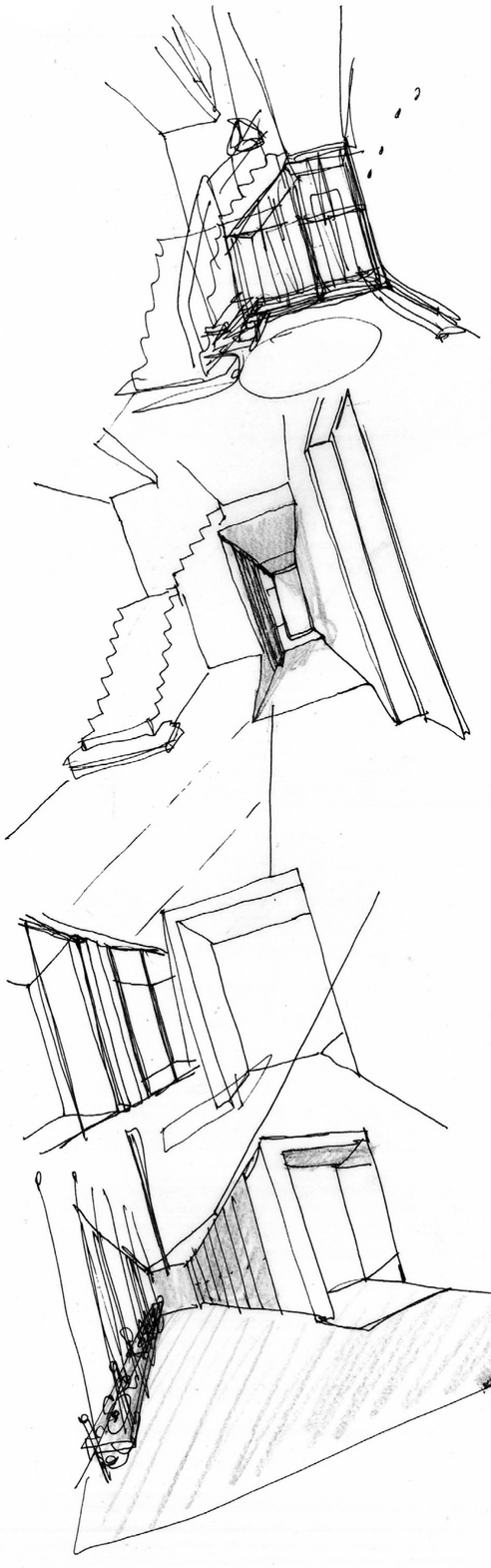
Pelo contrário, a Casa do Povo, embora tenha uma possível leitura clara de três volumes, o desenho individual de cada um é confuso, destacando-se o volume em forma de "L" como o mais estranho do conjunto. Propõe-se, por isso, uma clarificação da leitura geral, implantando um novo volume no lugar do seu elemento mais frágil. Pretende-se que este novo elemento se integre na composição existente, adeque as suas dimensões à envolvente próxima, se afirme como uma construção contemporânea e procure abrir um novo diálogo com o edifício da antiga escola.

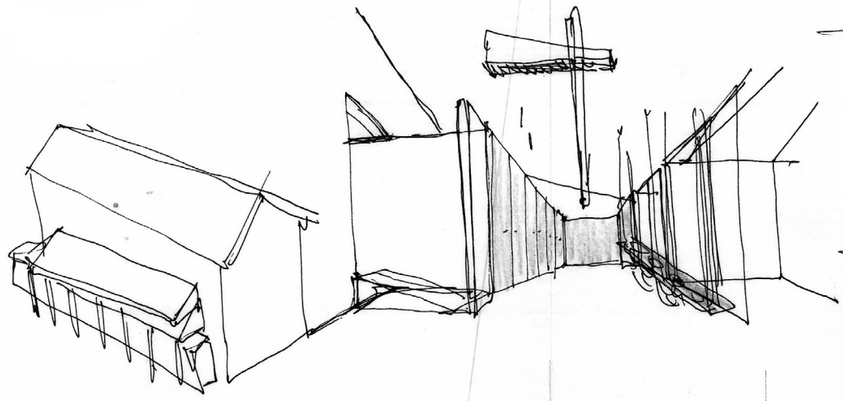
Entre o programa a implementar e os edifícios existentes, subsistem algumas semelhanças que permitem uma natural distribuição das funções. Propõe-se que a zona de descanso, composta pelos dormitórios e balneários, seja atribuída à antiga Escola Primária, e a zona ativa, composta pela zona de refeições, sala de ensaios, administração e arquivo da banda, sejam colocados na Casa do Povo. Assim, tirando proveito dos usos atuais, a Residência Artística Coletiva divide-se entre uma zona noturna, dedicada exclusivamente aos seus utilizadores, e uma zona diurna onde decorrem a maioria das atividades e passível de ser aberta ao público, em caso de eventos culturais.

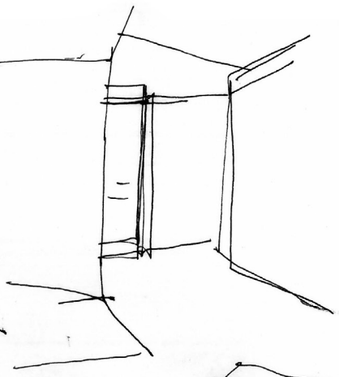
Ao pensar nos dois edifícios existentes como um projeto só, percebe-se que estes não dialogam entre si. A fachada principal da escola abre-se para a Casa do Povo, mas esta parece virar-lhe as costas e entre os dois, um muro acentua a sua divisão. Propõe-se, por isso, um redesenho do espaço exterior, sobretudo da zona entre os dois edifícios, de modo a criar um novo espaço de ligação e uma maior comunicação entre eles.

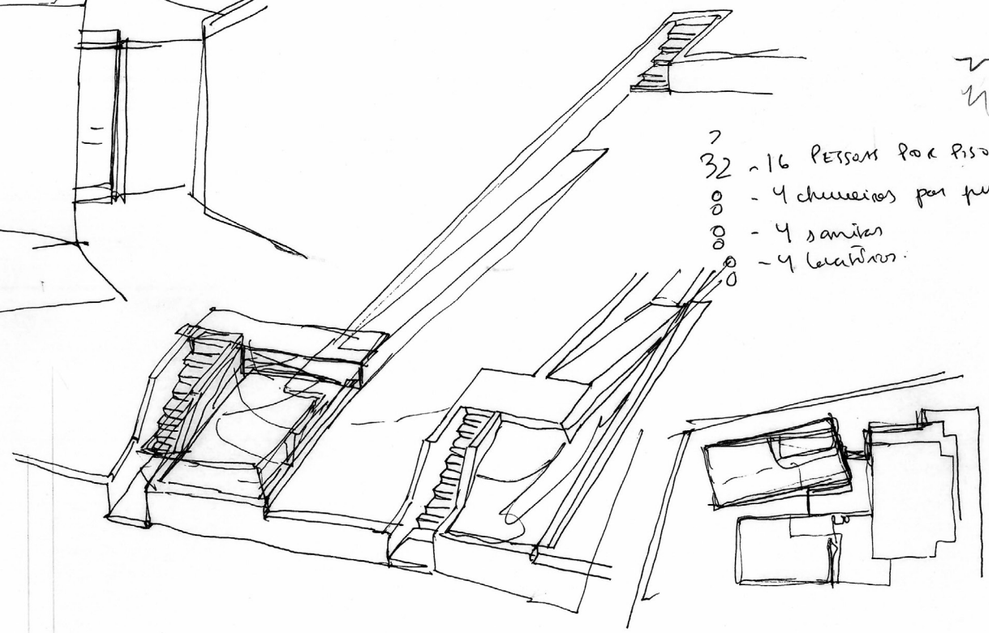
[Imagem 51] Esquiços iniciais na procura de uma estratégia geral. Folha A3 de processo do dia 24 de Julho de 2021, completa.


menor abstração
mais atenção nos
detalhes que
aparecem.
(HUMANOS
E ZOOTÁTICOS).
DORMITÓRIO
REFEITÓRIO E
CRECHE
ADMINISTRATIVO
ZONA ADMINISTRATIVA/
SEDE DA GUARDA
24.07.2021

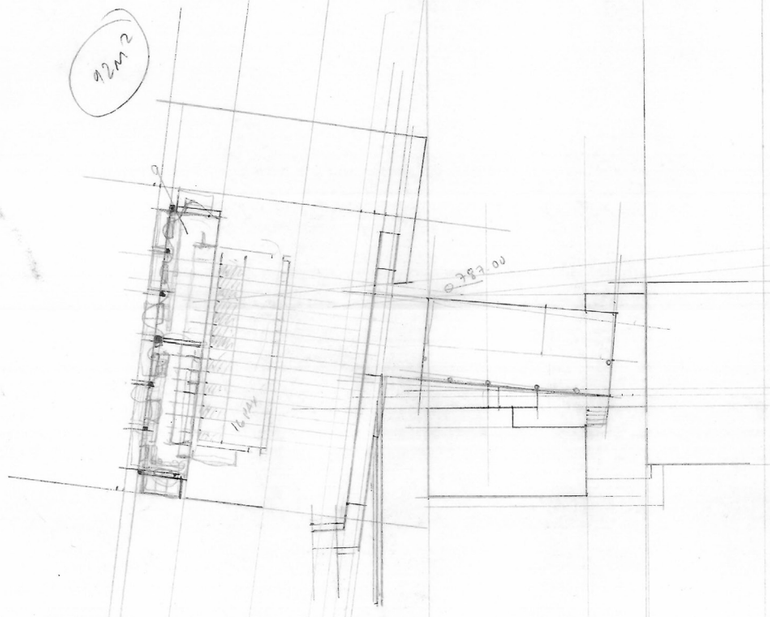


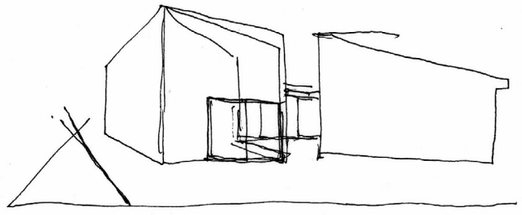


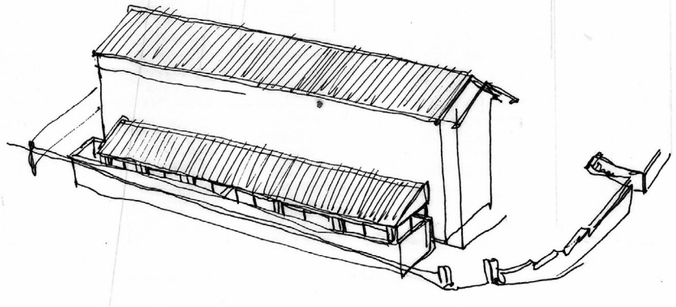


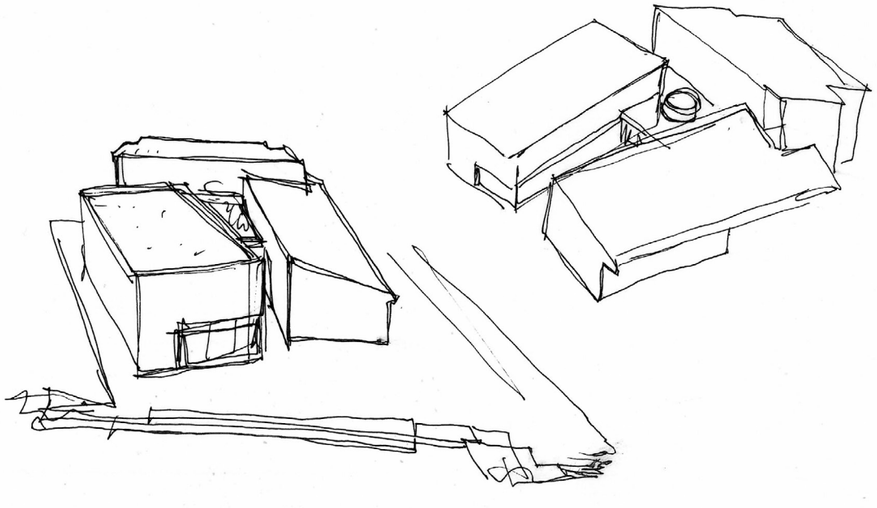


32 - 16 Pessoas por piso
8 - 4 chuveiros por piso
8 - 4 sanitas
8 - 4 lavatórios.

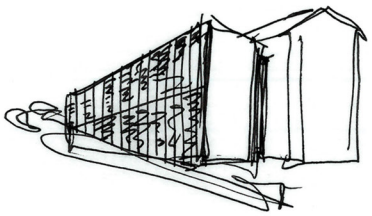


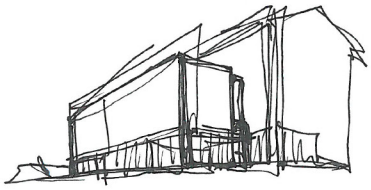


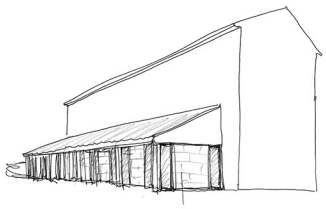


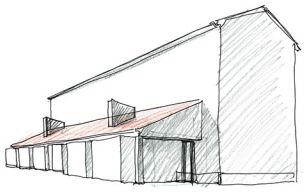


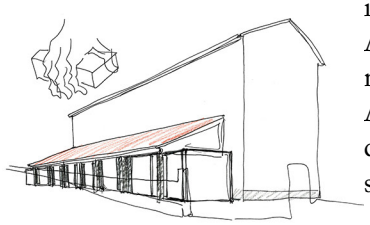
06.09.2021

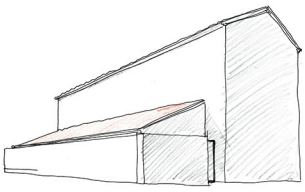












[Imagem 52] Folha A3 de processo do dia 6 de Agosto de 2021, completa.

[Imagem 53] Estudo do alçado tardoz da antiga escola primária. Esquiços realizados ao longo do processo.

Projeto - Concretização

A proposta final é composta de diferentes gestos, que se adaptam aos desafios específicos que a intervenção levanta, sobretudo em cada um dos edifícios. Para uma leitura clara do todo, apresenta-se o projeto através das suas várias partes: a zona noturna, a zona diurna, os espaços exteriores e a intervenção geral.

Procura-se integrar os espaços da zona noturna na antiga Escola Primária. Esta, de desenho claro e rigoroso, quer dos seus interiores, quer das suas fachadas, leva a compreender que a intervenção a realizar aqui deve ser simples e pragmática, tal como o edifício que já lá está hoje, não se sobrepondo à imagem da escola, gravada na memória dos habitantes da aldeia.

São restrições que funcionam como guias do projeto e levam à procura da simplificação da proposta, que se baseia apenas em duas alterações importantes: a junção das duas salas de cada piso, e a transformação da zona de abrigo nos balneários.

A junção das salas leva à criação de uma grande sala em cada piso, ideal para o dormitório. Cada sala é organizada com 9 beliches, dando, no total, a possibilidade de pelo menos 36 camas individuais planeadas, sobrando, ainda, espaço para colocar mais camas, caso haja essa necessidade.

A transformação da zona de abrigo em balneários, pela necessidade de introdução de um novo elemento, obriga a uma maior pesquisa da sua forma. A imagem clara da composição dos elementos, tal como é hoje (Imagem 40 novamente), é algo forte e difícil de transformar, sem perder a sua essência. Através de vários estudos realizados, sobretudo, a partir da hipotisação gráfica de diferentes soluções (Imagem 52), alcança-se uma resposta, aparentemente, simples: a criação de um novo muro em torno do abrigo existente.

Este novo elemento, ao afastar-se do volume existente, permite manter a leitura do encontro do telhado com o corpo principal da escola e, simultaneamente, dar a privacidade necessária aos balneários, organizados sob o telhado, e protegidos pelo muro. Os pilares de granito, que suportam o telhado, mantêm-se também visíveis e o espaço entre si é fechado com vidro, ora fixo, ora deslizante permitindo o acesso ao pátio exterior que, colocado entre o abrigo e o muro, ilumina e dá privacidade aos balneários.

Para a integração do programa proposto para a Casa do Povo – a zona diurna composta pelos espaços dedicados à Banda Filarmónica e pelos espaços de convívio – opta-se por manter dois dos três volumes existentes (o da entrada e o do auditório) e propor um novo, no lugar do volume em "L", devido à análise feita anteriormente.

O novo volume é pensado como um elemento externo ao conjunto, que se quer integrar e possibilitar novas vivências e espacialidades e é, por isso, desenhado de forma a ser lido como um corpo autónomo e de linguagem contemporânea, tanto a partir do interior como do exterior.

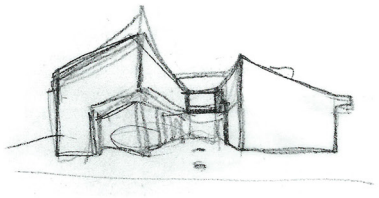
O seu desenho evolui através de várias hipóteses, na procura do equilíbrio subtil entre o diálogo com o existente e a sua afirmação como uma construção nova (imagem 54). A solução final opta por torcer o novo volume em relação à direção do edificado existente, de forma a criar um espaço exterior protegido, dando uma sensação de aconchego e privacidade, sem se fechar, realmente. Alberga dentro de si um grande espaço de convívio e refeições, tendo um pé direito duplo em quase toda a sua extensão e uma mezanine ao canto, que aumenta a área de refeições e cria uma zona mais protegida, por baixo, para a cozinha e os quartos-de-banho de apoio.

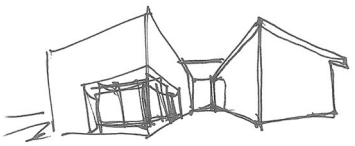
O restante programa é distribuído de forma a clarificar a organização espacial já existente da Casa do Povo. A zona da administração e arquivo da Banda filarmónica mantêm-se no antigo volume da entrada e o desenho do seu interior e da fachada são clarificados e reestruturados. O volume do auditório, com maior investimento e reabilitação por parte da banda, é mantido próximo ao que está hoje, sendo apenas redesenhada a sua entrada, e proposto um dispositivo no seu interior que permita uma melhor acústica da sala.

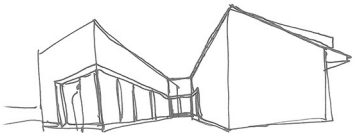
No encontro dos três volumes, o centro da atividade diurna: uma zona sem limites definidos, aberta, que funciona como prolongamento do novo espaço exterior e que serve como ponto de estadia e circulação, simultaneamente. Um lugar onde os vários programas se cruzam e contagiam, permitindo uma sinergia nova – a alma da Residência Artística Coletiva.

Os espaços exteriores do conjunto são desenhados de forma a potenciar o diálogo entre os dois edifícios, e a servir funções diferentes, específicas para cada um deles. O muro que divide os dois recintos é recuado em direção à zona noturna, para que o espaço de convívio e de refeições da zona diurna se possa estender para o exterior. O mesmo muro é redesenhado de forma a ter nos seus topos uma escada e uma rampa, convidando à transição entre os dois recintos. Este segue a direção da antiga escola e os patamares superiores da escada e da rampa são colocados de forma simétrica em relação à fachada da mesma, para acentuar a clareza e rigor da antiga escola. A entrada principal para a Residência Artística Coletiva é desenhada no canto sudoeste do recinto da zona diurna, através de uma rampa de pendente ligeira, clarificando a solução existente.

A proposta do projeto da Residência Artística Coletiva visa, assim, manter a imagem de cada um destes edifícios, aparentemente, inalterada, sem, no entanto, ao abrigo de um olhar mais atento e demorado, permitir que as transformações se mostrem e sejam compreendidas. Um novo muro branco protege, agora, o abrigo que antes se abria para aldeia e, atrás da fachada, subtilmente, alterada da antiga Casa do Povo, um novo volume tímido espreita e parece chamar, revelando os seus segredos apenas a quem já os conhece.

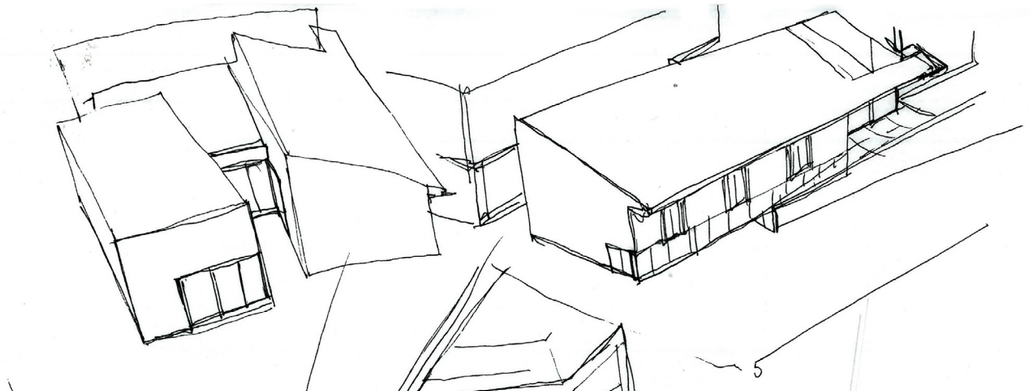


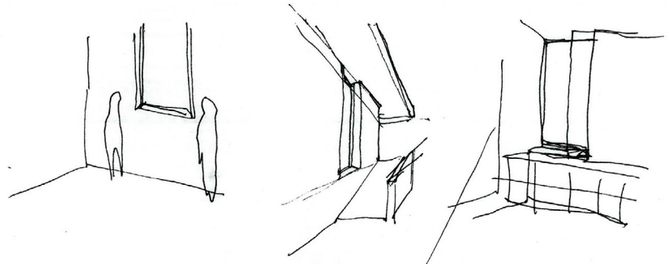


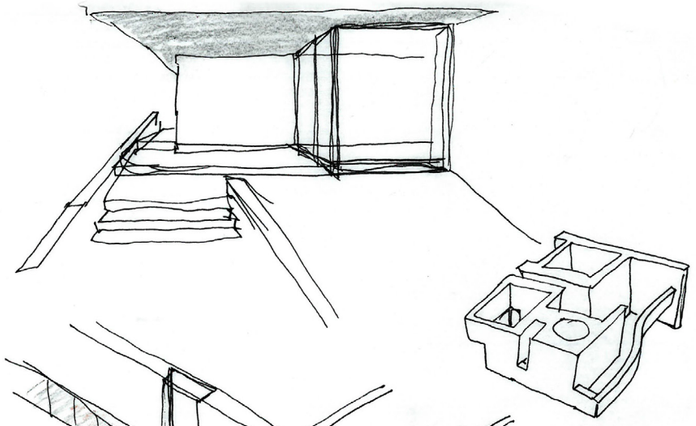


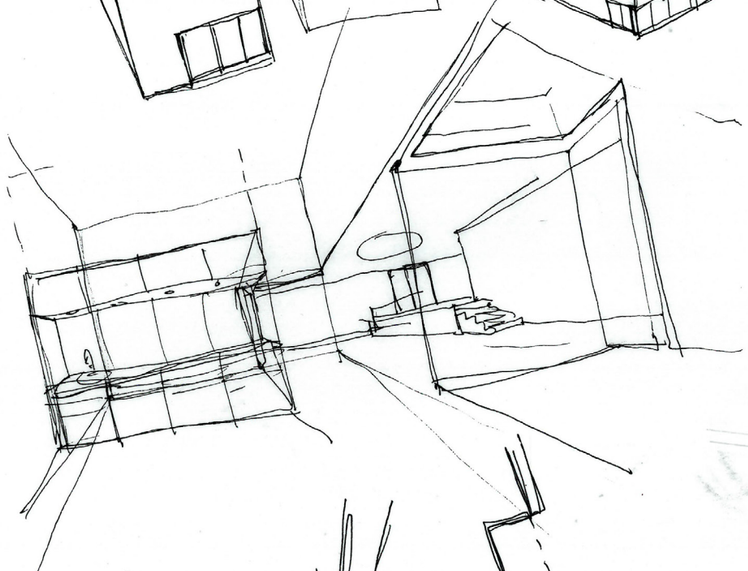
[Imagem 54] Estudo do novo volume integrado na Casa do Povo. Esquiços realizados ao longo do processo.

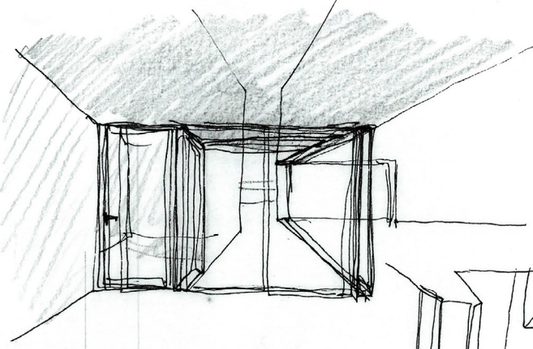
[Imagem 55] Folha A3 de processo do dia 9 de Agosto de 2021, completa.

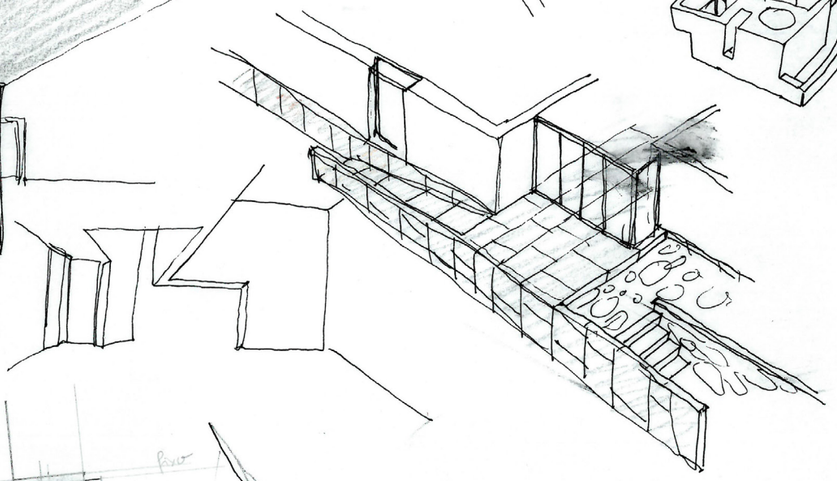


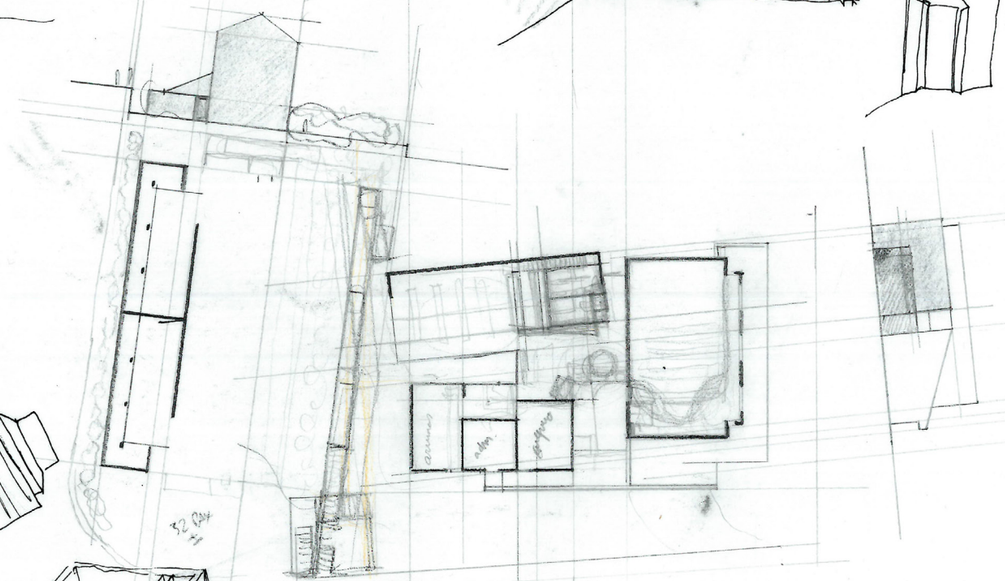


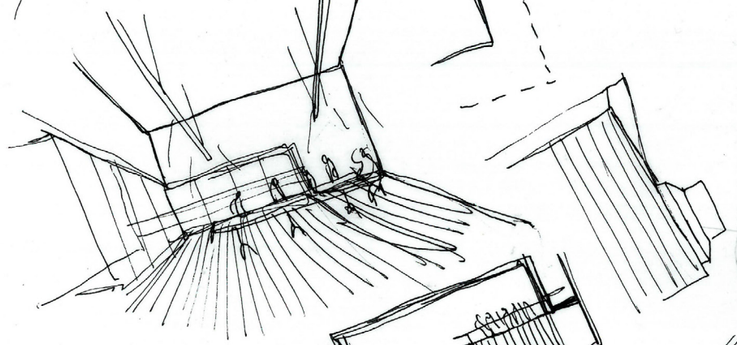


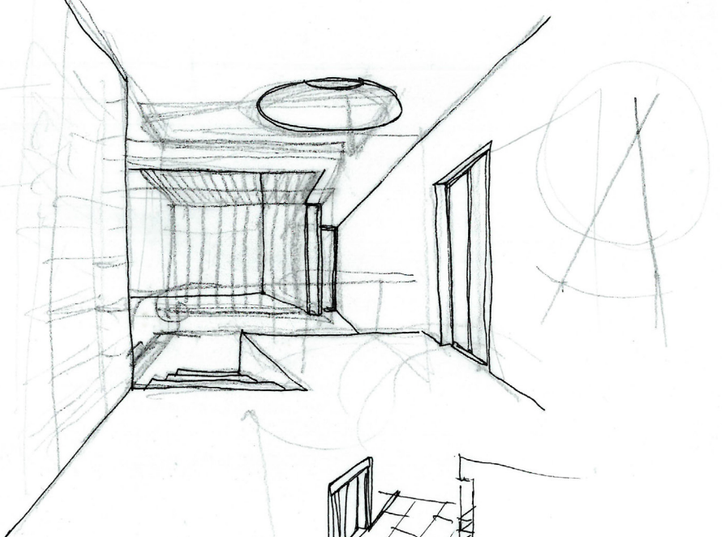


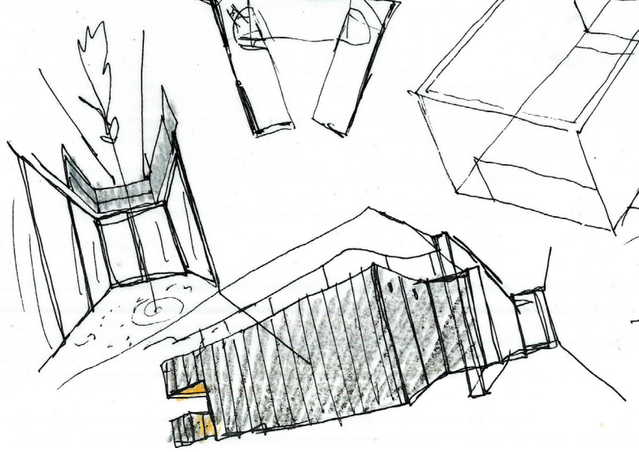


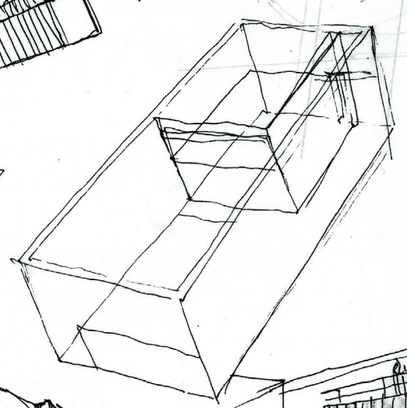


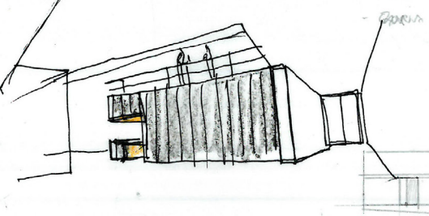


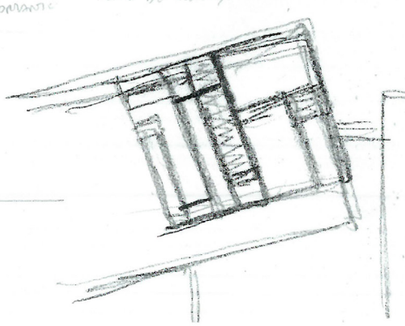


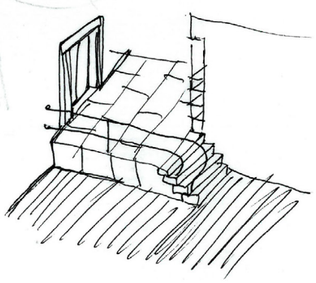








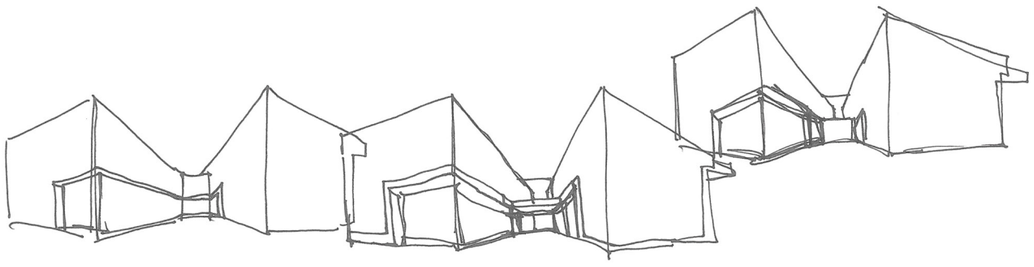




- SALAS (105 M2)
- ADMINISTRAÇÃO - CAIXA (ESPERTADO)
- SALA - ARQUIVOS/ FOTOGRAFIAS (BIBLIOTECA)
- ARQUIVOS DOS INSTRUMENTOS
- SALA DE EXPOSIÇÃO DO ESPÓLIO + IMPORTANTE

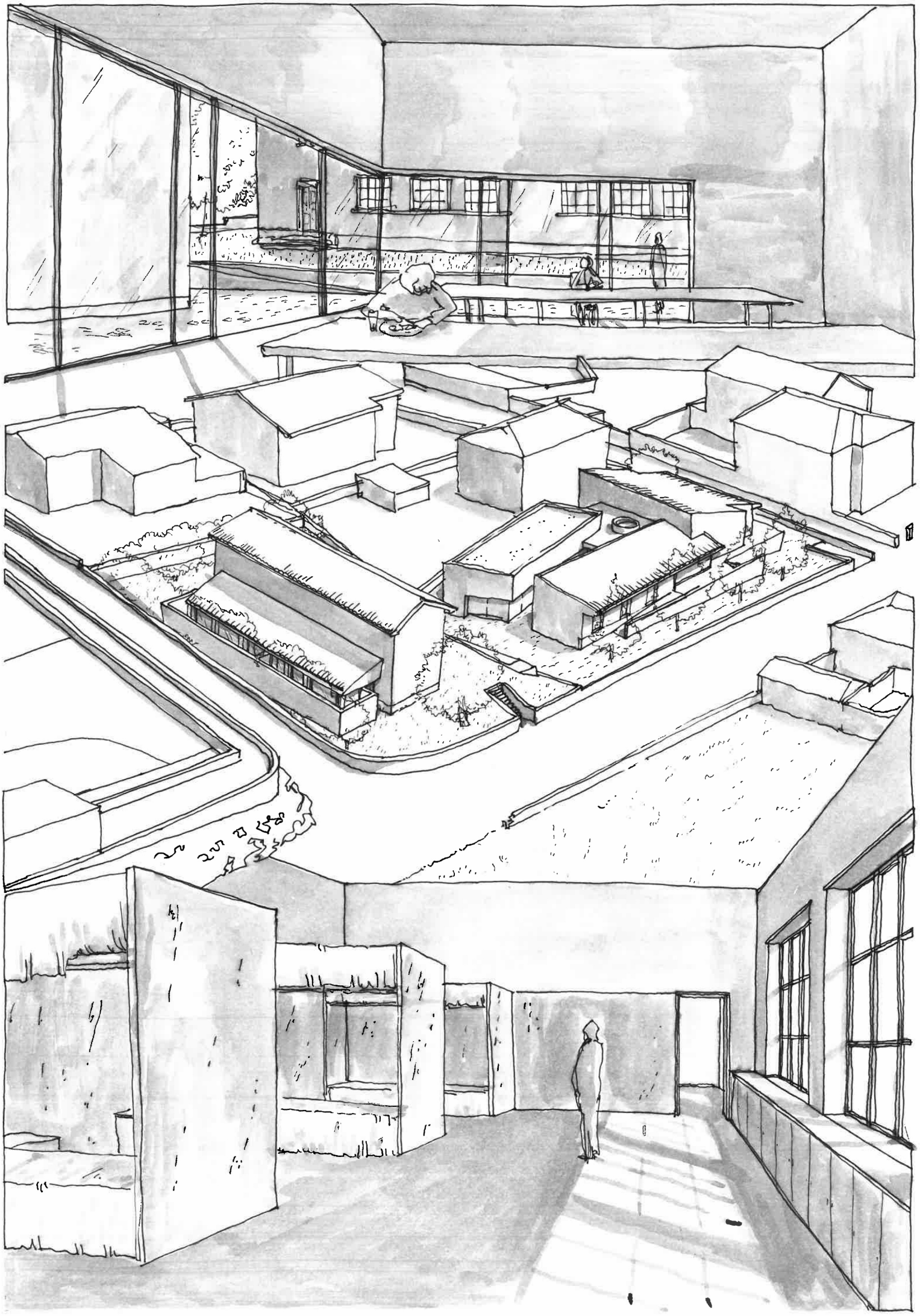
- SANITÁRIOS - FEMININO
- MASCULINO
- FEMININOS.
- SALA DE REFEITÓRIO
- ZONA DE CONFEÇÃO DA COMIDA

9.08.2021

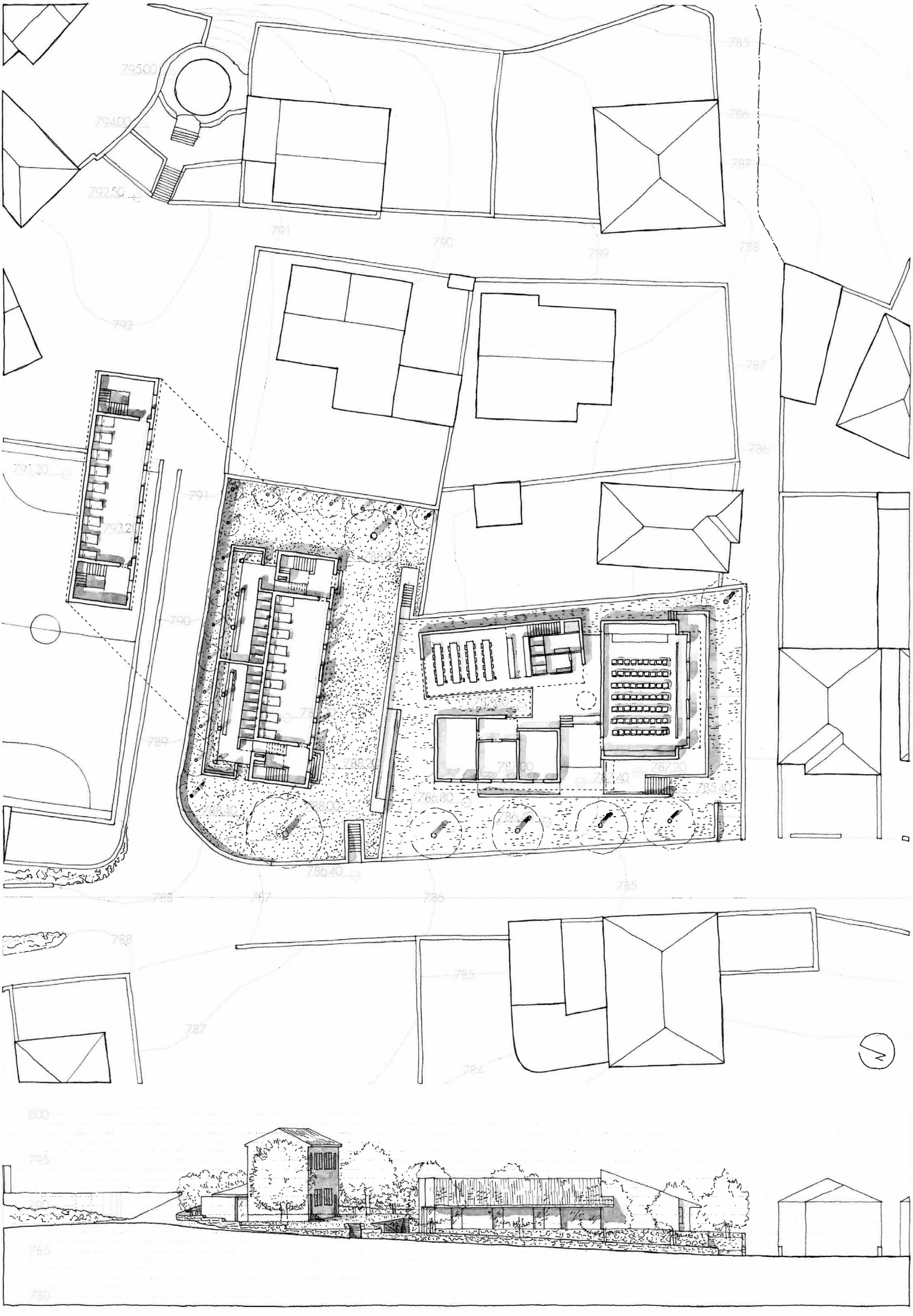


[Imagem 56] (À esquerda) Estudo do novo volume integrado na Casa do Povo.

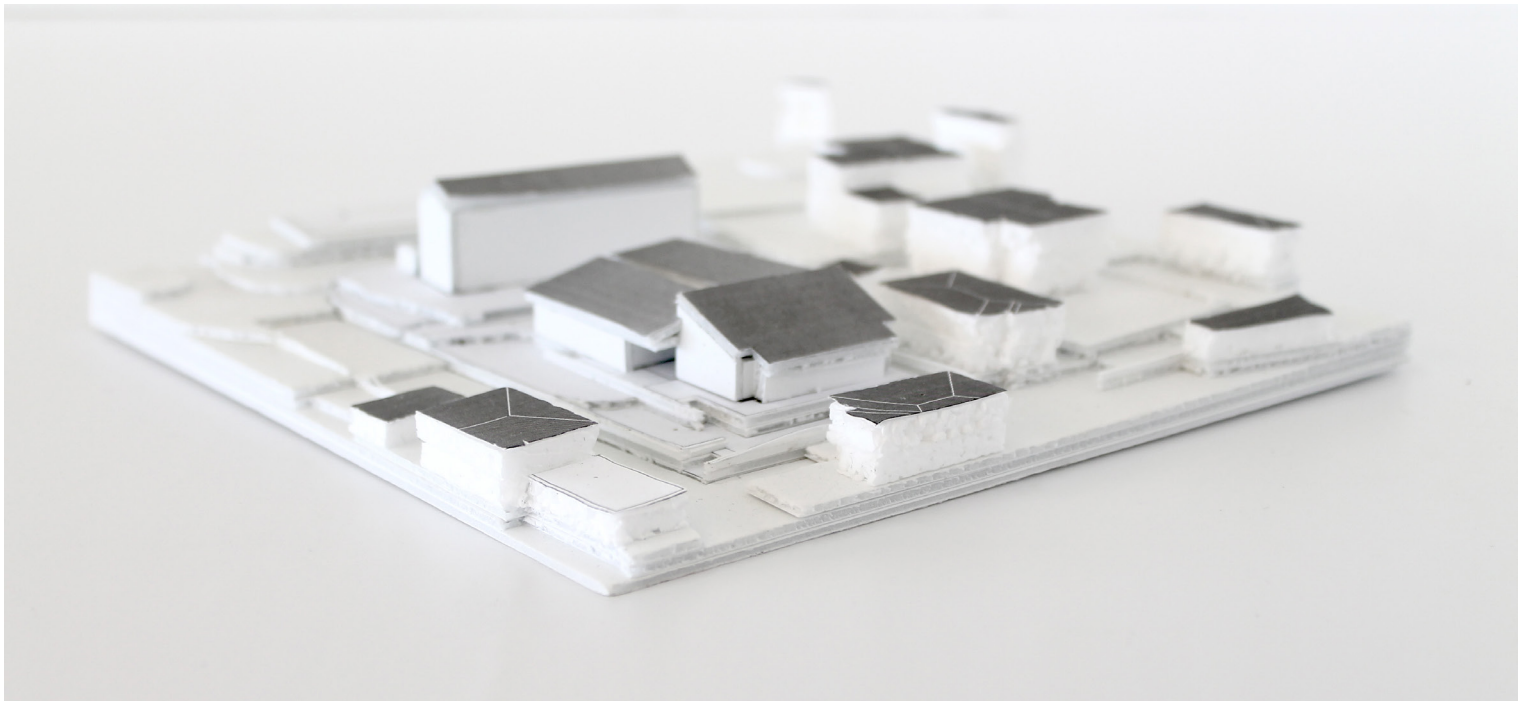
[Imagem 57] (À direita) Desenho síntese da proposta da Residência Artística Coletiva. Perspetiva interior da sala de refeições, perspetiva aérea geral e perspetiva interior do quarto de dormir.

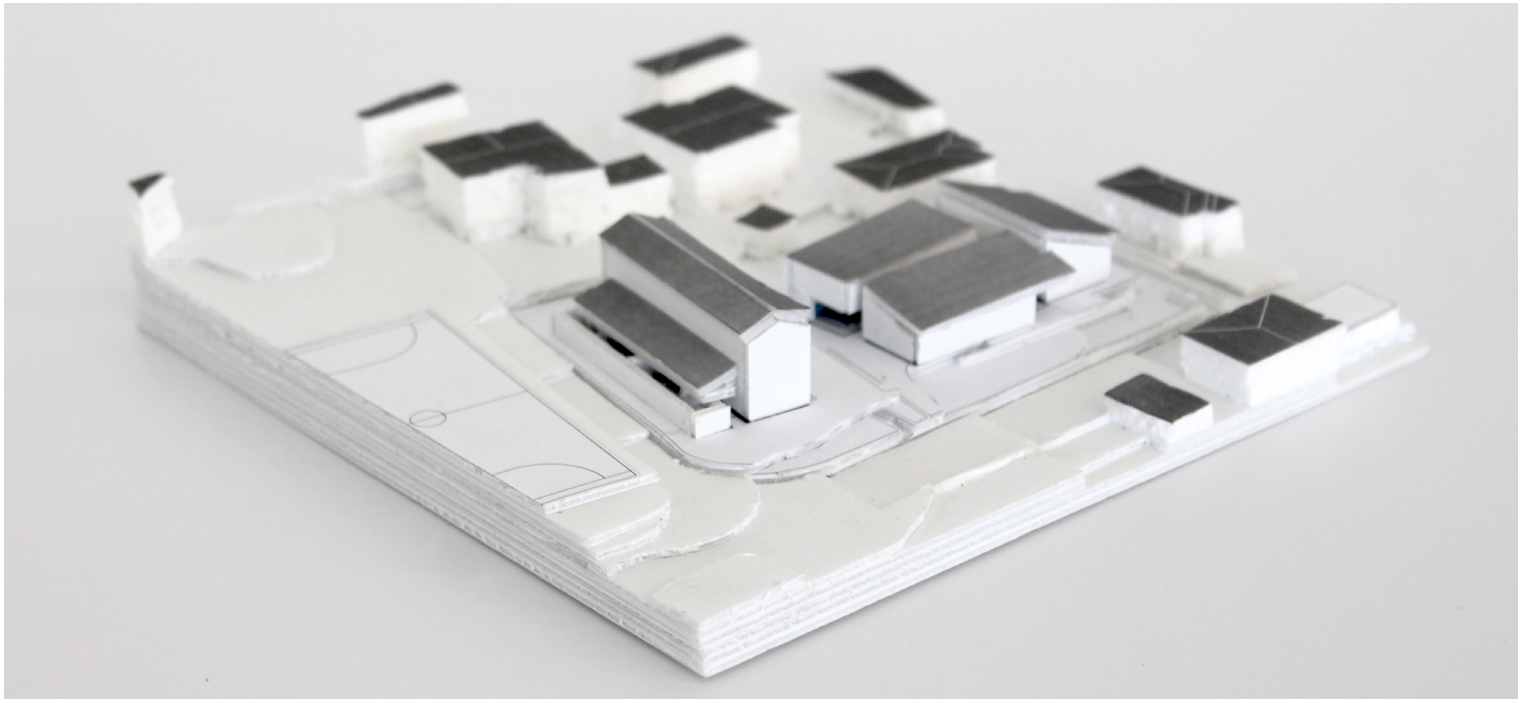


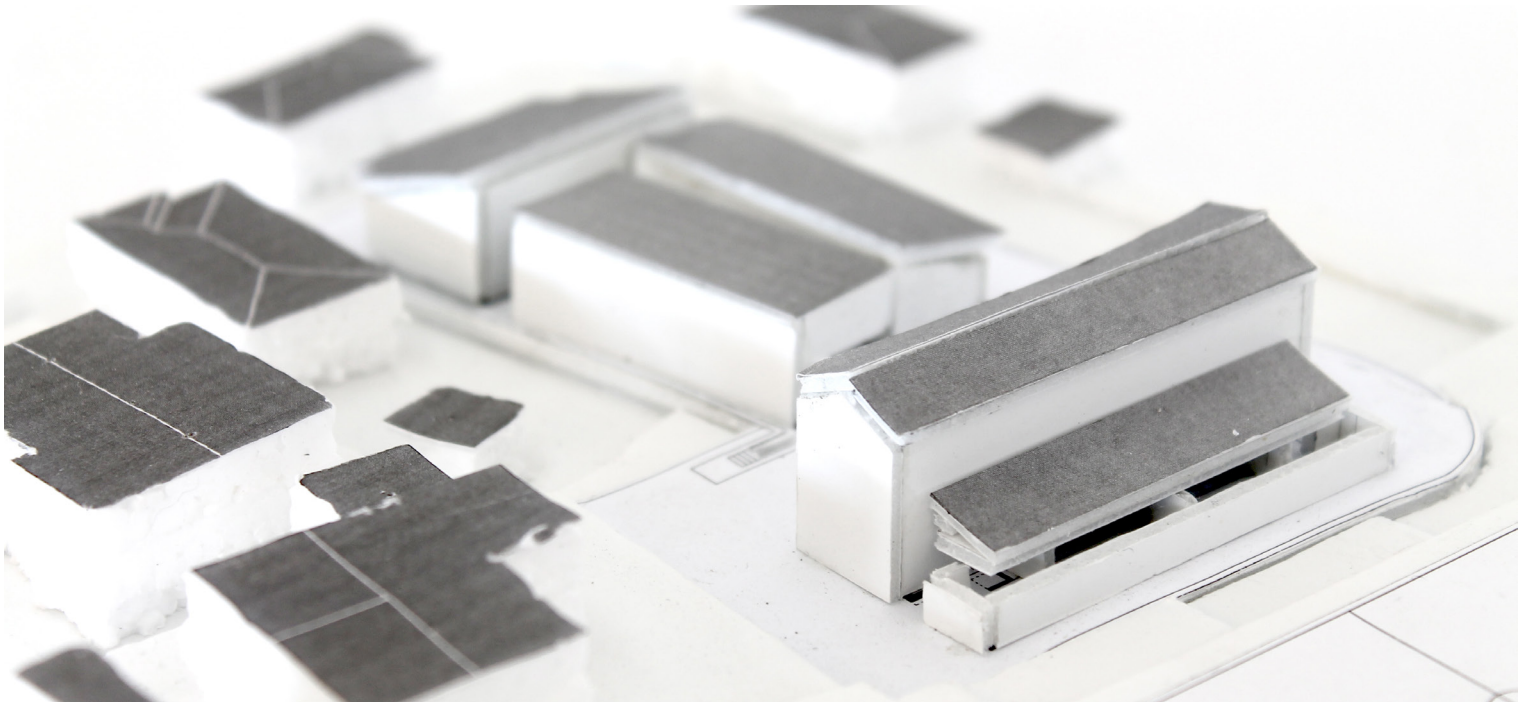
[Imagem 58] Projeto: planta do piso térreo com planta do 2º piso explodida e alçado frontal. Escala 1.500.



[Imagem 59 a 61] Projeto:
maquete - escala 1.500.







B. Residência Artística Individual

Lugar

À saída sul da aldeia, em direção ao Rio Douro, abre-se um caminho, a partir da estrada municipal, que leva, por entre muros e terrenos agrícolas, árvores e ribeiros, até aos antigos Moinhos (no Lugar do Coito) e, depois, até à Anta de Vilarinho. É no início deste percurso, entre o fim da aldeia e o começo da vida agrícola, que se considera existirem as condições ideais para a implantação da Residência Artística Individual.

É uma zona periférica da aldeia, em contacto direto com a envolvente natural[3], mas com fácil acesso à vida quotidiana da aldeia, permitindo, simultaneamente, o isolamento necessário à criação artística e a proximidade dos serviços de Vilarinho. Sendo um espaço amplo e sem limites definidos, é necessária uma análise aprofundada do lugar para poder, num primeiro momento, delimitar a zona ideal para a intervenção e, de seguida, desenvolver o projeto.

A zona mais baixa de Vilarinho da Castanheira, a sul, caracteriza-se por uma maior estabilidade (ou estagnação) ao longo do tempo, não tendo um pico de desenvolvimento no final do séc. XX, tal como na zona a norte. Uma bela casa brasonada, conhecida como a Casa Morais Sarmento, marca a "saída" da aldeia, tendo sido, durante muitos anos, a última construção de Vilarinho, antes de se iniciar a longa descida que atravessa o vale e leva ao Rio Douro. Para lá desta casa, apenas uma estrada sinuosa, campos de produção agrícola, floresta, vegetação, caminhos que os atravessam e, depois, já perto do curso fluvial, vinhas e olivais.

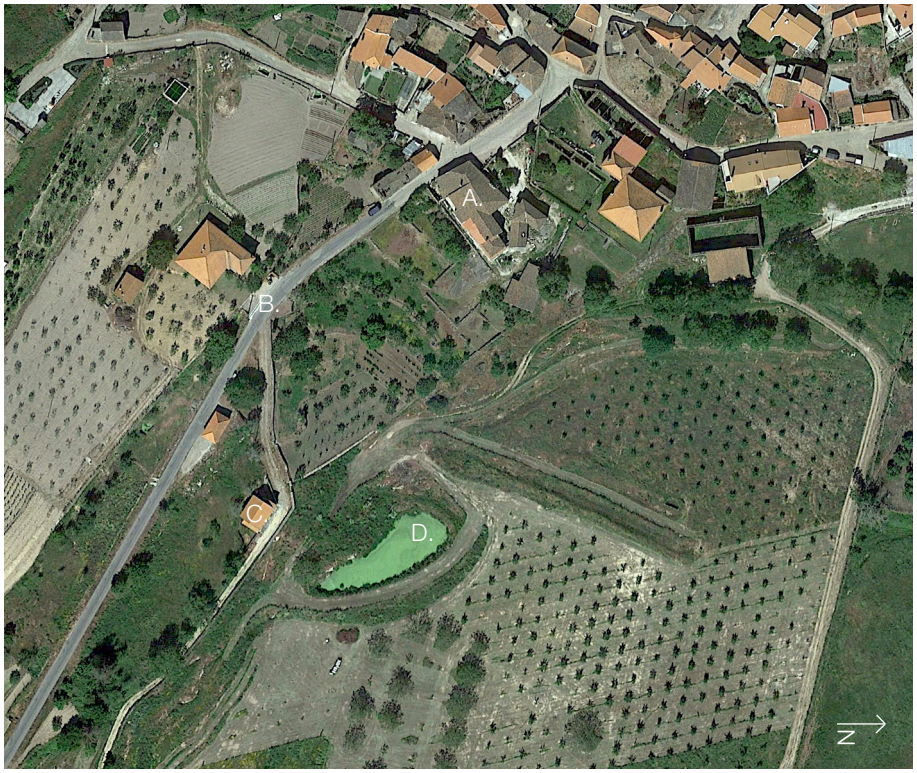
A partir dos anos 80, pequenas construções começam a marcar o território a sul da aldeia, como os tanques de lavar a roupa, ou a fonte, que marcam o encontro do Caminho do Vale (o percurso que leva ao Lugar do Coito) com a estrada municipal. Nos anos seguintes surgem as duas únicas restantes construções nesta zona: a grande casa nos campos agrícola, acima (a oeste) da estrada municipal e a casa que pontua o Caminho do Vale (anteriormente à sua edificação, existia aí uma grande fraga granítica, que é, hoje, parcialmente visível no seu jardim). Os campos agrícolas são, continuamente, reorganizados ao longo do tempo, destacando-se a construção de um grande depósito de água, ao ar livre (espécie de lago artificial), pela mesma altura.

[Imagem 62] À saída da aldeia, já no Caminho do Vale, na fraga granítica, olhando para trás e vendo as traseiras da casa brasonada. Fotografia do arquivo da família do autor, meados do séc. XX.

3. O termo "envolvente natural" é aqui utilizado para descrever a paisagem constituída, sobretudo, por elementos orgânicos e vegetais (terrenos agrícolas, floresta, diferentes tipos de vegetação, etc.) tendo consciência que, neste caso, o aparentemente "natural" é, no geral, controlado e provocado pelo Homem.

Legenda:
A. Casa brasonada Morais Sarmento
B. Início do Caminho do Vale
C. Fraga granítica

[Imagem 63] Fotografia aérea capturada no voo militar de 1958. Enquadramento do sudeste da aldeia, com lugar escolhido para o Projeto B no canto inferior esquerdo.



Legenda:
A. Casa brasonada Morais Sarmento
B. Início do Caminho do Vale
C. "Útima" casa da aldeia
D. "Lago artificial"

[Imagem 64] Fotografia aérea de 2019, a partir do Google Earth. Enquadramento do sudeste da aldeia, com lugar escolhido para o Projeto B no canto inferior esquerdo.

O Caminho do Vale

A partir de Vilarinho da Castanheira, a Estrada Municipal 624 desce em direção ao rio, suavizando ao fim de uma centena de metros, no momento em que um percurso mais estreito, de pavimento em calçada, a interceta: é o Caminho do Vale.

O início deste percurso é feito com uma pendente elevada, de quase 22%, descendo 15 metros em pouco mais de 70, quebrando a inclinação ao chegar à fraga granítica. Entre este caminho e a casa brasonada encontra-se uma propriedade agrícola bem delimitada e organizada, marcada por vários socalcos de granito. Do lado oposto estão campos agrícolas menos trabalhado, sem muros de suporte e, por isso, com uma pendente mais acentuada.

Sobre a fraga granítica foi erguida uma casa, considerada o último elemento urbano de Vilarinho. Esta habitação marca a torção do Caminho do Vale que, a partir daí, segue paralelo à estrada municipal, a uma cota inferior e passa de calçada a terra batida. Continuando para sul, há de encontrar campos agrícolas, muros, fragas e ribeiros, até chegar aos antigos Moinhos e à Anta de Vilarinho.

O perfil do percurso em estudo é caracterizado por um muro de suporte de, aproximadamente, dois metros de altura, a montante, e por um muro baixo, a jusante, que o separa dos terrenos agrícolas que se prolongam a uma cota inferior.

O depósito de água a céu aberto situa-se na zona em frente à casa sobre a fraga, para lá do Caminho do Vale e entre eles está uma zona de declive acentuado que, pelas suas características (posição e inclinação), não permite a produção agrícola. Aponta-se este terreno como um bom lugar para a implementação do projeto.

Considera-se positiva a implantação do projeto no terreno compreendido entre o Caminho do Vale e o "lago artificial" por: potenciar um espaço que não é aproveitado para a agricultura; consolidar o "limite" da urbanização (estando junto da última casa da aldeia); e, ainda, conseguir ligar-se ao final da zona pavimentada do percurso.

Além disso, este terreno, por ter um forte declive, oferece a possibilidade de jogar com os elementos de organização do território, como os muros e socalcos, permitindo uma maior integração do projeto na paisagem envolvente.

(Por orderm, da esquerda para a direita, de cima para baixo)

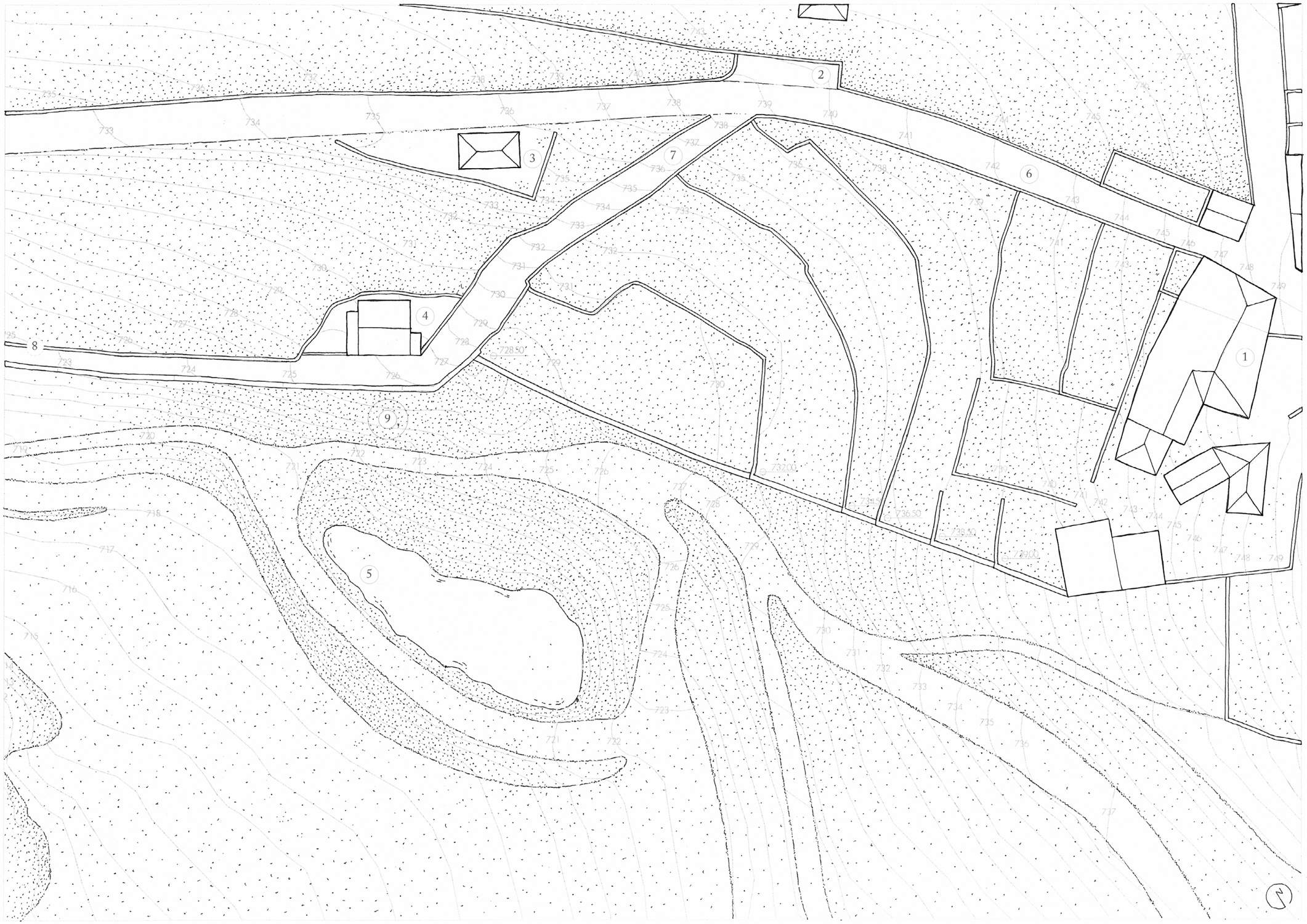
[Imagem 65] À saída da aldeia, olhando para trás e vendo as traseiras da casa brasonada.

[Imagem 66] O encontro do Caminho do Vale com a estrada municipal.

[Imagem 67] No Caminho do Vale, tendo passado a "última casa" de Vilarinho, a olhar para trás (ao fundo, a aldeia).

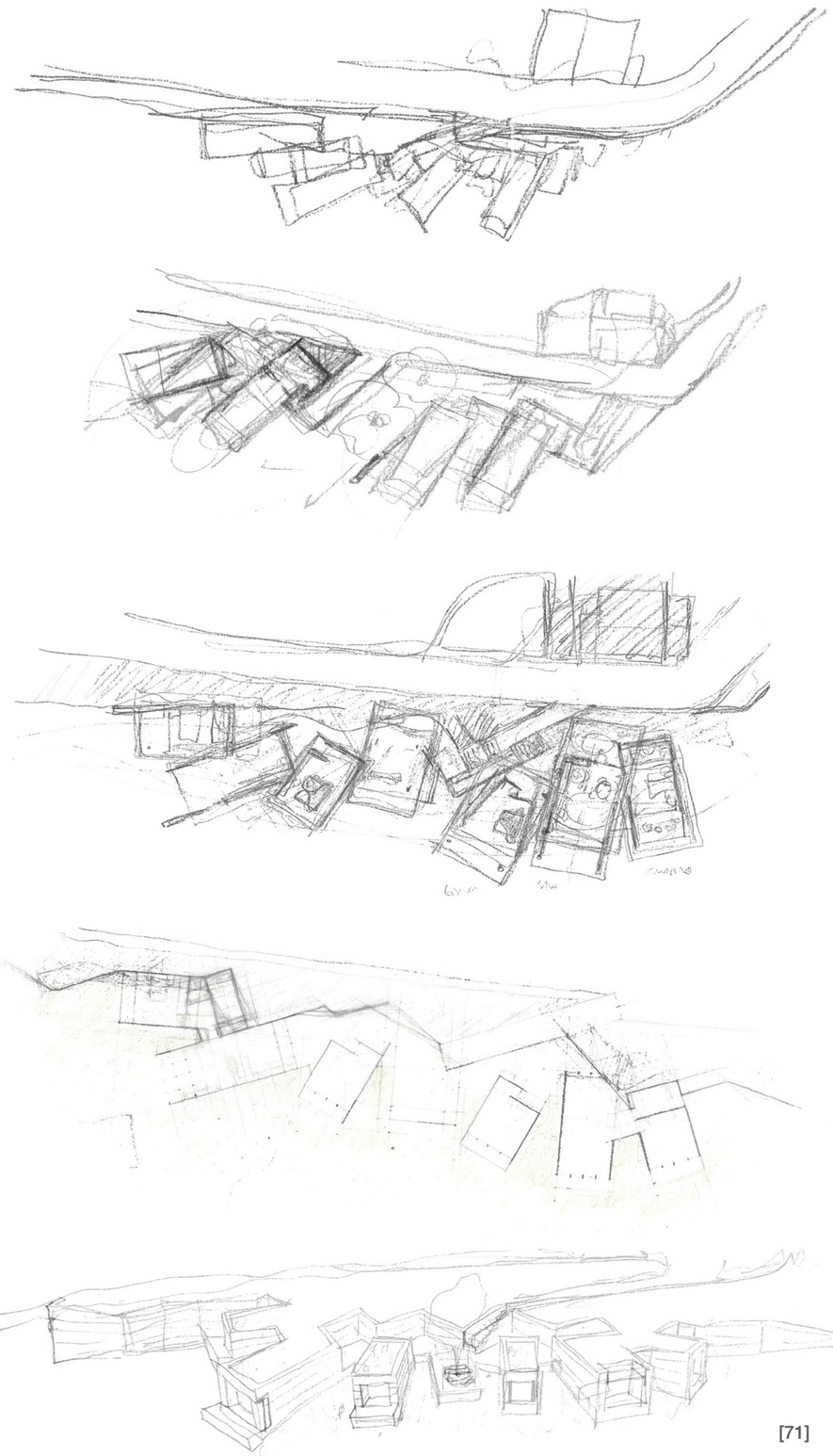
[Imagem 68] No Caminho do Vale, olhando a paisagem para sul. A zona escolhida para o projeto à esquerda, atrás do muro.

[Imagem 69] A zona escolhida para o projeto: entre a casa, o caminho e o "lago artificial".

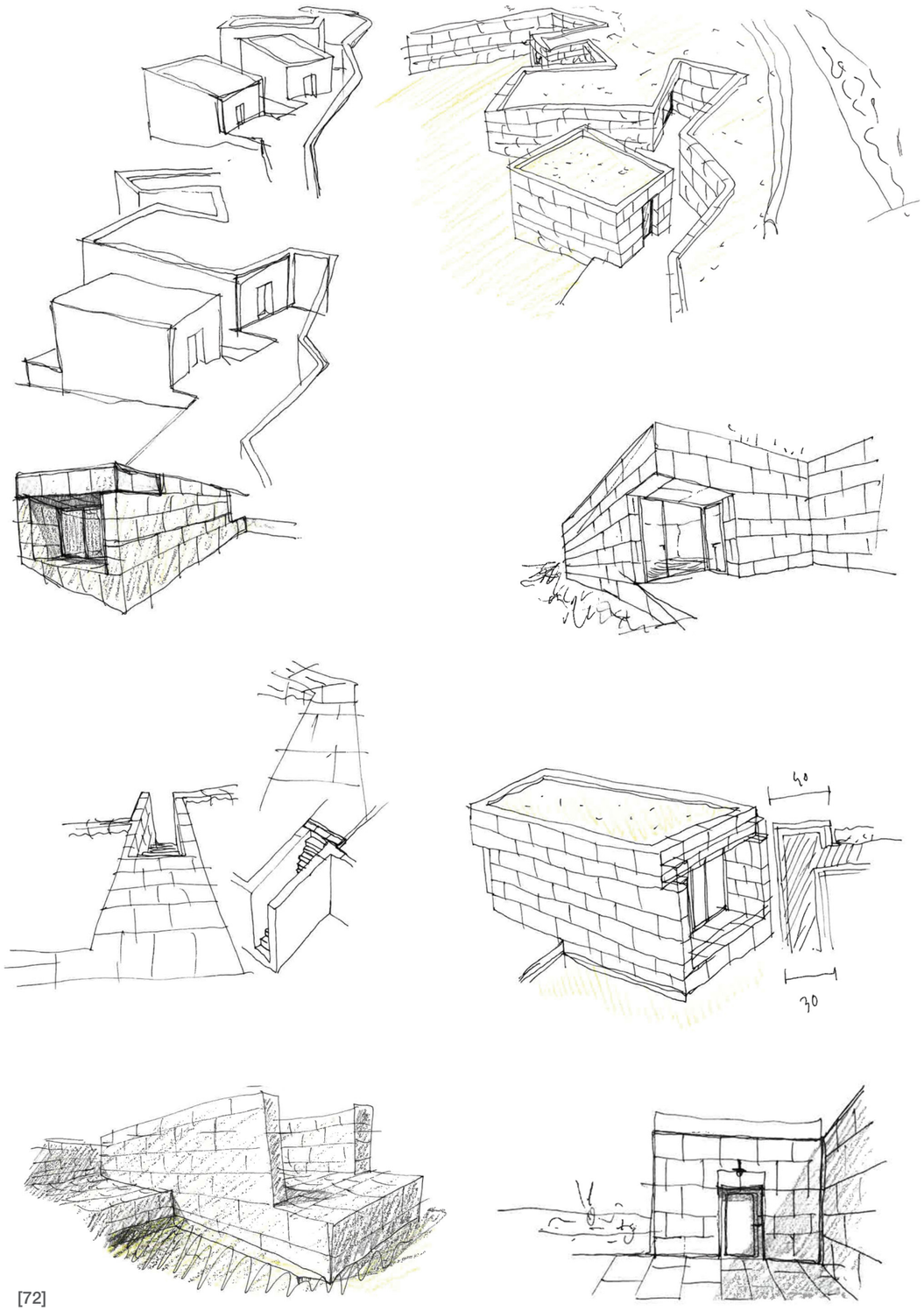


[Imagem 70]
Planta da situação existente (escala aprox. 1.500):

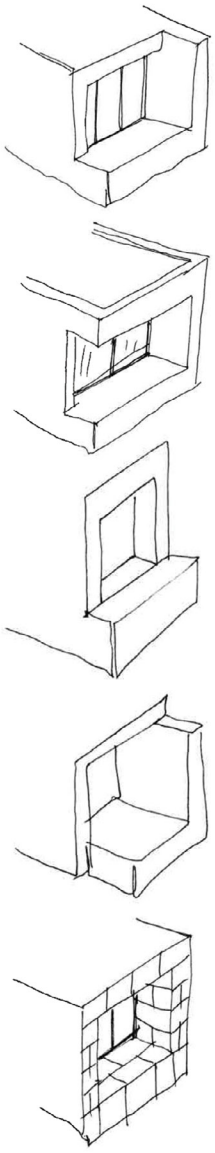
1. Casa brasonada
2. Fonte
3. Tanques de lavar a roupa
4. "Útima" casa da aldeia
5. Lago artificial
6. Estrada Municipal 624
7. Caminho do Vale
8. Direção dos moinhos
9. Lugar escolhido para o projeto



[71]



[72]



[73]

[Imagem 71] Estudo da forma geral do projeto ao longo do processo. Desde os primeiros esquiços mais exploratórios, até desenhos finais, que confirmam as intenções iniciais.

[Imagem 72] Compilação de vários esquiços, elaborados em momento mais avançado de definição da forma, próximo da solução final.

[Imagem 73] Estudo das possíveis aberturas dos volumes.

[Imagem 74] Corte esquemático da solução.

Projeto – Princípios

A dificuldade dos começos. Num lugar onde, à primeira vista, não se vêm referências a que se agarrar, tudo parece possível no início. Lançam-se ideias soltas, esboços sem peso, para tentar compreender qual a resposta que o lugar dá e quais os pontos em comum entre as várias ideias. Um momento especial durante o qual, na imaginação, a realidade se transforma constantemente e o que mais interessa manter se começa a revelar atrás de uma nuvem de pó.

Compreende-se que há, na verdade, duas referências fortes neste lugar, com as quais o projeto se procura relacionar: o muro que guarda o Caminho do Vale e o separa do terreno do projeto, com um sentido de expansão longitudinal, e a casa, última construção da aldeia, que marca do fim da urbanidade. O programa - um ambiente introspetivo de criação musical - é, também, guia no processo do projeto, dando rumo à sua concretização.

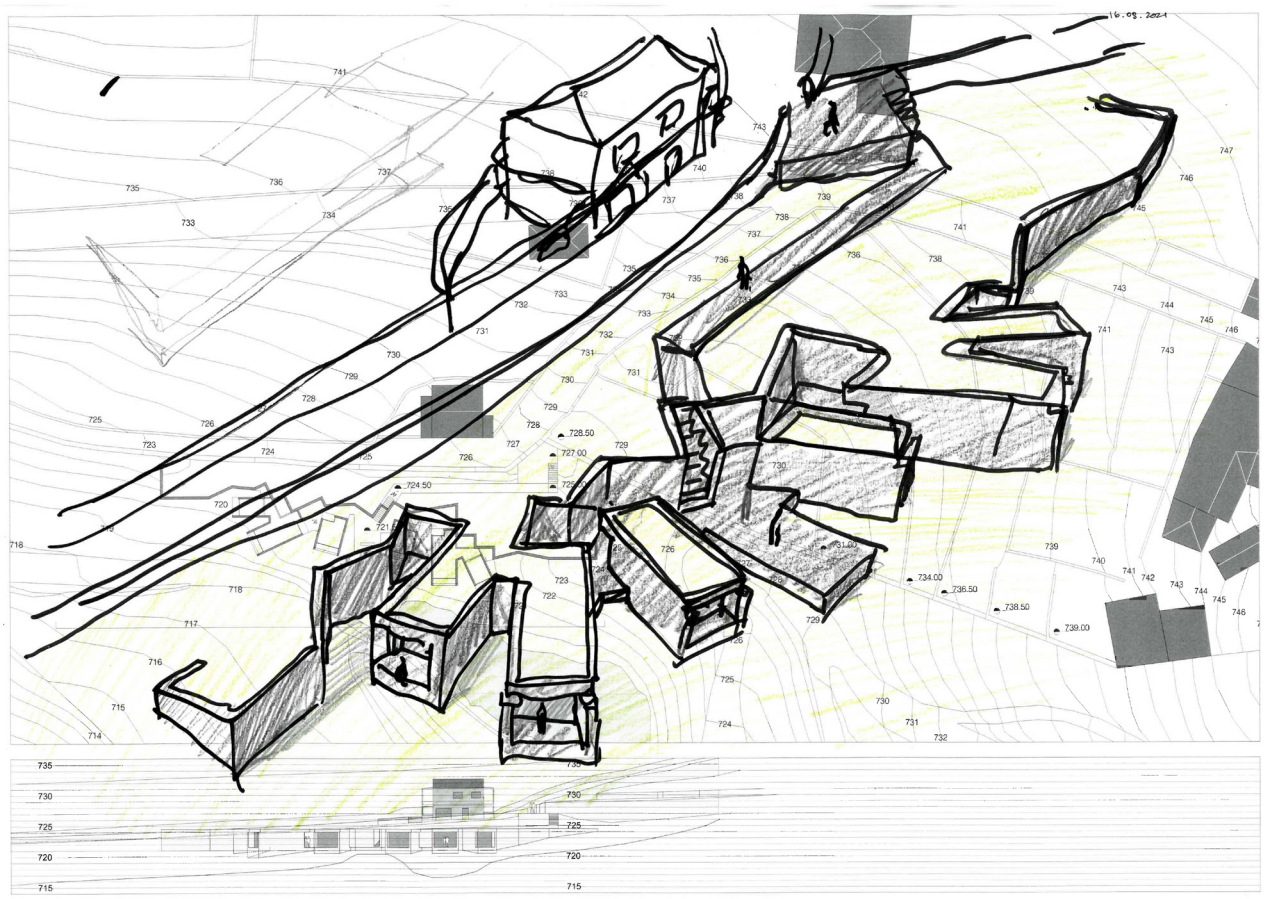
Aliado aos elementos reais do terreno (muros, vegetação e a casa), e às funções a servir (programa), a vontade de integrar e incorporar o ambiente envolvente - o clima, os cheiros, os sons e o toque da paisagem- exerce uma grande influência no desenho do projeto.

Este conjunto de forças, guiado pela mão que procura as formas no espaço, leva à ideia da fragmentação do projeto. Propõe-se a desconstrução do programa nos seus elementos básicos, unindo-os através de espaços exteriores controlados, levando a que o próprio lugar se torne parte integrante do projeto.

O desenho da composição é repetido, livre e rigorosamente, até chegar à sua forma final (Imagem 71). Procura-se a geometrização de um movimento natural, de uma linha sinuosa que crie, nas suas quebras e torções, os espaços que se hão-de encher de música.

Uma linha que acompanha o desenho do Caminho do Vale e se esconde entre a casa e o lago. Um novo corpo granítico que pretende replicar a materialidade à sua volta, tornando-se em mais um muro, numa paisagem marcada por tantos outros.

[74]



Projeto – Concretização

A Residência Artística Individual, com dois espaços autónomos de produção musical e estadia, é um espaço onde músicos, sozinhos ou em pequenos grupos, podem explorar as suas ideias e projetos num ambiente isolado e introspetivo. Um lugar com uma grande ligação à paisagem envolvente e que tira partido do ambiente em seu redor para inspiração e para criação artística.

O projeto desenvolve-se longitudinalmente, paralelo ao Caminho do Vale, e organiza-se a partir de um espaço central, de onde se acede às duas residências individuais, situadas nos dois lados opostos do conjunto.

Cada uma das residências é composta por um conjunto de dois volumes interligados, destinado à estadia (com um quarto, quarto-de-banho e uma sala equipada com kitchnet), e por um outro volume autónomo, destinado à produção e investigação musical (o estúdio). Este elemento solta-se do conjunto para que possa funcionar de forma independente da restante residência, caso haja essa necessidade.

A composição fragmentada do projeto nasce da vontade de enquadrar a paisagem envolvente de diferentes formas, dando a cada espaço uma vista única. Ao mesmo tempo, as torções internas do projeto criam diferentes relações entre os volumes e os muros, gerando tensões espaciais, ora mais convidativas, ora mais privadas, conforme a sua função. Assim, o espaço exterior que une os vários volumes, sem qualquer divisão, consegue anunciar-se com diferentes propósitos – convidar, afastar, esconder.

As entradas nos vários espaços são desenhadas a partir da subtração parcial dos cantos dos volumes, e as sua janelas são varandas que prolongam o espaço interior para a paisagem, e a convidam, simultaneamente, a entrar.

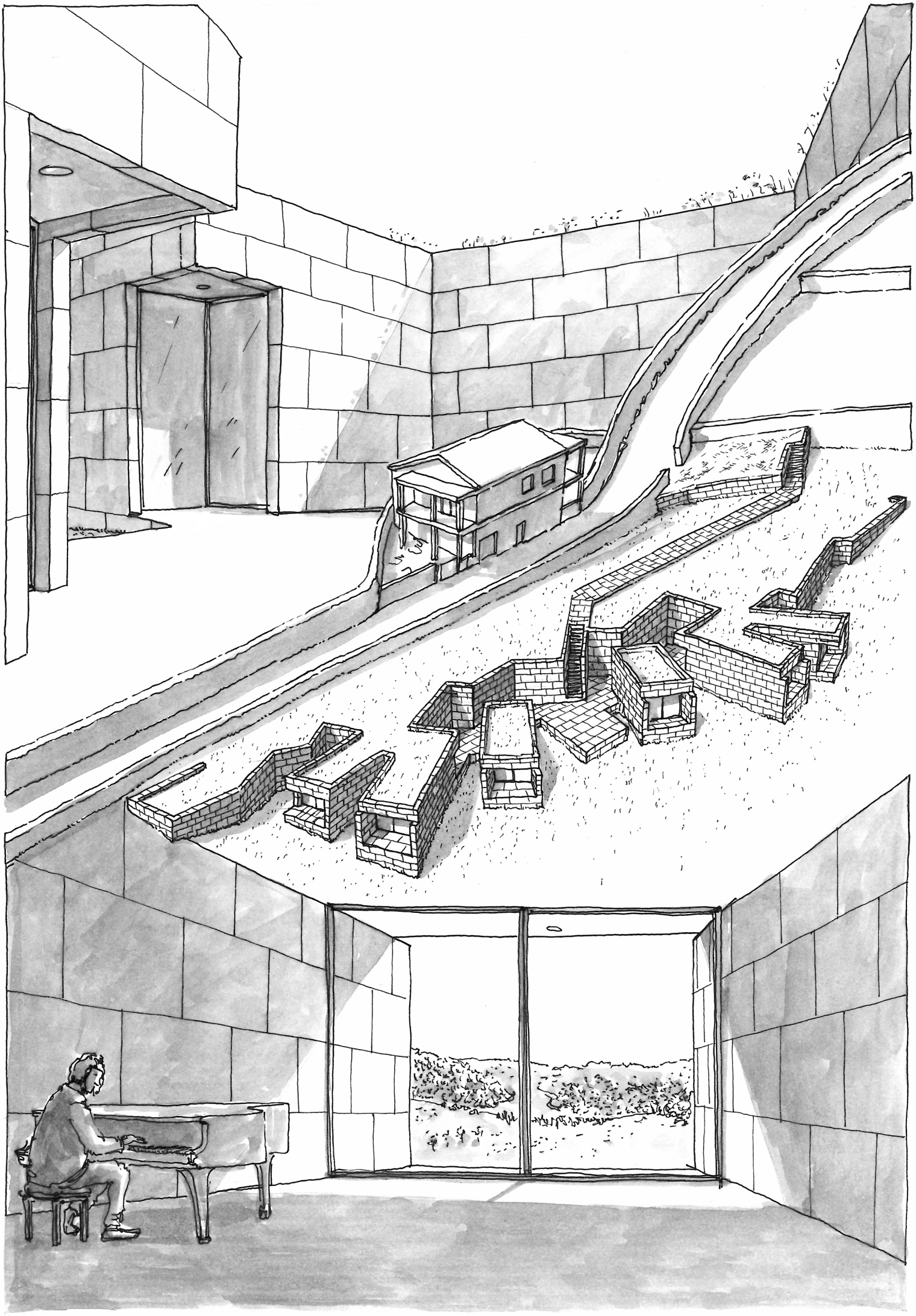
O projeto é revestido a placagem de granito e encimado por uma cobertura verde, propondo, assim, a fabricação da paisagem natural, a geometrização da curva de nível. A (aparente) continuidade do que *sempre* lá esteve.

Um curto planalto que se ergue por trás do muro que guarda o Caminho do Vale. Um manto verde, que se torna plano e se recorta rigorosamente. Dois pedaços de chão que se soltam do resto. Afinal, este terreno é, ou não, *natural*? A dúvida que motiva o projeto, a hipótese em permanente conflito, consciente da sua manipulação.[4]

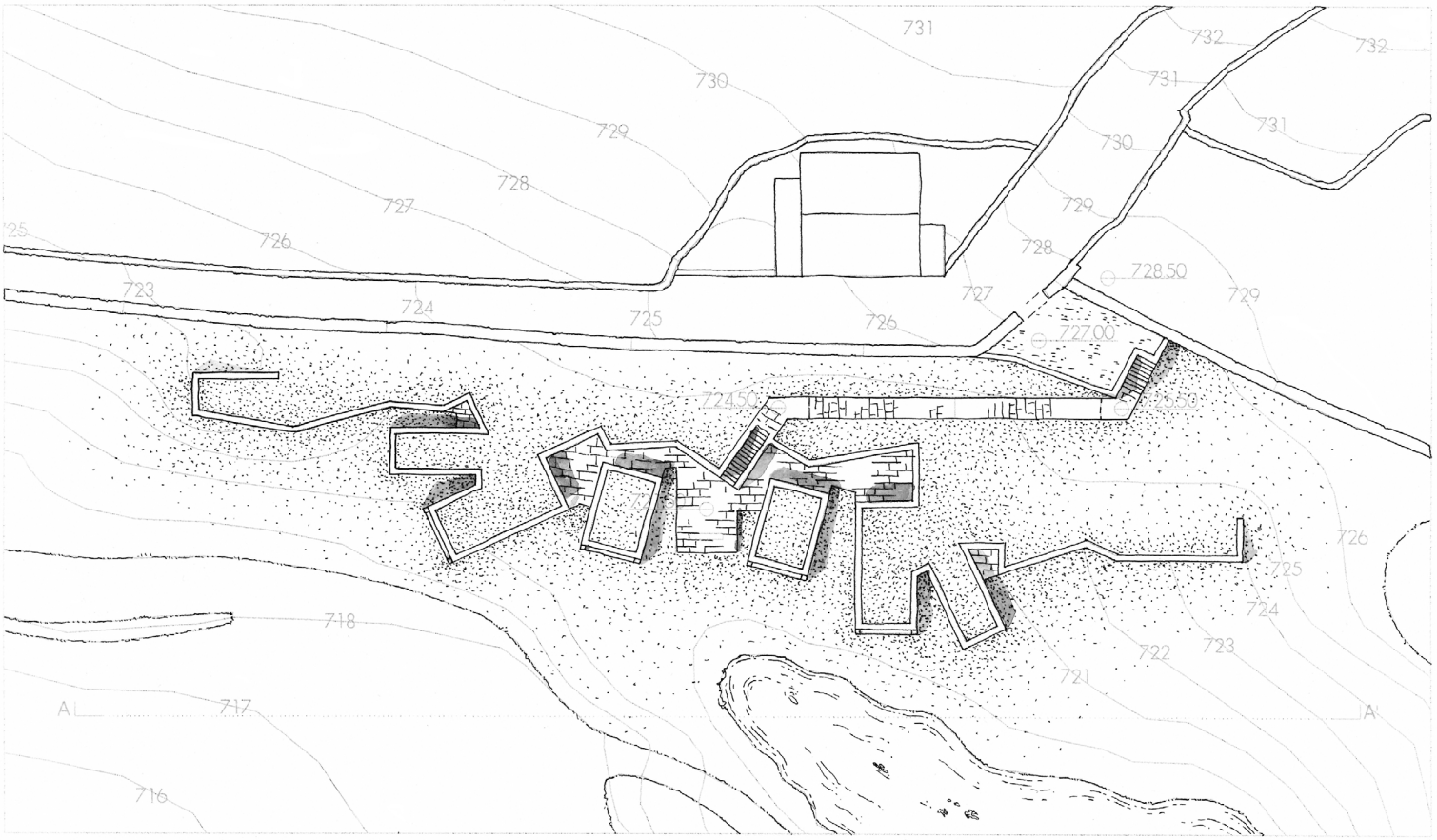
[Imagem 75] Esquiço da proposta final sobre folha impressa com o desenho rigoroso. Tamanho original: A3.

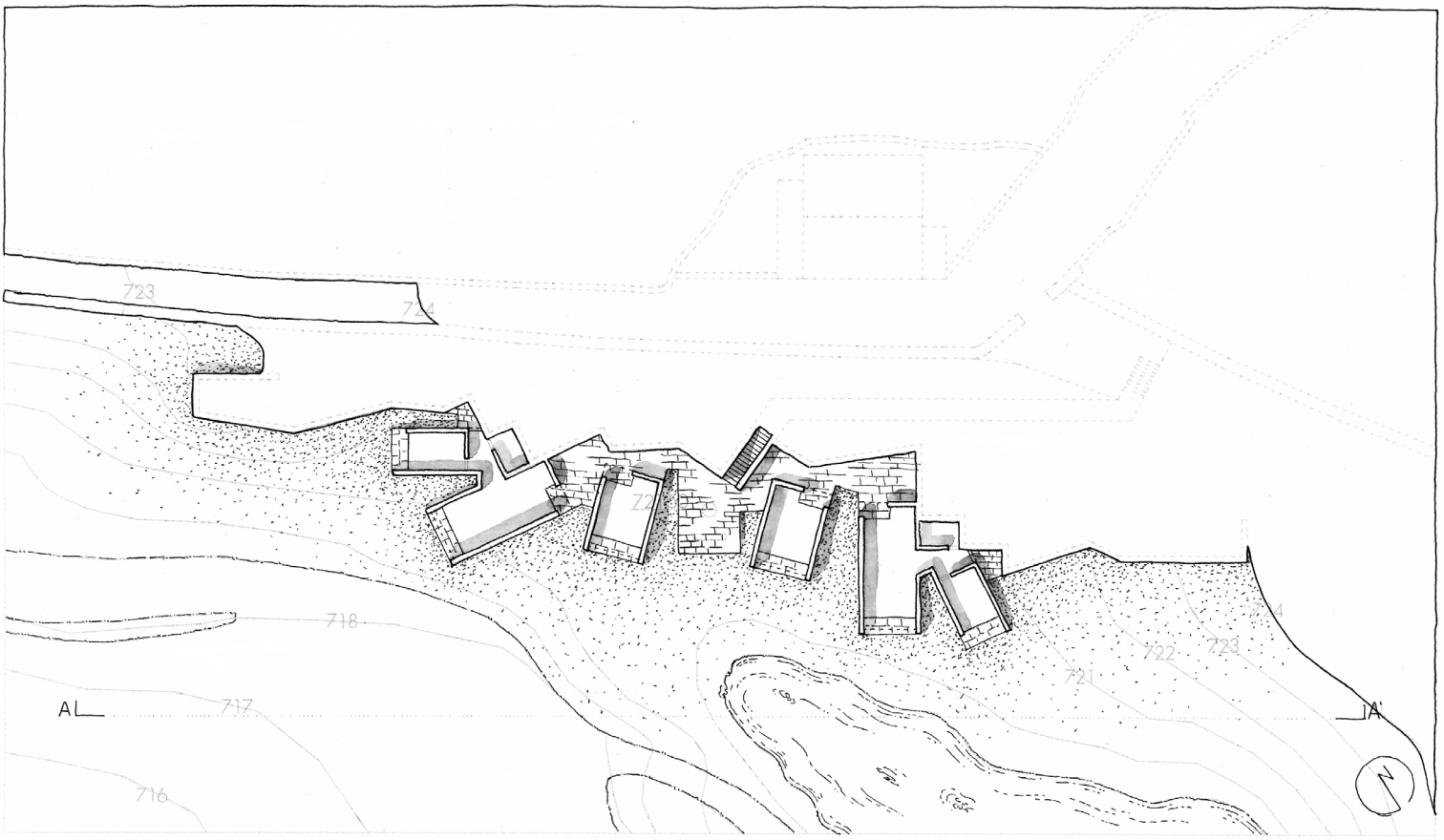
4. Eduardo Souto Moura, numa entrevista, falando sobre autenticidade e simulação, afirma: "Não estou interessado no problema ético de ser autêntico, pois não me preocupa a autenticidade do objeto. Preocupa-me, no entanto, fortalecer uma simulação dessa verdade". Acrescenta depois, ao falar sobre a transformação do terreno envolvente da Casa em Moledo: "Tudo isto é uma forma de dar mais sentido às coisas, ainda que, depois, o trabalho do arquiteto não se evidencie pois essa manipulação do terreno não se deve sentir, já que perderia o interesse." ROJO DE CASTRO, Luis – La naturalidade de las cosas [una conversácion com Eduardo Souto de Moura]. P.9 e 10.

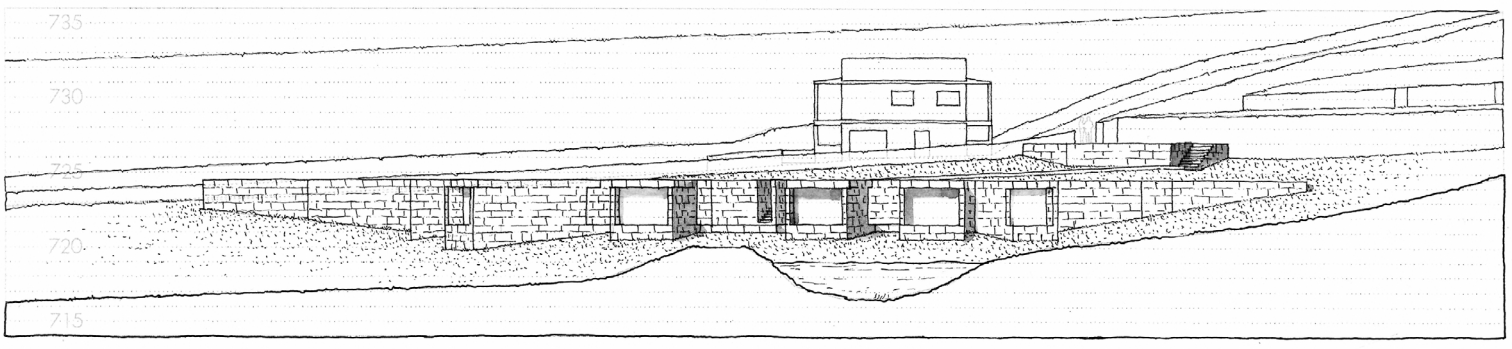
[Imagem 76] Desenho síntese da proposta da Residência Artística Individual. Perspetiva exterior da entrada numa das habitações, perspetiva aérea geral e perspetiva interior do estúdio de música.



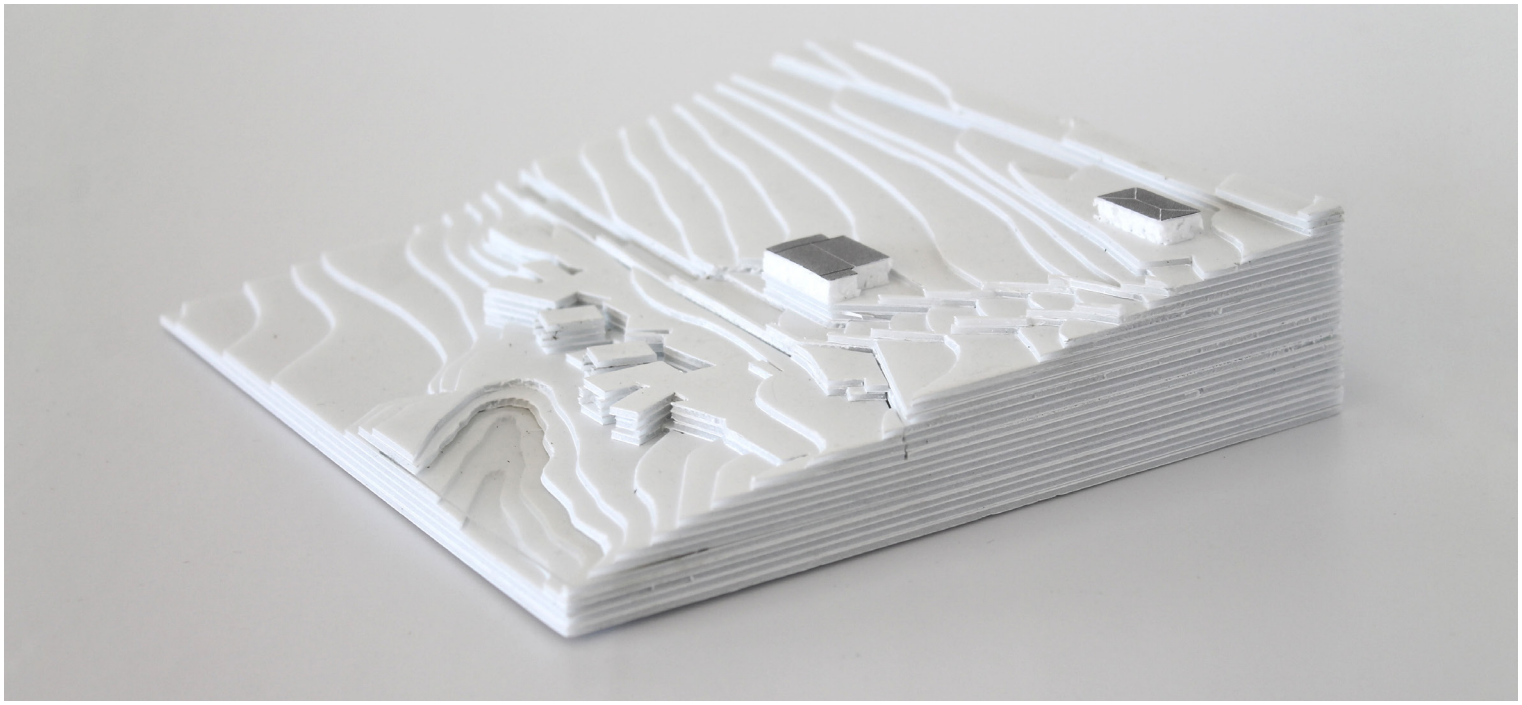
[Imagem 77] Projeto: planta de coberturas, planta à cota 724 e alçado frontal - escala 1.500.

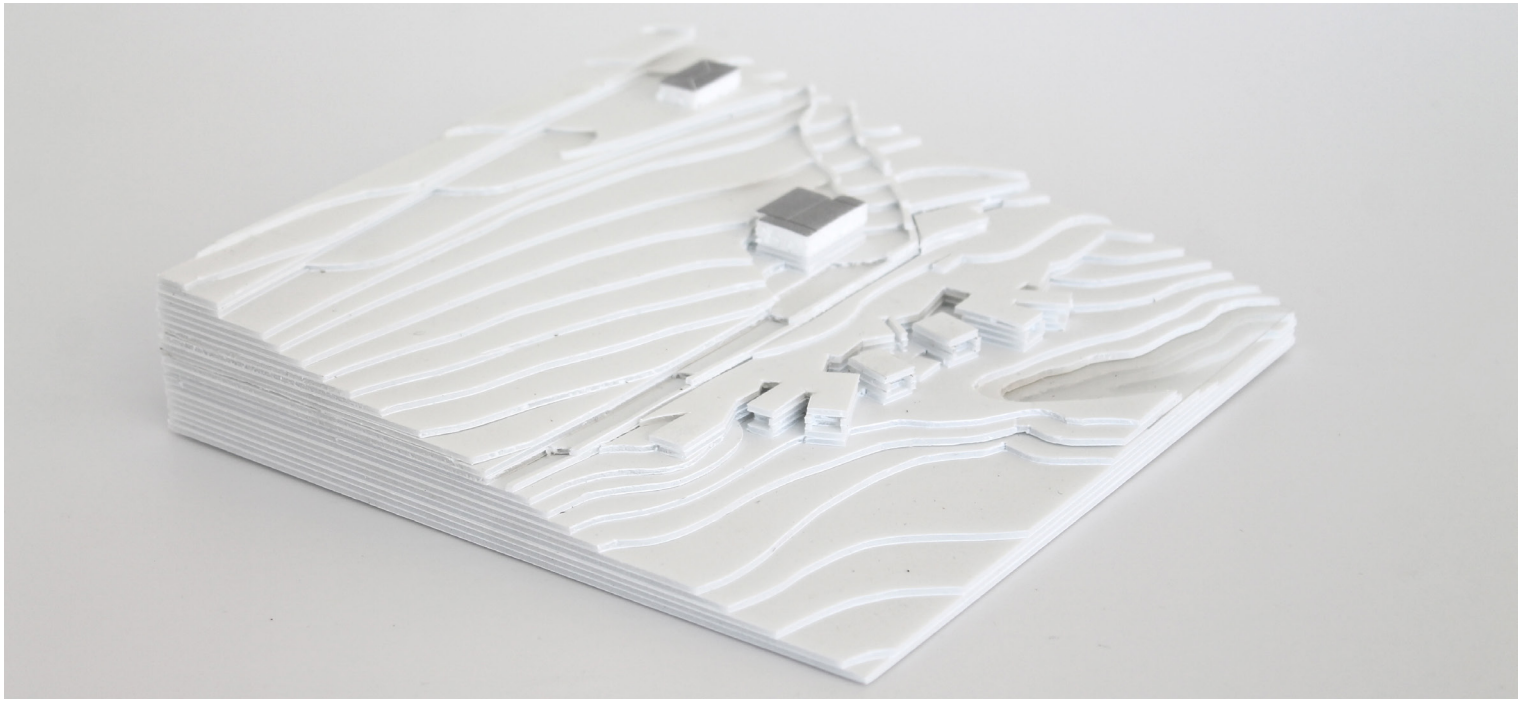

731
732
730
729
728
727
726
725
724
723
718
717
716
728.50
727.00
724.50
722
721
A
A'

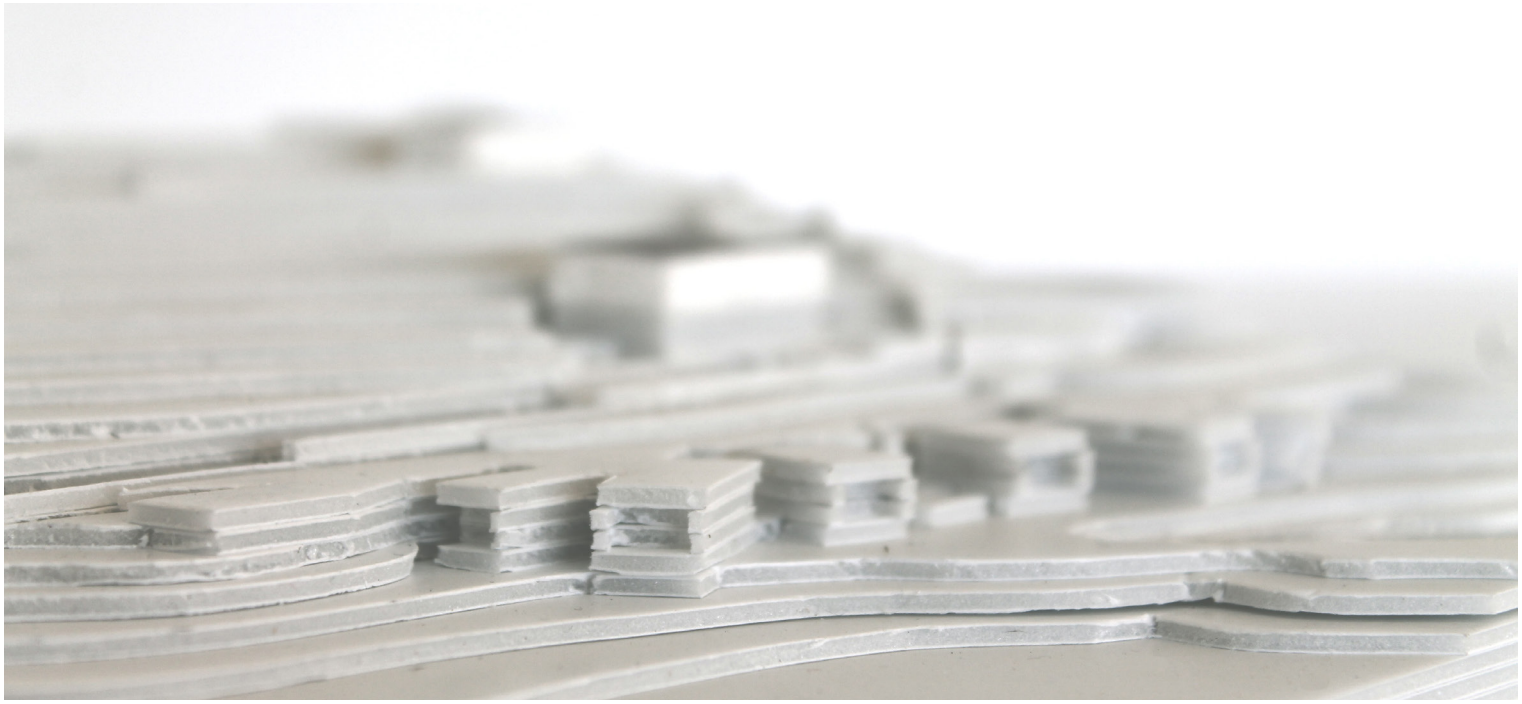

723
718
717
716
722
721
A
A'
N


735
730
720
715

[Imagem 78 a 80] Projeto:
maquete - escala 1.500







Se lugar é um daqueles momentos em que o pensamento se interlaça com o real…

Neste sentido, o desenho, incluindo o próprio papel, é por um momento lugar… Também nele aparecem as regras que nos permitem avançar.

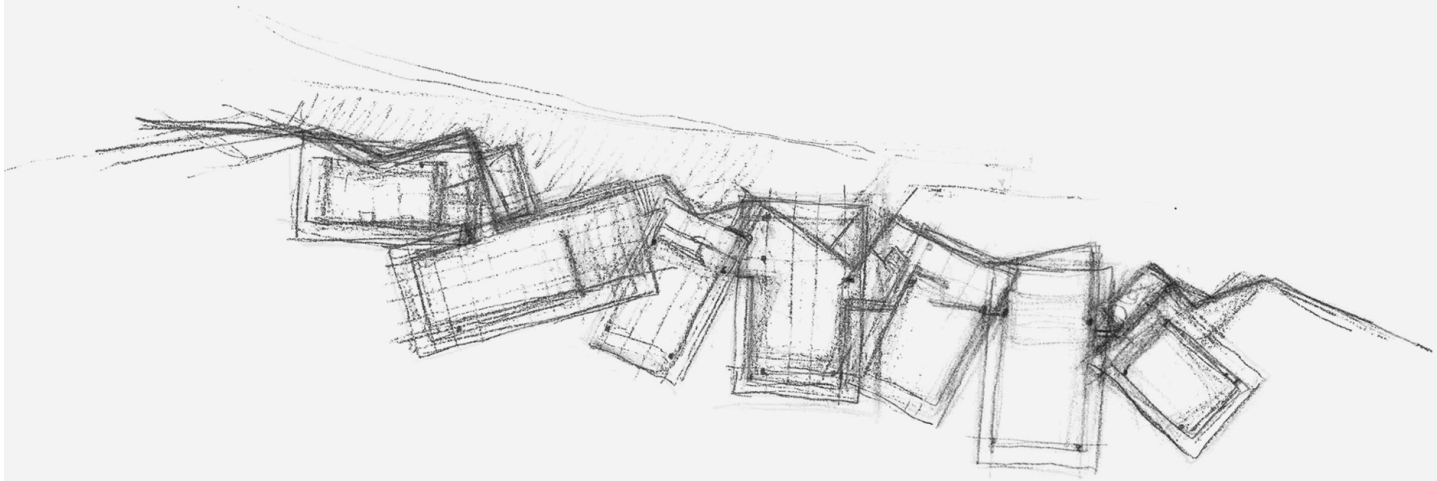
Não existe nunca o papel em branco. É só um suporte invisível… Se aceitarmos as regras da página, é para esquecê-la.

Os deslocamentos, as voltas, fazem o papel perder o seu caráter de lâmina. É uma estrutura de trabalho. As suas regras são as regras da economia e da comodidade.

Nestes planos não existe a preocupação em representar… É um trabalho de multiplicar uma mesma intuição. De vê-la a aparecer em todas as suas formas possíveis… E, alinhar acrobaticamente, como um jogo, todas as possibilidades de linhas que seguem uma direção. Manter no papel todos os aspetos do projeto em que se trabalha.

Não se trata de acumular dados, se não de multiplicá-los; de permitir que apareça aquilo em que não tínhamos pensado… Daí que se avance por sucessivos começos. Uma e outra vez, como se cada um não fosse o definitivo – rebatimentos, mudanças de escala-.

O melhor de um desenho são os estados intermédios… Esse ver aparecer… Aquilo que fica para outro trabalho. O movimento através de um edifício, conduzido pelas suas leis.[5]



5. MIRALLES, Enric - Lugar. P. 34.

Do gesto: processo, forma e fim

Dar forma à intuição. Ver o que se sente, sem se saber o que é. Desenhar sem preconceitos para ativar as vontades inconscientes, que só assim se mostram.

Esquiçar vezes sem conta. Um gesto que se repete sem nunca ser o mesmo. O campo ilimitado das possibilidades começa a definir-se, a ganhar regras, a mostrar um caminho. Surgem formas que se gosta e outras que se vão deixando cair.

Repete-se o gesto, vai-se ganhando consciência. Os dois mundos do mesmo ser começam a falar entre si. Consciente e subconsciente, ativos ambos pela mão, comunicam e apontam direção. A realidade, antes ilimitada, ganha restrições, ganha lados, ganha vontades, e o desenho deixa-se guiar por essas vontades.

Ao mesmo tempo, a intenção de permanecer gesto, a consciência de que se procura transformar em forma fixa - em construção estática - a força do desenho, o esquiço espontâneo, o momento fugaz...

Dois mundos que colidem num só. Levar a leveza, rapidez e espontaneidade do desenho para o mundo da arquitetura e definir com esse mesmo gesto, toda a sua forma. O esquiço como o instrumento revelador da intuição, o esquiço como forma final, a arquitetura como o resultado de um processo de procura intensa da forma.

A dificuldade põe-se depois: como levar o movimento fugaz, de uma mão sobre a *lâmina* de papel, para o campo físico, material e estático? Na arquitetura de Enric Miralles vemos uma resposta: a materialização de um momento, a captura de uma transformação constante das formas que apenas pararam de dançar no segundo em que se petrificaram. É como se tudo estivesse em aberto até ao último segundo, ou mesmo, que tudo esteja ainda em aberto, e que, durante a noite, longe dos olhares, as formas continuem a dançar, mudando de lugar, cor e posição, para maravilhar de novo, e pela primeira vez, quem por lá passa.

[Imagem 81] Esboço de processo: na procura da forma do projeto.

Na procura dessa liberdade, vão-se apontando caminhos. Cada projeto é parte de um só gesto maior.

C. Escola de Música

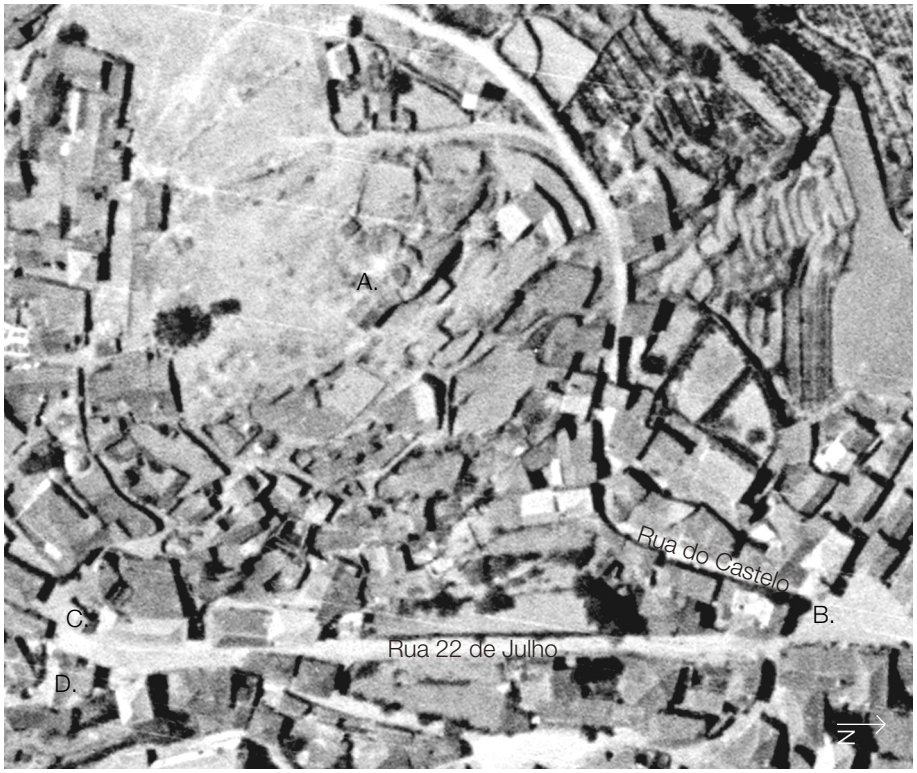
Nota prévia

O Projeto C nasce da vontade de reabilitar um lugar esquecido dentro da aldeia, ainda antes de haver uma estratégia definida ou um programa. Este projeto acompanha, por isso, toda a evolução da dissertação, tendo sido plataforma de experimentação das ideias que se iam formulando no campo da investigação.

Pela especificidade do processo e complexidade do programa do projeto final, tal como do lugar em estudo, opta-se por aprofundar o projeto até à escala 1.200 e a sua apresentação organiza-se de acordo com o seu desenvolvimento específico.

Em 1º lugar, é feita a análise do lugar que, neste caso, devido à sua dimensão e valor histórico, é mais aprofundada que nos casos anteriores. Em 2º lugar é apresentado o primeiro exercício exploratório de projeto no terreno – a forma sem conteúdo-, num momento em que não havia, ainda, um programa específico a implementar. Em 3º, explora-se um segundo exercício – o programa concentrado -, num momento em que se pondera concentrar todo o programa num só lugar. Por fim, apresenta-se a proposta final da Escola de Música.

[Imagem 82] Vista a partir (supõe-se) da *Villa Homero*. Vê-se a estrada municipal a entrar na aldeia e a chegar ao Largo do Pelourinho. A partir daí, uma casa mais alta, marca a bifurcação do caminho: para a direita a Rua do Castelo, e para a esquerda, a Rua 22 de Julho, e a descida para o Rio Douro. Atrás da casa mais alta vê-se um monte, repleto de construções sobrepostas - é o quarteirão central de Vilarinho. Ao cimo, no canto superior direito da imagem, ainda é possível ver o moinho de vento, já sem as hastes. Fotografia de 1935.



Legenda:
A. Antigo moinho de vento
B. Largo do Pelourinho
C. Capela do Senhor do Calvário
D. Capela de Nossa Senhora do Rosário

[Imagem 83] Fotografia área capturada no voo militar de 1968. Enquadramento do quarteirão central de Vilarinho da Castanheira.

Legenda:
A. Antigo moinho de vento
B. Centro Social e Paroquial de Vilarinho da Castanheira
C. Capela do Senhor do Calvário
D. Capela de Nossa Senhora do Rosário
E. Largo da Feira
F. Largo do Pelourinho

[Imagem 84] Fotografia áerea de 2019, a partir do Google Earth. Enquadramento do quarteirão central de Vilarinho da Castanheira,

Lugar

O lugar do antigo Castelo de Vilarinho da Castanheira, pelo contraste entre o seu rico valor histórico e cultural e as pobres condições em que se encontra hoje (abandonado e em ruínas), pela sua posição central dentro da aldeia e pela vista que oferece de toda a paisagem envolvente, é o local ideal para a implantação da Escola de Música. Começa-se por analisar a zona central da aldeia, aprofundando o interior do seu quarteirão e, de seguida, propõe-se um conjunto de soluções projetuais, que encadeiam vários princípios de atuação neste lugar até se chegar, por fim, ao projeto final.

De modo a analisar a zona central de Vilarinho da Castanheira, delimita-se a área de estudo. Esta pode ser compreendida como o conjunto do quarteirão central[6], que enquadra toda a zona interior abandonada (a partir daqui referida como Zona C) e do quarteirão do lado oposto à Rua 22 de Julho[7] (ambos visíveis na Imagem 84), onde está o Centro Social e Paroquial de Vilarinho da Castanheira.

A zona central de Vilarinho da Castanheira é o lugar mais alto de aldeia onde foi erguido o antigo Castelo, em meados do séc. XII, como bastião de defesa contra as possíveis investidas muçulmanas, em época de reconquista cristã. É dentro das muralhas desta fortificação que se pensa ter "nascido" a aldeia que, com o passar do tempo e a ausência de perigo iminente, se terá espalhado pela área em redor.

Do castelo em si não sobrará hoje nada, mas os seus limites[8] deixaram uma marca visível no desenvolvimento desta zona de Vilarinho: a partir do ponto mais alto é notável uma organização espacial circular, que se vai repetindo à medida que se desce de cota, criando uma série de círculos circunscritos, paralelos às curvas de nível, que se manifestam no desenho das ruas e dos muros. As construções mais antigas da aldeia podem ser encontradas dentro destes limites, como o moinho de vento, do qual resta apenas a base, e algumas ruínas, visíveis na zona mais alta do interior do quarteirão. Com o passar dos séculos, o castelo foi sendo desfeito e as suas pedras utilizadas noutras construções, levando a que a zona próxima do atual Largo da Feira ficasse vazia e pontuada, apenas, por algumas ruínas.

A Zona C, manteve-se ocupada e com gente até meados do séc. XX, momento a partir do qual as dinâmicas se alteraram. Com o crescente uso do automóvel e da sua necessidade, sobretudo para auxílio no trabalho do campo, os caminhos estreitos e a densidade de construções desta zona tornaram-se num obstáculo ao seu desenvolvimento. Assim, o interior do quarteirão foi perdendo pessoas e ficando cada vez mais abandonado e em ruínas (tendência que se manteve até hoje).

6. O quarteirão é limitado pela Rua 22 de Julho, Rua do Castelo, Travessa do Moinho e Rua do Pico.
7. Este quarteirão é limitado pela Ruas 22 de Julho, Rua da Cadeia e Travessa da Cadeia.
8. Não se sabe ao certo quais seriam, verdadeiramente, os limites do Castelo (as próprias muralhas), mas a topografia, as construções que lá se encontram atualmente e a toponímia apontam para sejam: a rua do Castelo (a norte), o Largo da Feira (a oeste), a rua do Pico (a sul) e uma parte central dentro da Zona C (a este).

[85]

[86]

[87]

[88]

[89]

[90]

[91]

[92]

Por outro lado, em meados do século passado, a zona próxima do atual Largo da Feira gozava de grande abertura e disponibilidade (espaço) para novas construções. Assim, no momento do regresso dos emigrantes, após a queda do estado novo, essa zona foi fortemente desenvolvida, tendo um pico de construções nos anos 80 que a transformaram numa das zonas mais recentes e desenvolvidas da aldeia.

A Rua 22 de Julho, já analisada no capítulo 0, separa a Zona C do quarteirão em frente, onde se encontra o Centro Social e Paroquial de Vilarinho da Castanheira. Este equipamento, construído na década de 80, ocupa uma posição central em Vilarinho e é um dos serviços mais ativos da aldeia, tendo a sua lotação cheia há vários anos. A sua fachada principal é marcada por uma longa varanda que se abre para a Rua 22 de Julho e para o terreno em estudo, onde se veem, normalmente, pessoas a descansar e a dar vida à própria rua, controlando e cumprimentando todos os que por aí passam.

O limite exterior do quarteirão central parece estar estabilizado e é caracterizado por uma orla de habitações, na sua maioria em uso, com a exceção da sua frente para a Rua 22 de Julho, marcada por um longo muro de pedra. Esta parede de granito, bem construída e com um caráter forte, suporta o terreno atrás de si e anuncia os sucessivos socalcos que o sucedem, necessários para vencer a acentuada pendente, presente em todo o quarteirão.

É possível aceder ao interior do quarteirão a partir de 4 pontos em diferentes cotas: o mais baixo é feito a partir da Rua 22 de Julho, pela Calçada do Beco, uma rua que permite a entrada de carros no seu início; a uma cota intermédia (15 metros acima da Rua 22 de Julho) acede-se a partir da Rua do Pico, a sul; à mesma cota, entra-se a partir da Rua do Castelo, a norte; e pela zona mais alta, através da Travessa do Moinho (a 25 metros da entrada mais baixa).

O interior do quarteirão caracteriza-se por uma sensação de abandono e sujidade, marcado por pequenas construções, ora em ruínas, ora de caráter precário e aspeto temporário, e por zonas verdes, umas ainda cultivadas e outras já abandonadas.

Existem, também, caminhos que ligam os vários pontos de acesso, no entanto, estes não são desenhados, mas sim, o espaço que se parece ter mantido entre as ruínas, resultado de um acumular de construções ao longo do tempo. Apenas percorríveis a pé, são caminhos de terra e pedra, sem qualquer tipo de pavimento, segurança ou condições de acessibilidade, tornando-se perigosos, sobretudo para uma população envelhecida.

A complexidade do interior do quarteirão central e das suas várias ruínas, e a questão do seu possível valor, levam à necessidade de um levantamento mais aprofundado, pelo que se avança para esse estudo.

[Imagem 85] Início da Rua 22 de Julho, a partir do Largo do Pelourinho.

[Imagem 86] A meio da Rua 22 de Julho, com o Centro Paroquial à esquerda e a Zona C à direita.

[Imagem 87] A meio da Rua 22 de Julho, a olhar para a Zona C. Destaque para o muro que marca a rua.

[Imagem 88] Na ponta oposta da Rua 22 de Julho. É possível ver uma rua à esquerda, é a Calçada do Beco.

[Imagem 89] Acesso à Zona C a partir da Calçada do Beco.

[Imagem 90] Acesso à Zona C a partir da Rua do Pico.

[Imagem 91] Acesso à Zona C a partir da Rua do Castelo.

[Imagem 92] Acesso à Zona C a partir da Travessa do Moinho.

[93]

[94]

[95]

[Imagem 93] Vista a partir do topo da Zona C, no momento de acesso a partir da Travessa do Moinho.

[Imagem 94] Vista a partir da parte mais abaixo da Zona C, olhando para cima (oeste), em direção ao vários socalcos e às ruínas.

[Imagem 95] Vista a partir da zona intermédia do terreno, olhando as ruínas de cima.

[Imagem 96]
Quarteirão central de Vilarinho da Castanheira e a sua envolvente próxima: planta da situação existente. Escala aprox, 1.500.

[Imagem 97] Axonometria livre do interior do quarteirão. O processo de reconhecimento e compreensão do interior do quarteirão central foi feito a partir da construção de um desenho síntese, baseado nas várias visitas ao local e nas suas fotografias. Não se trata, por isso, de um esboço livre, mas sim de um documento que procura ser rigoroso, de caráter investigativo e científico, de modo a auxiliar na comunicação de uma realidade complexa.

O interior do quarteirão

O principal acesso à zona interior do quarteirão é feito pela Calçada do Beco, uma rua que no seu início, permite a entrada de carros e se torna, depois, pedonal. É pavimentada até levar às primeiras ruínas (3) e, a partir daí, é em terra, tal como os restantes caminhos. Duas construções, as únicas habitadas, marcam a transição de pavimento: uma habitação baixa e, parcialmente, em ruínas (1); e uma espécie de abrigo (2).

O início do caminho em terra coincide com a zona mais densa de construções e um abrigo (6), construído em tijolo de betão sobre antigas paredes de pedra, ergue-se na fraga granítica e pontua o lugar central. Abaixo está um conjunto longo de antigas construções (5), com um bom emparelhamento de pedra, mas de aspeto instável. A marcar o seu fim, um detalhe interessante (7): uma enorme rocha granítica constrói o canto. Ao seu lado, uma construção pobre (8), de aspeto instável, e acima, dois muros de pedra "encaixados" na fraga (9), que se eleva e marca esta zona. Do lado oposto da zona central, encontra-se uma casa (4) que se estende e acompanha a pendente do terreno, com o telhado em estado de ruína.

Subindo em direção à Rua do Pico, existe um anexo (10), construído em tijolo de betão, de aspeto frágil e pobre. Entre este caminho e o que leva à Travessa do Moinho, encontra-se um antigo muro de granito, que suporta pequenas hortas, e aí, integrado nas fragas que rasgam o terreno, o conjunto de ruínas que se acredita ser dos mais antigos de toda a aldeia (10).

Acima do conjunto central está uma zona plana e verde (12) da qual se tem uma bela vista sobre a paisagem envolvente. Esta plataforma é suportada por um muro de pedra, a jusante, e marcada por uma poderosa fraga granítica, a montante. A partir daqui é possível aceder à Rua do Castelo, no entanto, o caminho está em más condições e bloqueado por vegetação selvagem.

A baixo do conjunto central encontra-se a casa (13) que se apresenta mais bem conservada, ainda que sirva, apenas, para arrumo de material. Com frente para a Rua do Castelo, um conjunto de casas sem uso (14) e, antecedendo-o, um terreno (15) marcado por uma forte pendente e algumas ruínas.

Finalmente, os terrenos (16), que se sucedem em socalcos e se prolongam até ao muro que da Rua 22 de Julho, estão bem conservados e são, ainda, trabalhados, sendo que se veem lá algumas árvores de fruto, como amendoeiras e figueiras.

No geral, pode-se afirmar que a maioria das construções neste lugar, embora tenha sido bem executada, utilizando os recursos e técnicas locais de forma prática e inteligente, estão hoje, em ruínas. Mesmo as tentativas de reabilitação mais recentes, em tijolo cerâmico ou de betão, estão com um aspeto degrado e apenas as casas 1 e 2 parecem estar habitadas.

Considera-se, também, que a harmoniosa integração das construções neste lugar, pela sua economia e aproveitamento, revela uma cultura de construção hoje desaparecida e contribuem, por isso, para o enriquecimento da história de Vilarinho e da região.

[Imagem 98] (Sequência) Chegada à Zona C a partir da Travessa do Moinho. Descida junto ao muro e ruínas mais antigas. Olha-se a plataforma à esquerda e depois, a partir desta, vê-se a paisagem em redor.

[Imagem 99] (Sequência) Chegada à Zona C a partir da Rua do Pico. Cruzamento central. Vai-se por baixo, uma descida acentuada, chega-se ás ruínas e percorre-se um caminho marcado pela fraga e pelas construções em pedra. Ao olhar para trás, um anexo pobre domina a conjunto.

[Imagem 100] (Sequência) Chegada à Zona C a partir da Calçada do Beco. À direita, a última casa habitada. Sobe-se até ao conjunto central de ruínas. Sobre uma fraga, ergue-se o abrigo, à volta da qual se fazem os caminhos. Repara-se que apenas algumas construções se aproveitaram para servir de arrumos.

[Imagem 101] (Sequência) Na Zona C, percorre-se o terreno acima da Rua 22 de Julho. À esquerda veem-se os socalcos, com vegetação e árvores. À direita, um conjunto de vinhas dá continuidade ao muro. Ao olhar para trás, veem-se as ruínas e compreende-se a inclinação de todo o terreno.

Exercício 1 - A forma sem conteúdo

De forma a conhecer com maior profundidade o quarteirão central de Vilarinho da Castanheira, propõe-se um exercício projetual: questionar o terreno através de possíveis projetos, sem recorrer a um programa.

Pretende-se, com este desafio, testar os limites do terreno em estudo e a sua resposta às várias estratégias de intervenção, como a introdução de novos volumes de diferentes escalas, materiais e formas, ou a manutenção, ou demolição das construções existentes, entre outros.

São realizadas várias hipóteses de projeto (Imagem 102), sobretudo, através do desenho, quer rigoroso, quer em forma de esboço, que permitem compreender quais aquelas que parecem mais apelativas e interessantes e aquelas que têm menos interesse explorar. Ao fim de várias experiências de projeto, define-se um conjunto de princípios gerais que servem de orientação para as fases seguintes de desenvolvimento da dissertação:

1. A falta de condições dos atravessamentos pedonais e a impossibilidade de acesso com o automóvel, levam à necessidade da abertura de uma nova via no interior do quarteirão e da reabilitação dos caminhos existentes. Propõe-se uma rua que dê continuidade à Calçada do Beco e a una à Rua do Castelo na passagem aí existente, aproveitando a pendente estável na zona central do terreno.

2. O conjunto de construções central, na Zona C, ao funcionar como rótula de todo o quarteirão, é a zona que necessita de maior intervenção. Assim, assenta-se a ideia da reestruturação de toda a zona central do quarteirão, resolvendo os problemas de acessibilidade e criando, aí, um novo centro.

3. Ao longo de todo o exercício, as ruínas existentes na zona central ora desapareciam, ora se integravam na solução, tornando a sua demolição, ou manutenção, a decisão mais delicada de qualquer intervenção. Contudo, ao aprofundar o tema, experimentando várias intervenções as que integravam as ruínas existentes, compreendeu-se que a sua coexistência com um novo projeto é algo prejudicial a ambos. Procura-se que a nova intervenção tenha uma identidade própria forte e, nas várias tentativas de diálogo com as ruínas existentes, esse propósito é enfraquecido. Além disso, a dimensão reduzida e fragmentada das ruínas dificulta o seu aproveitamento como conjunto e retira a força da ideia de redesenho à escala urbana. Afirma-se, por isso, como princípio projetual para este lugar, a possível demolição das construções existentes de modo a integrar com qualidade um novo projeto, de caráter contemporâneo, que procure reabilitar o centro do quarteirão.

Os princípios delineados, através deste exercício, não são regras fechadas, ou normas obrigatórias, servem, apenas, como orientações para conduzir o desenvolvimento do possível projeto para este lugar.

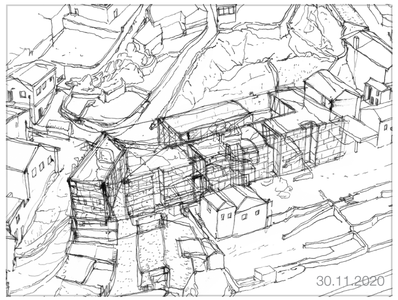
[Imagem 102] Conjunto de esquiços realizado ao longo do exercício *Forma sem Conteúdo.* Os esquiços estão organizados segundo 3 tipos de abordagens:

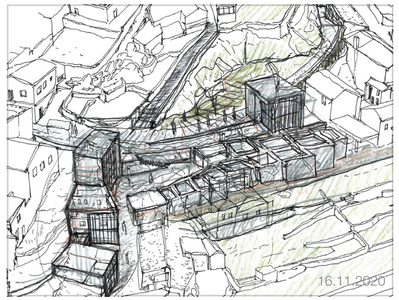
1ª fila - Mantem-se a ruína existente. O projeto fragmenta-se tentado dialogar com a escala da envolvente.

2ª e 3ª filas - Dois volumes afastam-se e criam uma plataforma entre si. As variações dão-se no desenho dos volumes, na preservação, ou não, das ruínas, e na composição da plataforma.

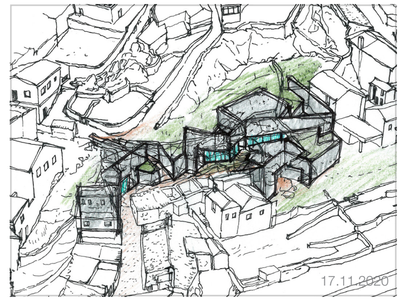
4ª fila - Um volume compacto no centro. A procura de uma leitura mais horizontal para o projeto.

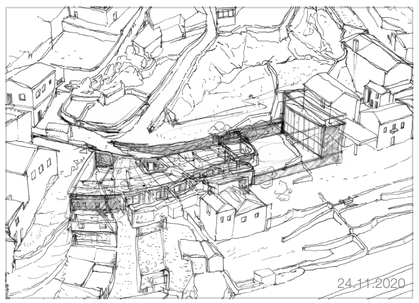
Desenho original - 10.11.2020

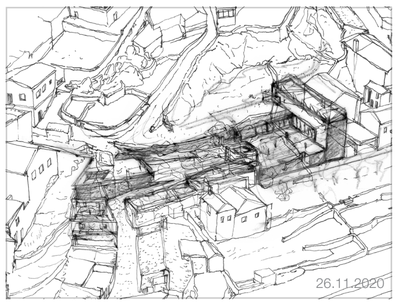

30.11.2020

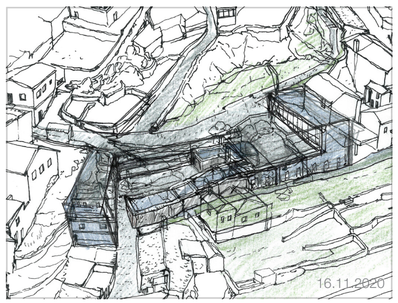

16.11.2020

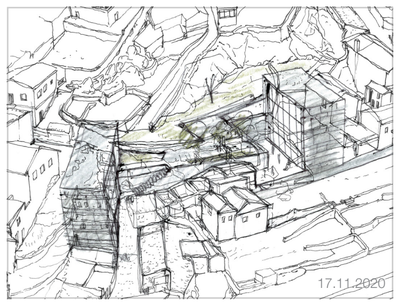
17.11.2020

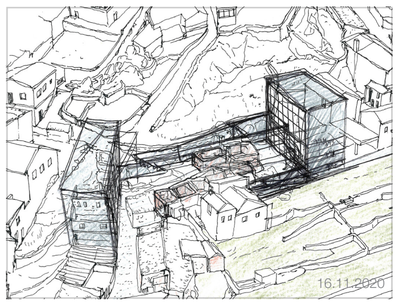

17.11.2020

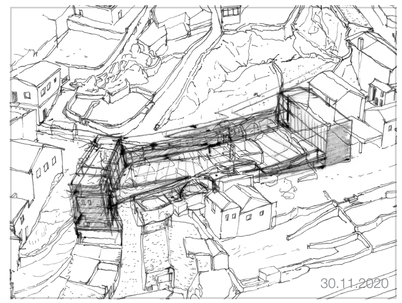

24.11.2020

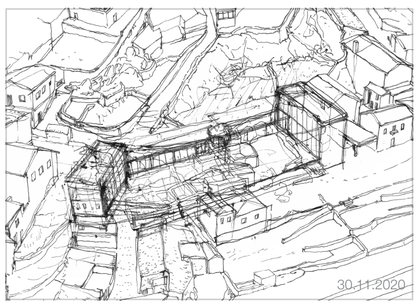

26.11.2020

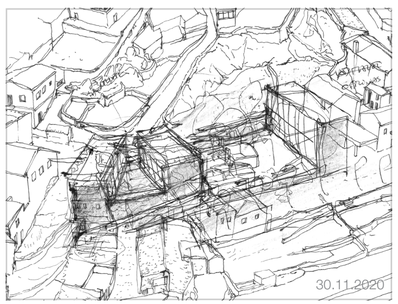

16.11.2020

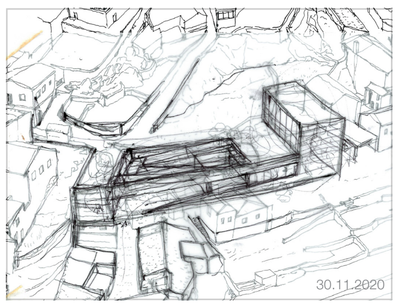

17.11.2020

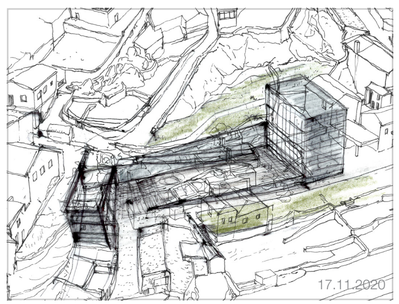

16.11.2020

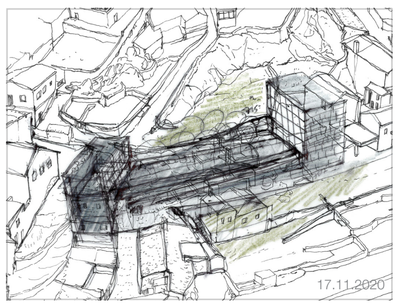

30.11.2020

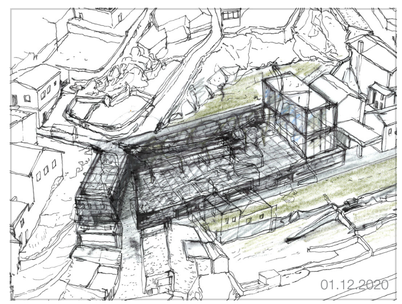

30.11.2020

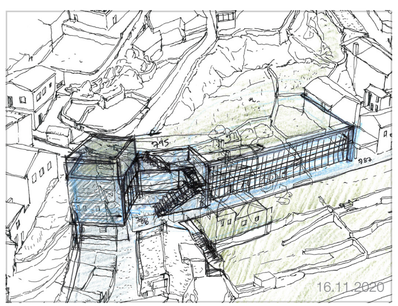

30.11.2020

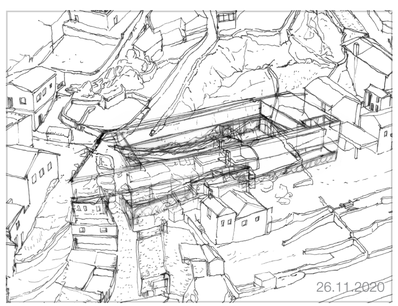

30.11.2020

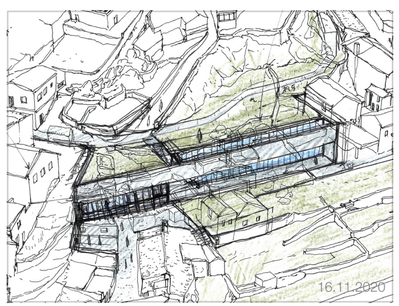

17.11.2020

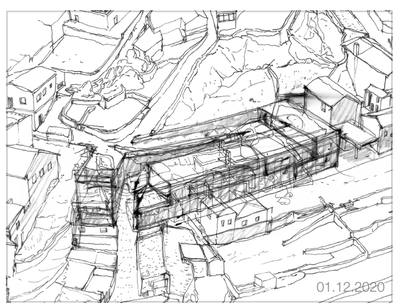

17.11.2020

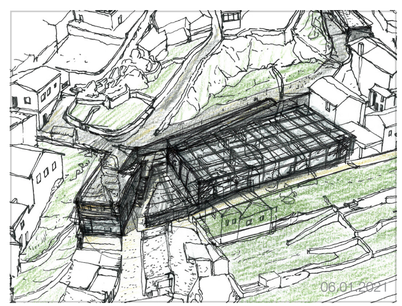

01.12.2020

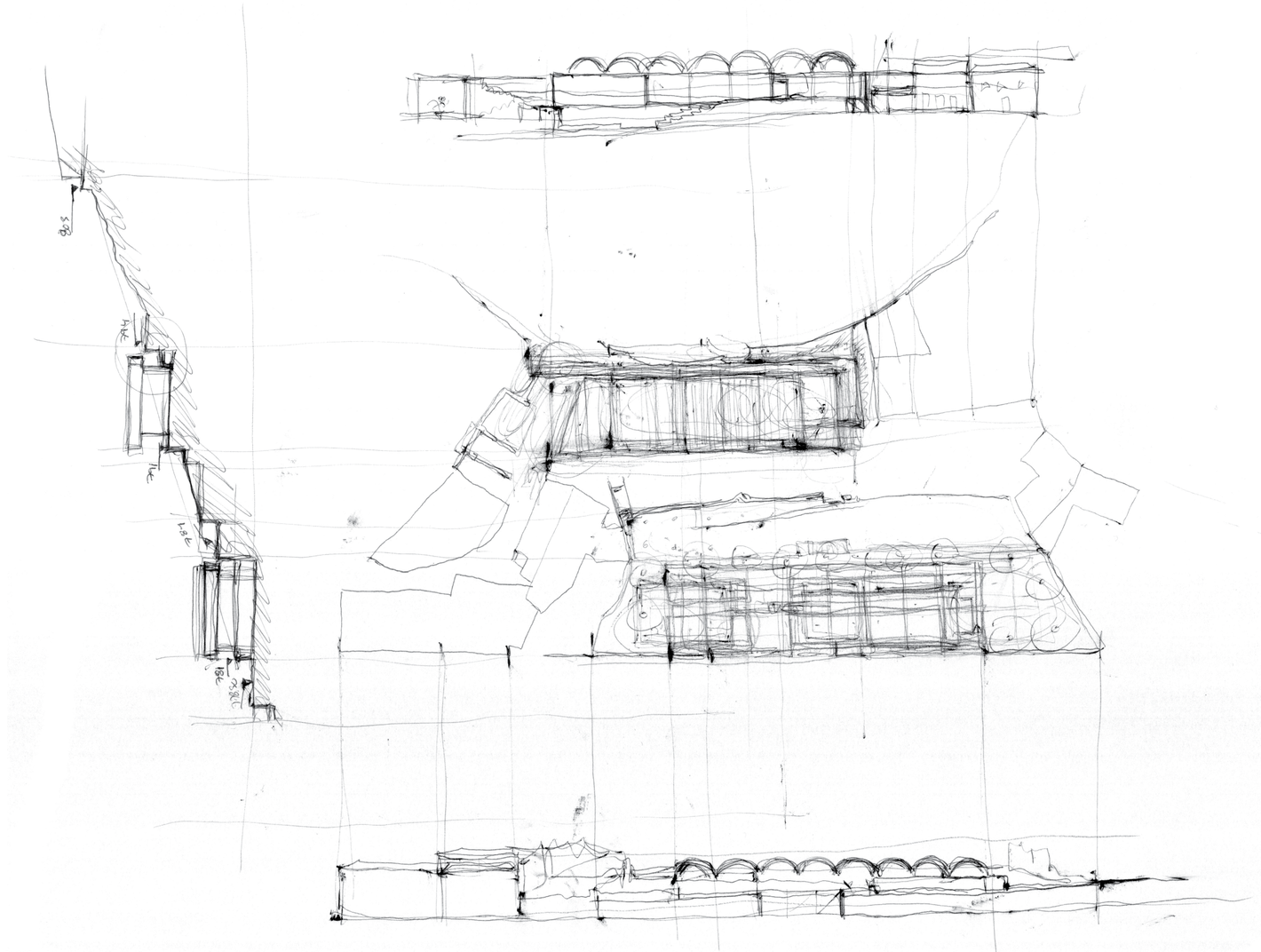

16.11.2020


26.11.2020


16.11.2020


01.12.2020


06.01.2021



[103]

Exercício 2 - O programa concentrado

No momento de desenvolvimento da dissertação em que se define um primeiro programa provisório e se opta por concentrar a intervenção num só lugar, explora-se uma resposta projetual.

O programa proposto é, nesta fase, a Escola de Música -salas de aula, auditório, cafetaria, etc. – tal como a sede e museu da Banda Filarmónica (com base na investigação que se tem vindo a construir, que aponta para o investimento no ensino e produção de música, baseado na força cultural da banda de música local). O lugar a implantá-lo é a Zona C, no quarteirão central de Vilarinho, de modo a dar continuidade ao estudo desenvolvido.

Ao analisar, novamente, o terreno a intervir, desta vez a partir de um programa concreto, compreende-se que cingir a intervenção à zona central parece excluir o projeto da vida quotidiana dos vilarinhenses e que o encontro do terreno com a Rua 22 de Julho, através do seu muro de granito, é um lugar com potencial para a intervenção. Assim, uma estratégia de divisão do projeto em duas partes – um lugar mais público, junto da rua, e um mais reservado, no interior do quarteirão – torna-se na base da solução.

Uma análise do programa proposto revela que este se pode dividir entre espaços de uso regular e de uso pontual, e de caráter mais público, ou privado. De modo a gerar maior movimento no espaço público da aldeia, decide-se colocar os subprogramas com maior uso abertos para a Rua 22 de Julho, animando o Centro Social e Paroquial de Vilarinho em frente, e os de uso pontual no interior do quarteirão. Desta forma, as salas de aula, a cafetaria, a sede e o museu da Banda Filarmónica são colocados na zona à cota mais baixa, junto à rua, e o auditório, pela sua maior dimensão e para que possa funcionar de forma autónoma, é colocado à cota mais alta, na zona central.

A separação do projeto em dois edifícios autónomos, respondendo cada uma situações urbanas distintas, em lugares diferentes, desperta a necessidade de uma estratégia que os identifique como parte do mesmo e é o próprio contexto que traz a solução.

Um dos pontos mais fortes deste terreno é a vista desafogada que se tem da sua plataforma superior, que alcança grande parte da aldeia e da paisagem em redor, tal como de toda a Zona C, a partir de uma cota superior. Esta possível perceção do projeto, a partir de cima, leva a que a sua cobertura se torne num dos alçados com maior visibilidade, e, consequentemente, num elemento capaz de unir e identificar todo o projeto.

O alçado da Rua 22 de Julho, marcado por um belo muro de pedra, é, também, um elemento que caracteriza o lugar. De modo a respeitar a forte linearidade

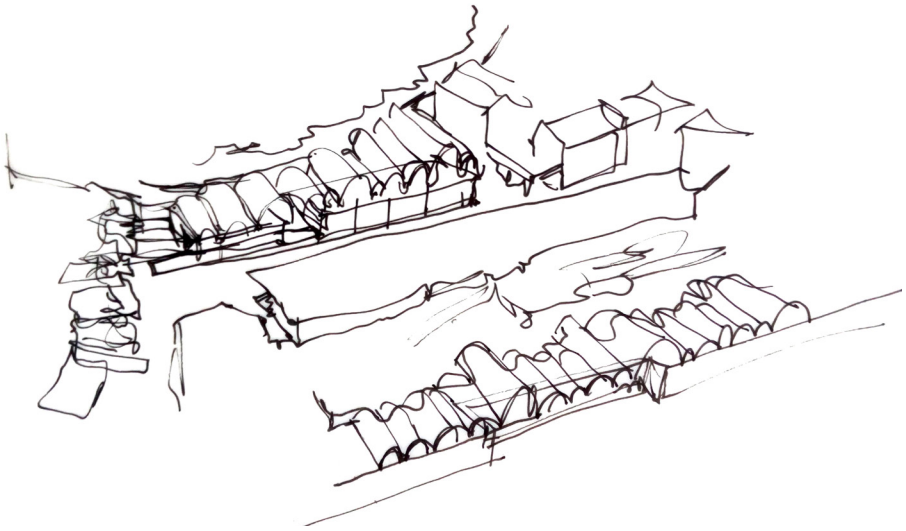
[Imagem 103] Plantas, corte e alçados da proposta, em estado de desenvolvimento. Da folha de processo do dia 31 de Março de 2021.

deste elemento e a sua velocidade longitudinal, procura-se que o projeto a complemente através da sua cobertura, que se quer leve e ritmada.

Através do desenho, e de uma forma descomprometida, procurando equacionar as várias nuances do projeto, chega-se a uma resposta: uma cobertura composta por uma série continua de abóbadas, que se dispõem transversalmente ao muro. Visto de cima, duas filas de abóbadas a cotas diferentes, separadas por um jardim e que escondem, de baixo de si, todo o programa. Visto de baixo, uma sucessão rítmica de arcos, que se elevam em relação ao muro e se estendem para lá dele.

Ao funcionar em duas partes, os alinhamentos transversais gerados pela métrica do projeto, e marcados na sua cobertura, criam continuidades visuais entre a zona central e a zona inferior, e ajudam a fortalecer o caráter uno de todo o projeto. Ritmo e métrica tornam-se, assim, no elemento essencial de identidade do projeto.

A repetição da abóboda e a métrica rígida, quase autónoma das construções que a rodeiam, surgem da vontade projetual de assumir uma narrativa própria, não-referencial[9], capaz de propor algo concetualmente desligado do seu contexto. Esta autonomização intelectual da envolvente, não implica, no entanto, um "desligar" físico e real do terreno do projeto. O projeto quer-se adaptar ao lugar e respeitar as suas condicionantes sem, no entanto, se confundir com ele, ou o imitar. Procura-se, deste modo, afirmar a condição de obra de arquitetura planeada, pensada e projetada para um lugar que, antes de si, não o foi.



[Imagem 104] Esquiços iniciais na procura da solução. Da folha de processo do dia 30 de Março de 2021.

9. O termo "não-referencial", aplicado à arquitetura, é defendido pelo arquiteto Valerio Olgiati no seu livro *Non-Referential Architecture*. Aqui, o arquiteto suíço defende a autonomização intelectual da arquitetura, acumulando para si todo o seu significado e explicação. Um termo que nasce de uma leitura da realidade que não encontra guias morais maiores, comuns a toda a população, levando a que cada projeto de arquitetura se deva bastar de si próprio e se baseie nos problemas concretos da disciplina para construir a sua narrativa. Leia-se: "Arquitetura não-referencial não é arquitetura que subsiste como um recipiente referencial, ou um símbolo de algo externo a si. Edifícios não-referenciais são entidades que são elas próprias significantes e produtoras de sentido, e como tal, não menos a representação da sociedade que os edifícios eram no passado, quando eram os suportes dos ideais socias comuns." BREITSCHIMDT, Markus; OLGIATI, Valerio – *Non-Referential Architecture*. P. 14.

Crítica

O desenho do projeto é desenvolvido até uma forma estável. A partir desta hipótese, cristalizada momentaneamente, faz-se uma crítica de modo a preparar a fase seguinte.

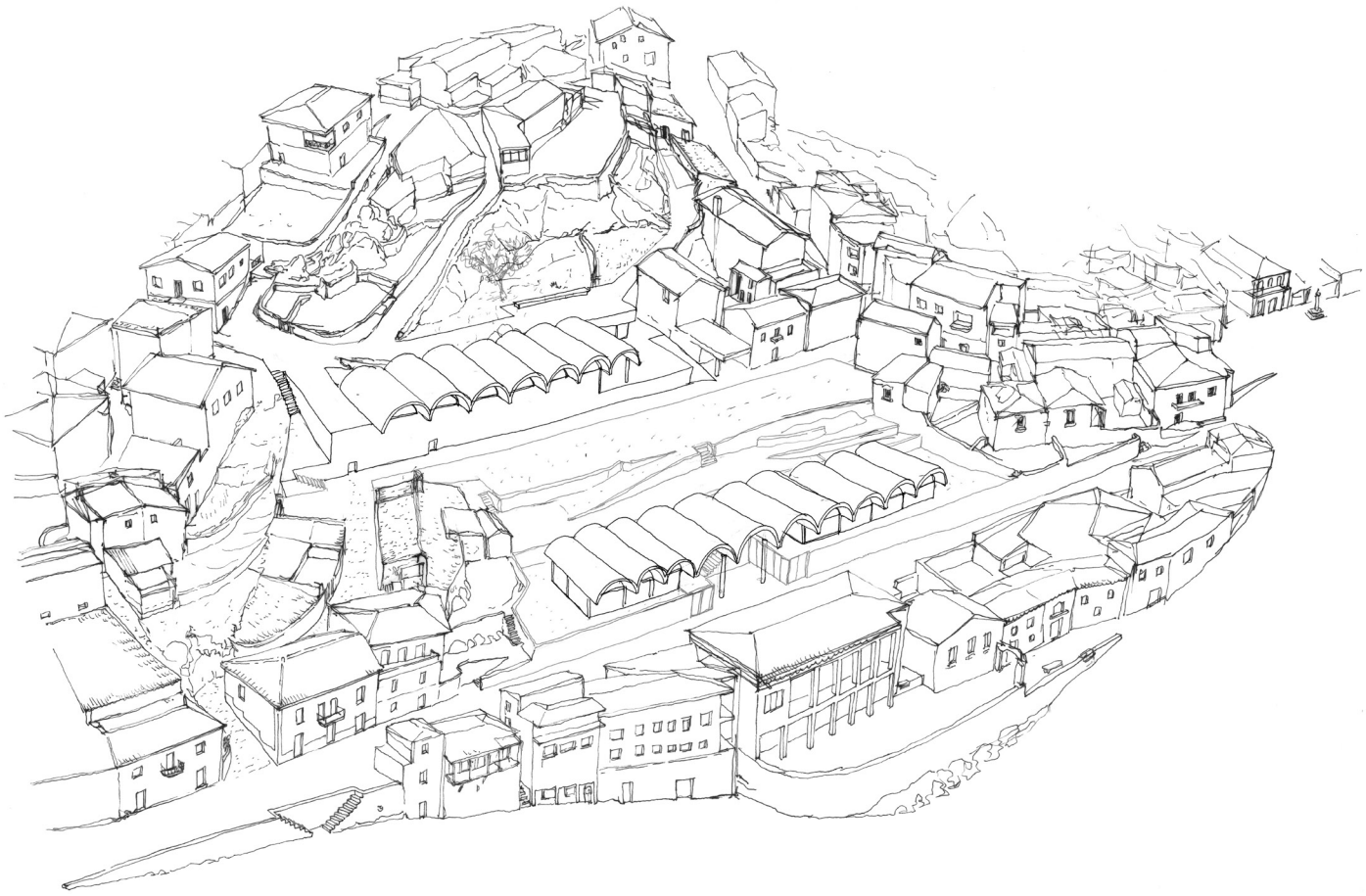
Considera-se a divisão do projeto em dois como um movimento positivo. O espaço exterior que se gera entre as duas partes consegue integrar a vivência da aldeia na rotina diária dos estudantes, que se movem entre as salas e o auditório. Além disso, a repetição do desenho da cobertura leva a que os dois edifícios se leiam como parte de um só projeto e a métrica aí marcada desconstrói a escala do todo, tornando-a mais semelhante à escala fragmentada da zona envolvente.

Menos positiva é a forma como o projeto se abre à aldeia e aquilo que lhe oferece. No caso do edifício da zona inferior, existe um conflito na estratégia de interação com o muro e com a Rua 22 de Julho: ou se mantém o muro na íntegra e a dinamização do espaço público é menos bem conseguida, ou se desfaz o muro e se perde um dos elementos mais importantes da zona em estudo.

No caso do edifício da zona central, sendo, sobretudo, composto pelo auditório, as suas fachadas tendem a tornar-se opacas (devido ao teor do programa que protegem) e a resposta urbana é, no fundo, um muro e não um programa que anima a vida da nova rua que aí se abre. Além disso, de modo a integrar o auditório na zona central, sem recorrer a um grande esforço de escavação, a altura do projeto tende a bloquear parcialmente a vista da plataforma superior. Este movimento leva a um conflito com um dos grandes interesses do projeto: potenciar a vista da aldeia e da paisagem a partir da zona superior do terreno.

Conclui-se, por isso, que o projeto, no seu estado atual, embora resolva problemas intrínsecos do terreno, não é coerente com as suas próprias intenções e princípios, nem promove uma interação positiva com a aldeia e com os seus habitantes.

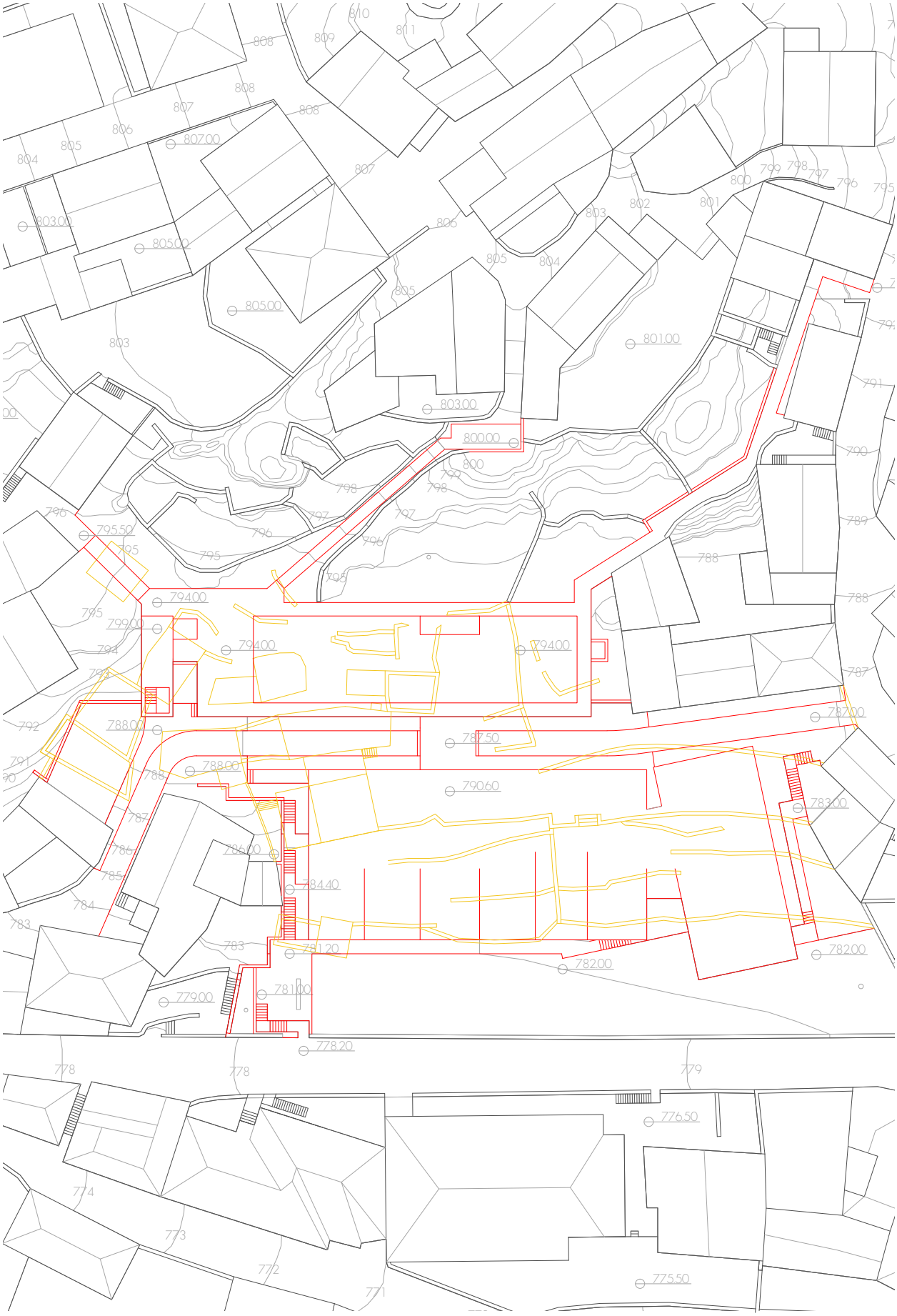
[Imagem 105] Axonometria do quarteirão central de Vilarinho, com proposta de projeto integrada. Desenho original em tamanho A3.



[Imagem 106] Um olhar é sempre subjetivo, consequência de quem o projeta. Uma decisão, um plano, uma estratégia, resulta de um processo de pensamento próprio. Um outro olhar, diferente, estando igualmente acertado, poderia propor exatamente o contrário. Fotografia capturada pelo autor, na primeira visita ao terreno.

Escola de Música – Proposta Final

Com base na investigação desenvolvida na presente dissertação, já explicada nos capítulos 1 e 2, opta-se, como estratégia projetual para Vilarinho da Castanheira, por investir na Banda Filarmónica Vilarinhense, criando a Escola-Aldeia de Música, que se divide em 3 subprogramas: a Residência Artística Coletiva, a Residência Artística Individual e a Escola de Música. Aprofunda-se, agora, o terceiro projeto, implantado na Zona C, dando continuidade ao estudo que se tem desenvolvido no 3º capítulo, em relação a uma possível intervenção neste lugar.


807.00
805.00
803.00
805.00
801.00
803.00
800.00
795.50
794.00
799.00
794.00
794.00
788.00
787.50
788.00
790.60
782.00
784.40
781.20
782.00
781.00
779.00
778.20
776.50
775.50

Projeto – Princípios (1)

Ao caminhar pelo interior do quarteirão, atravessando as ruínas e pisando o chão de terra e granito, a sensação é a de que este lugar, constrangido por si próprio, não se conseguiu adaptar à evolução das necessidades do Homem e que, por isso, este teve de o abandonar.

Por entre os escombros, as pedras que ficam contam histórias de modos de vida antigos, de condições pobres, falta de espaço e de uma realidade dura. Estas ruínas, marcadas por musgo, plantas e objetos esquecidos, são o ponto de partida para o novo projeto.

Considera-se que a Escola de Música representa uma nova forma de olhar Vilarinho da Castanheira, deixando de a ver como um lugar, exclusivamente, de produção agrícola ligado ao modo de vida camponês, para passar a ser um espaço multifuncional e aberto a novos significados.

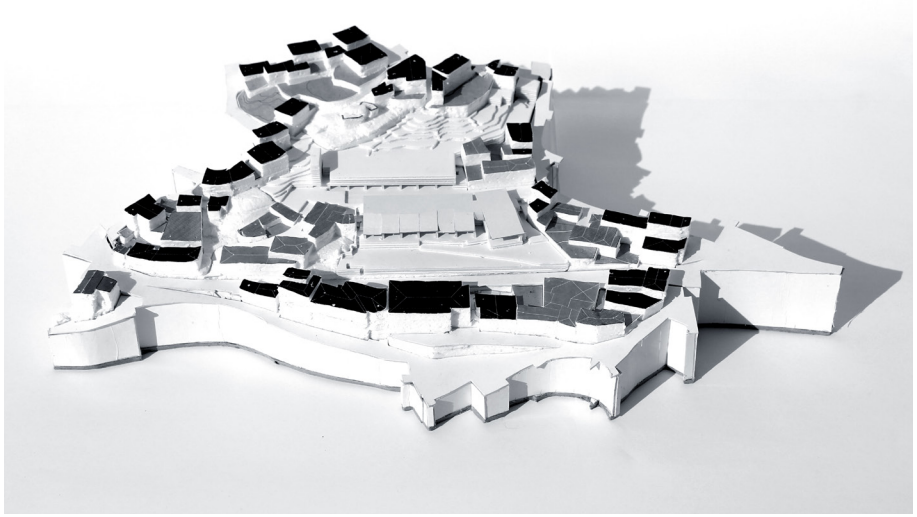
Nesse sentido, com o intuito de redesenhar o quarteirão central e afirmar a importância do projeto e do que este simboliza, para lá do programa a implantar, e de modo a não ficar constrangido pela fragmentação e escala das ruínas existentes, defende-se a sua demolição.

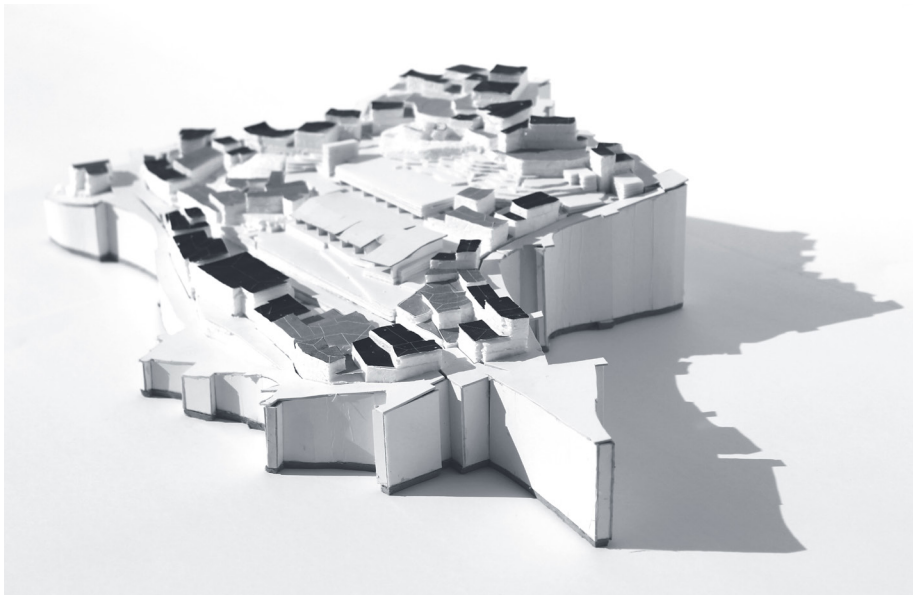
Compreendendo que existem, ainda, casas em uso, e que nem todas têm a mesma qualidade e valor, definem-se os limites da intervenção.

Da análise feita do interior do quarteirão, conclui-se que, na sua maioria, as construções estão abandonadas, à exceção das duas últimas que se abrem para a Calçada do Beco (referidas como 1 e 2, na Imagem 97), que são habitadas. Já a casa no interior do terreno (13), apesar de ser utilizada, serve apenas para arrumos de quem cuida do terreno, não tendo, por isso, um uso permanente.

Assim, tendo em conta que habitações 1 e 2 estão em uso e consolidam o início a atual Calçada do Beco, opta-se por mantê-las. A partir daí, considera-se que as construções existentes no interior do quarteirão, devido à sua instabilidade, fragmentação e fraca qualidade (da maioria), são passíveis de ser demolidas para dar lugar a um projeto coerente que dignifique este lugar.

[Imagem 107] Planta de vermelhos e amarelos. Escala aprox. 1.500.





[Imagem 108 a 110]
Solução final enquadrada no quarteirão central e envolvente próxima. Maquete à escala 1.500.

Projeto – Princípios (2)

Com base nos estudos já realizados para a Zona C, compreende-se que um dos seus maiores problemas é a falta de condições de acessibilidade, quer pedonal, quer automóvel. Assim, o princípio guia deste projeto torna-se na abertura de uma nova rua que ligue a Rua 22 de Julho à Rua do Castelo, iniciando-se na Calçada do Beco e atravessando a zona central do terreno, paralelamente à rua principal.

Aliado a este princípio, opta-se por dividir o programa em dois e colocá-lo em cada um dos lados da nova via, motivando a sua vivência e interação. Com a concentração de todo o programa no interior do quarteirão, a zona baixa do terreno fica livre de modo a potenciar as suas qualidades de espaço verde, transformando-a num jardim público.

Estas decisões resultam das conclusões dos exercícios anteriores de projeto, onde se percebe que a interação com a Rua 22 de Julho e a destruição do seu muro é prejudicial ao caráter do terreno, e que uma nova rua em Vilarinho necessita de mais vida para se poder estabelecer como tal.

De forma a manter uma identidade una entre as duas partes do projeto, recorre-se a uma só métrica para gerar todos os seus espaços, tornando-se visível tanto a partir da rua, como de dentro dos edifícios, identificado pela mesma materialidade.

O programa da Escola de Música divide-se em duas vertentes: a do ensino da música e a da *performance* da música, associados a um caráter privado e um caráter público, respetivamente. Decide-se, por isso, distribuir o programa entre os dois volumes que ladeiam a rua, de forma a garantir a privacidade e autonomia que cada um dos seus espaços requer.

Assim, ao volume a montante da rua, considerado mais protegido, são atribuídos os espaços de caráter privado: salas de aula coletivas (teóricas e práticas) e individuais, e os serviços necessários. E, ao volume colocado a jusante da rua, são atribuídos os restantes espaços: zona de administração, biblioteca, zona de estudo, cafetaria e auditório (sendo que se gere aí a distribuição para que a cafetaria e o auditório possam funcionar autonomamente, caso haja essa necessidade).

Propõe-se, ainda, a reabilitação dos caminhos já existentes, dando-lhes conforto e estabilidade, tal como um volume autónomo a montante da rua, que integre os elementos necessários para tornar acessível a transição de cotas, exigido pela dura pendente do terreno.

O projeto desenvolve-se com base nos limites da intervenção proposto, e a posição das antigas ruínas serve de guia para integração dos seus vários elementos.

Projeto – Concretização

Uma nova rua atravessa o interior do quarteirão central de Vilarinho da Castanheira. Um só projeto divide-se em dois, de modo a dar-lhe vida: de um lado, as salas de aula e do outro, a biblioteca, a cafetaria e o auditório. A mesma métrica define os espaços e marca os seus alçados, unindo os dois lados que se abrem para a rua.

A nova via, que atravessa o terreno numa zona central, com uma pendente relativamente suave e constante, divide-o em duas zonas com características distintas: a montante (oeste), o terreno sobe de forma íngreme, e dá acesso à Rua do Pico, à Travessa do Moinho e à Rua do Castelo; e a jusante (este), o terreno é menos inclinado e desce, através de socalcos, até atingir o muro de pedra que marca a Rua 22 de Julho.

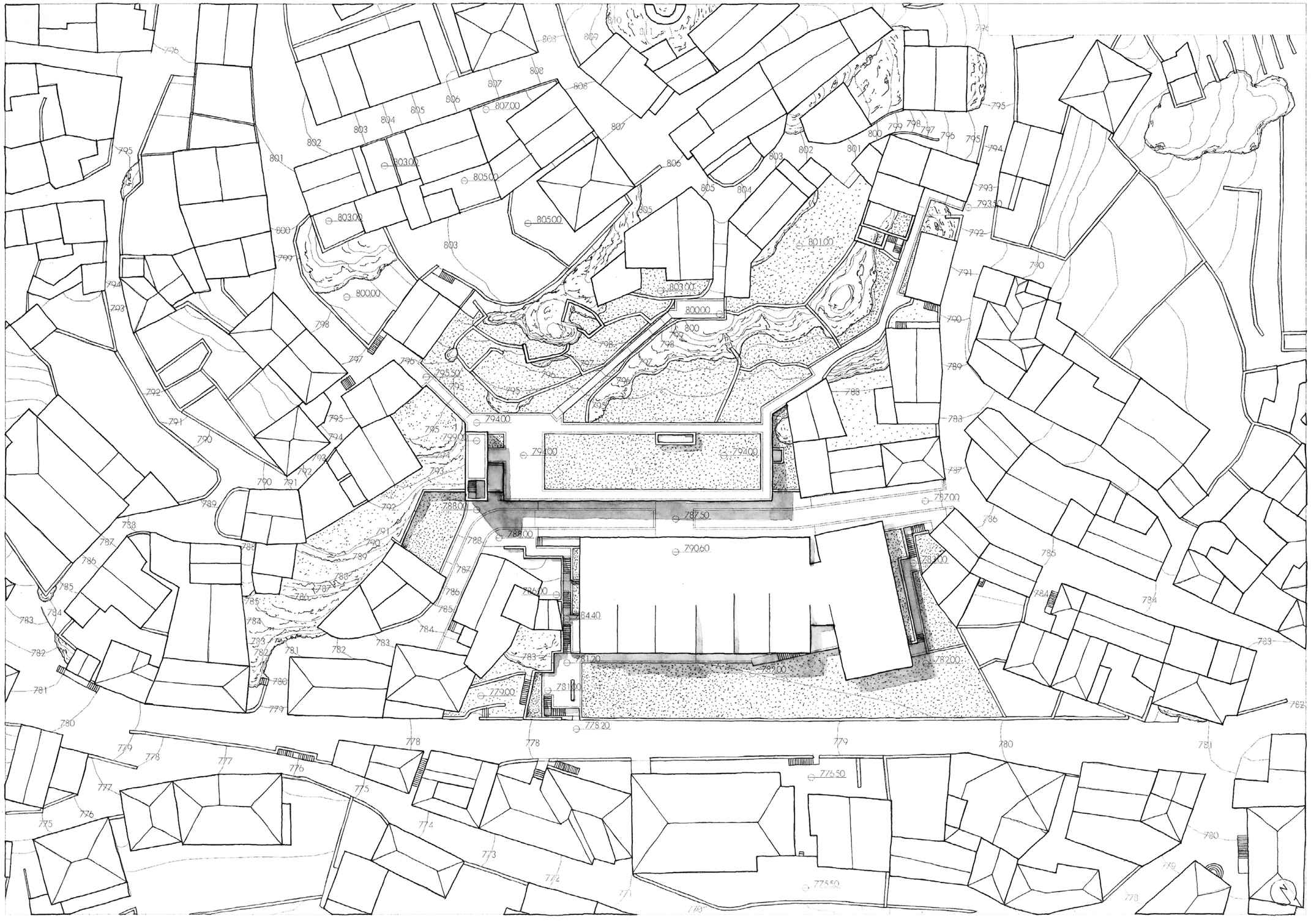
Ao integrar-se em cada uma destas zonas, os dois corpos do projeto respondem, naturalmente, a exigências diferentes, levando a que se desenvolvam com nuances próprias, ainda que obedecendo aos mesmos princípios. Aprofunda-se cada um deles.

O **Edifício A**, a montante da nova rua, procura estabilizar as circulações pedonais, tirar proveito da vista da plataforma superior e permitir a transição acessível entre a cota superior e a da nova via. O programa atribuído a este edifício é um conjunto de salas de aula coletivas e individuais (teóricas e práticas), salas de arrumo e instalações necessárias complementares.

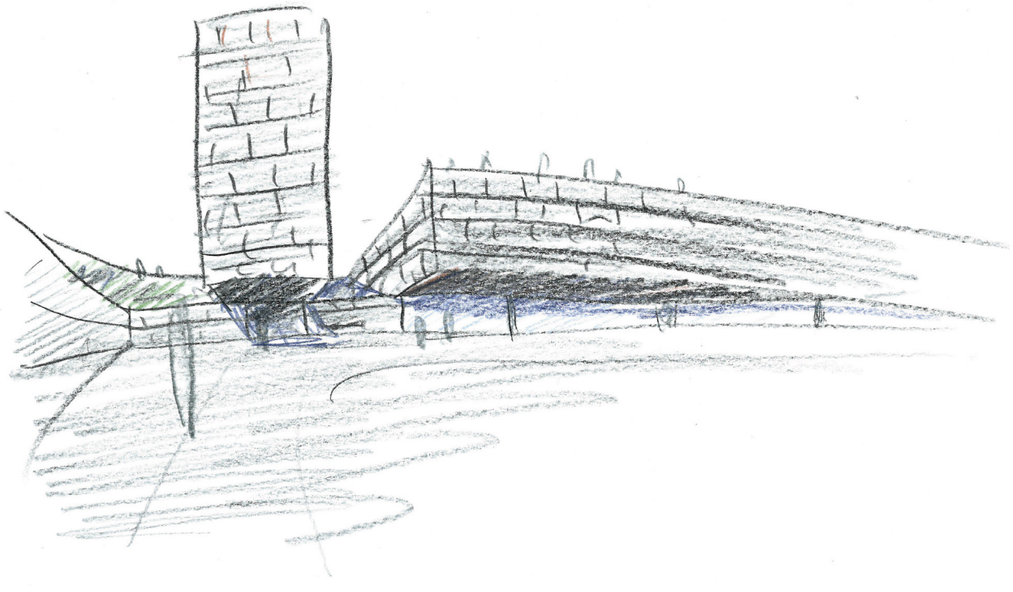
Opta-se por integrar o novo edifício no terreno, de forma a acoplar a sua fachada oeste ao terreno e tornar a sua cobertura praticável, ampliando a plataforma superior existente. Assim, o topo do novo edifício transforma-se numa praça verde, com vista privilegiada sobre a aldeia e a paisagem envolvente, podendo servir para concertos ao ar livre ou outros eventos.

Esta plataforma recebe, também, os 3 caminho pedonais que chegam das ruas envolventes e conduze-os a um novo volume, de caráter vertical, que, contendo uma escadaria e um elevador, permite vencer a diferença de cota para a rua, de quase 7 metros (entre a cota 794.00 e as 788.00 e 787.00). Este elemento é caracterizado por um uma fachada sóbria e poucas aberturas, e situa-se no topo sul do conjunto de modo a marcar o enquadramento visual da subida da nova rua, antes de esta curvar e suavizar a sua pendente.

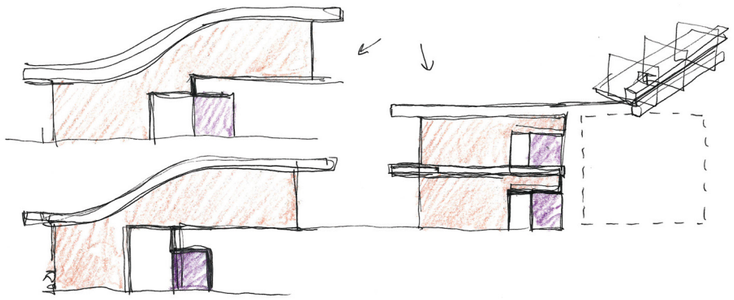
A diferença de cotas leva a organizar o Edifício A em 2 pisos. O inferior organiza-se com cinco salas de aula coletivas teóricas e uma sala de ensaios geral, e o superior com as oito salas de aula (ou de ensaio) individuais, uma sala de ensaios coletiva e outra de ensaios geral, sendo que ambos têm uma zona de serviços e arrumação.

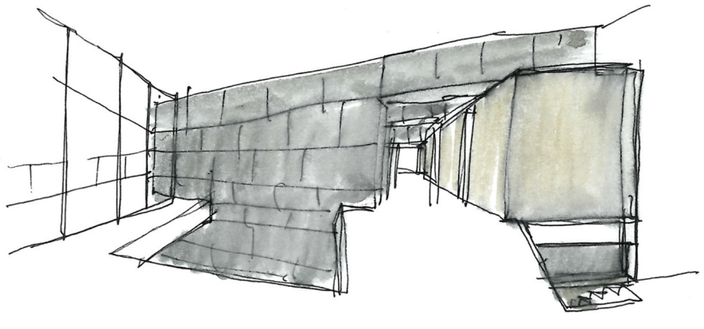


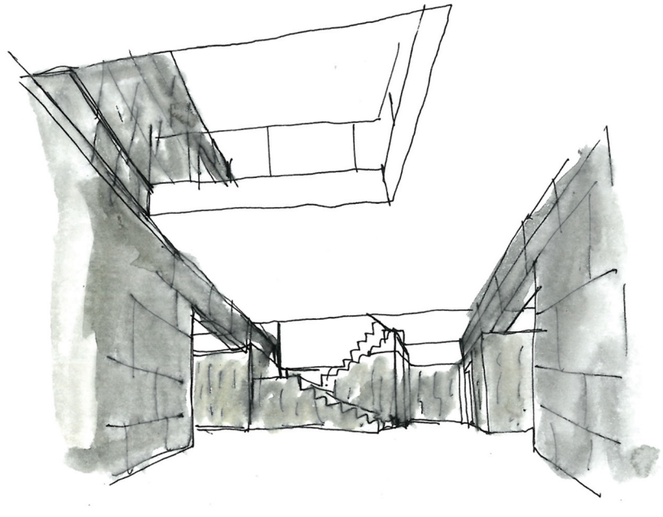
[Imagem 111] Planta de Implantação. Escala aprox. 1.500. Desenho realizado pelo autor.



[112]

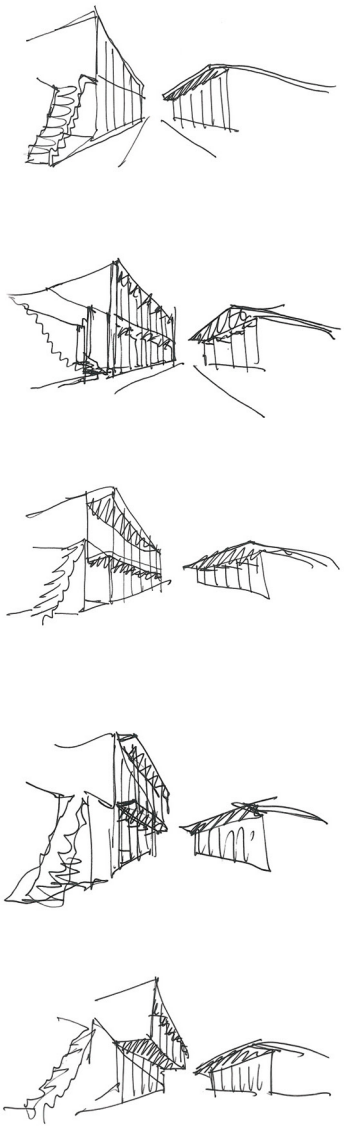






[Imagem 112] Vista do Edifício A, a partir da nova rua, no momento da curva.

[Imagem 113] Esquema da relação entre os dois edifícios e a nova rua e duas perspetivas da entrada no Edifício A (do piso superior e do piso inferior).



[Imagem 114] Esquema síntese da procura do desenho da fachada do Edifício A.

Todo o projeto obedece a uma métrica que se organiza segundo eixos transversais à nova rua, espaçados de 6 em 6 metros. Esta métrica gera, e organiza, a distribuição espacial do edifício: as salas ocupam toda a largura entre os eixos e abrem-se para a paisagem; atrás de si, um corredor de circulação percorre longitudinalmente todo o edifício; e entre o corredor e o terreno, um corpo contendo a zona de serviços e arrumação, as escadas e o elevador. Esta organização procura potenciar a vista da envolvente e reduzir o espaço de circulação ao essencial, tentando compactar o edifício (algo necessário para a sua integração no terreno).

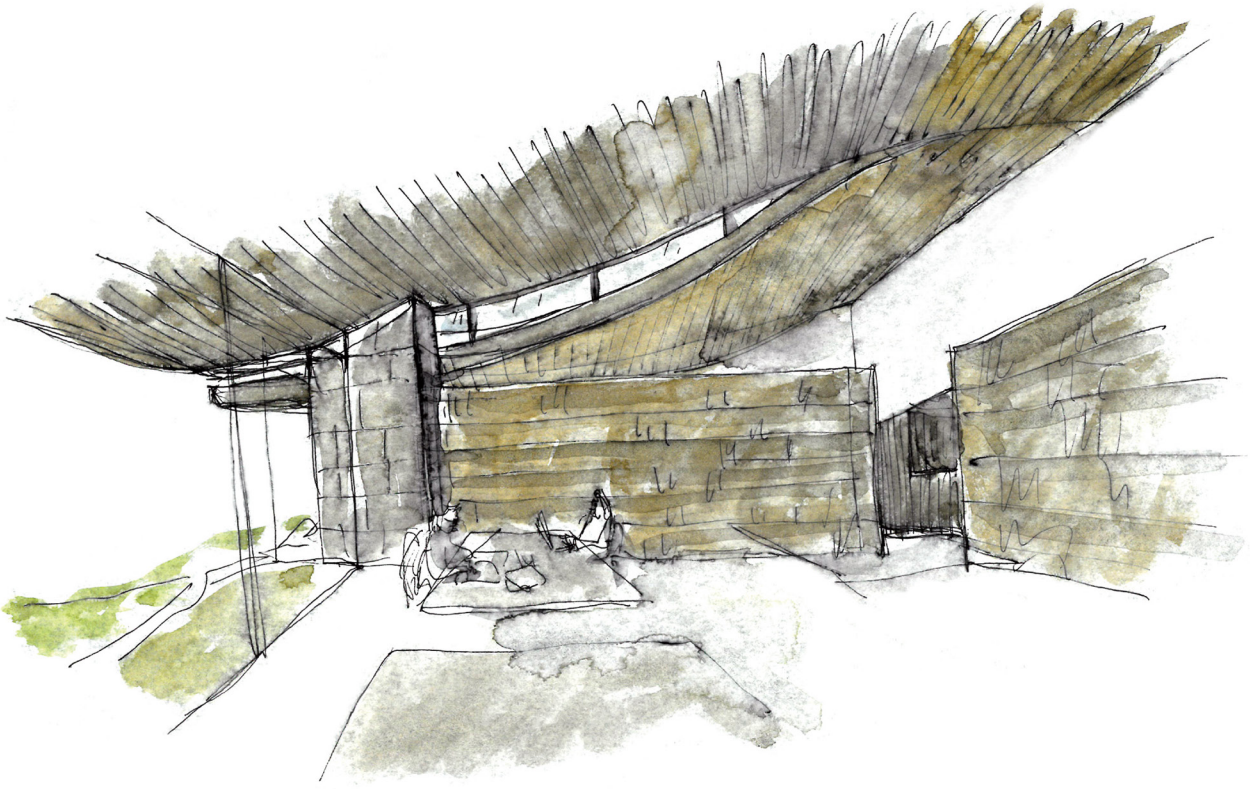
Apenas um dos espaços entre os eixos foge à regra: a entrada. Este espaço, onde se encontra um balcão de receção, é marcado por uma *mezannine*, permitindo a leitura da altura total do edifício a partir do interior (ver Imagem 113). Ao fundo estão as escadas, que por sua vez têm uma claraboia no topo, o único elemento que se ergue na plataforma superior.

Exteriormente, a leitura da métrica geradora do projeto é feita através das "lâminas" que dividem as várias salas de aula e projetam os seus topos na nova rua, criando um ritmo que ecoa em toda a sua extensão. Simultaneamente, de modo realçar o ritmo destes planos transversais, os dois pisos são pensados de forma autónoma, atribuindo ao piso superior um caráter fechado e longitudinal. Assim, o primeiro piso é transparente, marcado apenas pela métrica que o organiza, e o segundo é lido como um volume opaco, introspetivo, que protege as salas da exposição solar e cria um passeio abrigado na nova rua.

O edifício é pensado, no seu exterior, com um revestimento de placagem de pedra granítica. Este material reveste todo o projeto de modo a integrá-lo na sua envolvente próxima – habitações, ruínas e muros de granito – sem se confundir com a mesma. O desenho geométrico e rigoroso da placagem de pedra atribui ao projeto um tempo próprio, contemporâneo, que se destaca, sem se afastar, do tempo do seu contexto.

No interior, as "lâminas" (paredes que dividem as salas), permanecem em granito e transformam-se em vigas na zona do corredor, dando continuidade à leitura do seu ritmo no espaço de circulação. No encontro da viga com o corpo de serviços, surge uma linha longitudinal que percorre todo o corredor e marca aí uma transição de materiais. O corpo longitudinal, todo pintado de branco, é revestido a madeira até à altura de 2.20m e, daí para cima, rebocado. Esta escolha de materiais é feita de modo a acentuar o caráter autónomo e regulador da "lâmina" e criar a sensação de que esta pousa, ou se segura, no corpo de serviços.

A jusante da nova rua, o terreno desce, entre socalcos, até chegar à Rua 22 de Julho. Esta zona é marcada, sobretudo, por áreas verdes relativamente horizontais, muros de pedra, algumas árvores e pequenas construções de caráter precário.



O **Edifício B,** a implantar aqui, procura criar uma frente com vida para a rua e dialogar com o Edifício A, interferindo o menos possível com a vista da sua plataforma superior. O programa que lhe é atribuído é a zona administrativa da escola, a biblioteca e a zona de estudo, o bar/cafetaria e o auditório, procurando que estes dois últimos possam funcionar de forma independente.

As circunstâncias específicas deste lugar levam a que o Edifício B se procure autonomizar da envolvente e soltar-se das construções em redor, procurando uma leitura de um corpo com identidade própria, ainda que obedecendo à métrica geradora de todo o projeto.

De modo a criar a sua narrativa projetual e não interferir com a vista a partir do topo do edifício em frente, compreendendo que a sua cobertura é um alçado com grande visibilidade, decide-se curvá-la. Ao mesmo tempo, de forma a quebrar a escala deste equipamento, aproximando-se da escala da envolvente, divide-se a cobertura em tramos iguais, com a largura da métrica base.

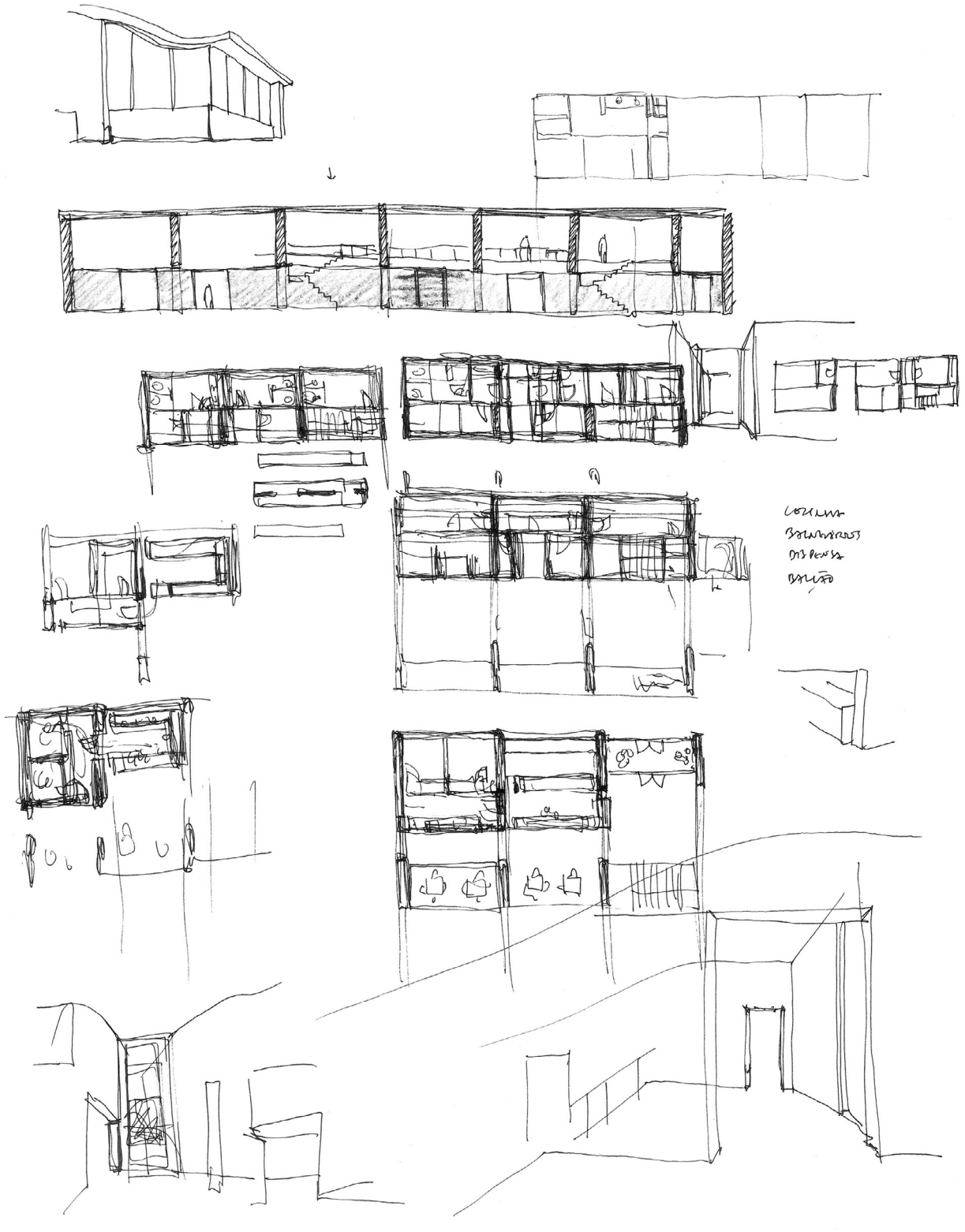
Cada um destes tramos, tendo a mesma largura e comprimento, varia em altura e curvatura – uma variação, que associada à rigidez da organização interior, permite que espaços com o mesmo desenho em planta, tenham diferentes qualidades. Esta divisão da cobertura acontece, apenas, do lado do edifício que se volta para a Rua 22 de Julho, já que a fachada que se volta para a nova via mantém uma horizontalidade contínua, de modo a criar uma relação com a rua semelhante entre as duas partes do projeto.

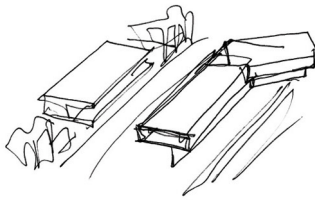
A cobertura é pensada em chapa de cobre de modo a ter um tom térreo, que com o passar do tempo se transforma e ganha uma cor esverdeada, criando uma relação com a envolvente que vai evoluindo. No início, aproxima-se, do tom das pedras e da terra, do contexto próximo, e depois, do tom das árvores, da vegetação e dos montes que se vêm na paisagem, ao longe. Uma variação que permitirá ao edifício crescer em significados ao longo da sua existência, promovendo diferentes diálogos com a vida que o rodeia.

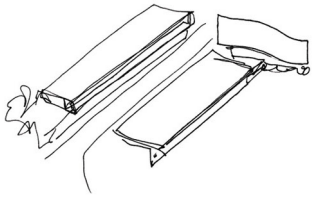
O Edifício B organiza-se segundo os eixos da métrica geral do projeto, espaçados de 6 em 6 metros, e divide-se, no seu interior, em duas zonas distintas, de modo a garantir o funcionamento autónomo do auditório e da cafetaria, que comunicam entre si através de uma passagem no piso inferior.

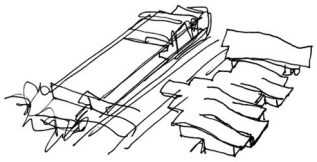
[Imagem 115] Interior do Edfício B, na zona de estudo. Num momento em que em vez de lâminas, apenas pilares dividiam os espaços. Não corresponde à solução final. Esquiço do dia 1 de Agosto de 2021.

No piso térreo localizam-se, de um lado, as salas de reunião, os gabinetes e a entrada principal, que se alinha com a do Edifício A e se caracteriza por um espaço fluído e contínuo, moldado pelas "lâminas" e pela cobertura, que curva e direciona o olhar para o jardim em frente. Do outro lado estão a cozinha, a segunda entrada, a zona de serviços da cafetaria e o auditório, sendo que estes dois últimos encerram o espaço entre as "lâminas" de modo a antecipar o momento das entradas.









No piso inferior estão, de um lado, a biblioteca, a sala de estudo e uma zona informal, e do outro, os espaços de refeição, sendo que todos se abrem para o jardim. A rigidez da métrica, e a repetição do elemento vertical, tornam estes espaços aparentemente iguais, no entanto, as diferentes alturas e curvaturas de cada tramo da cobertura distinguem as suas qualidades espaciais (uma estratégia utilizada para permitir a flexibilidade do uso ao longo do tempo). A unir todos estes espaços, um corredor longitudinal, marcado apenas pela largura das aberturas das lâminas, e atrás deste, todos os serviços – arrumos, sanitários, balcões de apoio, escadas e elevadores.

A organização geral do piso inferior é semelhante à do piso térreo do Edifício A e explora os mesmos temas e a mesma materialidade: toda a parede é branca, sendo revestida a madeira até 2.20m de altura (momento em que a lâmina se encontra com a parede) e daí para cima, rebocada. Esta diferença de material procura, novamente, dar a sensação de encaixe de elementos, de criar uma relação de tensão física entre eles, para lá de um simples encontro inócuo e casual.

O auditório, elemento de exceção, autonomiza-se, parcialmente, do restante conjunto. Com uma orientação e largura diferentes, este corpo procura marcar a importância do seu programa - lugar de encontro, música e espetáculo para toda a aldeia e região. Com entrada a partir da rua, este equipamento estende-se pelo jardim, e abre-se sobre a vista, para que a Banda Filarmónica, quando aqui tocar, tenha a aldeia e a paisagem como pano de fundo. A sua sala tem capacidade para mais de 100 pessoas e sob esta estão os camarins, com uma entrada autónoma a partir do exterior e uma ligação privada ao palco.

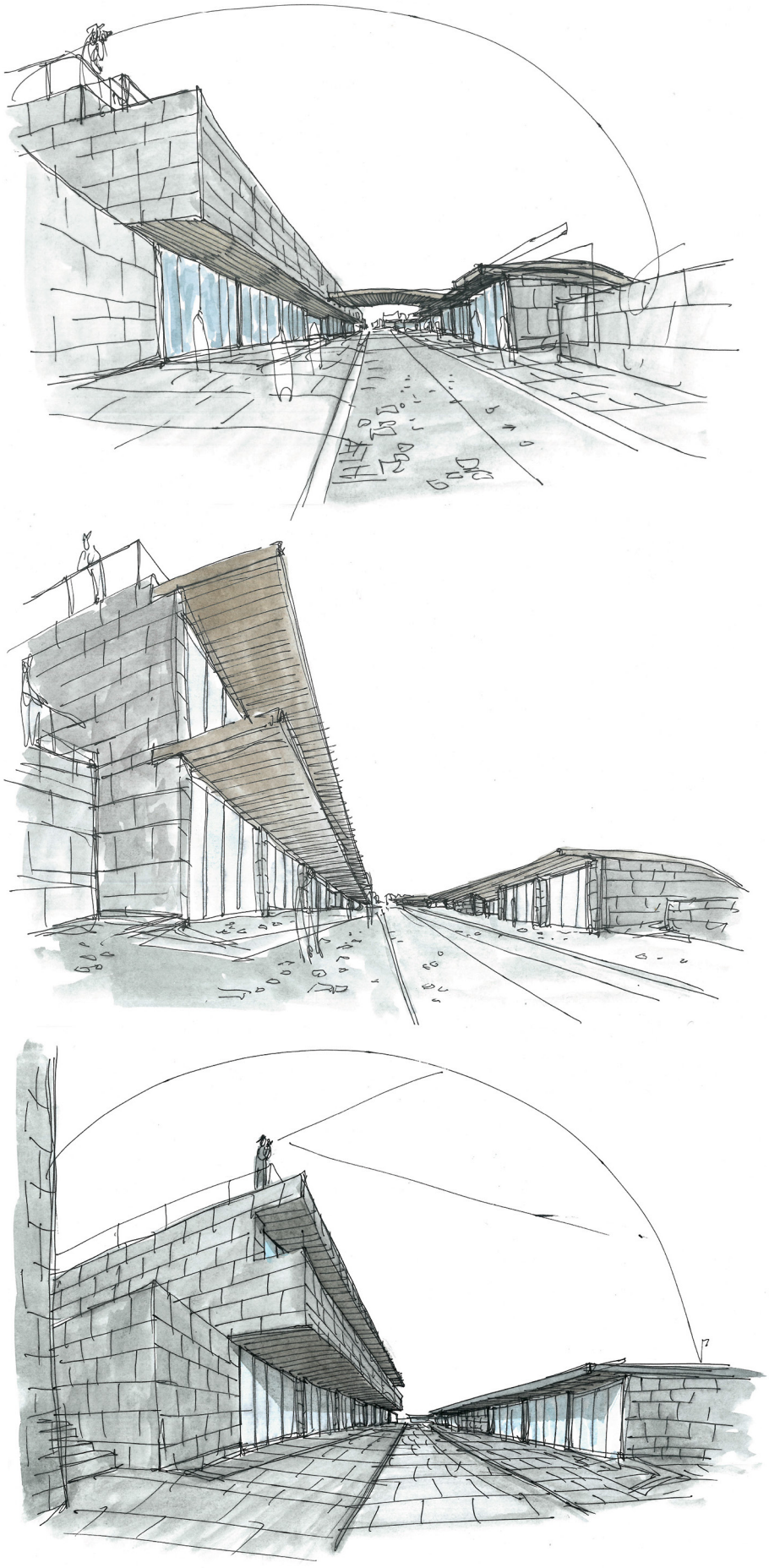
Em frente ao Edifício B, o terreno é requalificado de modo a criar aí um jardim que serve como primeiro pano de fundo a todos os espaços que para aí se abrem e que convida ao convívio e aproveitamento por parte de todos os aldeões e visitantes.

Associado a este lugar, uma escadaria na zona sul que o liga, abaixo, à Rua 22 de Julho, e acima, à nova rua, apontando às restantes escadas e permitindo, assim, uma continuidade entre os vários elementos desenhados para vencer as transições de cota deste terreno.

A **nova rua** é desenhada entre dois eixos, espaçados em 3 metros e une a Calçada do Beco à Rua do Castelo, encontrando-a no lugar onde existe apenas um muro entre duas habitações. O seu tramo inicial tem uma grande inclinação (já existente), e depois curva e suaviza, mantendo uma pendente constante. Dois passeios, de um metro e meio de largura cada, acompanham a extensão possível da rua, quebrando apenas no encontro com as construções existentes.

[magem 116] Conjunto de esquiços do processo projetual. Procura da organização interior do edifício B, com foco na zona de serviços e no alçado interior.

[magem 117] Esquema síntese da procura da forma do Edifício B.

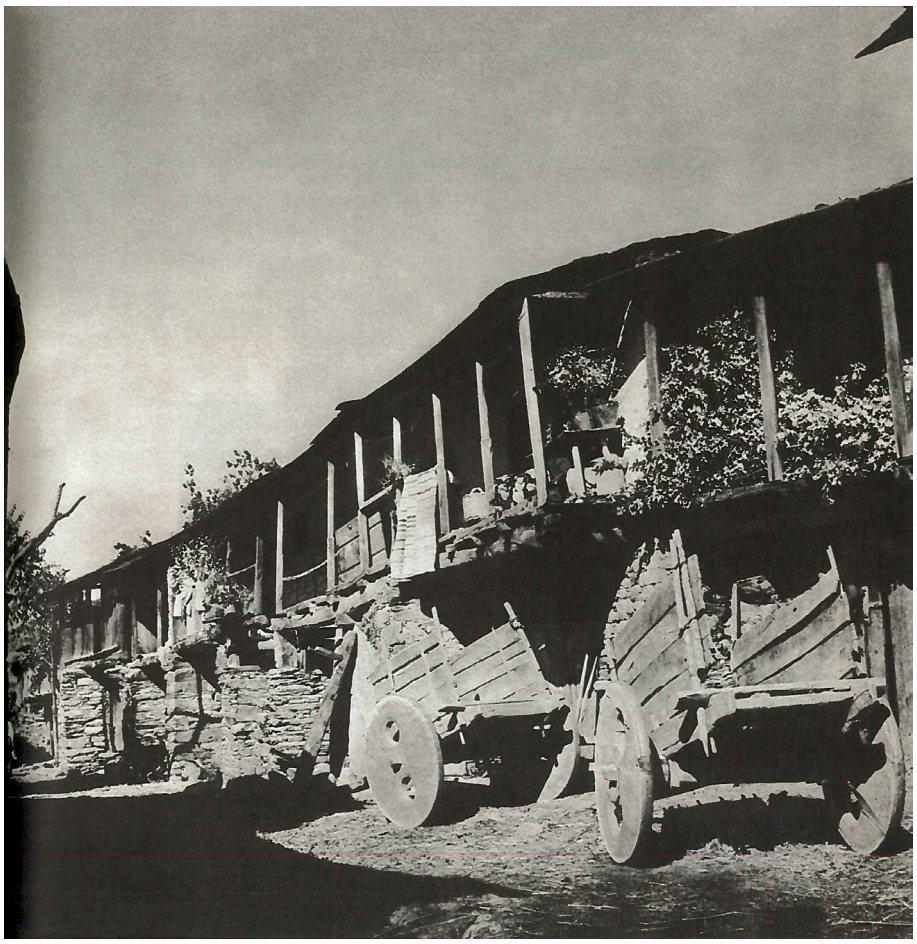


[Imagem 118] A evolução do desenho da nova rua e do alçado dos dois edifícios, que se abrem para ela. Esquiços realizados ao longo do processo, por ordem do seu desenvolvimento (30.08.2021, 08.09.2021 e 23.09.2021). O último aproxima-se da solução final, apesar de não a ser.

O momento de encontro dos dois edifícios novos com a rua é trabalhado de modo a torná-los dialogantes e a conferir ao espaço entre eles a qualidade de uma zona, simultaneamente, interior e exterior, de estar e de atravessar. Assim, em cada lado é criado um espaço que o edifício dá à rua e protege. Este espaço resulta do alargamento do passeio em mais um metro e meio e é protegido, na mesma largura e em toda a sua extensão, através do volume das varandas do Edifício A ou através da cobertura do Edifício B.

Dois espaços protegidos, sombreados, marcados por um ritmo constante e pela vida dos espaços que para aí se abrem, acompanham a rua e geram um ambiente de confraternização e diálogo.

Uma imagem de Trás-os-Montes, do inquérito da arquitetura popular portuguesa (Imagem 119), acompanha e guia o desenho da nova via. Procura-se a memória das antigas ruas da aldeia – estreitas, com o chão de pedra e com as suas varandas a anunciar a vida que cada casa continha.



[Imagem 119] No livro Arquitetura Popular em Portugal, na página 137 do primeiro volume, uma só imagem preenche toda a folha. O seu título: Rio de Onor. Bragança. Uma rua.

As escadas repetem-se, lado a lado, ao longo da rua, criando um ritmo constante e as varandas, pousadas sobre elas, anunciam a vida do seu interior com os seus tapetes, plantas, vasos, cestas… Em primeiro plano, duas carroças de madeira descansam em frente às casas sobre um chão de terra e pedra.

Por entre o ruído que a imagem evoca, a sombra é o elemento que tudo unifica e acalma. É a sombra que intensifica o ritmo das escadas, que torna contínuas as varandas, que prende ao chão as carroças e anuncia que, do outro lado da rua, uma outra casa talvez em tudo semelhante, descansará também.

Da escola de música em Vilarinho

Um lugar esquecido. Ruínas de vivências, hoje abandonadas. Um terreno difícil de atravessar, pouco habitável, e por isso, deixado de fora do avançar dos tempos.

Uma nova proposta de vida. Uma rua, elemento público de atravessamento, de convívio, de ligação, e uma escola de música que lhe dá vida. O som das crianças e dos instrumentos ecoa por Vilarinho. Um novo ciclo que se abre.

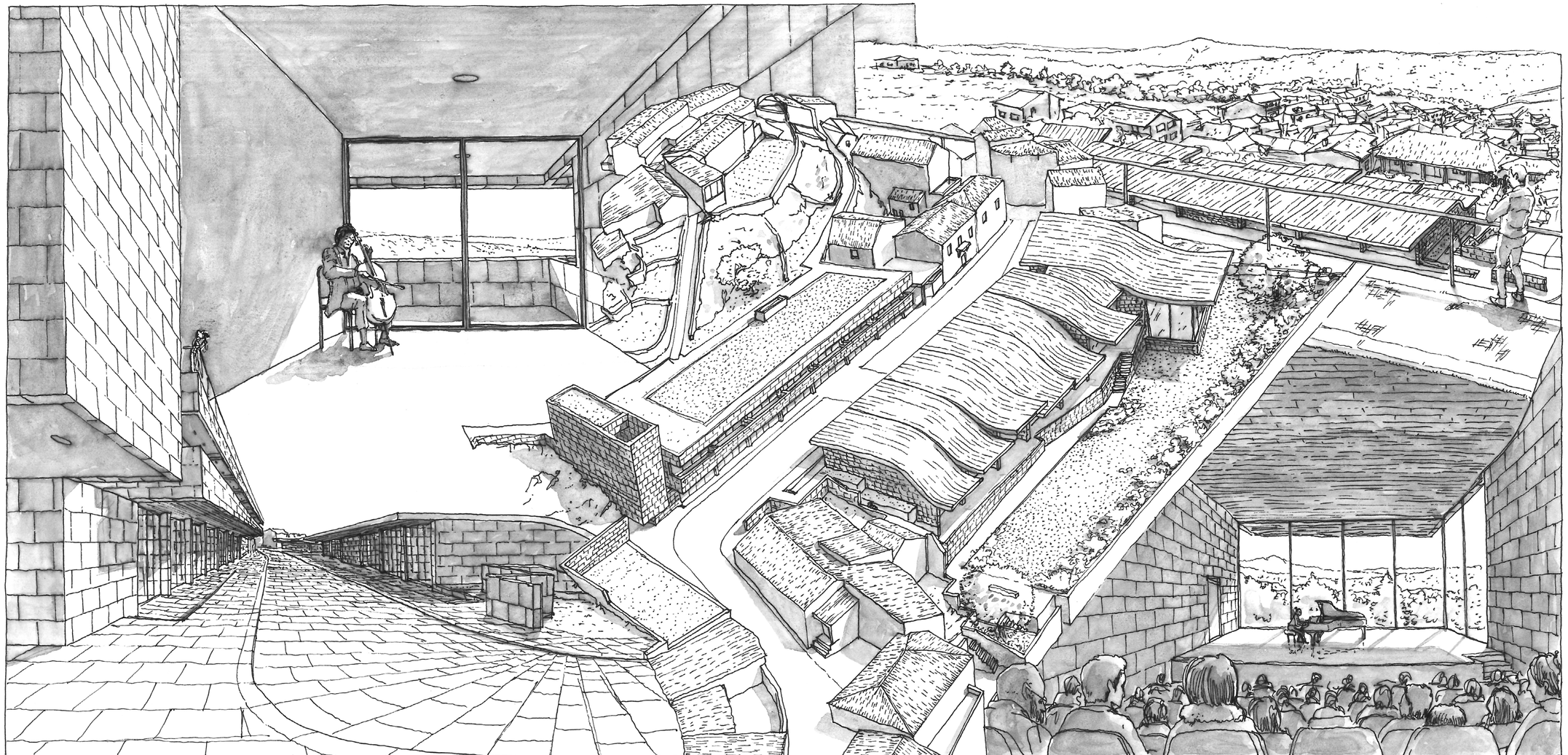
A aldeia, até então vista apenas como produtora agrícola, transforma-se, aos poucos, em centro de produção e ensino musical. Um lugar diferente para aprender música, onde a paisagem natural e agrícola está presente e amplifica a qualidade do dia-a-dia de cada um.

De um lado, o ensino, um corpo introspetivo, de resguardo e prática individual e coletiva onde a paisagem se torna quadro em cada sala. Do outro, a *performance*. A derradeira prova, o auditório que se enche para ouvir com atenção quem lá vai tocar, envolto pela paisagem da aldeia e pelos montes que se erguem ao longe.

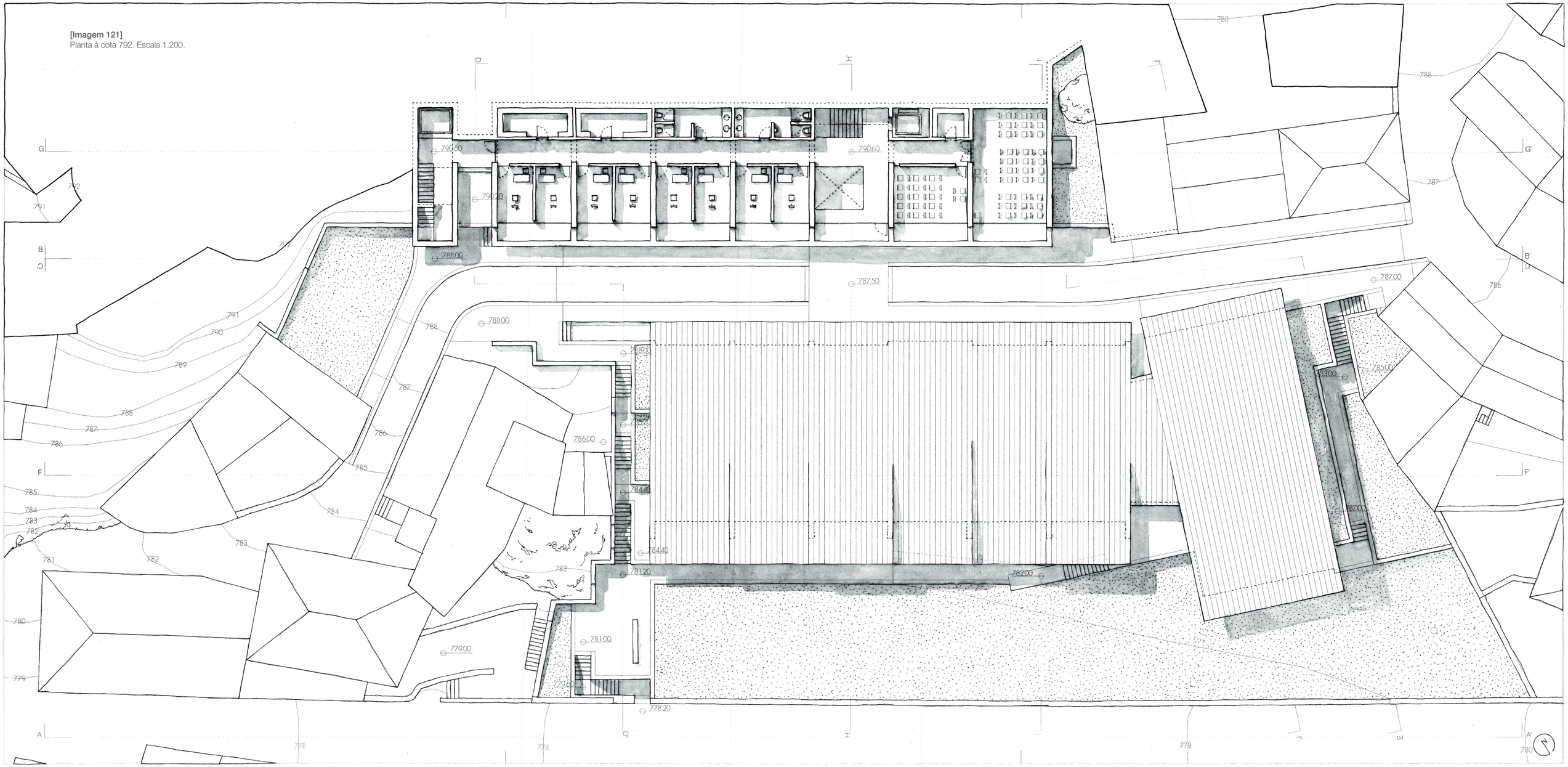
O granito reveste o projeto, evocando a herança material do lugar, mas, hoje, altamente geometrizado, assumindo a sua contemporaneidade. O ritmo e a regularidade do projeto contrastam, delicadamente, com o desenho orgânico da envolvente.

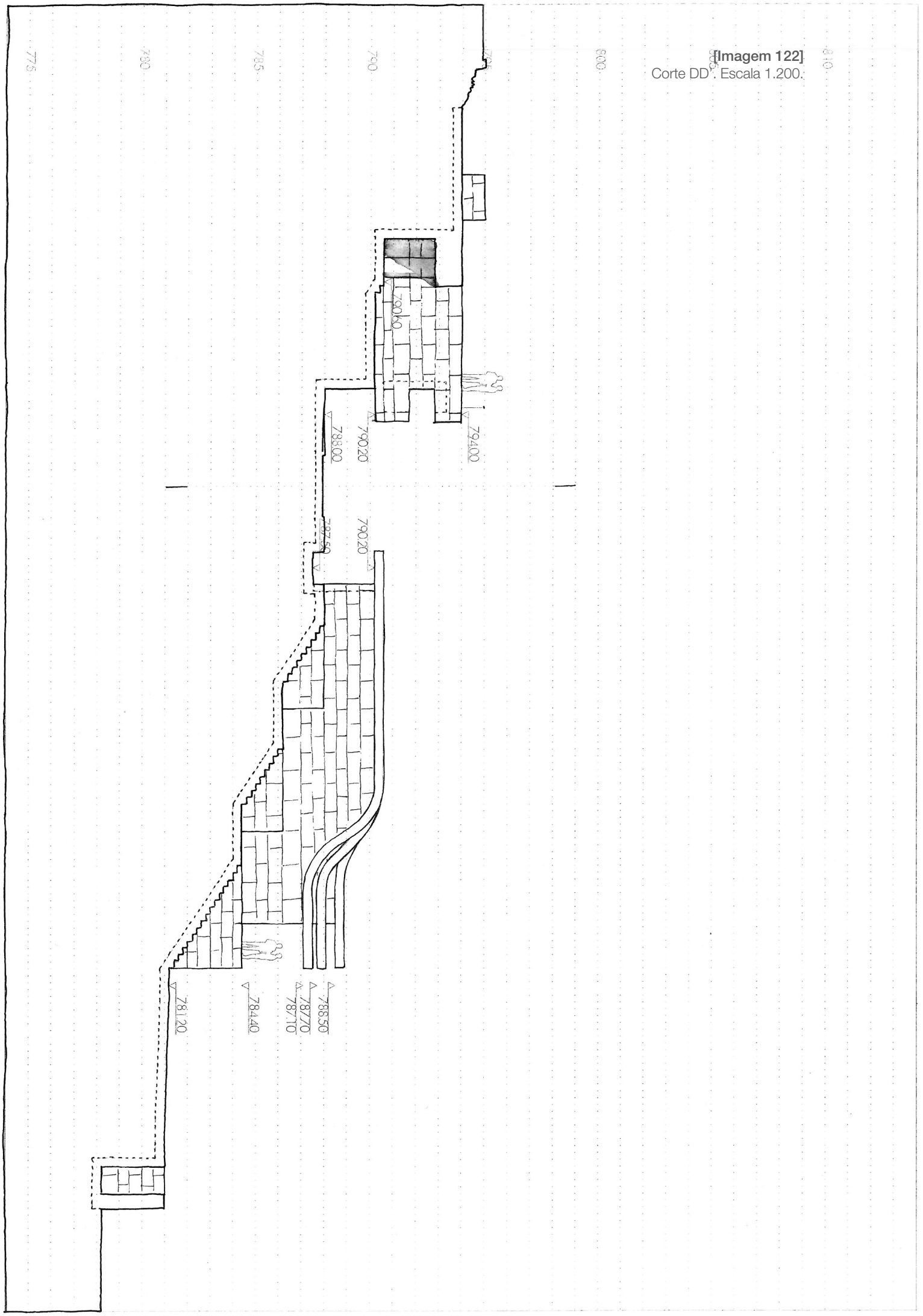
Uma escola em Vilarinho e de Vilarinho, mas para toda a gente (não poderia ser de qualquer lugar, pois a aldeia invade todos os seus espaços). Dois corpos novos que se esforçam por pertencer, que se vestem, curvam, baixam e rodam para se acomodar ao lugar onde, possivelmente se há de dizer que *sempre* lá estiveram.

[Imagem 120] Painel final de representação da projeto. À esquerda, em cima, a vista a partir da sala de ensaio individual, e em baixo, a partir da nova rua. No centro, axonometria livre da solução. À direita, em cima, a vista a partir do topo do Edifício A e em baixo, a partir do auditório, no Edifiício B.



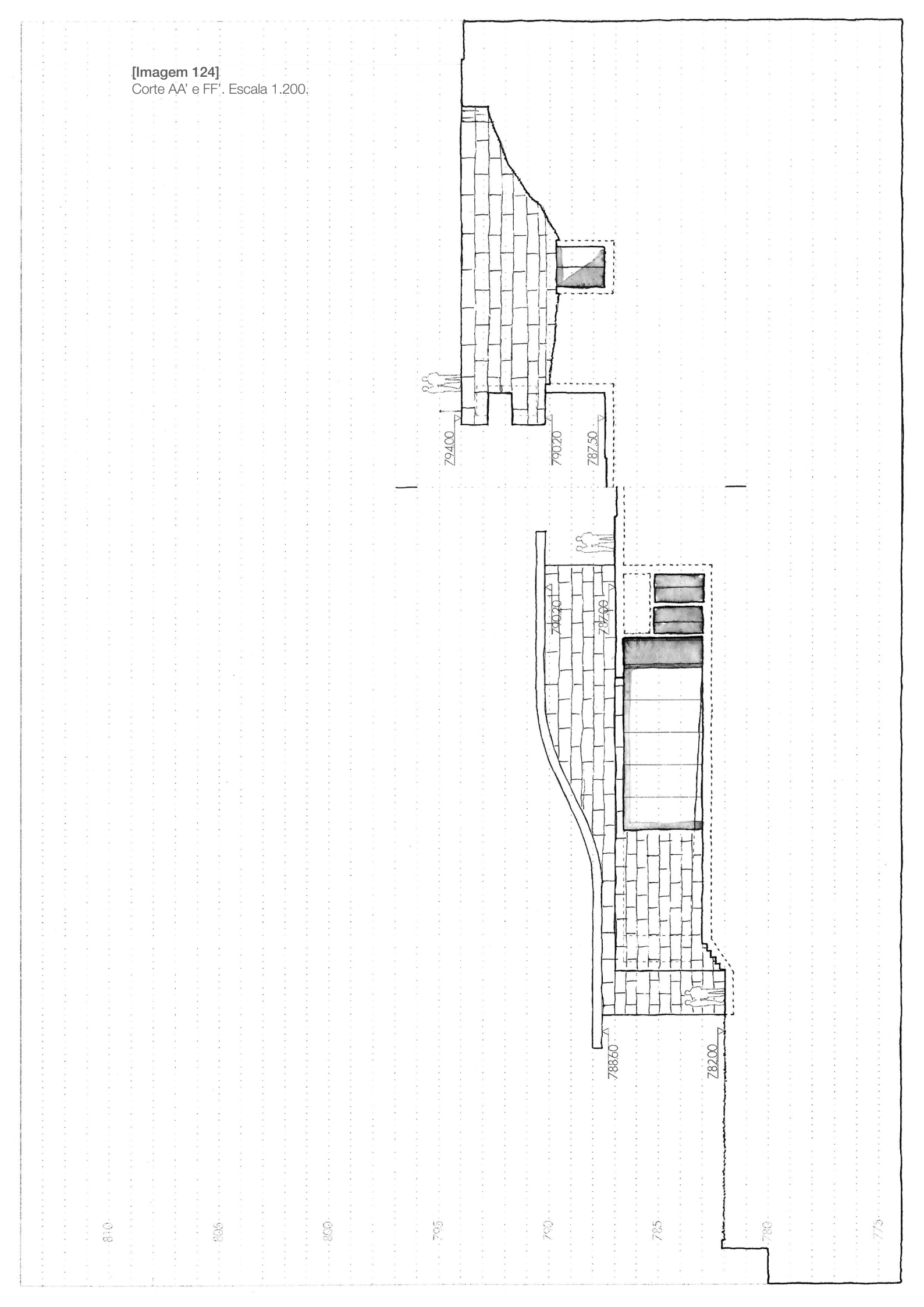
[Imagem 121]
Planta à cota 792. Escala 1.200.



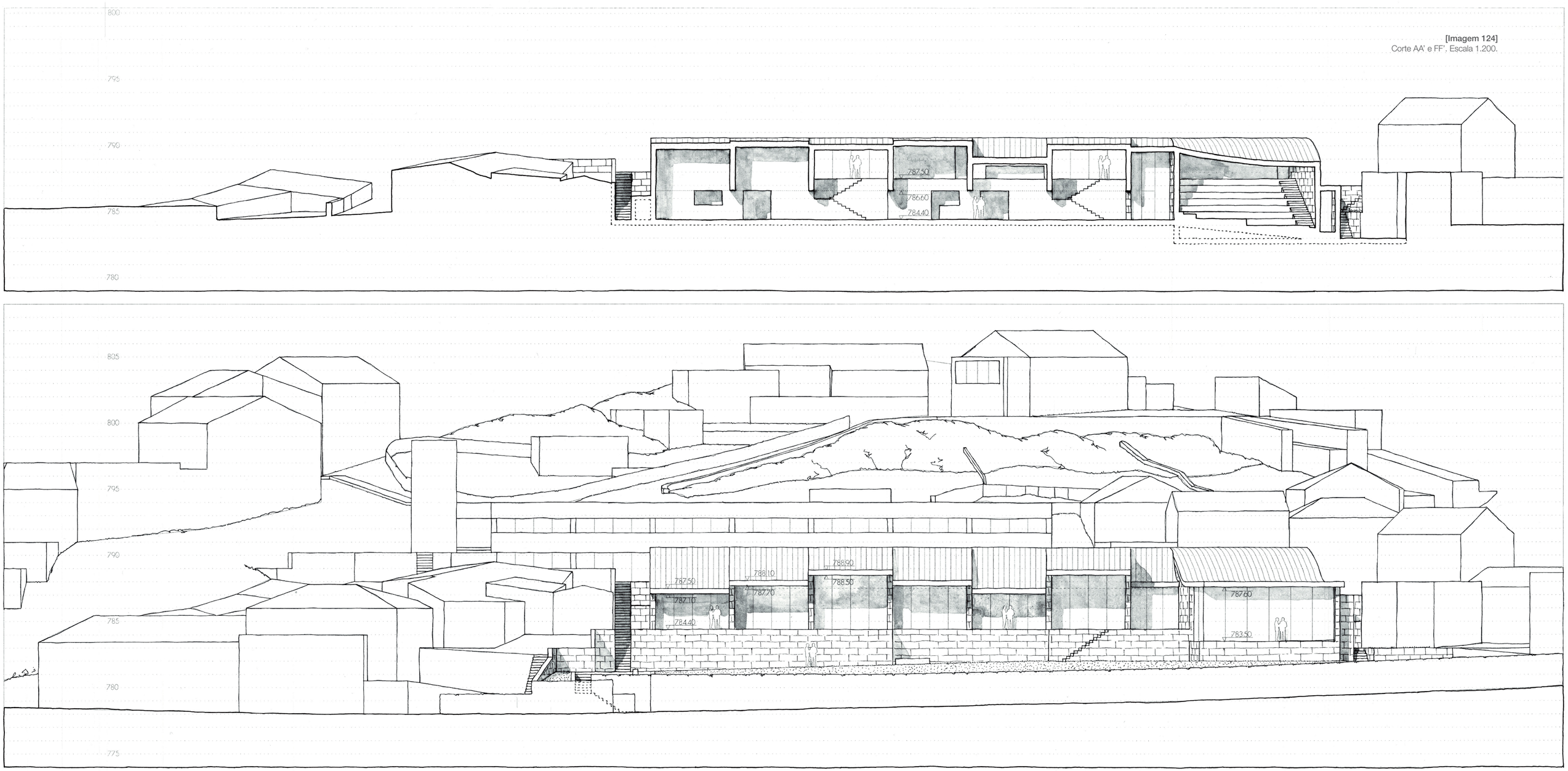


[Imagem 122]
Corte DD'. Escala 1.200.

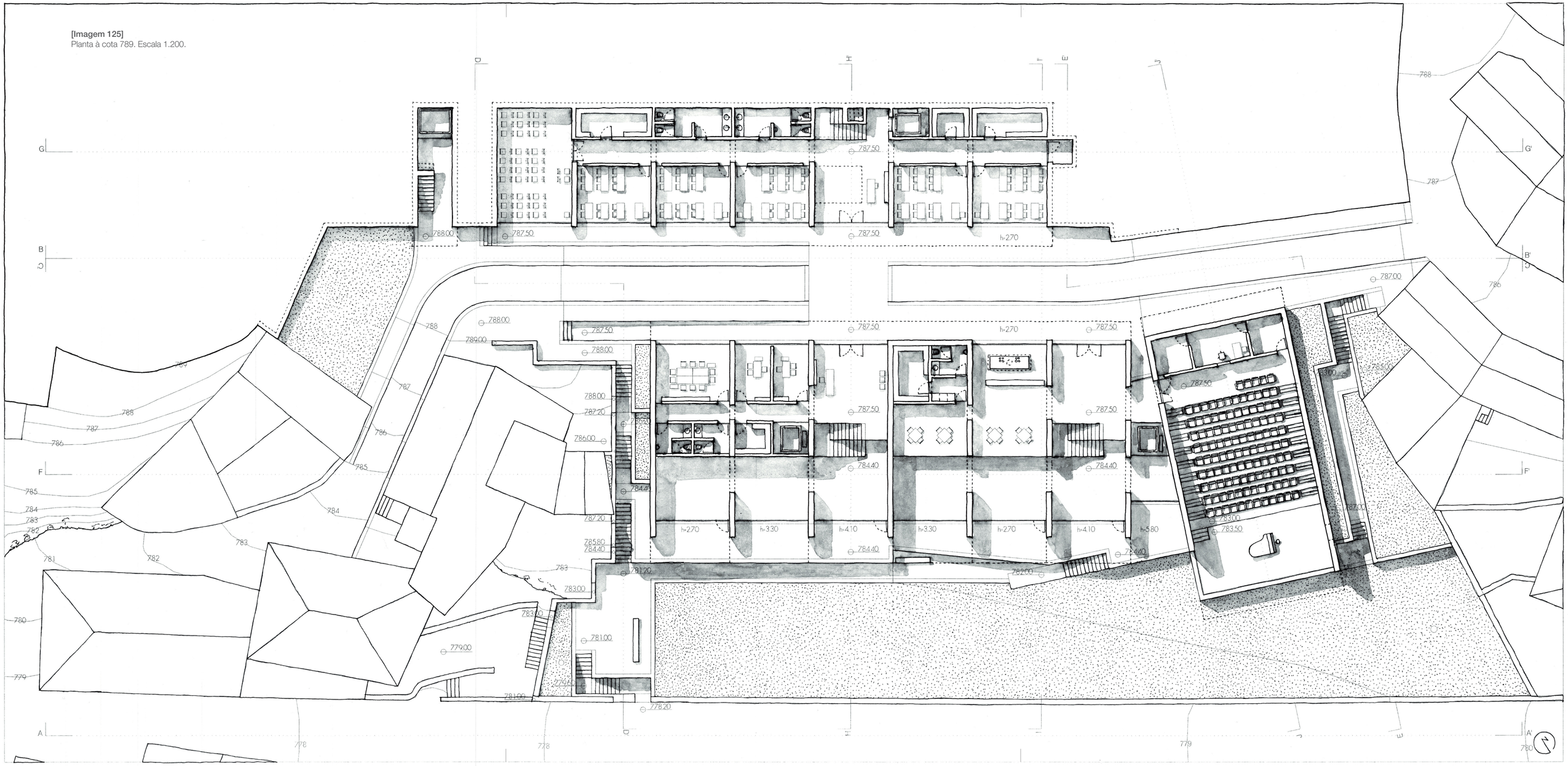
[Imagem 124]
Corte AA' e FF'. Escala 1.200.

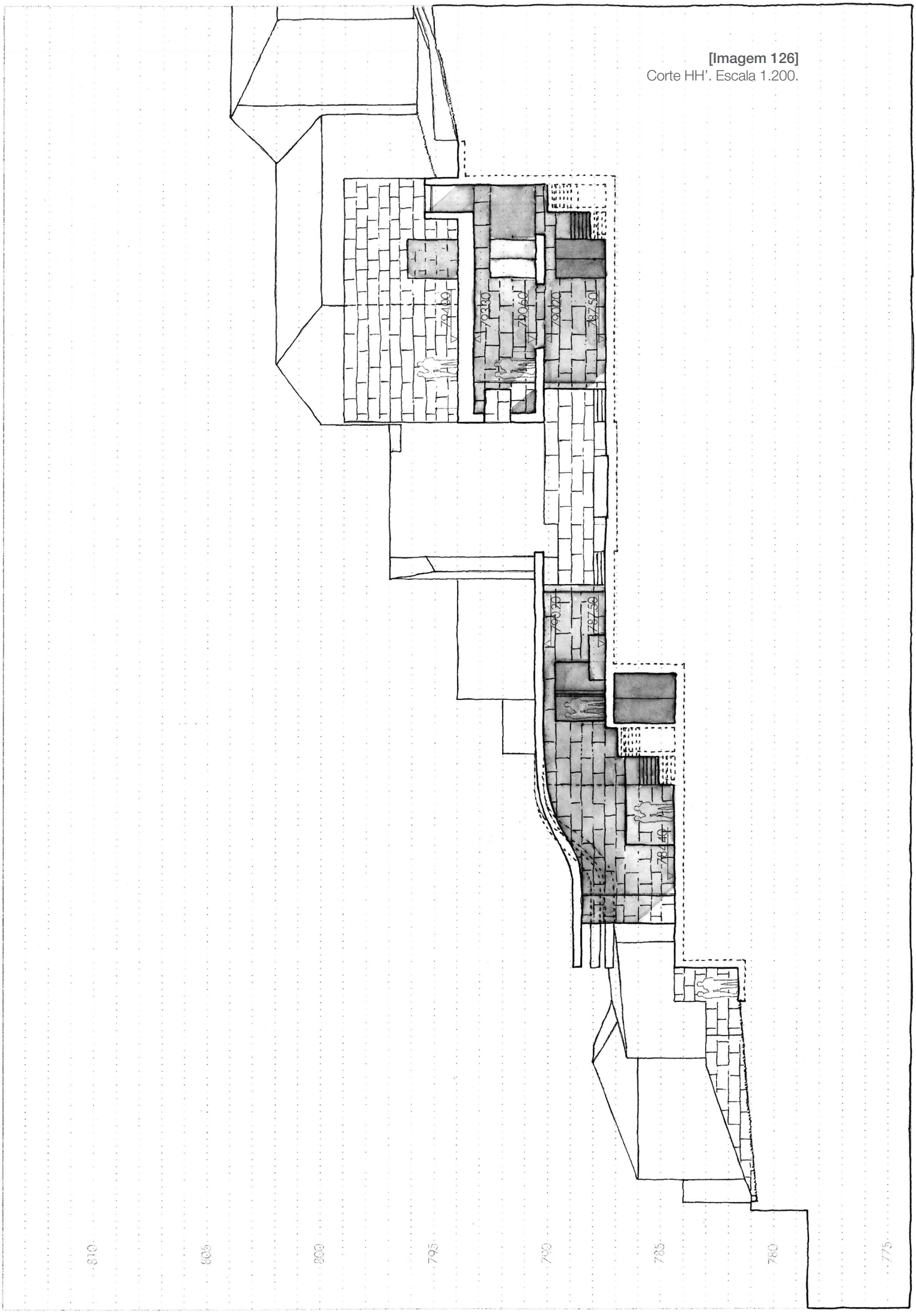


[Imagem 124]
Corte AA' e FF'. Escala 1.200.



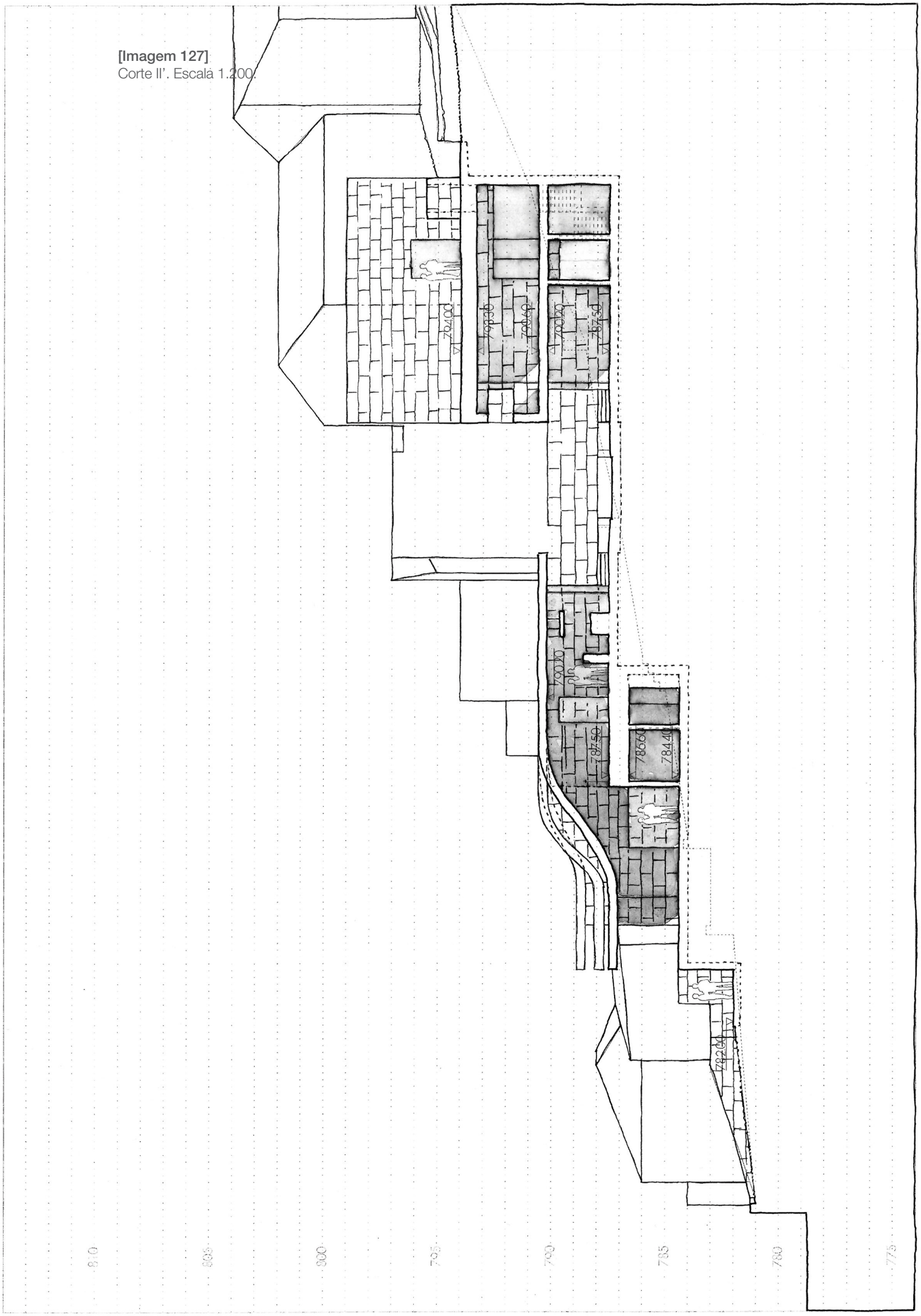
[Imagem 125]
Planta à cota 789. Escala 1.200.



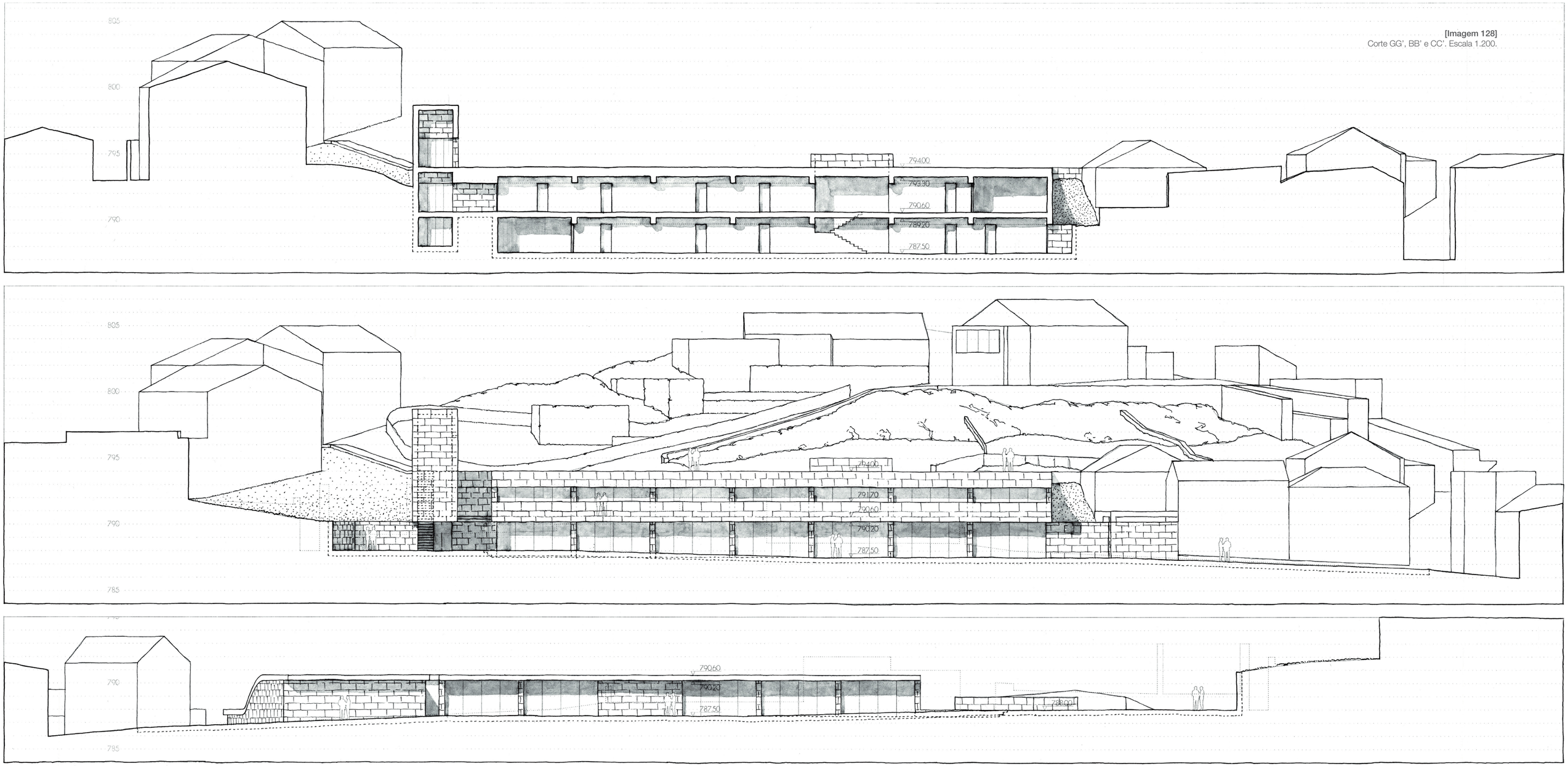


[Imagem 126]
Corte HH'. Escala 1.200.

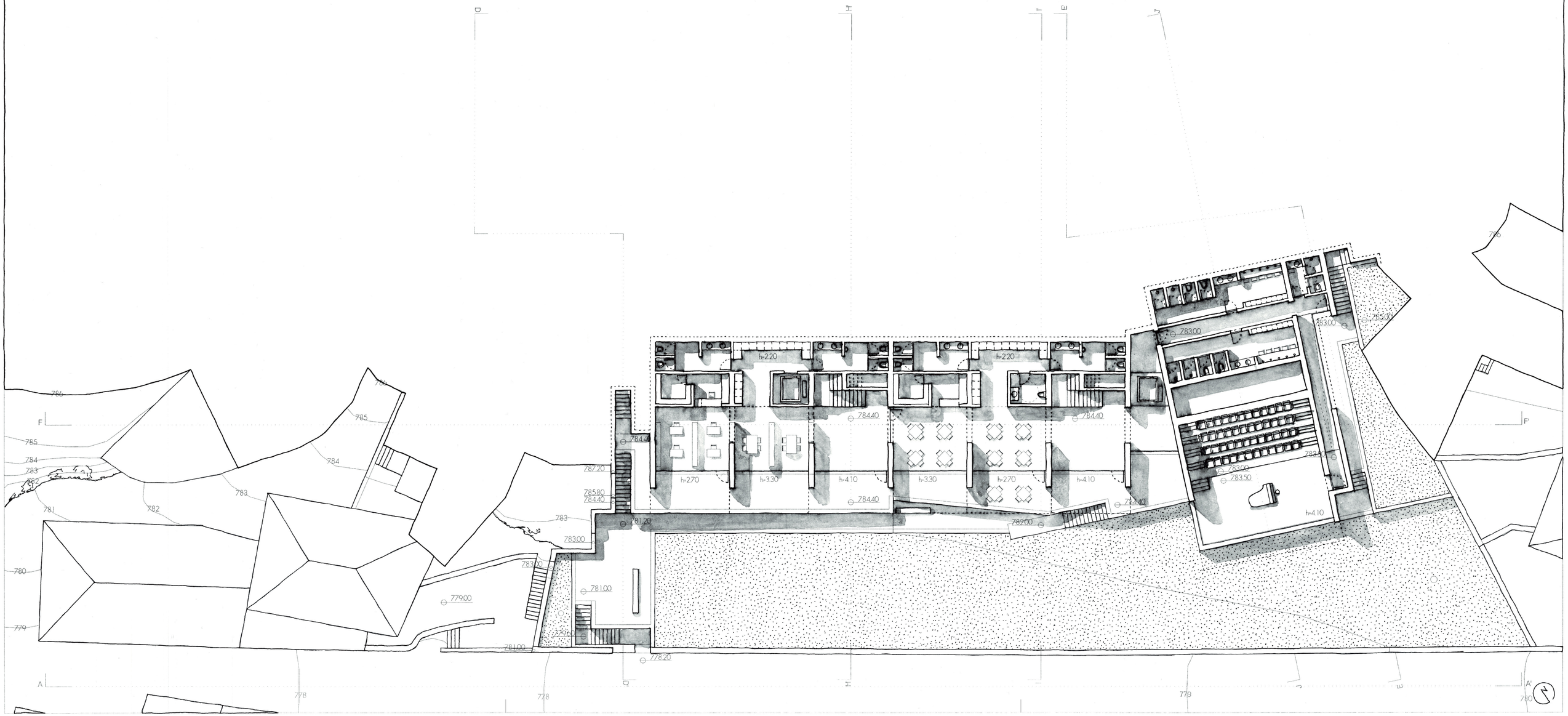
[Imagem 127]
Corte II'. Escala 1.200.

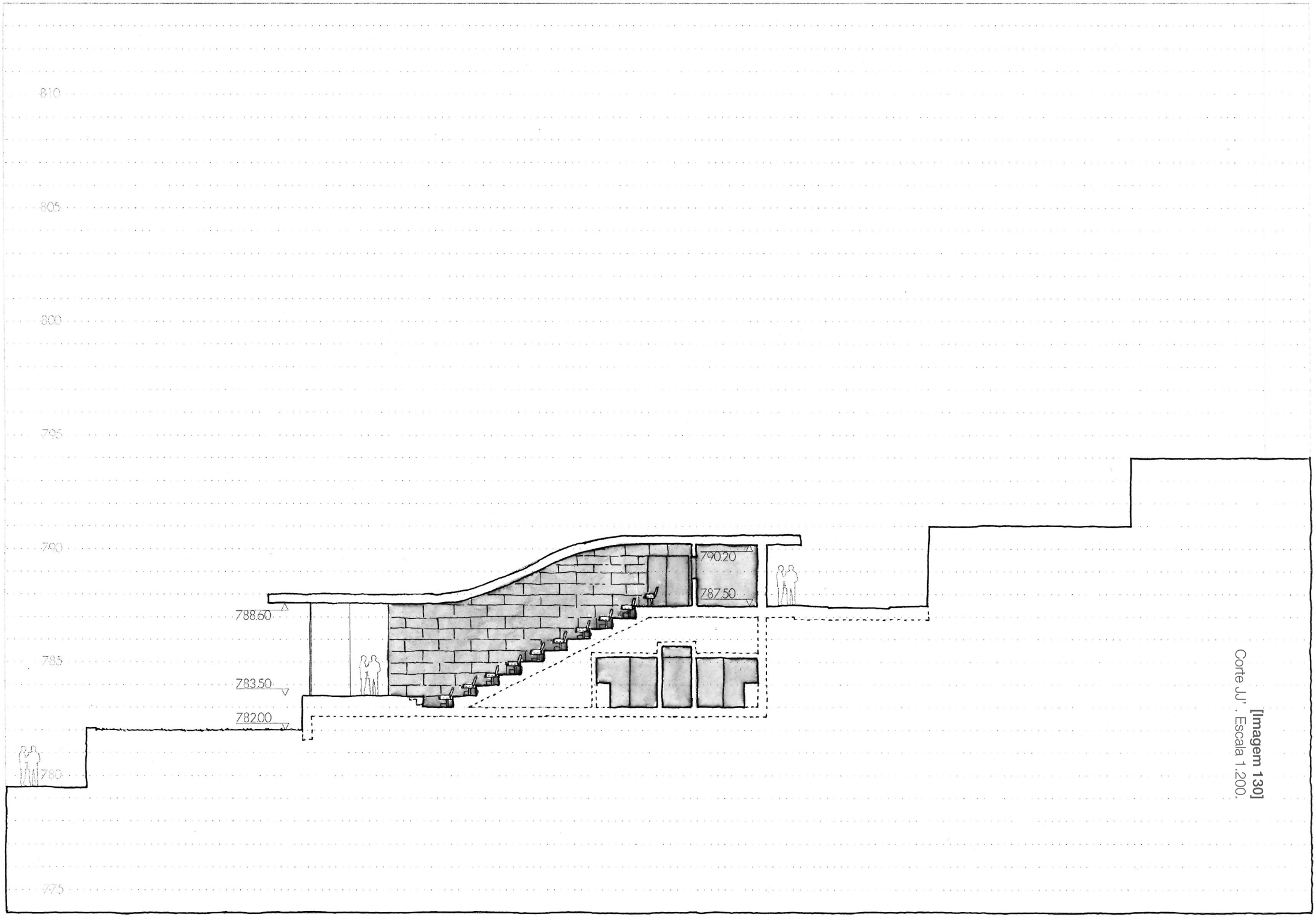


[Imagem 128]
Corte GG', BB' e CC'. Escala 1.200.



[Imagem 129]
Planta à cota 786. Escala 1.200.

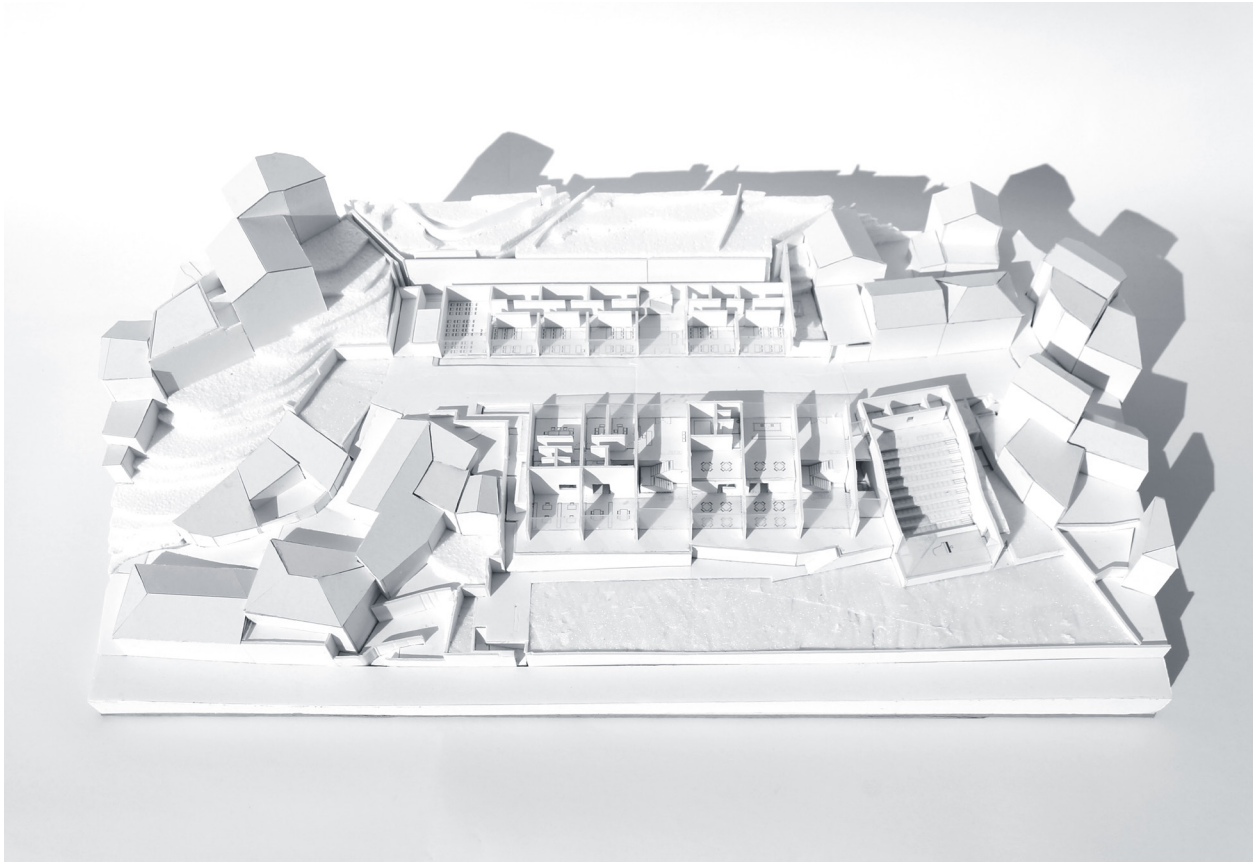




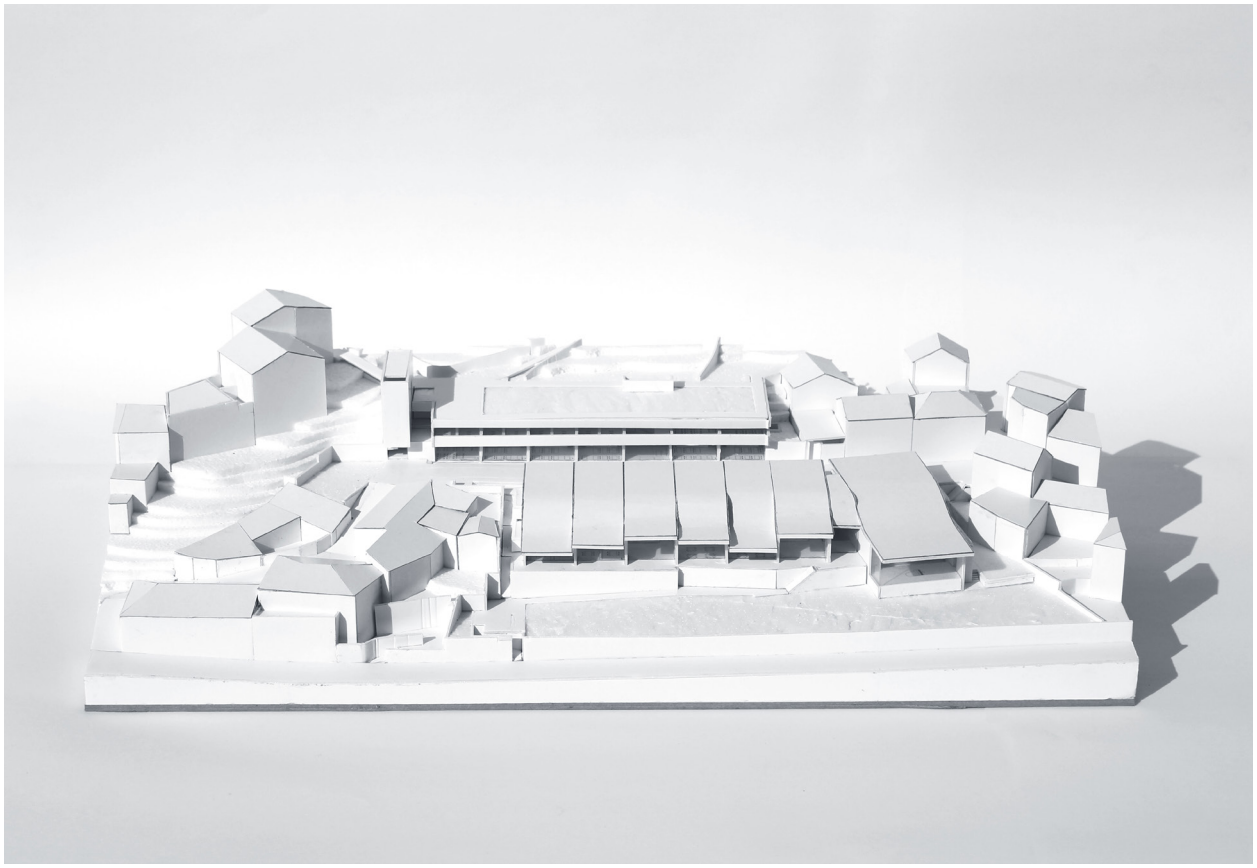
[Imagem 130]
Corte JJ'. Escala 1.200.

[Imagens de 131 a 136]
Maquete da proposta final do projeto. Escala 1.200. Várias vistas aéreas da solução, a partir de diferentes ângulos.

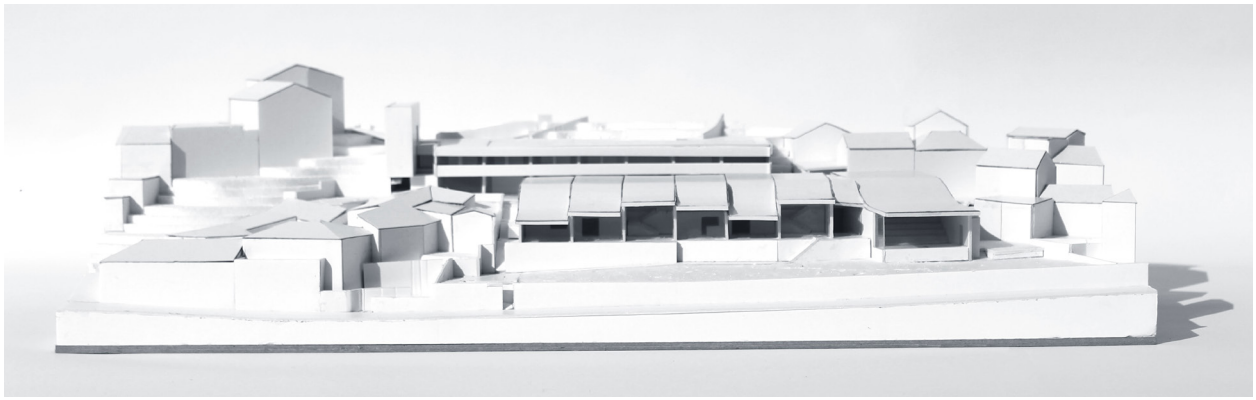
[Imagens de 137 a 144]
Maquete da proposta final do projeto. Escala 1.200. Vistas a partir da rua, de sul para norte, e de norte para sul.



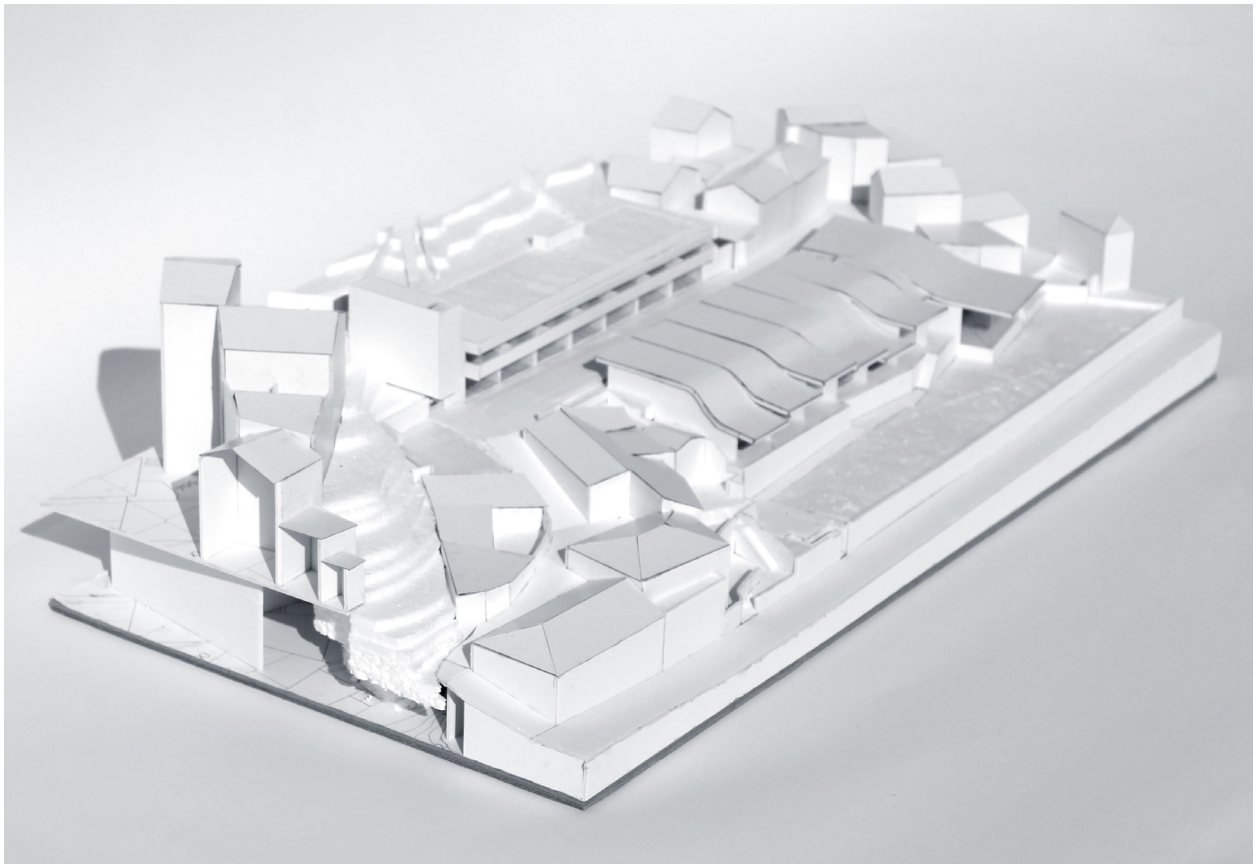
[131]



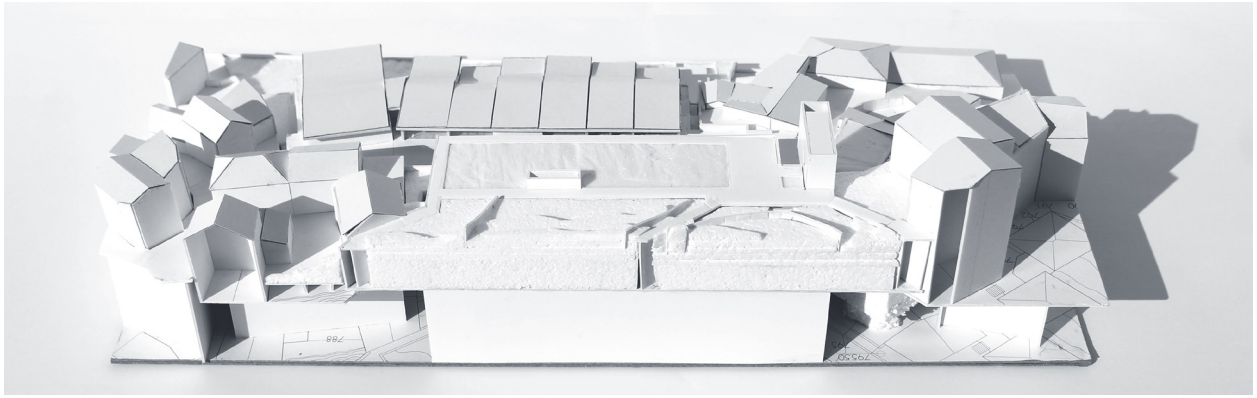
[132]



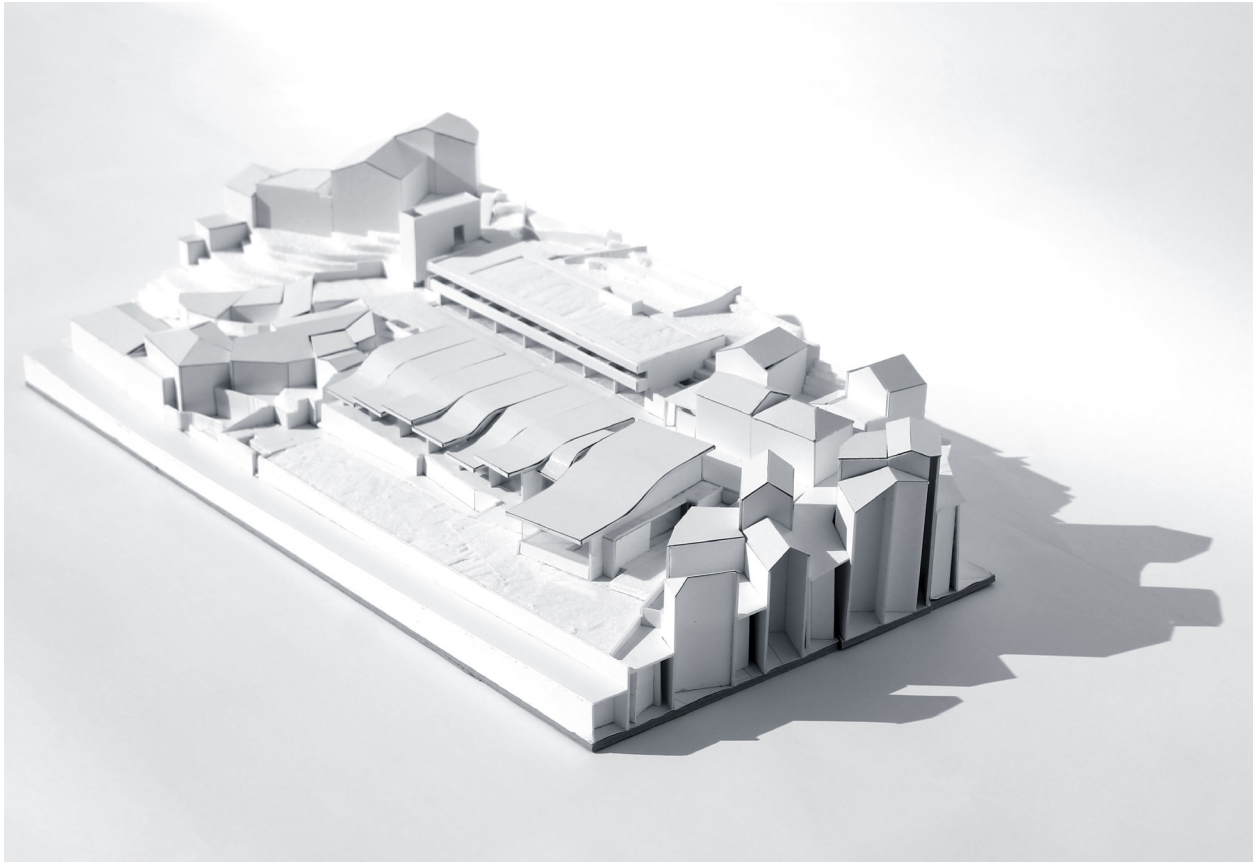
[133]



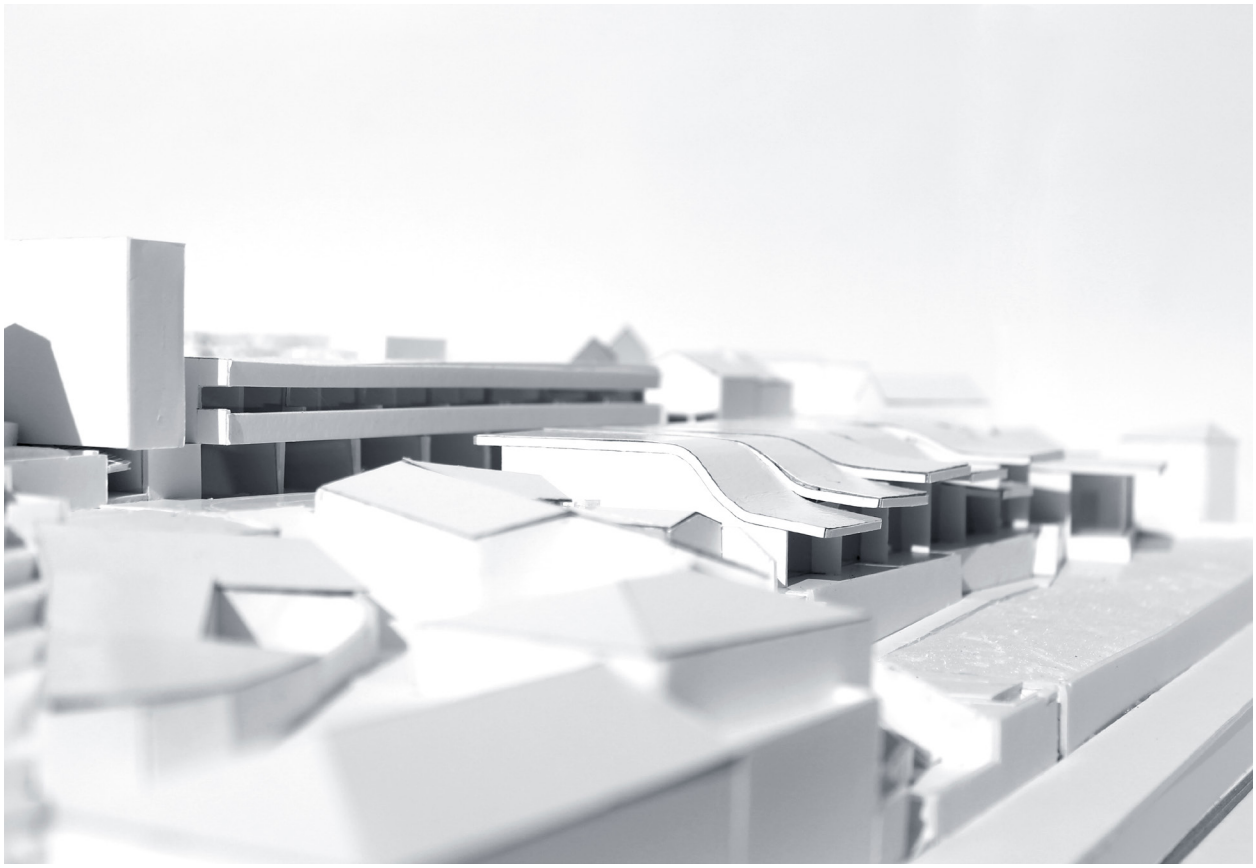
[134]



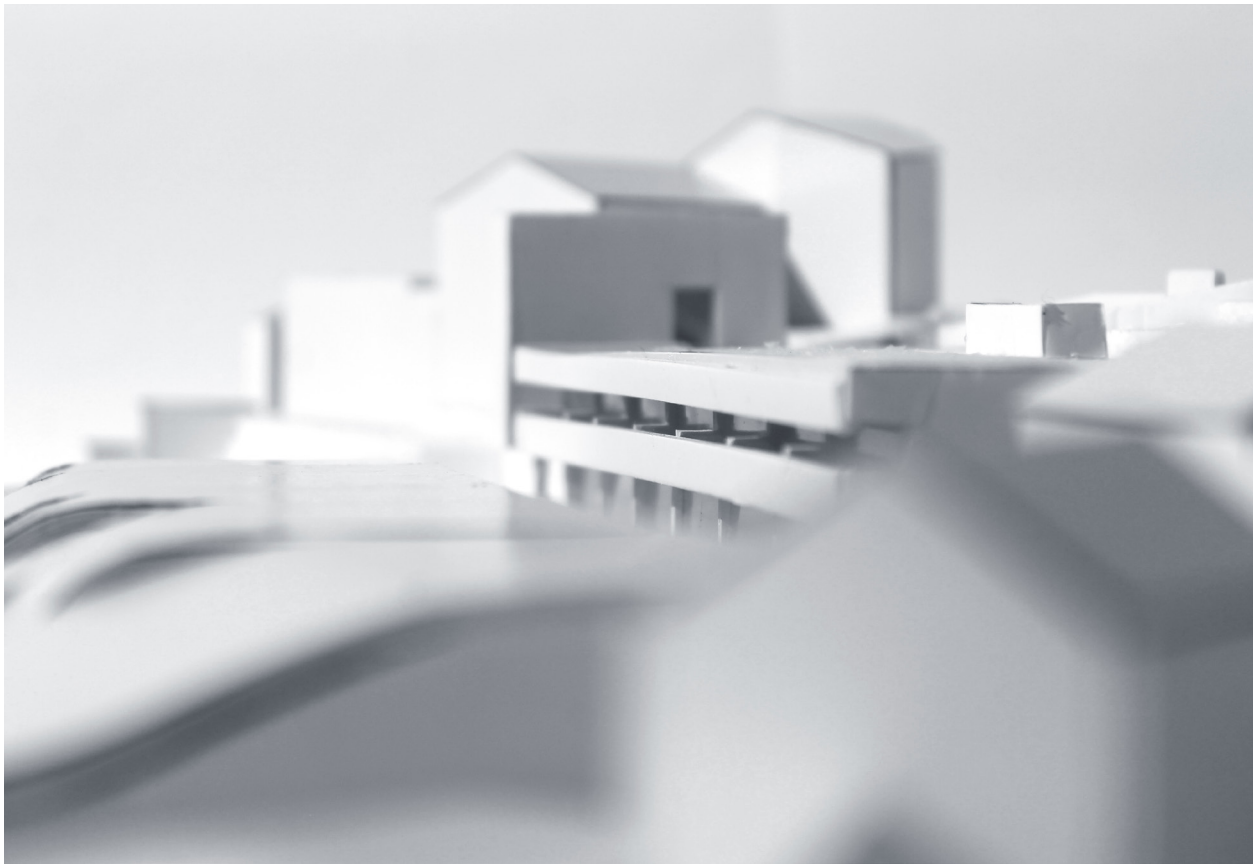
[135]



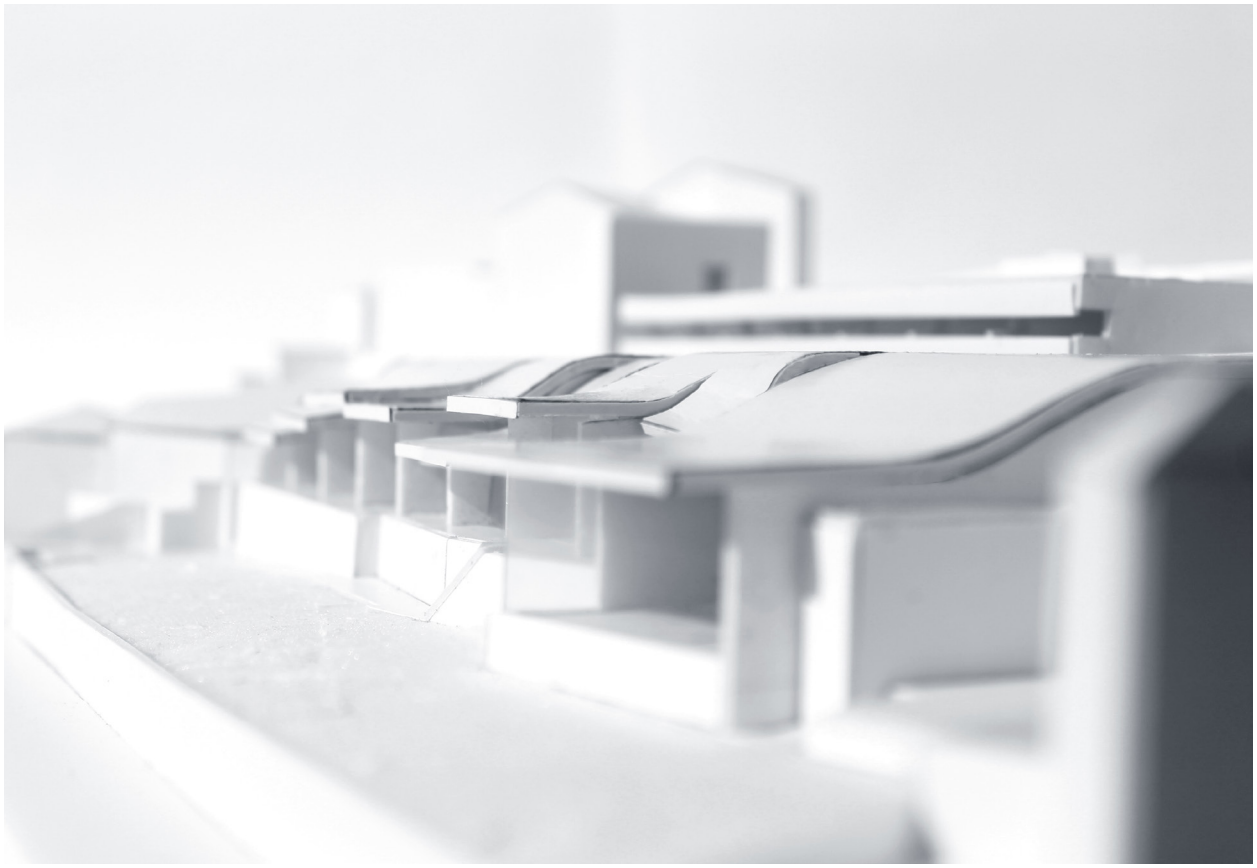
[136]



[137]



[138]



[139]

[140]

[141]

[142]

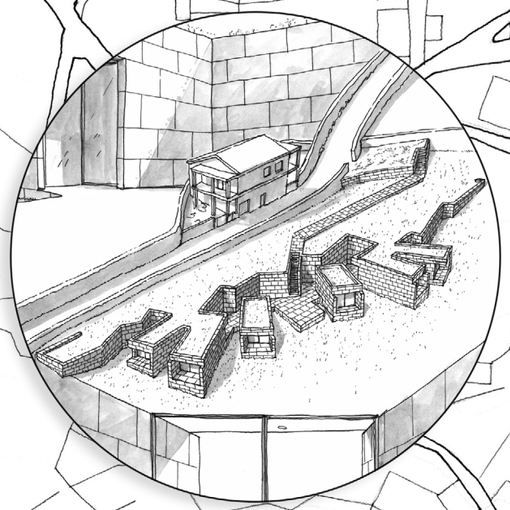
[143]

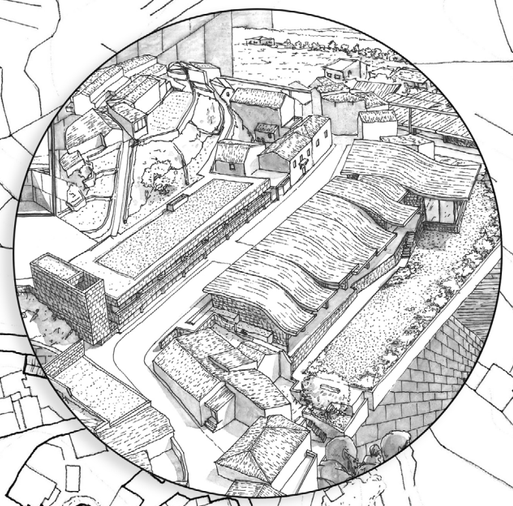
[144]

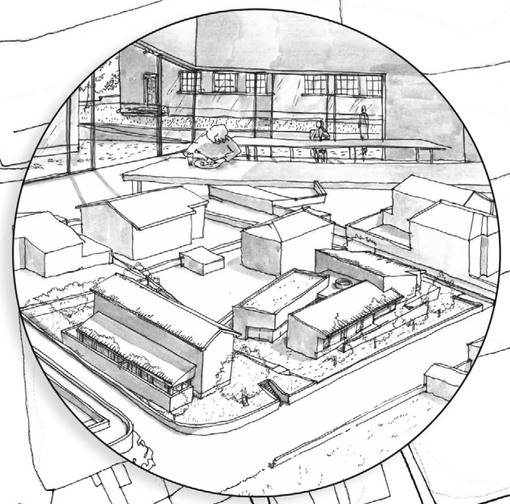
Considerações finais

169 **As ruas da escola**

173 Referências Bibliográficas
175 Créditos de imagens







As ruas da escola

"Vilarinho da Castanheira celebra, hoje, o décimo aniversário da inauguração da sua Escola-Aldeia de Música.

Construída em várias fases, esta escola começou pela Residência Artística Coletiva, que permitiu assegurar a manutenção da Banda Filarmónica existente e trazer vários grupos musicais para se instalarem temporariamente na aldeia, confraternizar com os vilarinhense e aprender música de uma forma única. O seu sucesso foi tal que, rapidamente, bandas de todo o lado preencheram as vagas disponíveis para os anos seguintes.

Seguiu-se a construção da Residência Artística Individual, de modo a tirar proveito da fama de bom destino para produção musical que a aldeia começava a ganhar. Escondida entre o muro e a paisagem envolvente, esta residência tornou-se num ponto de referência para os vários artistas musicais que apreciam e precisam da calma e do isolamento para criar. Um lugar especial, mantido em segredo entre artistas solitários e pequenos grupos musicais, para que a magia daquele sítio não se perdesse.

[Imagem 145] Planta de Vilarinho da Castanheira com os 3 subprogramas (a Residência Artística Coletiva, a Residência Artística Individual e a Escola de Música) integrados. Escala 1.2000

O bom funcionamento das residências e o constante preenchimento das suas vagas levaram, finalmente, à aprovação da construção da Escola de Música no quarteirão central da aldeia. Uma iniciativa de alto risco, mas com um potencial de recompensa ainda maior. Depois dos primeiros anos, com um funcionamento tímido e em crescimento, a Escola alcançou o equilíbrio necessário à sua sustentabilidade e tornou-se no conservatório de referência em Trás-os-Montes. A sua localização, a beleza da paisagem envolvente, a dedicação dos seus professores, a qualidade das suas instalações e a amabilidade dos vilarinhenses contribuíram para o sucesso desta escola.

Hoje, com os três equipamentos a funcionar em pleno, a aldeia é diferente do que era dantes. Alguns vilarinhenses decidiram ficar aqui e ajudar na construção e manutenção da escola, outros abriram pequenos comércios que, graças ao crescente fluxo de pessoas, se conseguiram manter, e outros, tendo ingressado na escola, decidiram seguir pela carreira musical e são, hoje, músicos profissionais a tocar pelo mundo fora. Além disso, algumas famílias, ouvindo falar do ambiente criativo que se havia gerado na aldeia, e flexíveis por trabalharem remotamente, decidiram mudar-se para Vilarinho, experimentando outra qualidade de vida, e pessoas de todas as partes vêm visitar regularmente este lugar para ver como a música o transformou.

As antigas ruas silenciosas de Vilarinho da Castanheira, onde os passos ecoavam no granito dos muros envolventes são, agora, os corredores da escola onde os gritos das crianças, as marchas das bandas, os concertos espontâneos e a música, naturalmente, se fazem ouvir."

É, apenas, uma realidade possível, entre muitas outras, para mostrar que o futuro está sempre ao alcance da visão de quem se propõe a imaginá-lo.

Do impacto do confronto com a realidade de Vilarinho da Castanheira e da compreensão do lento desaparecimento das suas pessoas, costumes e tradições, nasce esta dissertação. O esquecimento de um legado e de uma herança cultural, deveria ser alarme suficiente para que se começasse, imediatamente, a tentar mudar o estado das coisas. A proposta de um programa que procura gerar novas dinâmicas sociais e despertar, repensar e dignificar os valores culturais existentes, ou seja, a proposta de uma Escola de Música, em diálogo com a Banda Filarmónica Vilarinhense, para a aldeia de Vilarinho é, precisamente, uma tentativa de mudança nesse sentido.

Não se considera esta a única forma de combater os problemas atuais da aldeia, como o envelhecimento e diminuição da população, e ao longo da dissertação outros caminhos foram equacionados, mas, com o intuito de propor algo concreto de forma a poder visualizá-lo, optou-se por aprofundar esta solução.

Face ao espectável destino desta aldeia, que (talvez) seja menos alarmante que de outras devido, sobretudo, ao amor e carinho que os vilarinhenses lhe têm, a inércia e a observação passiva tornam-se atitudes perigosas. A ação, através dos meios que cada um tem à sua disposição (como, neste caso, este documento), é a melhor forma de contribuir para a mudança da realidade.

Considera-se, por isso, a presente dissertação como uma tentativa de rasgar o pano da passividade e de dar a ver o outro lado, ou pelo menos, um outro lado possível. Para mostrar que a realidade em que se vive não é estanque, não é externa, nem é fechada, mas é, sim, a consequência da sua história, das decisões e das ações que todos e cada um tomaram, e continuam a tomar, hoje.

Assim, viajando entre um possível futuro da aldeia e uma hipótese de aldeia do futuro, espera-se ter contribuído para o alargamento das possibilidades de cada um. Fica no fim, pelo menos, a consciência de que foi dado um passo em direção à realidade que se procura: um lugar onde se valoriza a cultura local e se pretende potenciá-la de modo a fazer justiça à sua própria herança.

Projeta-se, para já, o nome de Vilarinho da Castanheira no título de uma Dissertação de Mestrado da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, um primeiro contributo para a (continuação da) construção do seu futuro.

[Imagem 146] A Banda Filarmónica Vilarinhense marcha pelas ruas da aldeia (ou, possivelmente, pelas ruas da escola).

Referências Bibliográficas

Bibliografia

ALVES, Francisco Manuel - *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança.* 2ª Edição, Tomo I a XII. Bragança: Museu do Abade de Baçal, 1981 (1ª Edição 1938).

ANIMAR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local; Instituto das Comunidades Educativas – *À descoberta do Mundo Rural* – Guia de Boas Práticas. Edição de autor. 2013. ISBN 978-989-95386-7-2.

ANIMAR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local; Instituto das Comunidades Educativas; Associações para o Desenvolvimento do Concelho de Moura – *Guia de Boas Práticas de Revitalização de Aldeias*. Edição de Autor. 2013. ISBN 978-972-97116-6-4.

BREITSCHIMDT, Markus; OLGIATI, Valerio – *Non-Referential Architecture.* 2ª Edição. Zurique: Park Books, 2019. ISBN 978-3-03860-142-5

CABRAL, A.M.; SANTANDREU, Roberto – *Carrazeda de Ansiães*. 1ª Edição. Lisboa: PixelPrint, Edições, Imagens e Comunicação, Lda; 2006. ISBN 989-95139-0-3

CALVINO, Italo – Palomar. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. (1ª Edição 1993). ISBN: 9788571644090.

CANÁRIO, Rui – A escola no mundo rural. Contributos para a construção de um objeto de estudo. *Educação, Sociedade e Culturas*. Porto: CIIE/Edições Afrontamento. ISSN 0872-7643. Nº14, (Jan. 2000), P.121-139.

CAVACO, Carminda, coord. – *Desenvolvimento Rural – Desafio e Utopia.* Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. 1999. ISBN: 972-636-122-2

CAVACO, Carminda – O mundo rural português: desafios e futuros. In: CAVACO, Carminda, coord. - *Desenvolvimento Rural – Desafio e Utopia.* Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. 1999. ISBN: 972-636-122-2. P.135-148

Cultivar – *Cadernos de Análise*. Lisboa: GPP, Março de 2018 (nº11- população e território rural). ISSN 2183-5624.

DOMINGUES, Álvaro – Vida no Campo. 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2011. ISBN 978-989-8217-19-6.

El Croquis. Madrid: El Croquis Editorial, 2005, nº124 – Eduardo Souto de Moura. ISSN 0212-5633

El Croquis. Madrid: El Croquis Editorial, 2020, nº 205 – SANAA; Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa. ISSN 0212-5633

FERRÃO, João - Despovoamento em áreas rurais: entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. Cultivar – *Cadernos de Análise*. Lisboa: GPP. ISSN 2183-5624. Nº11, (mar. 2018), p.13-19.

FERRÃO, João – Relações entre mundo rural e mundo urbano: Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. *Sociologia, Problemas e Práticas.* Oeiras. ISSN 0873-6529. Nº33, (set. 2000), p.45-54.

FIGUEIREDO, Elisabete - Entre o abandono e o idílio – representações sociais dos territórios rurais em Portugal. CULTIVAR. Lisboa. ISSN 2183-5624. Nº11, março de 2018, p.39-48.

GPP – Evolução da população rural no continente. Cultivar – *Cadernos de Análise*. Lisboa: GPP. ISSN 2183-5624. Nº11, (mar. 2018), p.98-106.
HARARI, Yuval Noah – *Homo Deus*. 1ª Edição. Londres: Penguin Random House UK, 2017. ISBN 9781784703936.
LOPES, Isabel; MARQUES, Maria; SOALHEIRO, João – *Os forais de Vilarinho da Castanheira.* 1ª Edição. Carrazeda de Ansiães: Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, 2014. ISBN 978-989-97434-4-1.
MÁRQUEZ CECILIA, Fernando; LEVENE, Richard (ed.) - *El Croquis: Enric Miralles*. 1ª Edição. Madrid: El Croquis Editorial, 2019. ISBN: 978-84-947754-9-9
MIRALLES, Enric – Lugar. In MÁRQUEZ CECILIA, Fernando; LEVENE, Richard (ed.) - *El Croquis: Enric Miralles.* 1ª Edição. Madrid: El Croquis Editorial, 2019. ISBN: 978-84-947754-9-9. P.34.
MORAIS, Cristiano – *Por Terras de Ansiães*. 1ª Edição. Carrazeda de Ansiães: Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, 2006. ISBN 972-95129-6-5
ONISHI, Maki – Architecture and Environment as One. A conversation with Kazuyo Sejima and Ryue Nishizawa. *El Croquis.* Madrid: El Croquis Editorial. ISSN 0212-5633. 2020, nº 205 – SANAA; Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa. P.7 a 23.
Ordem dos Arquitetos- *Arquitetura Popular em Portugal.* 4ª Edição. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitetos, 2004. Volume I e II. ISBN 972-97668-7-8. [1ª Edição – 1961]
PEREIRA, António; LOPES, Isabel – *Património Arqueológico de Carrazeda de Ansiães.* 1ª Edição Carrazeda de Ansiães: Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães, 2005. ISBN 972-95129-5-7
RIBEIRO, Orlando – *Portugal o mediterrâneo e o atlântico*. 6ª Edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991 (1ª Edição 1941). ISBN 972-569-320-7
ROJO DE CASTRO, Luis – La naturalidade de las cosas [una conversácion com Eduardo Souto de Moura]. *El Croquis.* Madrid: El Croquis Editorial. ISSN 0212-5633. 2005, nº124 - Eduardo Souto Moura. P.6 a 18.
ROSETA, Helena – Prefácio da 4ª Edição. In: Ordem dos Arquitetos- *Arquitetura Popular em Portugal.* 4ª Edição. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitetos, 2004. Volume I e II. ISBN 972-97668-7-8. [1ª Edição – 1961] P. V a VIII
VICENTE, José Amado – *Um olhar sobre Vilarinho da Castanheira.* 2016. (Obra não publicada. Acessível através de pedido direto ao autor

Webgrafia:

Academia de Música de Costa Cabral [em linha]. Porto: Academia de Música de Costa Cabral. [consult. 11 Mar. 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.costacabral.com/>
Academia Municipal de Música [em linha] Carrazeda de Ansiães: Academia Municipal de Música. [consult. 11 Mar. 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/pages/460 >
Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães - Revisão do Plano Diretor Municipal de Carrazeda de Ansiães. Janeiro de 2015. Disponível na Internet: <URL: https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/pages/226>
Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães - Ficha de dados estatísticos de plano director municipal. Revisão do Plano Diretor Municipal de Carrazeda de Ansiães. Janeiro de 2015. Disponível na Internet: <URL: https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/pages/226>
CAMPOS, António – Vilarinho das Furnas [filme documental]. Realizado por António Campos. Vilarinho das Furnas, 1971. Filme disponível [em linha], em: https://www.youtube.com/watch?v=4AAuSmHWZ5s
CÂNCIO, Fernanda - "Descobrimos outra forma de viver para além da que conhecíamos

como única possível". Diário de Notícias [em linha]. (23.08.2021). Disponível na Internet: <URL: https://www.dn.pt/sociedade/descobrimos-outra-forma-de-viver-para-alem-da-que-conheciamos-como-unica-possivel-14053700.html >

Conservatório de Música do Porto [em linha]. Porto: Conservatório de Música do Porto, cop.2021. [consult. 11 Mar. 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.conservatoriodemusicadoporto.pt/>

Conservatório do Bomfim. [em linha]. Braga: Conservatório do Bomfim, cop.2021. [consult. 5 Abr. 2021]. Disponível na Internet: <URL: http://conservatorio.bomfim.org/>

Conservatório do Bomfim – oferta formativa. [em linha]. Braga: Conservatório do Bomfim, cop.2021. [consult. 5 Abr. 2021]. Disponível na Internet: <URL: http://conservatorio.bomfim.org/oferta-formativa/>

Conservatório Regional de Música de Ferreirim [em linha]. Ferreirim: Conservatório Regional de Música de Ferreirim. [consult. 22 Nov. 2021] Disponível na Internet: <URL: https://www.conservatoriodeferreirim.pt/ >

Curso de Música Silva Monteiro [em linha]. Porto: Curso de Música Silva Monteiro, cop. 2021. [consult. 11 Mar. 2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.cmsilvamonteiro.com/>

Digital Nomads Madeira Island [em linha]. Madeira: Digital Nomads Madeira Island. [consult. -] Disponível na Internet: <URL: https://digitalnomads.startupmadeira.eu/ >

FERREIRA, Daniela - Aldeias. Quatro paraísos à venda em Portugal. Jornal I [em linha]. (12.07.2021). Disponível na Internet: <URL: https://ionline.sapo.pt/artigo/740375/aldeias-quatro-paraisos-a-venda-em-portugal-?seccao=Portugal_i >

FRANCO, Erica. Primeira "Digital Nomad Village" da Madeira abre amanhã na Ponta do Sol. Diário de Notícias [em linha]. (17.02.2021). Disponível na Internet: <URL: https://www.dnoticias.pt/2021/2/17/251071-primeira-digital-nomad-village-da-madeira-abre-amanha-na-ponta-do-sol/ >

GONÇALVES, Aníbal - À Descoberta de Ansiães. [Em linha]. [Consult. 10 Abril 2020]. Disponível na Internet: <URL: http://descobriransiaes.blogspot.com/ >

GONÇALVES, Aníbal (15.04.2010) - À descoberta de Vilarinho da Castanheira. [Em linha]. [Consult. 07 Junho 2020]. Disponível na Internet: <URL: http://descobriransiaes.blogspot.com/2010/04/descoberta-de-vilarinho-da-castanheira.html >

LUSA - Bragança: Em três concelhos só já resta uma escola para as crianças. Público [em linha] (23.07.2010). [Consult. 9.03.2021]. Disponível na Internet: <URL: https://www.publico.pt/2010/07/23/portugal/noticia/braganca-em-tres-concelhos-so-ja-resta-uma-escola-para-as-criancas-1448502 >

Museu da Memória Rural [em linha]. Carrazeda de Ansiães: Museu da Memória Rural. [consult. -] Disponível na Internet: <URL: https://museudamemoriarural.pt/ >

NOÉ, Paula - Pelourinho de Vilarinho da Castanheira. SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [em linha]. 2019. [Consult. 22 Fev, 2021]. Disponível na Internet: <URL:http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=818>

Rádio Brigantia – Carrazeda de Ansiães implementa Academia de Música. Rádio Brigantia [em linha]. (20.02.2014). Disponível na Internet: <URL: http://www.brigantia.pt/noticia/carrazeda-de-ansiaes-implementa-academia-de-musica>

Entrevistas:

FEBRE, Ana (clarinetista da Banda Filarmónica Vilarinhense) – *Entrevista.* [Entrevista realizada por telefone, pelo autor]. 9.03.2021. Áudio disponível no arquivo do autor.

MONTEIRO, Joaquim (presidente da Associação Filarmónica Vilarinhense) – *Entrevista.* [Entrevista realizada por telefone, pelo autor]. 14.03.2021. Áudio disponível no arquivo do autor.

Créditos de imagens

[Imagem 01] Esquiço do autor. 24.09.2021
[Imagem 02] Fotografia do arquivo da família do autor. (Provavelmente de 1938)
[Imagem 03] Fotografias aéreas de 2019, a partir do Google Earth
[Imagem 04] Fotografia do autor.
[Imagem 05] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 06] Fotografia do autor.
[Imagem 07] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 08-12] Fotografia do autor.
[Imagem 13] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 14] Desenho do autor.
[Imagem 15-19] Fotografia do autor.
[Imagem 20] Fotografia do arquivo da Banda Filarmónica de Vilarinho. Cedida pela mesma.
[Imagem 21] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 22] Fotografia do arquivo da Banda Filarmónica de Vilarinho. Cedida pela mesma.
[Imagem 23-24] Tabela feita pelo autor
[Imagem 25] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 26-28] Fotografia do autor.
[Imagem 29] Esquiços do autor. Março, 2021.
[Imagem 30-34] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 35] Fotografia do arquivo da família do autor. 1941
[Imagem 36] Fotografia aérea capturada no voo militar de 1958. Cedida pelo Centro de Informação Geoespacial do Exército Português para uso, exclusivamente, académico.
[Imagem 37] Fotografia aérea de 2019, a partir do Google Earth.
[Imagem 38] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.

[Imagem 39-50] Fotografias do autor.
[Imagem 51] Folha de processo completa do autor. 24.07.2021.
[Imagem 52] Folha de processo completa do autor. 06.08.2021.
[Imagem 53 e 54] Conjunto de esquiços do autor.
[Imagem 55] Folha de processo completa do autor. 09.08.2021.
[Imagem 56] Esquiços do autor.
[Imagem 57] Desenho feito pelo autor.
[Imagem 58] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.
[Imagem 59-61] Fotografias do autor.
[Imagem 62] Fotografia do arquivo da família do autor. Meados do séc. XX.
[Imagem 63] Fotografia aérea capturada no voo militar de 1958. Cedida pelo Centro de Informação Geoespacial do Exército Português para uso, exclusivamente, académico.
[Imagem 64] Fotografia aérea de 2019, a partir do Google Earth.
[Imagem 65-69] Fotografias do autor.
[Imagem 70] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.
[Imagem 71-75] Esquiços do autor.
[Imagem 76] Desenho feito pelo autor.
[Imagem 77] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.
[Imagem 78-80] Fotografias do autor.
[Imagem 81] Esquiço do autor.
[Imagem 82] Fotografia de 1935 que foi capa do Calendário de Vilarinho de 2015, produzido pela junta de freguesia.
[Imagem 83] Fotografia aérea capturada no voo militar de 1968. Cedida pelo Centro de Informação Geoespacial do Exército Português para uso, exclusivamente, académico.
[Imagem 84] Fotografia aérea de 2019, a partir do Google Earth.
[Imagem 85-92] Fotografias do autor.
[Imagem 93 e 94] Fotomontagens do autor.
[Imagem 95] Fotografia do autor.
[Imagem 96] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.
[Imagem 97] Desenho feito pelo autor.
[Imagem 98-101] Sequências com fotografias do autor.
[Imagem 102] Compilação de vários esquiços do autor
[Imagem 103-104] Esquiços do autor.
[Imagem 105] Desenho feito pelo autor.
[Imagem 106] Fotografia do autor.
[Imagem 107] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 108-110] Fotografias do autor.
[Imagem 111] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.
[Imagem 112-117] Esquiços do autor.
[Imagem 118] Desenhos do autor. 30.08.2021, 08.09.2021 e 23.09.2021.
[Imagem 119] Imagem do livro Arquitetura Popular em Portugal, Volume I, página 137, com o título “Rio de Onor. Bragança. Uma rua.”
[Imagem 120] Desenho feito pelo autor.
[Imagem 121-130] Desenhos à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor.
[Imagem 131-144] Fotografias do autor.
[Imagem 145] Desenho à mão livre sobre desenho rigoroso digital impresso, do autor
[Imagem 146] Fotografia do arquivo da Banda Filarmónica de Vilarinho. Cedida pela mesma.
[Imagem 147] Desenho rigoroso digital do autor.
[Imagem 148-209] Fotografias do autor.

Anexos

183 Vilarinho da Castanheira - Pontos de Interesse
187 Do processo da dissertação

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
A
B
C
D
E
F
G
N

Pontos de Interesse

Serviços:

Social:
1.Casa do Povo
2. Centro Social e Paroquial de Vilarinho da Castanheira

Cultural:
3. Museu da Memória Rural (CS01)

Turismo:
4. Casa da Dona Urraca (CS02)

Restauração:
5. Café "Pelourinho"
6. Café "Sra. da Fé"
7. Café "Pistolas"
8. Café "Casa de Pasto de Paris"

Comércio:
9. Casa Correia (Minimercado na Rua 22 de Julho)
10. Minimercado e Posto de Correios na Travessa da Cadeia
11. Minimercado na Rua Pelameiros
12. Minimercado na Rua do Castelo
13. Antiga Padaria

Educação:
14. Antiga Escola Primária

Desporto:
15. Campo de Futebol

Transportes:
16. Paragem das Camionetas

Religioso:
17. Igreja de Santa Maria Madalena (Igreja Paroquial de Vilarinho da Castanheira)
18. Capela da Senhora da Assunção
19. Complexo no topo do monte de Nossa Sra. da Assunção
20. Capela de Nossa Senhora da Fé
21. Capela de São Sebastião
22. Capela de Nossa Senhora do Rosário
23. Capela do Senhor do Calvário
24. Capela de Santo António
25. Cemitério de Vilarinho da Castanheira
26. Capela do Cemitério de Vilarinho da Castanheira
27. Cerca do Fidalgo

Património Arquitetónico:

Interesse Histórico/Cultural
28. Lugar do Castelo (Ruínas?)
29. Antiga Cadeia
30. Antigo Paços de Concelho (Ruinas?)
31. Moinho de Vento (Ruínas)

Casas Senhoriais/ Brasonadas
32. Casa Abrasonada "Morais Sarmento" (CS03)
33. Casa Abrasonada na Travessa do Loureiro (CS04)
34. Casa senhorial na Rua de Santo António (CS05)
35. "Villa Homera" (CS06)

Monumentos
36. Pelourinho
37. Passos da Procissão (01 a 05)
38. Cruz em honra a Nossa Sra. da Fé
39. Monumento aos combatentes
40. Pequeno Santuário (Santa Maria Madalena?)

Com água
41. Fonte de mergulho da Urraca
42. Tanque de lavar a roupa
43. Fonte de água "Jarro"
44. Antiga fonte do cemitério

Pedras Especiais
45. Estela funerária
46. Pedra da Serpente
47. Relógios de Sol (x2)

Zonas de Interesse
48. Largo da Feira
49. Largo do Pelourinho
50. Percurso da Procissão

Fora da aldeia:
A. Lugar do Couto
B. Moinhos de Rodízio
C. Anta Pré-histórica
D. Ponte Romana
E. Quinta do Lubazim
F. Quinta dos Lagares e Lagares Douro Villas
G. Capela de São Bartolomeu

[Imagem 147] Planta de Vilarinho da Castanheira. Escala 1.2000. Pontos de interesse assinalados.

[148] Casa do Povo
Ano: Entre 1958 e 1968
Info: Local de grande atividade. Local de ensaio da Banda Filarmónica Vilarinhense. Remodelada nos últimos 10 anos.

[149] Centro Social e Paroquial de Vilarinho da Castanheira
Ano: Entre 1968 e 1980. Acrescento entre 1980 e 2002.
Info: Lar de idosos e local de convívio. Com capacidade lotada. De grande importância para a aldeia. Ativo

[150] Museu da Memória Rural (CS01)
Ano: 2013
Info: Museu sobre a memória rural. Procura recolher e preservar toda as memórias da cultura rural, nomeadamente no concelho de Carrazeda de Ansiães. Publica anualmente uma revista. Ponto de grande atração turística. Ativo.

[151] Casa da Dona Urraca (CS02)
Ano: desconhecido
Info: Alojamento local numa antiga casa senhorial. Possui um dos maiores brasões de toda a aldeia. Uma boa referência turística na aldeia. Bem arranjado e com qualidade. Ativo.

[152] Café "Pelourinho"
Ano: Entre 1980 e 2002.
Info: Localizado junto ao largo do pelourinho, é o café mais frequentado. Local de convívio da maioria dos habitantes de Vilarinho.

[153] Café "Sra. da Fé"
Ano: Entre 1980 e 2002.
Info: Café e local de convívio. Com bilhar e outros jogos. Perto da antiga escola e do campo de futebol. Aberto

[154] Café "Pistolas"
Ano: Entre 1980 e 2002.
Info: Encontra-se fechado desde 2014, pelo menos.

[155] Café "Casa de Pasto de Paris"
Ano: Entre 1980 e 2002.
Info: Encontra-se fechado desde 2010, pelo menos.

[156] Casa Correia (Minimercado na Rua 22 de Julho)
Ano: Entre 1980 e 2002
Info: Minimercado próxima do largo do pelourinho. Também posto de compra de botijas de gás.

[157] Minimercado na Rua Pelameiros
Ano: 1970
Info: Minimercado na zona sudoeste da aldeia. Também posto de compra de botijas de gás.

[158] Minimercado na Rua do Castelo
Ano: Entre 1968 e 1980
Info: Minimercado na zona oeste da aldeia. Também posto de compra de botijas de gás.

[159] Minimercado e Posto de Correios na Travessa da Cadeia
Ano: Entre 1980 e 2002.
Info: Mini-mercado na zona central da aldeia, junto da antiga cadeia. É também o posto de correios da aldeia.

[160] Antiga Padaria
Ano: Entre 1968 e 1980
Info: Antiga e única padaria de Vilarinho. Esteve em funcionamento até por volta de 2018.

[161] Antiga Escola Primária
Ano: 1901
Info: Inicialmente feminina e de um só piso. É ampliada em 1975, quando se acrescenta o piso superior, e passa a ser mista. Fechada desde 2010, funciona hoje como espaço de apoio às atividades da banda filarmónica.

[162] Campo de Futebol
Ano: Entre 1980 e 2002.
Info: Campo de futebol de 5, ao ar livre, junto da escola. Local de encontro dos jovens depois das aulas. Chegou a ser renovado perto de 2015, mas hoje já está mais degradado.

[163] Paragem das Camionetas
Ano: desconhecido
Info: Passa aqui a camioneta da Rodonorte, no itinerário C-6006 Carrazeda de Ansiães – Lousa.

[164] Igreja de Santa Maria Madalena (Igreja Matriz)
Ano: Estrutura 1765. Altar-mor 1811. Requalificação 2018.
Info: Dos marcos de Vilarinho mais antigos e mais bem preservados. Destaca-se o altar-mor em talha dourada, com um trabalho delicado e com qualidade. Aos domingos, ainda reúne toda a população.

[165] Capela da Senhora da Assunção
Ano: Provavelmente 1945
Info: No topo do Monte da Senhora da Assunção. A procissão em honra de nossa Senhora da Assunção culmina nesta capela. Tem uma forte presença sobre a aldeia, mesmo de noite, marcada por uma grande cruz azul que se ilumina.

[166] Complexo no topo do monte de Nossa Senhora da Assunção
Ano: Provavelmente 1945
Info: Um conjunto de elementos no topo do monte de Nossa Senhora da Assunção: uma plataforma (bom miradouro sobre a aldeia), um coreto, um edifício de apoio e um "pórtico". É o local destinado à celebração da procissão em honra de nossa Senhora da Assunção.

[167] Capela de Nossa Senhora da Fé
Ano: Possivelmente de antes de 1887.
Info: Construída sobre um rochedo, antigamente estava isolada. De planta circular, caiada, com cornija de granito e cobertura de telha tem à sua volta uma varanda também circular, que é um excelente miradouro para a paisagem circundante.

[168] Capela de São Sebastião
Ano: Anterior a 1887.
Info: Localiza-se na zona mais a este da aldeia. Construção pequena, tem escrito no muro exterior "1945", tal como gravado o símbolo de uma estrela e de uma campa. Tem arco de volta perfeita na sua porta e é encimada por um sino.

[169] Capela de Nossa Senhora do Rosário
Ano: Anterior a 1887.
Info: No centro da aldeia, esta capela é constituída por um corpo principal e por um anexo mais pequeno. É construída em alvenaria de granito, tem apenas uma porta na sua fachada, e é encimada por um sino. Tem uma talha bem trabalhada, e contem o antigo Sacrário da Capela de São Sebastião.

[170] Capela do Senhor do Calvário
Ano: Anterior a 1887.
Info: Em frente à capela de Nossa Senhora do Rosário. Pequena capela construída em pedra de tom rosado, de trabalho mais delicado e fino que as restantes construções em pedra. É marcada por uma grande porta de arco de volta perfeita, que ocupa toda a sua fachada principal.

[171] Capela de Santo António
Ano: Anterior a 1887.
Info: No cruzamento entre várias ruas, no sul da aldeia. É uma construção pequena, de granito, onde se destaca a imagem de uma cruz tosca, esculpida em relevo na própria fachada. Esta fachada com apenas uma porta e encimada por um sino. A porta tem também um arco de cantaria em volta perfeita.

[172] Cemitério de Vilarinho da Castanheira
Ano: Anterior a 1887.
Info: Um local de culto por parte dos habitantes e de muitos visitantes também. No dia de 1 de Novembro, dia de todos os santos, muitos dos emigrantes regressam à aldeia para "visitar" os seus antepassados.

[173] Capela do Cemitério de Vilarinho da Castanheira
Ano: Anterior a 1958. Provavelmente anterior também a 1887.
Info: Capela de apoio ao cemitério.

[174] Cerca do Fidalgo
Ano: Pré-histórico
Info: A "Cerca do Fidalgo" é como é conhecida uma zona onde se pensa ter havido uma antiga necrópole de sepulturas. É possível encontrar pelo menos uma perfeitamente escavada na pedra granítica. Não está sinalizada em lado nenhum.

[175] Lugar do Castelo (Ruínas?)
Ano: séc. XII ou XIII
Info: Do antigo Castelo de Vilarinho da Castanheira, pouco, ou nada, resta hoje. Tendo perdido a sua função de defesa, foi sendo desfeito pelos moradores e as pedras aproveitadas para as suas habitações. No seu lugar encontram-se, ainda, algumas das mais antigas ruínas. Não há registos.

[176] Antiga Cadeia
Ano: Possivelmente séc. XVIII.
Info: Ano: Possivelmente séc. XVIII.
Info: Antiga cadeia da aldeia. Depois de estar em ruínas em meados do séc. XX, foi recuperada como habitação própria. Nas suas paredes de alvenaria, encontra-se uma pedra especial: uma estela funerária (explicada mais adiante).

[177] Antigo Paços de Concelho (Ruinas?)
Ano: Desconhecido
Info: Conhecido apenas a partir de fotografia antiga. Localização desconhecida.

[178] Moinho de Vento (Ruínas)
Ano: Possivelmente 1908.
Info: Antigo moinho de vento, localizado no ponto mais alto da aldeia. Hoje está em ruínas, e faz parte do jardim de uma casa privada.

[179] Casa Abrasonada "Morais Sarmento" (CS03)
Ano: Prov. séc.XVII
Info: Uma das casas senhoriais mais antigas da aldeia. Destaca-se pelo seu grande brasão, exibido no topo da sua fachada principal, ao centro. Esta peça de granito representa o escudo da família Morais Sarmento, que terá tido grande importância na aldeia no século XVII e XVIII.

[180] Casa Abrasonada na Travessa do Loureiro (CS04)
Ano: Prov.séc. XVII ou XVIII
Info: Casa senhorial de 2 pisos. A fachada principal, que exibe o brasão, está voltada para um jardim murado privado, escondendo-a parcialmente. O escudo tem um trabalho de pedra delicado e está integrado na própria fachada, sobre a janela central.

[181] Casa senhorial na Rua de Santo António (CS05)
Ano: Poss. séc. XVIII
Info: Pouco se conhece sobre esta casa. Pela sua dimensão, parece ter pertencido a uma família abastada. Tem três pisos e ocupa um "quarteirão" (todas as suas frentes estão em contacto direto com a rua). O seu sistema construtivo é constituído por grandes pedras de granito e vigas de madeira.

[182] "Villa Homera" (CS06)
Ano: Poss. séc. XIX.
Info: Num local estratégico. Parece que terá marcado, em tempos, uma entrada para a aldeia. De desenho delicado, com 2 andares e mais umas águas furtadas. Parece ainda ter uso.

[183] Pelourinho
Ano: Original – Poss. séc. XVII Atual: 2009
Info: Desaparecido desde aprox. 1853. Em 1951 faria de um muro de suporte, algures na aldeia. Em 2009, através dos registos disponíveis e das peças ainda sobrantes, é recriado e colocado no Largo do Pelourinho.

[184] Passos da Procissão: 01
Junto à igreja matriz de Vilarinho da Castanheira, na Rua da Cadeia.

[185] Passos da Procissão: 02
No cruzamento entre a Rua da Cadeia e a Rua de S. Sebastião

[186] Passos da Procissão: 03
No cruzamento entre a Rua de S. Sebastião e a Rua da Calçada

[187] Passos da Procissão: 04
No cruzamento entre a Rua da Calçada e a Rua da Urraca

[188] **Passos da Procissão: 05**
No largo do Pelourinho

[189] **Cruz em honra a Nossa Sra. da Fé**
Ano: desconhecido
Info: Cruz em granito, à entrada da aldeia, em honra de nossa sra. Da fé.

[190] **Monumento aos combatentes**
Ano: Entre 2006 e 2011.
Info: Escultura em honra aos combatentes da 1ª grande guerra.

[191] **Pequeno Santuário**
Ano: 2018
Info: Rearranjo do espaço público e pequeno santuário, localizado na saída sul da aldeia, em direção ao cemitério.

[192] **Fonte de mergulho da Urraca**
Ano: Poss. séc.XVI ou XVII.
Info: Denominada fonte de mergulho da Urraca, em honra à rainha que no início do séc XIII terá ficado hospedada na aldeia, então Vila, de Vilarinho da Castanheira. Diz-se que terá sido a boa impressão causada a esta rainha, que leva o seu marido, o Rei Afonso II, terá dado o primeiro foral à Vila em 1218.

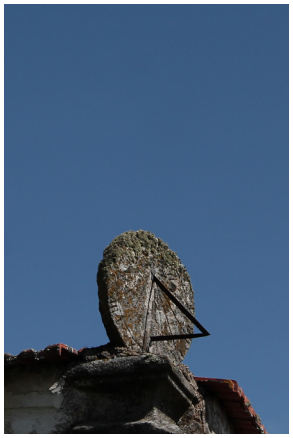
[193] **Tanque de lavar**
Ano: Anterior a 1958
Info: Vilarinho é conhecida por ter boa água da nascente, e tem por isso também boas fontes. Junto a uma destas mesmas fontes, já à saída sul da aldeia, situa-se o tanque de lavar a roupa. Constituído por um grande tanque de granito, dividido em três, e por uma cobertura de telha, apoiada em pilares de betão.

[194] **Fonte de água e escultura**
Ano: 2017
Info: Escultura em aço cortene de jarro de água sobredimensionado para o local. Fonte de água da nascente, à saída sul da aldeia.

[195] **Antiga Fonte**
Ano: desconhecido
Info: À saída da aldeia em direção ao cemitério, junto do mais recente santuário. Encontra-se aqui também um poço, agora fechado.

[196] **Estela funerária**
Ano: -
Info: Uma pedra de cariz religioso, que marcaria, provavelmente, um monumento, ou construção, fúnebre. Localiza-se na Antiga Cadeia (hoje, habitação própria), e pensa-se que esta pedra possa ter feito parte do antigo castelo, desmantelado e aproveitado pelos aldeões.

[197] **Pedra da Serpente**
Ano: -
Info: Uma pedra algo atípica e com um caráter simbólico misterioso (uma serpente come o seu rabo), possivelmente relacionado com um culto à serpente, de há várias centenas de anos. pensa-se que esta pedra possa ter feito parte do antigo castelo, desmantelado e aproveitado pelos aldeões.



[198] **Relógios de Sol (1)**
Ano: -
Info: São dois relógios de sol em numeração romana, colocados no topo exterior de duas casas privadas diferentes. Objetos raro de grande interesse, mas estão já muito desgastados pelo tempo.

[199] **Relógios de Sol (2)**
Ano: -
Info: São dois relógios de sol em numeração romana, colocados no topo exterior de duas casas privadas diferentes. Objetos raro de grande interesse, mas estão já muito desgastados pelo tempo.

[200] **Largo da Feira**
Info: Local onde se realizam as feiras de Vilarinho da Castanheira. Espaço amplo, rodeado de moradias construídas nos anos 70, localizado na zona Noroeste da aldeia.

[201] **Largo do Pelourinho**
Info: Lugar onde se encontra o Pelourinho, marca o centro e "início" da aldeia. A partir daqui escolhe-se o caminho por onde seguir: Rua do Castelo, Rua 22 de Julho ou Rua da Cadeia. É o lugar de maior encontro, reunião e convívio da aldeia, com o café "Pelourinho" a servir o largo.

[202] **Percurso da Procissão**
Info: A procissão em honra de Nossa Senhora da Assunção realiza-se no primeiro dia domingo de Agosto e é a maior festa da aldeia. Percorre um trajeto que se inicia na Igreja Matriz de Vilarinho e termina na Capela de Nossa Senhora da Assunção, atravessando os cinco passos.

[203] **Lugar do Coito**
Ano: a partir de meados do séc. XIII
Info: Próximo de Vilarinho, começa como lugar de refúgio para viajantes e foras-de-lei (coutado). Eventualmente, é espécie de povoado, e mais movimentado, sobretudo, na primavera, devido aos seus moinhos de rodizio a água e fornos. Era o lugar do fabrico do pão.

[204] **Moinhos de Rodízio**
Ano: -
Info: Moinho de rodízio que funcionam com a força da corrente da água. Alguns foram recuperados e são visitáveis.

[205] **Anta Pré-histórica**
Ano: 4000 A.C.
Info: A Anta de Vilarinho, vulgarmente conhecida como Pala da Moura, é um sinal claro da presença antiga do homem neste lugar. Por dentro, ainda é possível ver vestígios de algumas pinturas, da qual se destaca uma serpente. Haveriam, pelo menos, mais 2 antas nesta área, que foram, entretanto, desfeitas.

[206] **Ponte Romana**
Ano: Início do milénio.
Info: Uma ponte de pedra romana, localizada no vale, entre Vilarinho da Castanheira e o Rio Douro. Confirma a importância do percurso que atravessava a aldeia para a ligar ao rio.

[206] **Quinta do Lubazim**
Ano: possivelmente, desde meados do séc.XIII
Info: Uma quinta de cariz, sobretudo, vitícola.

[207] **Quinta dos Lagares e Lagares Douro Villas**
Ano: -
Info: Uma quinta hoje dedicada ao alojamento local.

[208] **Capela de São Bartolomeu**
Ano: séc. XVIII (?)
Info: Capela localizada, sensivelmente, a meio entre Vilarinho da Castanheira e o Rio Douro, na interseção com a estrada que leva ao povoado de Pinhal do Douro.

Do processo da dissertação

Vilarinho da Castanheira é o ponto de partida para esta dissertação. Das visitas regulares, da proximidade a este lugar e da compreensão de que, aos poucos, a aldeia estava a perder as suas pessoas e poderia, eventualmente, deixar de ter habitantes, nasce a vontade de trabalhar sobre ela.

Embora se compreendesse que este era o foco do estudo, no momento inicial da investigação, considerou-se mais pertinente alargar o tema de trabalho à "ruralidade" em Portugal, ao seu conhecimento, aos seus problemas e às suas qualidades, como se, para se saber sobre a aldeia fosse preciso, primeiro, saber a história completa do mundo rural português e dos desafios que se enfrentavam hoje. Assim, os primeiros tempos de investigação são dedicados ao *mundo rural português hoje*, estudando, sobretudo, artigos de geógrafos, sociólogos, biólogos, antropólogos, entre outros.

Eventualmente, compreendendo que o tema era mais vasto do que o que se antevia, inicialmente, e que não se alcançava o estudo da aldeia por esse caminho, optou-se por regressar ao ponto de partida e recomeçar. Iniciou-se, então, o estudo de Vilarinho da Castanheira.

De um primeiro estudo e compreensão geral da aldeia, tentou avançar-se, com alguma rapidez, para um projeto de intervenção nesse lugar. Não tendo, no entanto, ainda um problema concreto com que trabalhar, tentou-se "inventar" uma solução: propondo um programa possível para um lugar com potencial. Esta estratégia acabou por se esgotar em si própria, e decidiu-se regressar à investigação para lá da aldeia, desta vez, afunilando-a para o tema de *desenvolvimento rural*, que, entretanto, se havia compreendido que era central para esta dissertação.

A partir de uma vasta pesquisa sobre este tema, observando vários casos positivos e negativos de desenvolvimento rural, dentro e fora de Portugal, é construída uma espécie de "base" de princípios guia para desenvolver um projeto em meio rural. Sendo um dos seus pontos essenciais o de potenciar os valores culturais já existentes, mais do que tentar impor uma solução a partir de fora, decide-se reanalisar, de forma mais aprofundada, Vilarinho da Castanheira e tentar basear a conceção do projeto na cultura existente.

O reforço da análise da aldeia leva à identificação de 3 áreas principais: a cultura agrícola, a cultura oficinal e a cultura musical. Destes, opta-se por trabalhar com a última de forma a poder dialogar com a Banda Filarmónica Vilarinhense, a última associação cultural local.

Refletindo sobre o tipo de projeto a desenvolver e tendo em conta que se pretendia trabalhar para um futuro em que Vilarinho se abrisse e convidasse novas pessoas a entrar, optou-se por criar uma Escola de Música. O desenvolvimento do projeto levou à sua divisão em 3 subprogramas – Residência Artística Coletiva, Residência Artística Individual e Escola de Música -, que funcionariam de forma independente, mas complementar, entre si.

Inicialmente, considerou-se desenvolver apenas o projeto da Escola de Música, pela maior complexidade e dimensão, mas, com o avançar do trabalho, ao definir os programas base dos 3 projetos e ao estudar e desenhar os lugares a implantá-los, parecia insuficiente não arriscar numa proposta de arquitetura. Por isso, de uma forma natural, decidiu-se propor uma solução projetual para cada uma das partes, sendo que a Escola de Música, por ser, de certa forma, a continuação do primeiro projeto que se vinha a desenvolver para a dissertação, foi mais aprofundado.

Por fim, com os 3 projetos desenvolvidos, no momento de organizar o documento final foi preciso decidir qual a história da dissertação que se queria contar e como fazê-lo. Por um lado, parecia tentador colocar toda a informação que se foi obtendo, estudando e desenvolvendo, por outro, essa estratégia parecia retirar força à solução final, tornando-a, apenas, num exercício dentro de um vasto oceano.

Nesse sentido, optou-se por centrar a investigação no objeto de estudo inicial – a aldeia de Vilarinho da Castanheira -, nas reflexões que impulsionaram a estratégia projetual geral e no desenvolvimento do projeto resultante. Esta decisão implicou retirar a autonomia da investigação sobre o mundo rural português, tal como sobre o desenvolvimento rural, e de a disseminar pelos vários textos, fortalecendo-os.

O trabalho final procura, a partir da interseção de várias pesquisas, de diferentes estratégias e de um projeto nuclear, contar com clareza uma história que, talvez, não tenha sido tão clara no seu construir.

[Imagens 209]
Preparação das fotografias finais das maquetes da Escola de Música.

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Defesa da dissertação

A prova pública de defesa da dissertação decorreu no dia 7 de Abril de 2022, sendo a mesa de júri composta pelo Presidente da mesa - o Professor Doutor José Maria Lopes-, pela Arguente da prova - a Professora Doutora Ana Sofia Silva - e pelo Orientador da prova - o Professor Doutor Luís Sebastião Viegas. A classificação final foi de 20 valores.

Pelas ruas da escola:
um futuro para Vilarinho da Castanheira

Nuno Miguel Teixeira Kercadio Sarmento

FACULDADE DE ARQUITETURA